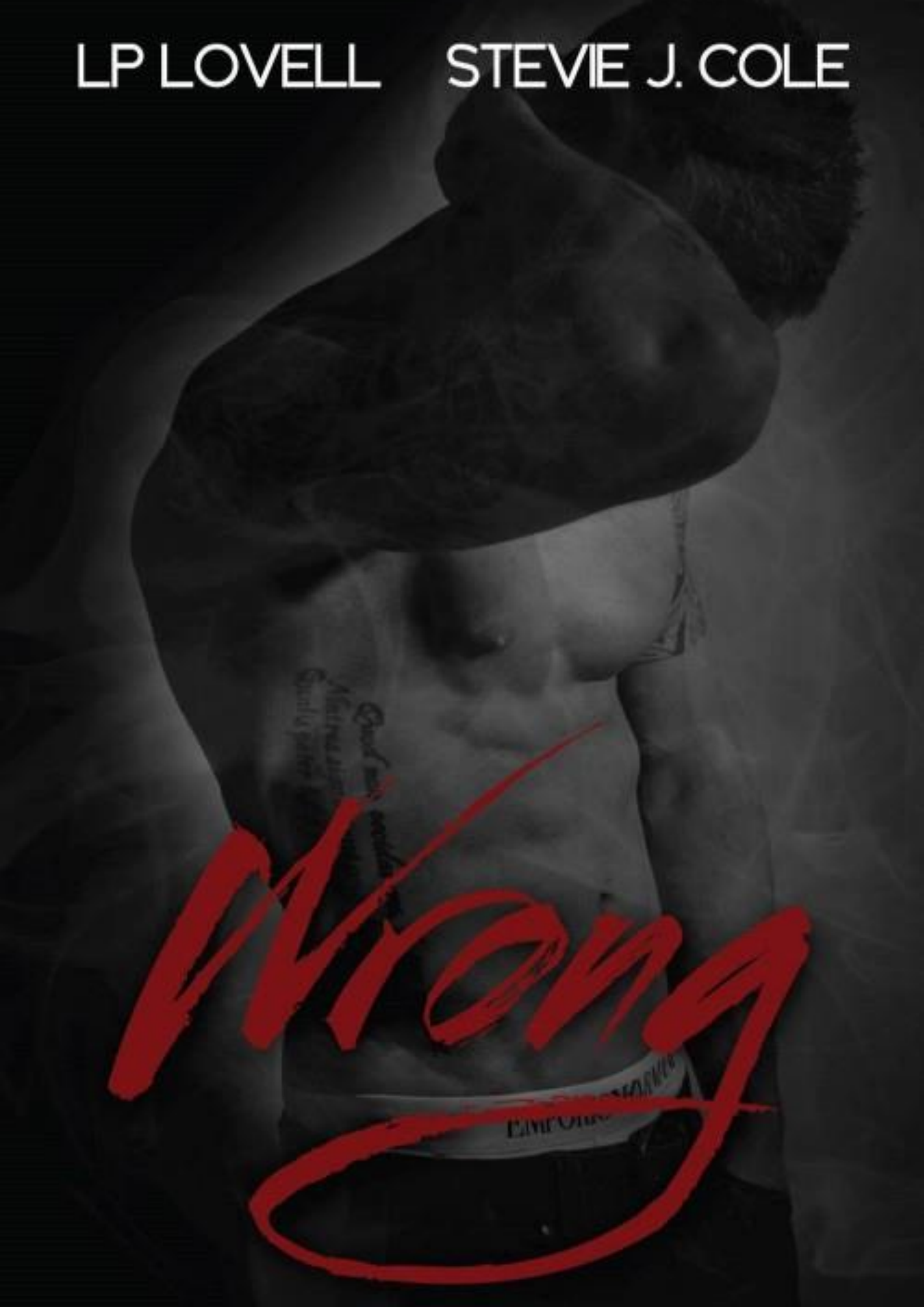
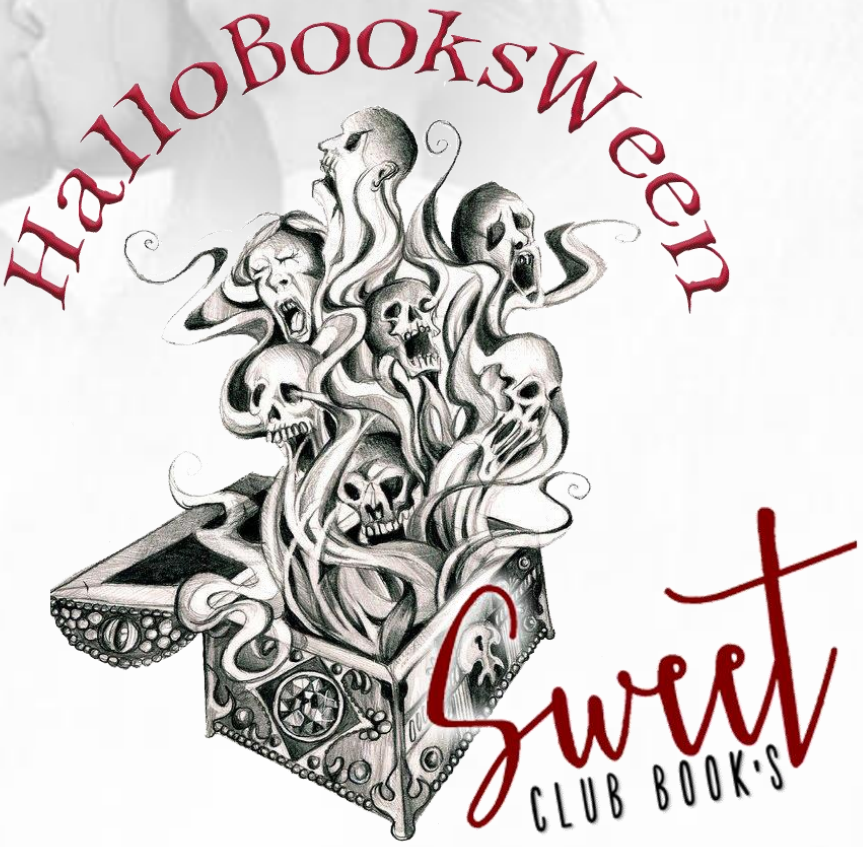
LP LOVELL STEVIE J. COLE





Disponibilização: Eva

Tradução: Equipe Sweet Club Book's

Revisão Inicial: Janaina e MissBella

Revisão Final: Adri Gonçalves, Salma e M.Brasil

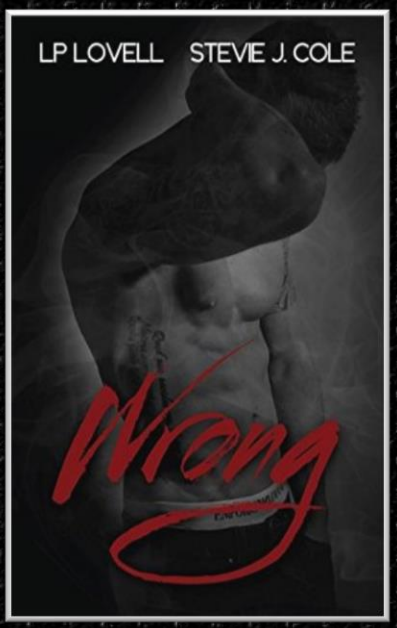
Leitura Final: Vivi

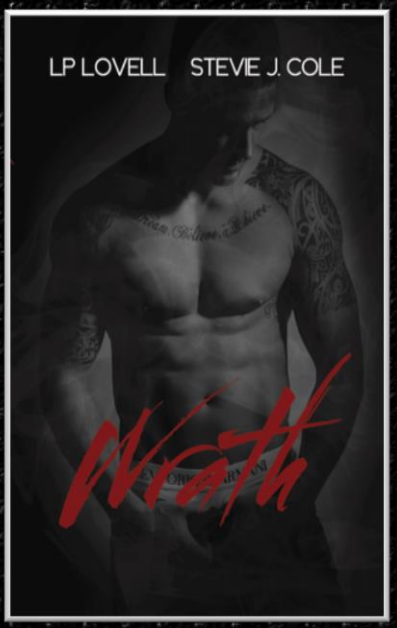
Arte: Niquevenen

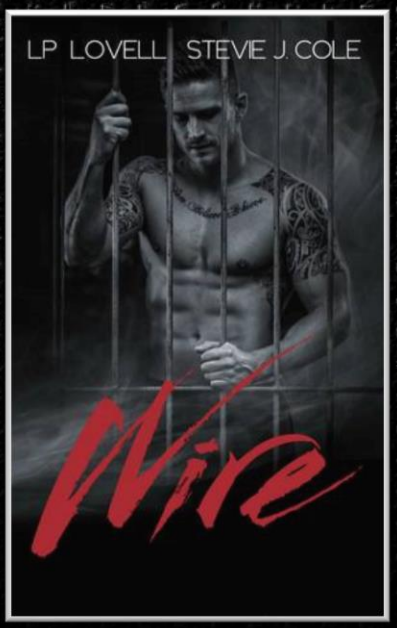
Formatação: Eva

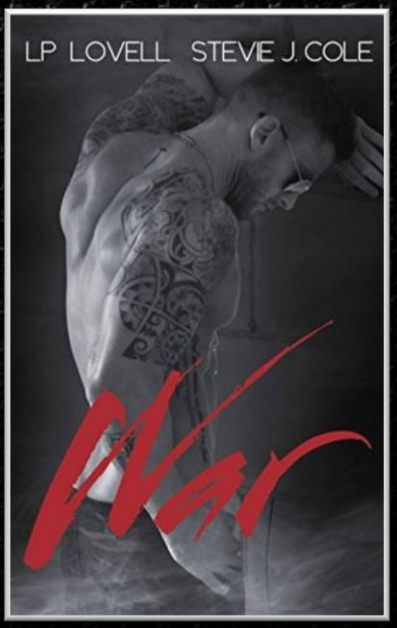
LP LOVELL STEVIE J. COLE
Wrong

Wrong Series









Tor

Minha vida foi traçada e planejada com perfeição. Eu sabia exatamente o que queria e para onde estava indo, até que fui empurrada para o seu mundo e rasgada ao meio. Em um piscar de olhos tudo estava quebrado, revelando-se nada mais do que uma ilusão barata. Agora estou vivendo nesta forma retorcida do inferno, onde os inimigos e amigos são a mesma coisa. Pensei que eu quisesse perfeição. Agora não sei o que quero — talvez nem mesmo a minha própria liberdade.

Jude

Eu sou a definição de errado. Sou violento, ganancioso e faço de tudo para ganhar. Sou um apostador notório e, no meu jogo, pagar com a sua vida não é apenas uma figura de linguagem. Você perde, eu coleto a dívida. Tomo o que você tem. Ela é a garantia de uma dívida e se as dívidas não forem pagas alguém vai morrer. Este devia ser apenas um negócio, então por que eu não posso matá-la? Tudo nem sempre é o que parece. Luxúria. Sangue. Mentiras. Não há nada de errado que pareça tão certo.

SWEET CLUB BOOKS

Capítulo 1

Jude

Esta não será a primeira vez que vou matar alguém, e não será a última, então por que meu coração está batendo tão rápido?

A maior parte das pessoas poderia dizer que o que estou prestes a fazer, faz de mim um filho da puta doente, mas quando alguém mata sua família, você, por sua vez, os mata. Estou fazendo isso por vingança, pura e simples. Vingança impiedosa, é assim que funciona no meu mundo: você usa a violência e o poder para impor suas regras. Quando você ganha a vida de forma ilegal, você aprende como é fácil prosperar com o medo dos outros, embora nem todos os apostadores sejam tão brutais quanto eu. Ter uma consciência é o que faz os outros apostadores falharem. Brutalidade é a diferença entre fazer alguns dólares e fazer um milhão. Você não pode ser fraco e sobreviver nesta profissão, porque no momento em que alguém não tem mais medo de você, você está ferrado.

Eu não sou fraco, caralho! Estou tentando me convencer, um pouco chateado por estar achando isso mais difícil de engolir do que pensei que seria. Sei que a única razão para eu ainda estar aqui, com o pulso batendo em meus ouvidos, é porque esta situação, em particular, envolve uma mulher. Você pensaria que não haveria nenhum problema em seguir adiante, vendo como eu realmente não tenho moral — certo ou errado, não jogo por essas regras, não sou

pago para isso. Inferno, cresci em uma casa onde armas eram mantidas em cada quarto - apenas no caso. Testemunhei o meu primeiro assassinato quando só tinha doze anos. Então, não consigo entender porque estou em conflito agora. Um gemido suave e o baque da cabeceira batendo na parede me levam ao fundo do corredor, e agito esses pensamentos para fora da minha cabeça.

Marney e eu pressionamos as costas na parede. Meu coração está se debatendo como um gorila enjaulado.

Tento regular minha respiração, mas é quase impossível com toda a adrenalina que está inundando o meu corpo. Fico olhando para a porta. Quero destruir Joe Campbell totalmente, quero que ele fique tão miserável que irá ansiar por sua morte, e se esta é a maneira que eu tenho que fazê-lo, que assim seja!

Só há uma luz no final do corredor, apenas o suficiente para que eu note Marney fazendo contato visual comigo, então aceno na direção da porta. Afasto-me da parede e chuto a porta, assustando o homem e a mulher transando na cama. Ela grita e se levanta, cobrindo-se com os lençóis.

O homem abruptamente se ergue. Assumindo uma postura de boxe, ele tenta me dar um soco. Esquivo-me e puxo a arma do meu cinto, inclinando-a, enquanto miro diretamente na sua cabeça. Ele congela e levanta as mãos no ar, em um sinal de rendição. Estreito meu olhar e percebo que este não é um homem de meia-idade. Este não é Joe, o que fode tudo.

— Merda! Onde está Joe? — Grito com a mulher, agora encolhida no canto.

— Ele não está aqui — ela soluça. Seus olhos se fixam em mim, atentos a cada detalhe do meu rosto.

Olho para o homem ainda congelado na minha frente.

— Não nos machuque, por favor — ele grunhe.

— O cofre está no porão. Há mais de um milhão de dólares lá dentro, — a mulher freneticamente oferece. — Pegue! Pegue o que Joe lhe deve — ela implora, com a voz trêmula.

— Cale a boca — Marney grita.

Aperto minha mandíbula.

— Oh, vocês vão pagar, querida, mas essa dívida não pode ser paga com qualquer coisa, além de sangue — inclino minha cabeça para o lado enquanto seus olhos focam nos meus. Ela está tremendo e chorando. — Seu marido pegou uma coisa minha, e eu vou tirar algo dele.

Balanço meu olhar para o homem nu e ando em direção a ele.

— Muito ruim para você, escolheu a mulher errada para foder. Lugar errado, hora errada. — Eu paro a cerca de um metro na frente dele, aponto a arma para seu rosto e puxo o gatilho. Seu corpo se desloca para trás e cai no chão com um baque.

Um grito estridente prolongado perfura o ar, ficando em silêncio enquanto a mulher puxa um grande fôlego só para gritar um pouco mais. Viro a arma, ainda levantada, e tento puxar o gatilho, mas não consigo. Eu realmente não achei que seria tão difícil matar uma mulher.

Marney a pega e a joga no chão, pressionando-a para baixo, segurando-a pela garganta.

— Não é pessoal. Isso tudo é culpa do seu marido.

— Por favor, não me mate. Eu sou mãe... meus meninos... por favor! — Ela chora.

— Eu vou fazer isso rápido. Prometo. — Seu tom é vazio de qualquer emoção, completamente monótono e frio.

Faróis atravessam a janela, iluminando momentaneamente o quarto escuro, e ela solta outro grito torturado. Ela luta, puxando e empurrando. Morde o braço de Marney e vejo em seu rosto o olhar de um animal encurralado quando ele saca a arma, empurra-a

contra sua cabeça e *BAM*. Ela fica completamente imóvel. Marney limpa os respingos de sangue do seu rosto com a manga.

— E agora? Não foi muito eficaz, já que não podemos amarrar o bastardo e fazê-lo olhar, hein?

Dou de ombros, inclinando-me e puxando para cima o corpo do homem.

— Ponha-os na cama, porra.

Marney grunhe enquanto puxa a mulher do chão e a joga sobre o colchão. Eu me afasto um pouco e olho para os dois corpos empilhados na cama. Agarro o cabelo embebido de sangue da mulher, levantando seu rosto, o deixando cair no pau mole do cara. — Abra a sua boca — eu digo rindo para Marney.

— Você está brincando, certo?

— Imagina o que ele vai pensar quando entrar e ver essa merda — Não posso deixar de sorrir. Isso aqui é além de fodido.

Marney encolhe os ombros, abre a boca da mulher e empurra o pênis flácido em sua boca.

Nós deixamos o quarto, descemos as escadas e saímos pela porta de trás, andando pela floresta por uns bons três quilômetros em silêncio. Quando chegamos à beira do limite das árvores, Marney agarra meu ombro.

— Você fez o seu trabalho direito. Seu velho ficaria orgulhoso.

Um táxi canta pneu, os freios guinchando pela parada abrupta. Richard coloca a mão para fora da janela sinalizando que está sozinho. Nós subimos e Richard olha para nós pelo espelho retrovisor.

— Droga. Vocês dois parecem como se tivessem tomado um banho de sangue. O que diabos vocês fizeram?

— O que tinha que ser feito — murmuro, e me esparramo no assento.

Estou totalmente ferrado, e eu sei disso.



Capítulo 2

Victoria

É uma da manhã, e eu estive no meu turno durante doze horas. Estou alcançando o meu limite físico e emocional. Tive uma noite cheia de ataques cardíacos, brigas de bêbados e overdose de drogas.

Estou prestes a encerrar a noite, quando as portas da emergência são abertas bruscamente. Os médicos se apressam com uma maca, e tudo o que posso ver é sangue, um monte dele.

Dr. Phillips, um dos médicos da emergência, está correndo atrás da equipe, gritando com vários funcionários.

— Várias perfurações de bala!

— Devaux! — Ele grita para mim. — Vamos, mantenha seu coração batendo até que possamos chegar à sala de cirurgia! Vamos conseguir! — Ele grita freneticamente. Subo na maca e coloco um joelho de cada lado do seu corpo. A maca é levada apressadamente pelos corredores do hospital, portas voam abertas pela nossa passagem enquanto uma equipe de médicos e enfermeiros trabalham freneticamente para manter o homem vivo.

Bombeio seu peito ritmicamente, tentando impedir seu coração de parar, de desistir.

Quando invadimos a sala de cirurgia, pulo fora da maca e verifico seu pulso. Nada.

— Ele não tem pulso! — Grito enquanto as enfermeiras o ligam aos monitores.

As pessoas se movem como um relógio, todo mundo sabendo o seu lugar e funcionando como uma máquina bem lubrificada. A roupa é cortada para fora do corpo ensanguentado e sem vida do homem, enquanto um desfibrilador é colocado ao seu lado.

— Afastem-se! — Dr. Phillips grita, e coloca as pás do desfibrilador sobre o peito do paciente. Suas costas se curvam para fora da cama, seu corpo se contorcendo pelo choque.

Fico olhando para a linha verde plana no monitor, marcando seu estado sem vida.

— Afastem-se!

Mais uma vez eles dão o choque, e ainda nada.

Vamos lá, viva. Apenas lute um pouco mais, penso comigo mesma.

O médico dá o choque mais três vezes sem sucesso.

— Hora — diz Dr. Phillips.

Olho para o relógio na parede.

— Uma e vinte e dois — respondo.

Ele está morto, e tudo para. A luta acabou e nós perdemos. Isso nunca fica mais fácil. Eu tenho sido uma residente na emergência daqui há nove meses. Tenho visto a morte em uma base diária, como parte do trabalho, ainda assim a fragilidade da vida humana sempre me surpreende. Num minuto alguém pode estar absolutamente bem, vivendo sua vida, trabalhando, tendo uma família, e no próximo minuto... tudo pode desaparecer. A própria vida pode ser tão fugaz. Você nunca está seguro. Não temos certeza de nada. E isso é difícil de engolir às vezes.

Tornei-me uma médica para salvar vidas. E para cada um que morre, mais de dez são salvos. É o que faz este trabalho tão gratificante. É tudo que eu sempre quis fazer na vida. Decidi largar tudo e deixar a minha casa na Inglaterra para vir aqui estudar e fazer uma vida para mim na América.

Estou vivendo o meu sonho, mas isso não significa que é fácil. Eu sinto que cada vida perdida leva uma parte da minha alma com ela. Preocupa-me que chegue um dia em que já não me afete mais, que já não doa. Estou apavorada em não sentir essa dor, de não sentir nada, porque no dia em que eu ver alguém morrer e não puder sentir alguma coisa, significa que não tenho mais uma alma. Eu tenho pavor de me tornar um monstro.

Viro as costas para o homem morto. O desespero frenético que enchia os momentos mais cedo é agora substituído por uma calma resignada. Médicos e enfermeiros removem o equipamento enquanto um lençol é puxado sobre o rosto do homem. Empurrando as portas da sala de cirurgia, eu vou para o vestiário. Quando a minha adrenalina cai, minhas pernas começam a pesar como se fossem feitas de chumbo. Estou exausta. Quando chego ao vestiário, levo um minuto para me recompor. Essa foi uma noite difícil.

Arranco meu uniforme ensanguentado e jogo no cesto de roupa, coloco minha calça jeans e um moletom. Pego minha bolsa de mão e verifico o meu telefone, que tem três chamadas perdidas da minha irmã. Juro que ela não entende o conceito de turno de doze horas. Envio um texto rápido dizendo que vou chamá-la de manhã. Estou quase fora das portas do hospital. Posso praticamente ouvir anjinhos cantando quando tenho um vislumbre do mundo exterior. Estou tão perto.

— Ria!

Ao som de meu nome, congelo. *Droga.* Viro-me e vejo o rosto sorridente do meu namorado, Euan. Ele tem esse sorriso perfeito juntamente com seus cabelos loiros ondulados e olhos azuis brilhantes.

Euan é um residente de cirurgia. Seu pai é o chefe de cirurgia aqui no hospital universitário. Vamos apenas dizer que ele tem garantido um bom trabalho quando completar sua residência. Ele é o típico ideal americano da perfeição. Ele é tudo o que dizem que uma garota deve querer em um homem: inteligente, atraente e gentil. Tenho trabalhado por anos para chegar onde estou, e, eu acho, que quero uma vida certinha. Euan se encaixa nessa visão.

Isso pode não parecer romântico, mas eu não acredito em contos de fadas. Euan pode não pôr fogo em mim, mas há coisas mais importantes na vida do que paixão. A vida é sobre objetivos, e eu não viajei meio mundo para encontrar paixão. Fiz isso para ser a melhor, para alcançar meus sonhos e criar a vida que sempre quis.

Sorrio, cansada. Ele parece tão perfeitamente bem, mesmo depois de um turno de doze horas, ele parece limpo, e, bem... eu não. Meu cabelo está oleoso e cai de um coque bagunçado. Ao invés de bolsas, tenho verdadeiras malas debaixo dos meus olhos e, provavelmente, tenho vários fluidos corporais em cima de mim. *Ótimo.*

Independentemente de quão nojenta devo parecer, ele se inclina e coloca um beijo casto em meus lábios.

— Como foi o seu plantão? — pergunta.

— Cansativo — respondo em tom cortante.

Eu realmente não quero falar agora. Minha cama está chamando, praticamente dizendo meu nome.

Felizmente, ele parece entender a mensagem.

— Bem, eu vou deixar você ir, mas nosso encontro amanhã à noite ainda está de pé, certo?

— Sim, é claro — Sorrio e aceno com a cabeça. — Vou te enviar uma mensagem quando acordar.

Ele rapidamente beija minha bochecha novamente e pisca antes de se afastar.

Às duas da manhã, eu finalmente chego em casa. Entro no chuveiro e lavo todo o sangue e morte da minha pele.

Meu trabalho é duro, mas quanto mais eu faço isso, mais aprendo que tenho que deixar ir todos os dias, antes de passar para o próximo. Esta é a minha rotina, me limpar dos eventos do dia.

A água escaldante acalma meus músculos doloridos e limpa minha mente.

Estou morrendo de fome, mas a perspectiva de fazer qualquer comida de verdade simplesmente não me atrai. Rapidamente como uma barra de cereal, me preparando para a hibernação de doze horas que pretendo ter agora. Tenho um turno novamente hoje à noite, e se sexta-feira as noites são ruins, as noites de sábados são um inferno.

Estou inconsciente assim que minha cabeça bate no travesseiro.

LP LOVELL STEVIE J. COLE
Wrong

Capítulo 3

Jude

— Ele não vai pagar, Jude — Richard argumenta.

Torço-me em minha cadeira, tamborilando os dedos sobre a mesa.

— Ah vai. Ele vai pagar. Ninguém deixa de me pagar — sorrio, olhando para Richard.

Ele é forte, nada além de um corpo musculoso, e é burro pra caralho, mas eu não preciso de cérebros entre meus lacaios; preciso de força bruta e olhares que farão pessoas mijarem nas calças. Richard é apenas isso: um completo mongoloide. É um negócio de família. Tem que ser. Dinheiro, assassinato e mentiras são todos parte deste negócio, e minha família está nisso a três gerações.

Respiro profundamente.

— Você vai se certificar que ele pague, não é?

Sua boca se abre com um sorriso vicioso de antecipação.

— Sim, claro.

— Ele é um garoto de faculdade, provavelmente, acha que sabe estatística e pensa que me enganou. Estúpido — murmuro. — Ele não vai ter o dinheiro. Apenas pegue algo como garantia. Seja áspero,

LP LOVELL STEVIE J. COLE
Wrong

e não lhe dê mais do que três dias para pagar o meu dinheiro — Franzo a testa. — Mas certifique-se de agir inteligentemente.

— Eu não sou um idiota. Qual carro você quer que eu leve?

— Desça e encontre o Davi, ele vai ter um carro para você. Haverá instruções no console sobre onde negociar os carros no Tennessee, está bem?

O telefone toca e ele balança a cabeça e, em seguida, sai. Levanto o receptor, levando-o ao meu ouvido.

— Vá em frente, parceiro.

— Aqui é Rammer Jammer. No primeiro páreo quero apostar no perdedor. Two Dimes. Entre as cinco últimas posições.

— Primeiro páreo apostar no provável perdedor, Two Dimes, entre os cinco últimos? — Repito de volta.

— Isso.

Desligo e pego o cigarro queimando no cinzeiro, inalando uma grande nuvem de fumaça enquanto rapidamente rabisco a aposta em tinta vermelha sobre o meu bloco de notas. Este jogo é a certeza de ganhar uma porrada de dinheiro, e eu não posso deixar de sorrir quando olho para as apostas que fiz hoje. Políticos, pregadores, policiais, são todos meus clientes, e enquanto eles me pagarem, não é um problema. Sou um homem de negócios e eu levo meu trabalho muito a sério.

Se você foder comigo, eu vou te matar, porque ninguém leva nada tão a sério quanto a morte.

LP LOVELL STEVIE J. COLE
Wrong

Capítulo 4

Victoria

Euan sorri largamente quando abre a porta e me vê.

— Hey.

Dou um sorriso.

— Hey.

Ele se inclina e coloca um beijo na minha bochecha antes de abrir mais a porta para eu entrar.

— Deixe-me tirar o seu casaco — ele se move atrás de mim e retira o meu casaco pelos meus ombros, sempre um cavalheiro.

— Algo cheira bem — comento.

Ele me lança seu sorriso deslumbrante.

— Adoraria dizer que eu cozinhei, mas você me conhece... pedi para viagem.

Dou de ombros.

— Para viagem está bom.

Só preciso comer antes do meu próximo plantão... que vai realmente acabar sendo um turno de vinte horas, e ele começa em duas horas.

Outro sorriso.

— Eu pedi Thai[1], seu favorito.

Nós nos sentamos para comer e Euan parece estranhamente calmo. Normalmente, ele tem muito a dizer, geralmente fala sobre o trabalho, ou minhas horríveis condições de vida, que para ele são abomináveis. Geralmente fala do meu apartamento, porque essa conversa sempre acaba com ele tentando me convencer a morarmos juntos, o que me faz explicar porque não quero morar com ele.

Hoje à noite, porém, ele está calmo, quase distante.

— Você está bem? — Pergunto.

Ele sorri e ligeiramente acena a cabeça enquanto mastiga com a boca cheia de comida.

— Claro.

Atribuo a falta de conversa ao fato de que ele acabou de sair do plantão. Deus sabe que fico como uma cadela miserável quando termino um longo plantão. Acho que ele tem permissão para se sentir assim de vez em quando também.

Tomando um gole da minha água, pergunto:

— O que você fez hoje?

Como previsto, ele se lança em um relato detalhado de um triplo bypass[2] que enfrentou mais cedo. Eu acho que é um pouco triste que o nosso principal tema de conversa seja o trabalho.

Estou ajudando a limpar a mesa quando a campainha toca. Ele franze a testa e sai para atendê-la. Começo a colocar os pratos na máquina de lavar. Pego uma garrafa de água da geladeira e Euan

[1] Comida tailandesa.
[2] Na área da medicina, *bypass* é uma cirurgia gástrica indicada para pessoas com obesidade mórbida.

ainda não retornou. Curiosidade ganha, e estico minha cabeça para o corredor através da porta da cozinha.

Em pé no corredor está o maior homem que já vi. Ele está muito bem vestido em uma camisa de botões e calça de terno, mas apesar do seu belo vestuário, há algo nele que me faz instantaneamente pensar em tomar cuidado. Toda a sua atitude é dominante e agressiva. Seus braços estão cruzados sobre o peito enorme, e ele sorri condescendente para Euan, que está falando em voz baixa. Eu não posso ouvir o que ele está dizendo, mas ele parece nervoso.

Algo está errado.

Volto para a cozinha e pego a minha bolsa na bancada. Eu tateio em volta até que meus dedos se fecham em torno de uma pequena lata de metal de spray de pimenta. Quando vim pela primeira vez para a América, minha irmã me fez trazê-la. Ela disse que, em um país onde todo mundo tem uma arma, eu, pelo menos, precisava de algo. Nunca pensei em usá-la, nunca me senti ameaçada, mas, de repente, me sinto. Segurando o spray nas minhas costas, espio novamente o corredor. O grandalhão deu um passo mais para perto de Euan, seus rostos estão apenas a centímetros de distância. A voz do cara é um rosnado baixo, que, mesmo de longe, faz Euan visivelmente se encolher. Deslizo a lata no meu bolso de trás e caminho em direção a eles.

— Eu não tenho isso! — Euan implora. Seu tamanho parece ofuscado pelo monstro na sua frente.

— Tenho certeza de que podemos encontrar algo por aqui que você possa vender — o cara zomba, seus olhos se movem para o corredor. Diretamente para mim.

Paro de respirar no instante que aqueles olhos encontram os meus. Um sorriso ameaçador aparece em seus lábios.

— Bem... bem. O que temos aqui? — Ele diz alegremente.

— Ria, volte para a cozinha — A voz de Euan é instável.

— Quem é ele? — Pergunto.

— Ninguém — ele fala um pouco rápido demais. O grandalhão sorri mais amplo.

Eu não consigo evitar.

— Ele não se parece com ninguém. Ele certamente não se parece com um amigo — ranjo os dentes. Nada me irrita mais do que ser tratada como uma idiota.

O estranho estreita os olhos quando um músculo em sua mandíbula começa a vibrar. Apalpo meu bolso de trás, meus dedos roçando o spray de pimenta.

Ele se vira para longe de mim abruptamente.

— O que é que vai ser Jones? O dinheiro ou as suas pernas? — Ele rosna.

— O que ele está falando, Euan?

Seus olhos se voltam para os meus, uma pequena ruga aparecendo entre suas sobrancelhas, antes que ele se volte para o Sr. 'Feliz'.

— Olha — Ele hesita e olha para mim, e de volta para o ogro. — Você pode me dar um minuto? — Euan nervosamente esfrega a parte de trás do seu pescoço.

O homem gigante parece irritado e ofendido.

— Você tem um minuto e, em seguida, a merda começa a ficar feia.

— Ameaça muito original — murmuro.

Euan dá passos largos em minha direção, pegando meu braço e me levando de volta para a cozinha.

— Você precisa ir embora, Ria. — Ele está inquieto, quase parecendo culpado.

— É só isso que tem a me dizer? — Levanto uma sobrancelha para ele. — Você espera que eu saia daqui sem saber o que aquele homem sanguinário quer, quando está claramente ameaçando você? — Eu estalo.

— Olha, apenas vá, Ria. Te ligo mais tarde — Há uma urgência em sua voz que eu nunca tinha ouvido antes. Euan sempre foi infalivelmente doce e educado. Agora, porém, está agitado, cheio de tiques.

Cruzo meus braços sobre o peito.

— Não. Você tem que me dizer o que está acontecendo agora.

— Seu namorado me deve dinheiro, princesa. — O homem para na porta.

— E você é?

— Rich.

— *Quanto* dinheiro? — Pergunto lentamente.

— Ria, por favor, só... — Euan começa.

— Vinte mil, — Rich corta. Eu quase caio.

— Vinte mil?! — Grito.

Ele balança a cabeça.

— Que diabos? Não é à toa que você tem o Hulk atrás de você — eu gemo.

Rich sorri.

— Olha, é apenas um mal-entendido — diz Euan defensivamente.

Rich parece quase entediado agora.

— Não, nenhum mal-entendido. Você paga vinte mil hoje ou eu vou quebrar as suas pernas — Ele inspeciona as unhas e

continua. — Seguido por todos os ossos do seu corpo e terminando com uma bala em seu crânio — diz ele friamente.

Meu estômago aperta e os cabelos na parte de trás do meu pescoço arrepiam. Eu realmente quero acreditar que ele está brincando, mas toda a sua atitude me diz que ele está falando absolutamente sério.

— Por que ele deve tanto dinheiro? — Pergunto. Rich vira aqueles olhos ameaçadores para mim novamente. Seu olhar se move preguiçosamente pelo meu corpo antes de arrastar de volta.

Ele dá de ombros.

— Jogos de azar.

Meus pulmões ficam sem ar.

— Jogos de azar — sussurro. Jogar em um estado onde o jogo é ilegal, significa que Euan agora deve dinheiro a algumas pessoas muito desagradáveis. — Brilhante — digo amargamente.

Meu namorado é um canalha com problemas de jogo. Quando você acha que conhece alguém... Quero dizer, Euan é tão responsável. Ele tem tudo a seu favor...

— Olha, eu posso conseguir o dinheiro. Basta me dar três dias — Euan implora, me ignorando agora.

Rich balança a cabeça, seus lábios se contraindo.

— Agora ou nunca, garoto de fraternidade. Sua escolha.

— Eu prometo, posso consegui-lo em três dias — Sua voz soa como uma criança chorona.

— Chega, isso é o suficiente — estala Rich.

— Leve-a! — Euan me agarra pelos ombros e me empurra na direção do homem assustador. — Tome Ria como garantia. Até que eu lhe traga o dinheiro.

— O quê?! — grito. — Você está louco?! Porra.

Rich sorri, mas é como um tubarão sorrindo para mim. Não há nada reconfortante sobre o gesto.

— Você tem uma boca suja para uma menina rica — diz. — Eu gosto disso.

Tropeço para trás.

— Eu não vou a lugar nenhum com você. Suas dívidas são um problema dele.

No que diabos Euan está me metendo? Deveria tê-lo deixado aqui com seu destino. Sinto-me estúpida por ter me importado com ele quando ele claramente não dá a mínima para mim. Ele está disposto a me entregar a esse bruto, por uma dívida de jogo. Olho Rich de novo: os ombros largos, aqueles olhos frios, o cabelo raspado e a cicatriz em seu rosto. Tudo isso combinado com a nova informação de que ele não é exatamente um cidadão íntegro, cumpridor da lei, me faz querer correr o mais longe possível dele.

— Esta é a dívida dele. Inferno, quebre suas pernas, eu não me importo — rosno quando o meu temperamento explode, mas tudo que Rich faz é rir.

Euan envolve seus dedos em torno do meu pulso, mas eu o puxo bruscamente.

— Não me toque.

— Eu posso conseguir o dinheiro, baby. Ele vai me matar se você não for!

Eu rio sem achar graça.

— Vá se foder, Euan.

Rich sorri, como uma criança divertida que acaba de encontrar um brinquedo novo.

— Vou levá-la, e àquela BMW que você tem estacionada em frente.

Euan abre a boca para argumentar, mas rapidamente a fecha novamente, entregando as chaves do seu carro muito amado. Aparentemente, ele é mais ligado a ele do que é a mim.

Rich me agarra pelos ombros, segurando ambos os meus braços e cruzando-os facilmente nas minhas costas, com uma força que eu não sabia que alguém poderia até mesmo possuir.

— Três dias — são as palavras de despedida de Rich antes de me puxar pela porta.

Por algum milagre, consigo soltar um braço do seu aperto e pego o spray de pimenta do meu bolso de trás. Aperto o gatilho e aponto diretamente para os seus olhos. Ele é uns trinta centímetros mais alto do que eu e não consigo uma boa pontaria, mas é melhor que nada. Ele grita e seu aperto no meu braço se afrouxa, mas não o suficiente. Estou prestes a balançar a perna para trás e ir para o ouro entre suas pernas quando sinto um frio metal contra a lateral do meu pescoço.

Congelo.

Rich empurra o cano de uma arma no meu pescoço, o metal frio contra a minha pele. Meu pulso bate descontroladamente no meu peito quando um suor frio cobre a minha pele. Armas me aterrorizam. Talvez seja por causa do número de vítimas de bala. Eu lidei com uma quantidade enorme de pessoas que vi morrer com apenas o puxar de um gatilho. Seja qual for a razão, é um medo racional e muito real.

— Caminhe — ele rosna, enquanto esfrega os olhos.

Ele move-se atrás de mim, agora pressionando o cano da arma nas minhas costas.

Abro o portão e saio para o ar frio da noite. Ele força a arma em mim novamente, fazendo-me cambalear para frente alguns passos.

Apontando para a BMW preta de Euan, ele ordena:

— Entre e dirija.

Concordo com a cabeça e espero que ele se afaste antes de tentar fugir. Meu coração bate como um trem quando corro a curta distância de volta para o prédio. Se eu apenas pudesse...

Sua mão bate no meu ombro e eu caio de joelhos.

— Socorro! — Grito. Alguém vai me ouvir, certamente.

Sou colocada novamente de pé e, em seguida, ele bate com a palma de sua mão no meu rosto. Balanço por causa da força do golpe e sangue enche minha boca. Sinto o ardor das lágrimas nos meus olhos quando a dor explode em toda a minha mandíbula.

— Entre na porra do carro! — Ele grita.

Movo-me silenciosamente e deslizo no assento do motorista, enquanto Rich se move em torno da frente do carro. Seus olhos encarando-me o tempo todo.

Depois que ele está sentado ao meu lado, ele volta a apontar a arma na minha direção.

— Vá para a I-65.

— Para onde estamos indo? — Pergunto.

— Basta fazer o que eu fodidamente disse, cadela — ele rosna. — Ande no limite de velocidade. Use a porra da seta, e se nos pararem é melhor manter a boca fechada. Não estou a fim de matar um policial.

Nós dirigimos por várias horas, e no limite do Estado da Georgia ele me manda encostar em um estacionamento abandonado. Faço o que ele diz. Ele parou de apontar a arma para a minha cara agora, mas ele ainda a tem. Não estou tão interessada em provocá-lo.

— Estacione atrás do SUV — diz ele.

Paro atrás do único carro no estacionamento e desligo o motor. Há um silêncio tenso enquanto espero ansiosa por ele fazer seu próximo movimento. Ele pega a arma de novo e ordena:

— Saia.

Abro a porta e deslizo para fora até que meus pés toquem o chão.

— Venha aqui, — ele diz, balançando o dedo enquanto abre o porta malas do SUV.

Aproximo-me com cautela. Um olhar na parte de trás deste carro me faz paralisar de medo. Há cordas, um par de pás e algumas lonas. *Ele vai me matar. Ele vai me matar.* Esse pensamento atravessa a minha mente mais e mais. Ele pega uma corda da parte de trás e se move em minha direção. Eu não penso, só reajo. Levanto minha perna até o meu joelho atingir sua virilha. Ele consegue se esquivar no último minuto, e apesar de tê-lo atingido, não consigo produzir um impacto que surtiria algum efeito. Começo a correr, mas ele agarra um punhado do meu cabelo. Eu grito, o meu couro cabeludo parece que está pegando fogo.

Algo me bate no lado da cabeça, e então tudo fica preto.

Quando desperto, estou deitada de lado e minha cabeça está batendo como uma britadeira. O zumbido abaixo de mim me diz que estou em um carro. Tento sentar, mas minhas mãos estão amarradas atrás das minhas costas. Há também uma mordaça na minha boca, mas, pelo lado positivo, eu não estou morta. *Ainda*. Perco a noção do tempo, mas, eventualmente, o carro diminui a marcha e o motor para.

A porta se abre e Rich agarra meu braço, me puxando para fora. Ele me empurra para frente, enquanto segura meus pulsos amarrados. Meus ombros gritam em protesto, mas eu não digo nada.

Ele caminha até a porta da frente do que parece ser uma casa normal. Não é muito grande, também não muito pequena, mas eu noto que não há outras casas perto dela. Ele marcha até que seus

passos cheguem na porta da frente e bate três vezes, e, em seguida, a porta se abre. O cara que está do outro lado é tão grande quanto ele é alto. Seus olhos passam sobre mim, pousando no meu rosto amordaçado. Sua testa enruga, e seus olhos se voltam de mim para Rich.

— Que porra é essa?

— O garoto não ia pagar. Jogou-a para mim como garantia — Rich ri.

Assisto um lento sorriso doente rastejando sobre o rosto do homem, mas ele continua a bloquear a entrada.

— Garantia, hein? Veremos como o chefe se sente sobre isso. Ele realmente ama mulheres, então... — Ele se move para longe da porta.

Há algo sobre a maneira como ele está sorrindo que me faz pensar que estou perdendo alguma piada particular.

Rich me arrasta para dentro da casa. Há uma névoa de fumaça de cigarro que parece perdurar no ar. A casa é escura, com iluminação fraca em todos os lugares. Ouço o murmúrio de vários homens falando, então o estrondo de suas risadas vindo de algum lugar dentro da casa. Ele me empurra por um corredor estreito. Tudo o que posso ouvir é o meu pulso martelando em meus ouvidos e minha respiração acelerando. Há uma porta de madeira escura no final deste longo corredor. É para onde ele está me levando. Entro em pânico. E se esse chefe for pior do que Rich? E se ele quiser me matar? Ou me estuprar? Isso não vai acontecer! Eu não vou ser uma vítima, uma estatística. Em uma última tentativa para escapar, jogo o meu peso de volta contra o Rich, derrubando-o desequilibrado na parede atrás de nós.

— Maldição! — Ele rosna quando passo por ele.

Tropeço pelo corredor em direção à porta. Eu sei que estou indo pelo caminho errado, mas é para longe de Rich.

Ele corre atrás de mim. Hesito no final do corredor, sem saber qual caminho tomar. Corro em direção à única área aberta, mas não sou rápida o suficiente, porque ele agarra meu pulso, torcendo-o enquanto ele me gira ao redor. Gritando de dor, piso em seu pé e o chuto na canela.

— Se você tentar me chutar mais uma vez, vou arrancar seu cabelo direto para fora do seu crânio, docinho. Entendeu? — Ele grita, seu hálito de cigarro soprando no meu rosto. Ele me arrasta de volta para a porta, abrindo-a e me forçando a andar.

Quando chegamos ao fundo, tento arrancar meu braço de sua mão, e ele me força contra a parede, torcendo meus braços atrás das minhas costas.

— Pare de lutar contra mim!

Gemo e ele torce mais forte, forçando meus pulsos amarrados e meus ombros já doloridos.

Rich arrasta-me na frente dele, me empurrando pela porta no final do corredor com tal força que eu caio para frente, meus joelhos batem nas tábuas do assoalho de madeira. Dor dispara através das minhas articulações.

— Ah caralho — murmura Rich atrás de mim.

Cerro os dentes com todo o meu corpo doendo.

— Que porra é essa? — Uma voz profunda fala e também ouço um gemido agudo.

Levanto a cabeça ligeiramente e vejo através do meu cabelo emaranhado a fonte do som. Há uma grande mesa na minha frente e inclinada sobre ela está uma mulher ruiva nua, o peito pressionado contra a madeira. Em pé atrás dela está o maior cara que eu já vi, e ele está apontando uma arma para a minha cabeça. Aperto meus olhos fechados enquanto o pânico ameaça tomar-me. Pelo menos ele vai ser rápido. Espero, e nada acontece. Quando abro os olhos novamente, ele está abaixando a arma. Meus olhos se fixam em seu

peito largo, que está nu, os músculos definidos esticados enquanto ele puxa para cima o zíper da calça jeans e empurra a arma no cós.

Sinto um rubor cobrir as minhas bochechas. Eu não sou uma puritana, mas mesmo assim, não quero ver dois estranhos nus. Isso não é o que imaginei quando Rich estava me arrastando pelo corredor.

— Saia — o grandalhão diz para a garota enquanto reúne suas roupas. Ela bufa e pega as roupas dele. Ele bate na sua bunda. — Eu vou terminar com você mais tarde — Quero gritar para ela me ajudar. Estou amarrada e amordaçada e ainda assim ela está olhando para mim como se eu tivesse interrompido sua diversão. *A noticia é, querida, eu preferia não estar aqui.*

— Você sabe, seu trabalho é realmente um pé no saco — ela comenta.

Sou a única pessoa nesta sala que esta terrivelmente desconfortável?

— Vá para o trabalho, Cristal, eu odiaria ter que despedir minha garota favorita por estar atrasada. — Ela encolhe os ombros e caminha para fora da sala, completamente nua, balançando os quadris enquanto anda. Eu sinto que acabei de entrar em um hospício.

— O garoto não podia pagar. Ela é a garantia — diz Rich casualmente.

— Você pegou uma pessoa — Ele aponta para mim — como garantia? — A voz dele é um ruído surdo. A sala de repente se torna muito pequena. Posso sentir sua raiva como uma coisa viva. Minha pele explode em arrepios, e tremo quando um medo muito real me ataca. — Saia. Eu vou lidar com você mais tarde. — Sua voz é calma, mas não de uma boa forma. Mais como a calma antes de uma tempestade.

Sem dizer nada, ele sai, e o clique da porta sendo fechada soa alto.

Estou sozinha com esse cara, o chefe. Isso não pode significar nada de bom para mim. Lentamente levanto os olhos para encontrá-lo olhando para mim. Nossos olhos travam, e eu sinto como se estivesse olhando para o vazio absoluto.

Ele é inegavelmente bonito, com os olhos do mais estranho tom de verde, com um rosto que você vê nas páginas de uma revista. Seu corpo é volumoso e alto, talhado para um propósito. Sua pele é um mapa de trabalho em tinta, principalmente na área dos braços e do peito. Ele é o tipo de cara que você iria parar na rua apenas para olhar, mas não gostaria de encontrar em um beco escuro. Sua beleza é ofuscada por uma frieza que escoa dele, um ar de perigo que parece estar agarrado a ele. Tudo sobre ele grita perigo. E agora estou amarrada, amordaçada e trancada em uma sala com ele.

LP LOVELL STEVIE J. COLE
Wrong

Capítulo 5

Jude

Derramo o uísque em um copo baixo, apreciando o jeito como o gelo derrete com o seu calor. Ela está malditamente perto do clímax, ofegante com o que eu fiz para ela. Usando as costas da minha mão, limpo a bagunça que ela deixou no meu rosto, lambendo meus lábios para desfrutar do seu sabor. Esta menina é uma das minhas favoritas. Ela me dá tudo que eu desejo: poder, controle e uma porra de sexo assassino, sem amarras.

— Não mexa um músculo. Você fica exatamente como te deixei.

Retirando um cubo de gelo da bebida, diminuo as luzes e faço o meu caminho de volta para ela. Meu pau se contorce quando olho para ela curvada sobre minha mesa. Coloco a pedra de gelo em suas costas, e ela se curva.

— Ah, ah, ah. Eu lhe disse para não se mover, caralho.

Ela ri e inclina a cabeça para trás, seu cabelo vermelho voa sobre seus ombros nus e bate no meu rosto.

— Eu não concordei com isso — Ela olha para mim e morde o lábio.

— Essa sua boca ainda vai colocar você em problemas — arqueio uma sobrancelha, esfregando o gelo sobre sua bunda e na curva da sua coluna quando digo: — Mova-se novamente e eu vou sufocá-la.

Suas unhas se curvam em cima da mesa, arranhando toda sua superfície, enquanto ela luta contra a vontade de se mexer, empurrando sua bunda na minha direção.

— Pare de me torturar — ela implora.

— Querida, isso não é tortura. Confie em mim! — massageio o gelo derretido em sua pele, em seguida, seguro seu cabelo em minhas mãos. — A tortura não permitiria que você transasse comigo, e eu prometo, em cerca de cinco minutos vou estar com minhas bolas enterradas profundamente em sua pequena buceta. — Dou um puxão em seus cabelos, puxando sua cabeça para trás para que eu possa beijar uma trilha até seu ombro.

Ela se empurra para fora da mesa e gira ao redor, esfregando a mão sobre a minha calça, me agarrando. Lentamente, tiro a minha camisa, segurando-a na minha mão quando eu cavo meus dedos em seus lados e viro-a para longe de mim. Com um movimento rápido, impiedosamente, bato o seu rosto sobre a mesa.

Espanco sua bunda, pensando sobre o quanto eu amo o som dos tapas quando eu estou com uma mulher.

— Eu estou fodendo você por trás — digo, apertando suas nádegas firmes em minhas mãos. Enrolo a camisa em torno de sua garganta e puxo sua cabeça para trás na minha direção. Varrendo os dedos sobre sua buceta molhada, dou um tapa rápido, e ela pula com a sensação inesperada.

— Porra, JP. Estou prestes a morrer aqui — ela geme, esfregando sua buceta nua contra mim. — Você ainda tem metade de suas roupas.

Eu rio, e, mantendo minha camisa esticada, uso minha mão livre para abrir a braguilha.

— Oh — ela suspira. — Apenas me foda, seu idiota. — Ela tenta virar, mas eu a seguro no lugar. — Só dessa vez você pode tirar a arma fora do seu jeans? Isso me deixa nervosa.

— Não finja que você não gosta. — Eu digo, puxando meu pau para fora e o acariciando, provocando sua entrada. Choro borbulha de sua garganta. Frustrada, ela bate a palma da mão sobre a mesa em frustração. — Foda-me, porra!

— Oh, eu vou te foder — rosno enquanto amplio a minha posição atrás dela.

Eu não sou gentil em absoluto, seguro a camisa esticada com uma mão, e bato meu pau dentro dela. Ela geme alto, arqueando as costas por causa do ataque repentino.

Sua respiração se transforma em gemidos trôpegos de sexo e ela aperta em torno de mim, a sensação é similar a ser atingido por um raio, fazendo meus olhos revirarem na minha cabeça, me forçando a cerrar os dentes. Estou a uns três segundos de gozar quando a porta é subitamente aberta. Instintivamente puxo minha arma, apontando para o corredor. Destravo a segurança e meu dedo repousa sobre o gatilho. Olhando pelo cano, percebo que é Richard, e com ele uma menina amarrada e amordaçada, de joelhos na frente da minha mesa.

— Ah, foda-se, — diz ele, cobrindo o rosto com as mãos. Sou pego tão desprevenido pela intromissão indesejável que ainda fico um pouco com meu pau enterrado na mulher antes de retirar.

— Que. Porra. É. Essa? — Grito. Eu olho para a garota na frente de Richard. — Que porra é essa? — Pergunto novamente quando enfio meu pau de volta para dentro do meu jeans.

Cristal ainda está esparramada sobre a mesa, rabo no ar e ofegante. Eu recolho suas roupas no chão e estico o braço na sua direção.

— Saia. — Ela se endireita e tira a roupa das minhas mãos, um olhar perplexo grudado em seu rosto. Levanto ambas as

sobrancelhas, em seguida, bato em sua bunda. — Não se preocupe, eu vou acabar com você mais tarde.

— Você sabe, seu trabalho realmente é um pé no saco.

— Vá para o trabalho, Cristal, eu odiaria ter que demitir minha garota favorita por estar atrasada.

Ela bufa e sai, sem se preocupar em se vestir. Ela apenas passa pelos dois, não se incomodando nem um pouco com sua nudez. Viro meus olhos para Richard quando puxo uma respiração. Limpo a minha mão sobre o meu peito suado, e meu olhar desvia até a menina. Ela está vestida com jeans e um moletom da universidade Vanderbilt. Seu cabelo está uma bagunça completa. Ela está coberta de graxa e sujeira, e seus olhos estão inchados e vermelhos.

— O garoto não podia pagar. — Ele sorri nervosamente para mim. — Ela é uma garantia.

Rolo meu lábio inferior debaixo dos meus dentes e mordo, lutando para manter minha calma.

— Você pegou uma pessoa — eu aponto para a garota. — como garantia?

Meu coração bate intensamente contra meu peito, um formigamento se espalhando por todo o meu corpo de raiva. Este filho da puta é estúpido como o inferno. Eu realmente quero acabar com ele, amassar sua cabeça contra a parede algumas boas vezes, mas limpo minha garganta em vez disso, e aponto o dedo para a porta. — Saia. Eu vou lidar com você mais tarde. — Consigo manter meu tom completamente calmo, que é, para quem me conhece, pior do que qualquer gritaria.

Ele não diz uma palavra, se vira e sai, fechando a porta atrás dele.

Pego minha camisa do chão e limpo o suor do meu corpo. Belisco a ponta do meu nariz, inalo profundamente antes de me virar para olhar para ela. Seu cabelo loiro despenteado paira sobre parte

de seu rosto, ela tem uma contusão preta em uma bochecha, e está olhando para o chão, visivelmente tremendo.

Preciso de uma bebida para lidar com essa merda. Balanço a minha cabeça, arranho meu queixo mal barbeado, e alcanço o uísque. Meus olhos travam nos dela enquanto pego a bebida. Tomo um gole, em seguida, coloco o copo sobre a borda da mesa. Seu olhar segue cada movimento meu, enquanto pego o cigarro, coloco em meus lábios e acendo-o com o isqueiro. Dou uma longa tragada e sopro a fumaça lentamente em sua direção, a nuvem cinza claro a cobrindo.

Que porra eu vou fazer com esta menina?

Ela não se levantou. Ela não moveu um músculo. Inclino-me contra a mesa e dou outra tragada, soprando a nuvem de fumaça na sua direção novamente. Ela tosse fracamente. Ela está olhando para mim como se eu fosse algum merda de animal enjaulado que escapou.

— Humm — murmuro, colocando minha camisa em cima da mesa enquanto me afasto e caminho em direção a ela. Quanto mais perto chego, maior seus olhos ficam. Eu agacho na frente dela e dou outra tragada. A mordaça está tão apertada que o material corta sua pele. O mínimo que posso fazer é tirá-la. Agarro o cigarro entre os lábios, alcanço a parte de trás de sua cabeça e desato o nó. O pano cai de seu rosto, revelando um lábio inchado e ensanguentado. Ele bateu nela, porra? Vou matá-lo por isso. Escovo o meu dedo sobre o lábio ferido, e ela se afasta para longe.

— Exijo que você me deixe ir — diz ela, olhando para mim.

Levanto uma sobrancelha e um leve sorriso surge em meus lábios. Determinada e britânica. Não vou fingir que o sotaque não provoca nada em mim. Levanto-me e viro as costas para ela.

— Eu gostaria de poder.

— Isto não tem nada a ver comigo. Seu empregado idiota levou-me contra a minha vontade. Seu assunto é com Euan, não

comigo. — Ela está tentando corajosamente soar forte, mas posso notar o leve tremor em sua voz. Sim, ela está chateada, mas é óbvio que está com medo e a julgar pelo estado de seu rosto, ela deve estar.

Cruzo os meus braços sobre o peito e me encosto contra a borda da mesa enquanto puxo baforada após baforada, penso sobre quão fodida esta merda é. Depois de um breve momento de silêncio, eu digo:

— Mas você está aqui, então, infelizmente, boneca, agora tem tudo a ver com você.

Ela permanece com a cabeça abaixada, mas ergue seu olhar para o meu.

— Por favor. — Sua voz treme. — Isso é um mal-entendido. Por favor, deixe-me ir — ela engasga.

Uma sensação que eu não estou muito familiarizado arrasta-se através de mim, mas engulo o desconforto. Não há espaço no meu mundo para esse sentimento de culpa.

— Veja bem, embora eu gostasse de simplesmente deixar você sair, quando Euan decidiu entregá-la para mim, você tornou-se parte dessa dívida. Tenho certeza que você vai entender porque eu não posso deixá-la ir, não é? — Dou de ombros. — Não leve isso para o lado pessoal ou qualquer coisa. É apenas um negócio.

Vejo como a gravidade da sua situação a deixa com medo. Seus olhos lentamente caem no chão, e ela respira irregularmente como se estivesse prestes a explodir em soluços.

— Por favor — ela sussurra novamente. Ela parece tão pequena e vulnerável, obrigando-me a olhar para longe dela.

Ela pode ser apenas uma garota, mas está em minha casa e, infelizmente para ela, e por idiotice do Richard, ela está agora vendo o meu rosto. Ela é, no mínimo, um risco para a segurança.

— Você se comporta, seu namorado paga e vou deixar você sair ilesa.

Seu olhar se estreita. Seus olhos estão tão vermelhos, que tornam o azul da sua íris mais profundo.

— Quem é você? — Ela pergunta.

— Um homem de negócios. — Dou de ombros, em seguida, a seguro pelo braço para ajudá-la a levantar. Eu a coloco contra a parede. — Você vai ficar aí, certo?

— Não é como se eu pudesse ir a algum lugar — ela murmura.

Pego a minha camisa da mesa e puxo sobre a minha cabeça, então tiro o meu celular do bolso e disco o número do Marney. Como de costume, ele atende no primeiro toque.

— Sim?

— Esse negócio com Vanderbilt está fodido. Tenho uma maldita refém agora, e que porra eu vou fazer com isso? — Eu falo, os meus olhos fixos nos dela.

— Uma refém?

— Sim, a porra de uma menina! — Falar isso em voz alta me causa um súbito acesso de raiva. — Alguém vai morrer, porra! — Grito. Exalo com esforço para me acalmar. — Pesquise e descubra um pouco mais sobre esse garoto Euan para mim. Use sua influência. Eu quero saber tudo sobre ele, até que tipo de loção ele usa, quando se masturba, entendeu?

— Sim, com certeza — ele ri. — Então, o que você vai fazer com a menina?

— Eu não sei, merda!

— Bem, se divirta com isso. Vou deixar você saber o que eu descobrir. — Ele desliga o telefone, e meus olhos se concentram em seu lábio inchado novamente.

Vou fazer Richard pagar muito caro por fazer isso. Seguro os ombros dela sem dizer uma palavra, enquanto a analiso. O meu olhar instantaneamente cai nos seus pulsos amarrados. A pele está

LP LOVELL STEVIE J. COLE
Wrong

vermelha e ferida pelo atrito da corda. *Desgraçado*. Rapidamente desato o nó e percebo o quão profunda as queimaduras marcaram sua pele clara.

Ela mexe os dedos, trabalhando para voltar a sentir as suas mãos.

— Obrigada — ela murmura.

Eu não sei o que diabos fazer com ela, mas ela tem que ir para algum lugar fora daqui.

— Vamos lá, então. — Pego seu braço para acompanhá-la para outro quarto, e a próxima coisa que sinto é seu joelho atingindo as minhas bolas. Salto para trás, mordo meu lábio e assobio em uma respiração. Cadela fodida! Pego os seus dois braços em minhas mãos, puxando-a de volta, fixo-os nos seus lados e a empurro na parede. Ela luta, agitando seu corpo inteiro em uma débil tentativa de fugir.

Inclinando-me para ela, coloco meu nariz a centímetros de sua orelha.

— Sério? — Rosno no seu pescoço, enquanto a pressiono contra a parede. — Você acha que foi uma decisão sábia?

— Me solta! — Ela grita.

Eu a forço mais contra a parede. Estou usando muito do meu próprio peso corporal, duvido que ela consiga respirar, muito menos se mover.

— Sem chance — digo, e empurro-a mais, minhas coxas agora firmes contra sua bunda. Ela suspira, e mantenho a minha voz calma e baixa quando digo: — Estou avisando a você menina, é melhor não me testar. — Ela se contorce e seu corpo se esfrega contra mim de uma forma que meu pau não pode ignorar. Recuo um pouco, para que ela não possa sentir que estou um pouco excitado por ela.

— Por favor, deixe-me ir — ela implora. — Você não tem que fazer isso. Não vou contar a ninguém. Não vou chamar a polícia. Eu prometo.

— Eu não confio em ninguém, nem mesmo em loiras pequenas. E você sabe o que geralmente acontece com as pessoas que não confio quando tentam me chutar nas bolas? — Meu aperto sobre ela aumenta, e puxo os seus braços. — Eles acabam em um saco preto de merda.

Ela grunhe e sem aviso enfia um cotovelo no meu estômago. Para minha surpresa ela realmente tem alguma força porque rouba uma respiração de mim. Aquele pequeno movimento faz o meu domínio sobre ela diminuir e ela se solta do meu aperto, correndo para a porta. Vou atrás dela, meu coração batendo acelerado no meu peito. Quando a alcanço, agarro as extremidades de seus longos cabelos, puxando sua cabeça para trás com tanta força que ela tropeça e cai no chão. Eu a arrasto de volta para o corredor escuro, e ela está tendo um ataque. Grita, esperneia e está arranhando minhas mãos com tanta força que as unhas estão cortando meus dedos.

— Eu vou matar Richard por esta merda — resmungo. Ela solta um grito tão agudo que estou certo que até os cães podem ouvi-lo, e eu me encolho. — Você não podia simplesmente tornar as coisas fáceis para mim, não é? — Murmuro, sentando com um baque na cadeira do escritório e puxando-a para o meu colo. — Tinha que me fazer agir como um idiota.

Ela ainda está lutando contra mim, me batendo, se sacudindo. Viro-me para conseguir abrir uma gaveta aberta, apesar dela se mexer como uma mula raivosa e agarro uma amarra de plástico.

— Você poderia ficar parada, porra?

Ela grita de novo, então a agarro pela cintura, e em um movimento rápido, coloco seu rosto para baixo em meu colo, passando minha perna sobre suas coxas para segurá-la lá.

LP LOVELL STEVIE J. COLE
Wrong

— Eu não acho que você vai colocar suas mãos atrás das costas sem lutar, hein? — Pergunto com um tom cheio de sarcasmo. Ela agarra a beirada da cadeira. Acho que ela pensa que vai ficar mais difícil para eu conseguir pegar suas mãos? Eu só rio e pego os seus dois braços, trazendo-os para trás. Prendo-a com a amarra, então acaricio suas costas. — Você vai se comportar agora? Não tente chutar minhas bolas de novo, ok?

— Foda-se! — Ela grita, ainda lutando por baixo da minha perna.

Tiro os meus olhos de suas mãos e olho para sua bunda e, infelizmente, a maneira como ela continua a se agitar combinada com a visão dela apoiada no meu colo e amarrada, coloca meu pau em uma posição comprometedora. Mudo meus quadris, ajustando o meu pau semiereto, que não consigo me livrar, então sinto seus dentes na parte superior da minha coxa.

— Sua louca... — Assobio por causa da dor latejante e agarro um punhado do seu cabelo loiro emaranhado, afastando sua cabeça da minha perna. Não deveria me excitar, mas porra, eu adoro uma garota mal-humorada. *Merda, sou mais doente do que eu pensava. Provavelmente preciso ficar longe como o inferno dela.*

Levanto-me e ela cai do meu colo para o chão. Antes que ela tenha a oportunidade de me atacar, a pego, e a atiro sobre o sofá em frente à minha mesa.

— Você realmente não sabe quando parar. Foda-se, eu estava sendo bom para você! — Digo enquanto pairo sobre ela, enxugando o suor da minha testa.

— Sim, eu vou apenas deitar e deixar você me matar, — diz ela com sarcasmo amargo.

— Quem diabos disse alguma coisa sobre matar você? Não foda comigo, e você não terá que se deitar e morrer. Droga! — Arrasto minha mão pelo meu rosto. Ela é a porra de uma dor na bunda. — Não faça um fodido movimento. Estou cansado de brincar com você.

Basta sentar-se aí. — Coço a minha testa a encarando, e ela desvia o olhar. Tenho certeza que ela está com medo de se mover agora.

Sento de novo na minha cadeira, olhando para ela e perguntando como diabos isso vai dar certo.

— Eu não tinha ideia de que ele estava envolvido nessa merda. — Seu rosto suaviza e sua cabeça cai no encosto do sofá. — Como eu pude não perceber?

Quanto mais tempo fico sentado aqui e olho para ela, mais forte a culpa começa a borbulhar para a superfície novamente. O profissional em mim sabe o que eu deveria fazer, mas essa outra minúscula parte de mim, que ainda tem alguma parte deformada de consciência, está gritando que eu não devo. Se ela fosse um homem, eu teria um dos meus homens apagando sua existência, mas é a porra de uma garota, e eu realmente prefiro não matá-la. Posso mentir, enganar, roubar, matar, posso fazer uma série de coisas terríveis sem pestanejar, contanto que não envolva uma mulher. E tão fodido como foi aquela confusão com a esposa de Joe, eu não posso fazer isso, mesmo que saiba que é provavelmente mais seguro para mim, não posso matá-la.

— Você só... — balanço a minha cabeça, — permaneça aí. — Estou na frente da minha mesa, em seguida, pego a garrafa de uísque, torço a tampa e a jogo no chão. Dirijo a garrafa para a minha boca e tomo vários goles do líquido, que queima enquanto olho para ela. Tomo mais um grande gole, em seguida, sento no chão e encosto contra a porta.

— Se você tentar sair, você vai ter que passar por mim. Eu tenho sido muito paciente até agora. Não me teste. — Levanto minha camisa para revelar a minha arma. — Só para você saber, se eu tiver que matá-la para obter a porra do meu dinheiro, eu vou.

Seu queixo cai no seu peito, e ela chora. E eu bebo. Bebo até que meus olhos quase fechem, porque não vejo solução para esta situação. Em algum momento ela cai no sono e eu continuo bebendo da garrafa, observando-a.

Ela está lá deitada, com os braços atrás das costas, cabelo emaranhado no rosto. Fico sobre ela, parando para observar sua respiração. Ela respira forte e, em cada exalar, seus seios sobem. Isso é uma coisa que me afeta, por algum motivo, observar uma mulher respirar, a forma como os seus seios sobem e descem, é um tesão, e o fato de suas mãos estarem atadas atrás das costas faz com que cada respiração seja mais trabalhosa e ligeiramente ofegante. *Foda-me!* Tenho que expulsar essa resposta automática que meu corpo tem por ela. Continuo olhando para ela por só Deus sabe quanto tempo, meu pau pressionando contra meu jeans. Eu não posso controlá-lo por mais tempo.

Consigo ficar de pé, mas apenas brevemente antes de cambalear e cair sobre minha mesa.

— Foda-se, — resmungo e agarro a faca que estava sobre a mesa. — Apenas foda-se! — Tropeço em direção a ela, perdendo o equilíbrio várias vezes antes de me ajoelhar ao seu lado no sofá. Encaro-a, sacudindo a faca na minha mão. Eu não deveria fazer isso, mas estou bêbado. Levanto a lâmina e deslizo entre seus pulsos, cortando a restrição. Aposto que até mesmo os filhos da mãe cruéis como eu têm uma fraqueza. *Foda-se, que inferno*. Esfrego minha mão sobre minha cabeça, deixando cair à faca no chão quando tombo na parede. Resolvi voltar à porta, e meus olhos ficam pesados. *Ótimo! O maldito quarto está girando*. Inclino a minha cabeça contra a porta e desmaio...

Capítulo 6

Victoria

Acordo e minha cabeça está pulsando. Meus ombros doem porque meus braços foram atados atrás das costas por muito tempo. Então percebo que minhas mãos não estão mais presas.

Eu não me lembro dele me desamarrando.

Sento-me rapidamente. Olhando para as minhas mãos, noto que meus pulsos estão marcados pelas restrições. Acredito que tenho só a mim mesma para culpar por isso, mas eu não iria morrer sem lutar.

Meus olhos giram em torno do pequeno cômodo. É escuro, a única luz vem de uma pequena lâmpada sobre a mesa. Não há janelas e as paredes estão nuas, com exceção de uma imagem de uma mulher despida disposta sobre uma prateleira repleta de garrafas.

A porta está à minha frente, e lá, caído contra ela no chão, está o homem. Sua cabeça está descansando em seu ombro, e ele não parece confortável.

Bom, espero que ele tenha torcicolo por vários dias.

Estudo seu perfil, observando como o seu peito sobe e desce em respirações pesadas. Ele é intimidante, dominante e assustador

como o inferno. Este homem é tão predatório como parece. Tudo sobre ele grita *ser mortal*. Eu não sei em que diabos Euan está metido, mas essa merda é grave.

Meus olhos escorregam para baixo por vontade própria, passando sobre seus largos músculos do peito. Eles deslizam mais para baixo, e é aí que noto o brilho ofuscante da arma em seu colo. Seus dedos estão enrolados firmemente em torno dela, seu dedo longe do gatilho. Merda, ele está planejando atirar em mim?

Lentamente fico de pé. Minha cabeça gira, mas consigo me equilibrar. Ando na ponta dos pés pela sala, observando-o para me certificar que sua respiração permaneça a mesma. Talvez eu possa apenas tirar a arma dele? *Merda, será que eu consigo?*

Vale a pena tentar. Agacho-me na frente dele, estendendo a mão com cautela. Ele não se move. Meus dedos encostam no metal frio da arma quando ele estica a mão agarrando meu pulso, apertando forte.

— Talvez você deva saber que eu tenho um sono muito leve, — ele sussurra sem abrir os olhos. Salto para trás e caio de bunda. Merda! — Boa tentativa, apesar de tudo. — Abrindo os olhos, ele se senta. — O que exatamente você estava tentando fazer, querida? Matar-me? — Seu olhar acusador se estreita em mim, e tento controlar as batidas do meu coração.

— Não, só escapar — sussurro.

— Humm, sei... — Seus olhos me fitam. — Eu desato você e você tenta me matar. Você vê o problema que isso me traz?

— Eu não ia tentar matá-lo. Não sou uma assassina — bufo.

— Você ficaria surpresa com o que as pessoas fazem para sobreviver, — diz ele em voz baixa.

Ele rasteja até mim, a arma agarrada na sua mão, o que me deixa nervosa, para dizer o mínimo. Seus lábios abrem em um sorriso. Ele é como um animal perseguindo sua presa, brincando com ela.

LP LOVELL STEVIE J. COLE
Wrong

— Você realmente deveria olhar para essa situação particular como eu sendo o seu salvador. Eu não raptei você. Provavelmente vou foder meu próprio empregado estúpido por ter arrebentando seus lábios.

Meu salvador! Ele está falando sério agora? Minha vida foi dada em troca de uma maldita dívida para este homem, que claramente tem a moral de um gato de rua. Não sou a porra de um objeto para ser negociado e trocado à vontade!

— Oh, me poupe das suas besteiras de cavalheiro — eu o interrompo. — Você vai espancar seu cara porque ele é um idiota. — Minhas mãos estão tremendo enquanto tento me arrastar para longe dele. Eu sei que deveria ter cuidado quando falo com ele, mas, honestamente, se quisesse me matar, ele já teria feito isso.

Sua respiração se intensifica e ele continua:

— ...e eu não matei você, embora provavelmente devesse, vendo como você apenas tentou roubar a minha arma.

Ele está se movendo lentamente, furtivamente. Tudo o que posso pensar é o quanto seus movimentos se assemelham a um grande gato. Este quarto maldito é tão escuro, o que não ajuda em nada. Seus olhos frios se fixam nos meus, me fazendo recuar ainda mais. Para cada centímetro que me movo para trás, ele parece avançar dois. A última coisa que eu quero, é ele perto de mim.

Zombo nervosamente.

— Você não acha que está sendo um pouco dramático? — Tento manter o meu nível de voz, mas ela vacila sob aquele olhar verde escuro. Honestamente, eu nem saberia como disparar uma arma. Um olhar para sua expressão, e percebo que disse a coisa errada.

Seus olhos se estreitam quando ele rosna. Posso sentir o cheiro do uísque em seu hálito quando ele respira próximo ao meu rosto. Entro em pânico. Eu não sei por que faço, mas por instinto o ataco, batendo-lhe no rosto. Sua cabeça se vira um pouco para o

lado antes do seu olhar se voltar para o meu, e um sorriso doente torce seus lábios.

— Porra de movimento errado, querida.

Oh, Deus. Acho que vou vomitar. O olhar em seu rosto me diz que eu estou ferrada agora.

— Sinto muito! — Digo, mas é tarde demais. Pensei que ele era um idiota ontem, mas isso não é nada comparado a isso. Ele vai me matar. Eu sei disso.

Um músculo em sua mandíbula treme e a próxima coisa que sei é que estou de costas. Ele me empurra violentamente para o chão, seu grande corpo me prendendo. Sua mão envolvendo em torno de minha garganta, me pressionando impiedosamente nas tábuas do assoalho de madeira. Suspiro em pânico, lutando contra a sua contenção. Quanto mais eu me esforço, mais ele aperta os dedos.

— Você não tem ideia de com quem está fodendo, menina. — Ele inala, o silvo do ar saindo por entre os dentes cerrados. Aqueles olhos gelados me perfuram com sua fúria, e ele se inclina até que seu rosto esteja a centímetros do meu. — Se você fizesse, saberia que não sou uma pessoa que você devesse provocar.

Sinto seus dedos pressionarem minha garganta um pouco mais, e o peso do seu corpo em cima de mim quase me sufoca. Tento respirar desesperadamente, enquanto meus pulmões começam a vacilar.

Meu pulso acelera, martelando em minhas veias quando o medo me consome. Ele vai me matar, bem aqui, agora. Vou morrer em seu porão e ninguém nunca vai me encontrar. Meus sentidos são intensificados, posso ouvir cada respiração ofegante que consigo puxar ecoando através dos meus ouvidos, e tudo que posso sentir é o cheiro dele. O cheiro de terra, de seu suor e do seu perfume misturado com um toque de uísque, fazem meu estômago enrolar. Tudo o que posso pensar é que eu prefiro que ele atire em mim a me estrangular. Eu prefiro sangrar a ter a vida sufocada de mim.

Ele se move até que seus lábios estão quase na minha orelha.

— Eu sou aquele tipo de cara que seu pai lhe alertou. — Ele sibila, o calor da sua respiração tocando o meu pescoço, me fazendo tremer aterrorizada. — Sou o homem que você reza para nunca encontrar em um beco escuro na noite errada. Não confunda a minha piedade com fraqueza. Eu posso colocar uma bala em seu crânio sem um segundo pensamento do caralho. Você me ouviu?

Esperneio debaixo dele, tentando tira-lo de cima de mim com o meu desejo básico de sobreviver. Seus dedos se contraem em torno de minha garganta e agarro em seus braços, tentando puxá-lo para longe. É claro que é inútil. Ele deve ter, pelo menos, três vezes o meu peso, mas meus instintos de sobrevivência estão determinados a dar-lhe um golpe bem sangrento. Seus olhos travam com o meus, inflexíveis, implacáveis e gelados. Adrenalina inunda minhas veias, minha respiração falha, minha visão nubla.

— Você está me ouvindo? — Ele rosna na minha cara. Suspiro e tusso sob a pressão de seus dedos, dando um pequeno aceno de cabeça. Ele aperta novamente e manchas escuras nublam minha visão acompanhadas de um baixo zumbido nos meus ouvidos. Estou prestes a perder a consciência. De repente, ele libera a pressão e seu peso se foi.

Rolo meu corpo, em busca de oxigênio para meus pulmões. Engasgo e começo a tossir violentamente. Meus olhos estão ardendo e sinto quando lágrimas começam a escorrer pelo meu rosto. Minha garganta está gritando de dor, e meu peito dói. Eu nunca estive tão assustada na minha vida. Por um segundo, eu realmente pensei que ele iria me matar. É preciso ser um determinado tipo de pessoa para sufocar a vida fora de alguém. Atirar em alguém é uma coisa, mas estar tão perto, observando o pânico em seus olhos... Estou lidando com um monstro. Levanto minha cabeça, ele se inclinou sobre a mesa com as mãos apoiadas no tampo e com a cabeça abaixada. Ele parece tão calmo.

— Merda! — Ele grita, me fazendo pular.

Rastejo para longe dele até que bato contra a parede. Eu o olho com cautela, meu peito arfando enquanto ele começa a andar na frente de sua mesa.

Ele levanta a cabeça e se move em minha direção, parando diretamente na minha frente.

— Vamos. — Ele gesticula para eu ficar de pé, e eu faço, mas mantenho minhas costas contra a parede o tempo todo.

Ele olha-me com cuidado, seu olhar passa rapidamente pela minha garganta antes dele desviar.

— Vamos lá, — ele grita. Eu faço como ele diz, porque, honestamente, a última coisa que quero fazer é irritá-lo.

Afasto-me da parede e cuidadosamente o sigo para fora do escritório. Tudo o que posso fazer é olhar para ele. Ele é tão grande, sua estrutura enche o corredor. Seus ombros são rígidos, seus passos duros enquanto anda através da casa. Quando a mão alcança o bolso, eu tremo, temendo que ele mude de ideia e vá atirar em mim.

Ele pega um telefone e o leva ao ouvido.

— Desça para o quarto de hóspedes, agora! — Ele rosna. De repente, me sinto muito triste pela pessoa na outra extremidade. Aparentemente, sua atitude de me tratar como merda não é pessoal.

Eu quase tenho que correr para segui-lo enquanto percorre um conjunto de escadas, e, em seguida, ao longo de outro corredor. No final de um corredor, chegamos a uma porta. Ele a empurra aberta, dando um passo para o lado para me deixar entrar. Mantenho meus olhos no chão, incapaz de olhar para ele.

Oh, Deus, será que isto é uma câmara de tortura ou algo assim?

Espio dentro da sala e encontro uma cama de casal, uma cômoda, uma TV. É apenas um quarto, ou talvez uma cela de prisão.

Passos apressados ecoam pelo corredor, seguidos por uma voz sulista profunda do sexo masculino.

— E aí, como vai?

— Eu tenho um trabalho para você além de me trazer a porra do meu uísque — Jude vocifera.

Mantenho minha cabeça baixa, mas o espio entre meus cabelos. Sua mandíbula se aperta enquanto ele mantém seus olhos em mim.

— Você vai vigia-la — Ele aponta para mim. — Não a deixe escapar. Nenhum telefonema. Não pode confiar nela. Entendido?

— *Ela*? Uma menina? Você quer que eu vigie uma menina? Por que uma menina está aqui?

— Tem algum problema com isso? — Seu tom é cortante.

— Não — o outro homem responde rapidamente.

Ouço a porta se fechando. Sabendo que ele se foi, levanto minha cabeça e encontro um cara novo parado na porta. Ele olha para mim por debaixo de seus longos cabelos castanhos.

— Hey — Ele sorri timidamente e esfrega a mão na parte de trás do seu pescoço. Ele não é como Rich, ou o outro cara. Ele é apenas um garoto. Ele deve ter um pouco mais de vinte anos.

— Hey — digo baixinho. Se for ficar trancada em um quarto com um desses caras, prefiro que seja com esse garoto.

Ele fica na frente da porta fechada por um longo tempo antes de falar.

— Foda-se! — O som de gritos psicóticos é seguido por um baque forte que abala a parede. Eu salto e o garoto permanece completamente imperturbável.

— Humm, eu sou Caleb — ele me diz. Ele está olhando para mim como se nunca tivesse visto uma mulher antes... e talvez não tenha.

Eu o encaro, o estudando realmente.

Engulo.

— Ria. Eu diria que é um prazer conhecê-lo, mas, bem, você sabe, sequestrada e tudo mais.

Ele franze a testa, parecendo completamente confuso.

— O quê? Jude sequestrou você? Jude? — Ele balança a cabeça e, em seguida, retorna seu olhar para mim como se não tivesse a menor ideia do porque isso tinha acontecido comigo. — Isso é fodido — ele murmura, e seus olhos caem para o chão.

Esse cara pode muito bem ser a minha única esperança...

LP LOVELL STEVIE J. COLE
Wrong

Capítulo 7

Jude

Fecho a porta, gemendo, enquanto esfrego minhas mãos pelo meu rosto. Eu quase caminhei para o fim do corredor antes da minha raiva levar o melhor sobre mim.

— Porra! — Grito, puxando o punho para trás, e batendo através da parede. Dor se espalha pelo meu braço e assisto à enxurrada de detritos caindo. Balanço minha cabeça e respiro uma lufada de poeira. Esta é uma merda fodida que Richard me meteu, e vou espanca-lo até se mijar por isso.

Em cada nível do caralho, mulheres são uma fraqueza minha. E isso é algo que a maioria das pessoas que me conhece está consciente.

Subo as escadas para o meu quarto, furioso. Chuto para abrir a porta e puxo a camiseta preta sobre a minha cabeça. Agarro a borda da cômoda, inclino, e olho para o meu reflexo. Há uma marca de mão raivosa na minha bochecha esquerda e vários vergões em meus braços, onde ela agarrou-me em uma tentativa lamentável de me tirar de cima. O olhar de medo absoluto grudado em seu rosto quando eu a prendi debaixo de mim e as marcas em sua garganta vem em flashes pela minha mente, e tenho que fechar meus olhos.

Ela me bateu e eu, simplesmente, enlouqueci. O que ela esperava? Aperto a borda da cômoda com tanta força que meus dedos ficam brancos.

Coloco minha camisa, me ajeito e em seguida pego o meu Colt 45 no caminho para fora da porta.

Passo pelo quarto em que a menina e meu irmão estão trancados, paro e bato o meu punho na porta.

— Caleb? Amarre-a no momento em que você for levá-la para mijar, entendeu?

— Sim, Jude. Entendi — ouço ele gritar através da parede.

E acrescento.

— Não é para você ficar olhando!

Balanço minha cabeça. Caleb deve se divertir lidando com isso, só me preocupo porque ele é malditamente agradável. Ela é, infelizmente, uma mulher atraente, e metade dos caras nesta casa são malditos Neandertais[3]. Caleb é o único com autocontrole suficiente para não tocá-la. Inferno, eu mal tive controle suficiente ontem à noite. Ela é um inferno de uma mulher, com um sotaque que faz um som sensual e uma boca inteligente. Tudo nela está apenas pedindo para ser fodido.

Passo pela sala, olhando os caras colados à televisão.

— Ela não sai, e ninguém fode com ela, entenderam? — Aponto para Bob em particular.

Eles acenam em concordância e eu saio, tirando ela da cabeça enquanto penso nos negócios.

[3] Homens das cavernas.

Capítulo 8

Victoria

Estou neste quarto com Caleb por quase três dias. Começo a me perguntar o que diabos está acontecendo. Três dias, disse Euan. Três dias e ele deveria pagar o dinheiro, e eu estaria livre. Mas não confio exatamente na palavra de um cara que vende a sua própria namorada para um bando de criminosos como garantia. Não vou fingir que não estou ferida, eu estou. Nunca diria que Euan é o amor da minha vida ou nenhuma dessas merdas, mas pensei que ele se importava comigo, me respeitasse. Pensei que ele era um cara decente. Como eu estava errada. O pânico está começando a tomar conta de mim, sinto como se as paredes estivessem se fechando a minha volta. Eu tenho que sair dessa prisão.

Merda, e se eu nunca sair daqui? E o meu emprego? Minha vida? E se eles me matarem? É a indefinição que está me matando, o não saber.

Olho para Caleb, esparramado casualmente em frente à pequena cama de casal. Ele está vestindo uma camisa de futebol e continua intermitentemente gritando com a TV, assistindo a algum jogo. Ele está completamente absorvido nela. Eu o estudo cuidadosamente. Ele é um garoto de faculdade tipicamente americano, com cabelo desgrenhado e olhos escuros. Ele é agradável

de olhar, embora ainda seja um pouco magro para sua altura, mas já posso ver que vai crescer.

Odeio admitir isso, mas ele parece bom. Ele não me fez nenhuma ameaça de morte. Parece realmente preocupado com meu bem-estar, mesmo que ele claramente não tem ideia do que realmente fazer comigo. Realmente não tenho falado muito com ele desde que começamos a ficar trancados aqui. Eu não vou conversar com um cara que está ajudando meu captor. Ele não parece incomodado, embora. Ele é perpetuamente alegre, constantemente tentando me alimentar, sempre me perguntando se quero assistir a um filme. Ele está me cansando, mesmo sem fazer qualquer maldita coisa. Sinto que estou ficando louca. Ele, obviamente, trabalha para o psicopata maníaco, mas ele não se encaixa em uma gangue de bandidos assassinos como Jude e Rich. Por que ele está aqui?

— Sim! — Ele grita para a TV.

Estou sentada no chão, de costas para a parede, tentando o meu melhor para bloquear o tumulto irritante da TV.

— É realmente necessário você assistir isso aqui? Você não pode ir para um outro quarto? — Bufo.

Ele balança a cabeça, seus olhos nunca deixando a TV.

— Não posso fazer isso, pintinho. Tenho que ficar com você, mas eu também tenho cinco mil apostados nesse jogo. Não vou perdê-lo de jeito nenhum.

— Você sabe que apostar é um jogo de tolos, certo?

Ele me pisca um largo sorriso, juvenil.

— Não quando você é um gênio em estatística. É tudo sobre risco calculado.

— Você é um gênio em estatística, realmente? — Pergunto sarcasticamente. Ele se parece com um quarterback[4]. O cara atraente, com nada acontecendo entre as orelhas.

— Eu não — ele ri. — Jude. Ele sabe exatamente quais probabilidades estão a seu favor. Ele é bom no que faz. Muito bom.

Franzo a testa, porque não tenho ideia do que diabos ele está falando, mas eu não quero falar sobre esse bastardo.

Mantenho a conversa.

— Então, você tem planos para sua vida, além de trabalhar para o brutamonte fodido? — Estou realmente curiosa. Eu não consigo evitar, mas acho que ele é melhor do que isso.

Ele olha para longe da TV novamente e ergue uma sobrancelha para mim.

— Eu sou um paramédico — diz ele, chocando a merda fora de mim.

— Uau, ok. Então, por que diabos você está trabalhando para Jude?

— Você é intrometida. — Sua atenção se volta para o jogo. — Eu não trabalho para ele, bem, não realmente. Ele é meu irmão. Eu só ajudo. Toda essa confusão só vem com ser parte da família.

Suspiro.

— Você é realmente parente dele? — Pergunto incrédula.

Ele balança a cabeça, ainda sem olhar para mim.

Que diabos? Como na terra ele e Jude podem possivelmente compartilhar a mesma composição genética? Jude é perigoso e assustador pra caralho, enquanto Caleb é quase doce. Não sei, talvez isso seja só o que eles querem que eu ache. Talvez ele seja tão ruim quanto seu irmão. Olho para o seu rosto de menino, e simplesmente não consigo encontrar até mesmo uma fração do medo que sinto em

[4] Jogador ofensivo, líder do time de futebol americano.

relação à Jude. Agora que ele disse isso, porém, vejo a semelhança em suas feições. A linha de sua mandíbula, o conjunto do nariz, largo e reto.

— Que pena para você — murmuro, puxando minhas pernas para o meu peito.

Ele sorri.

— Sabe, você realmente não deve julgá-lo. Você não o conhece.

— Ah, então ele é realmente um cara muito legal, eu só o peguei em um dia ruim?

Ele olha diretamente para mim, seus lábios pressionados juntos.

— Não penso assim.

— De qualquer maneira — seu olhar torna-se cada vez mais severo — você precisa se controlar em torno dele. Ouvi dizer que você já o irritou depois de apenas algumas horas. Não é bom, pintinho. Ele não é conhecido por sua paciência, e tem um inferno de um temperamento. — Seus olhos vão para o meu pescoço, onde sei que já apareceram hematomas profundos, o meu próprio lembrete de quão mal-humorado Jude pode ser.

— Sim, eu notei. — Faço uma observação.

— Sim! — Ele grita de novo, punho levantado enquanto sorri para a TV.

Olho para os jogadores e vejo um mar de púrpura e ouro enlouquecido.

— Eles ganharam? — Pergunto, porque realmente não tenho ideia do que está acontecendo.

***

Ele sorri para mim.

— Só dupliquei a minha aposta e ganhei dez mil — Ele rola para fora da cama. — Isso é o que acontece quando você tem um agenciador de apostas como irmão!

Probabilidade, estatísticas. Claro. Um apostador profissional! Oh merda. Ele é legitimamente um mafioso do jogo. Puta merda.

No momento em que a noite chega, estou subindo pelas malditas paredes. Estive andando pelo pequeno quarto pela última meia hora.

— Você quer algo para comer? — Caleb pergunta, estendendo-se ao lado da porta.

Franzo as sobrancelhas.

— Não, eu não quero comer. Quero ir para casa!

Ignorando meu pedido, ele suspira.

— Você vai ter que comer alguma coisa, ou você vai ficar em apuros. Já se passaram três dias. Você já deve estar morrendo de fome.

Gemo e volto a caminhar próxima a cama. Não vou ficar aqui como uma fodida convidada. Eu não quero estar aqui, e certamente não vou comer sua comida como uma boa prisioneira. Prefiro morrer de fome.

Ele bufa e cruza os braços sobre o peito.

— Certo, tudo bem. Estou indo até o térreo pegar um pouco de comida. Vou trazer-lhe alguma, no caso de você mudar de ideia.

Ele se vira e sai do quarto, fechando a porta atrás dele. Ouço o clique quando ele tranca do outro lado. Quarto de hóspedes minha bunda. Que tipo de quarto tem uma fechadura apenas do lado de fora da porta? Estes quartos são apenas glorificadas celas de prisão.

Assim que ele se foi, eu vasculho o quarto, procurando freneticamente em todas as gavetas, debaixo da cama... deve haver

algo aqui que eu possa usar como arma. Olho para a cadeira no canto. Talvez eu possa quebra-la e tirar uma perna ou algo assim. *Que porra é essa?* Como se eu fosse forte o suficiente para quebrar uma cadeira. Quem é que eu acho que sou, o Incrível Hulk?

Finalmente desisto. Não há absolutamente nada aqui que possa me ajudar. Ouço a fechadura virando novamente e olho para cima para ver Caleb caminhando.

Ele está carregando um prato com um sanduíche nele.

— Ok, última chance, Ria. Tem certeza de que não vai comer?

Olho para ele.

— Não obrigada.

Ele dá de ombros e se move para o lado. Detecto um movimento por cima do ombro. Olhando em volta dele, acho Jude de pé na porta, apoiando as mãos em ambos os lados da moldura de madeira acima de sua cabeça. Suas mãos estão agarrando a armação com tanta força que seus bíceps tensionam com esforço. A posição faz a sua camisa se elevar um pouco, revelando uma tira de pele bronzeada acima da cintura da calça jeans. Posso ver o corte das profundas linhas V mergulhando em seus jeans.

Desvio meu olhar para longe de seu corpo e encaro o rosto dele, que é definido em uma máscara de indiferença fria quando ele me vê olhando para ele.

— Eu acho que você quis dizer que está indo comer — diz ele, com a voz baixa e profunda, retumbando sobre os meus sentidos e fazendo a minha pele se arrepiar. Sua presença envia uma injeção de adrenalina em minhas veias e meus instintos me dizem para correr, mas não há para onde correr.

— Eu não estou com fome — digo em voz baixa. Sinto que há uma bomba no quarto e que está prestes a explodir a qualquer minuto. Essa bomba seria Jude. Ele tem essa calma assustadora, que é mais aterrorizante do que qualquer gritaria.

Jude ri. Seus braços escorregam para baixo do batente da porta quando ele inclina a cabeça. Sacudindo-a, ele olha para mim, estreitando os olhos, com um canto de seus lábios cheios de sarcasmo.

— Fodida resposta errada!

Oh, merda. Começo a me afastar antes mesmo dele se mover da porta.

Ele dá um passo para frente, rapidamente fechando o espaço entre nós quando seus olhos se prendem aos meus.

— Eu não perguntei se você estava com fome. — Ele dá outro passo mais perto de mim, até que eu posso sentir o calor de seu corpo elevando-se sobre mim. — Deixe-me esclarecer para você. Você... — Outro grande passo, e ando para trás. — vai... — Em seguida, outro passo. — comer! — Ele mergulha a cabeça para encontrar os meus olhos. — Você entendeu? — Vejo quando ele volta ao prato de Caleb e pega o sanduíche.

— Você não pode me fazer comer. — Encaro-o de baixo, enquanto aprumo meus ombros em uma tentativa de fazer o meu corpo parecer maior, diante de sua presença volumosa.

Um riso lento faz burburinhos em sua garganta.

— Eu posso fazer qualquer coisa que queira com você, porra.

Ele continua andando na minha direção, e continuo a me afastar até que estou contra uma parede. Este parece ser um tema comum, ele me perseguindo até que estou contra uma parede.

— Jude — advirto, mas ele não presta atenção ao meu argumento.

— Mulher, coma o maldito sanduíche antes que eu o empurre para baixo na porra da sua garganta — Ele o segura na frente do meu rosto.

Ele não faria isso. Recuo ainda mais, até que estou espremida contra a parede.

LP LOVELL STEVIE J. COLE
Wrong

— Porra.

Ele me segura enchendo de sanduíche minha boca. Na verdade, forçando para dentro! Filho da puta!

— Foda-se, mastigue e engula — diz ele.

Ele poderia ser um babaca maior se tentasse?

Mastigo só porque tenho medo de que ele realmente vá forçar minha boca a abrir e fechar, mas fico de cara feia para ele o tempo todo.

Ele se vira para Caleb.

— Quanto tempo faz desde que ela comeu?

Caleb dá de ombros.

— Ela não comeu nada desde que está comigo.

Jude soltou um rosnado baixo.

— Eu lhe disse, caralho, para você tomar conta dela!

— E eu tomei... o que você quer que eu faça? Não vou forçá-la a comer. — Ele dá de ombros e se inclina contra a parede oposta.

— Deus, você é um idiota — ele resmunga, antes de voltar para mim. Ele se inclina para mais perto de mim até que eu possa sentir o calor de seu corpo, sua respiração na minha bochecha, o peso de sua mão ao redor do meu pescoço, me segurando no lugar. Ele está tão perto que sua presença bloqueia tudo. Rendo-me automaticamente sob o seu toque quando minha respiração trava no meu peito.

— Não me faça ter que lidar com você, Victoria. — A maneira como ele diz meu nome faz algo dentro de mim se apertar. O que diabos há de errado comigo? Seu polegar escova a minha garganta. — Eu realmente odiaria marcar a sua pele bonita novamente. — Sua voz é gutural e áspera, mas seu toque é suave. Meu coração martela contra minhas costelas como um animal raivoso. O que diabos ele está fazendo comigo? Estou com medo dele, mas parte de mim quer

que ele coloque as mãos em mim. Seu toque é quente e, ouso dizer, reconfortante?

Oh meu Deus. Eu acho que estou tendo algum tipo de ruptura psicológica! Talvez estar presa neste quarto me fez delirante. Franzo a testa e afasto meu rosto do seu toque. Ele bufa uma pequena risada, claramente entretido por meu estado de espírito deformado.

Ele se afasta e caminha até a porta. Ele segura a maçaneta, em seguida volta-se para seu irmão e aponta o dedo indicador para o meio da testa de Caleb.

— Porra, você tem que vigiá-la! Se tiver que amarrá-la, mastigar a porra da comida como um pássaro mãe por ela e cuspi-la em sua boca, faça isso, mas ela tem que comer!

— Você é uma porra de um psicopata! — Estalo, estreitando meus olhos para ele.

Sua cabeça gira para mim.

— Você nem tem ideia, menina.

Apontando para Caleb uma última vez, ele abre a porta.

— Não foda isso. — Então se afasta, saindo do quarto. A porta bate forte, fazendo tremer a fotografia na parede. Ouço o clique da fechadura sendo trancada.

Como a metade do estúpido sanduíche, porque a última coisa que eu quero é que o Sr. Personalidade volte aqui. Sento-me na cama, de costas para a cabeceira, com os meus cotovelos apoiados nos joelhos.

— Tentei avisá-la — diz Caleb, descansando na cama ao meu lado.

— Eu sei — digo em voz baixa. Minhas mãos estão tremendo e posso sentir meus olhos cheios de lágrimas. Pelo amor de Deus. O desespero da situação finalmente está batendo em mim. Eu sei qual vai ser meu destino. Aconteça o que acontecer, eles não vão me

deixar sair daqui sabendo tudo o que eu sei sobre a sua empresa criminosa.

— Eu nunca vou sair daqui, vou? — Digo. — Ele vai me matar.

— Não, ele não vai te matar. — Ele balança a cabeça com firmeza.

Várias lágrimas deslizam pelo meu rosto e me inclino para frente, descansando minha testa em meus joelhos em uma tentativa de esconder o meu rosto. *Eu não posso chorar*. Chorar não resolve nada.

— Ah, merda — ele geme, e sinto seu braço rodeando os meus ombros quando me puxa para o seu lado. Ele não diz nada, apenas se senta comigo.

— Eu pensei que você fosse legal — falo, tentando mudar de assunto e controlar minhas lágrimas patéticas. — Você me entregou lá fora.

Ele revira os olhos.

— Não me venha com essa merda. Você tem que comer, sabe?!

— Então você contou ao Sr. Fodido? — Me afasto um pouco dele.

Eu gosto de Caleb, e, estranhamente, confio nele, mas não posso me dar ao luxo de me apegar. Ele pode ser o rosto amigável desse bando, mas ele ainda está me mantendo como refém.

Ele dá de ombros.

— Se você ficar doente é a minha bunda que ele estará chutando.

— OK. Eu vou fazer um acordo com você — digo.

Ele aperta os olhos.

— Oh, não mesmo. Sem acordos.

— Mas você nem sequer sabe qual é o acordo.

Ele ergue uma sobrancelha.

— Eu não preciso fazer um acordo, você é uma refém. Eu deveria ser o que oferece opções, e não o contrário.

— Puxa, obrigada por apontar isso para mim. Como se eu já não soubesse — resmungo.

Nós sentamos em silêncio por alguns momentos, então escuto ele suspirar, logo seguido por um gemido.

— Que acordo?

— Se você quiser que eu faça alguma coisa, basta me dizer. Eu farei qualquer coisa, *qualquer coisa*, para evitar ter que lidar com ele.

— Ele assusta você, hein? — Seus olhos castanhos me estudam.

Concordo.

— Sim.

— Ok, mas, só para você saber, nós não lidamos com mulheres. Nós não as fazemos reféns, então nenhum de nós realmente sabe como lidar com isso. Isto não é como ele é. Ele é normalmente mais... tolerante com as mulheres — explica. — Eu vou tentar mantê-lo longe de você.

Dou um pequeno sorriso.

— Obrigada, Caleb — Não tenho muita esperança, no entanto. Jude parece tratar Caleb apenas um pouco melhor do que ele me trata.

— Você é uma dor na minha bunda — ele murmura, rindo.

***

— Por favor, podemos sair deste quarto? — Lamento.

Quatro dias. Nós estamos neste quarto por quatro dias. Há um banheiro com um vaso sanitário e uma pia, mas sem chuveiro. Caleb deu-me uma de suas camisas e um par de shorts de basquete ontem, porque sentiu pena de mim, mas eu realmente não cheiro bem. Aparentemente, os reféns não podem tomar banho. Pelo menos eu não vi Jude desde o nosso pequeno incidente do sanduíche.

Caleb toma uma respiração profunda e me lança um olhar exasperado.

— Por favorzinho. — Bato meus cílios para ele.

— Pare. Você está envergonhando a si mesma.

— Caleb! Eu vou ficar louca se você não me deixar sair destas quatro paredes.

— Jesus Cristo. Você é uma dor no meu rabo, garota. — Ele esfrega a parte de trás do seu pescoço. Posso dizer que ele está considerando. Seus olhos levantam do chão e se fixam em mim. É óbvio que ele está tentando parecer durão e intimidante com aquele olhar, e quase funciona, mas passei tempo demais com ele para me sentir ameaçada. — Vou levá-la para fora — diz ele, — mas você tem que ficar perto de mim. Porra, Jude vai me crucificar se souber que eu deixei você sair daqui, ok?

Aceno com entusiasmo.

— Ok.

Ele lança um último olhar quase ameaçador para mim, e então sinaliza para eu segui-lo para fora do quarto. Nós fazemos o nosso caminho pelo corredor e descemos as escadas. Eu não tenho ideia para onde estamos indo. Examino tudo, tentando memorizar um esboço da casa.

Ele me leva para a cozinha.

— Você quer algo para comer? — Não perco a maneira como seus lábios torcem quando ele diz isso. Desgraçado.

LP LOVELL STEVIE J. COLE
Wrong

— Ha, ha, porra.

— Apenas checando — Ele sorri e pega um pacote de batatas fritas do armário antes de me levar de volta para fora da cozinha. — Vamos.

Nós andamos por um corredor até que chegamos a um hall de entrada. Um hall de entrada com uma grande porta com vitral, a mesma porta por onde eu entrei. Ele continua andando, atravessando todo o corredor até uma sala de estar. Há várias TVs de tela plana, todas desligadas. Caleb pega o controle remoto e liga uma delas. Vejo uma oportunidade, e aproveito. Eu não penso, só ajo por instinto. Não vou morrer nesta casa. Pego um abajur de uma das mesas laterais e acerto a parte de trás de sua cabeça.

Cacos de porcelana pulverizam por toda a sala, e Caleb agarra a parte de trás de sua cabeça.

— Foda-se! — Ele ruge.

Antes que ele possa se recuperar, eu chuto as suas bolas. Suas mãos agarram entre as pernas quando ele tosse e cai de joelhos com um baque.

— Sinto muito. Eu sinto muito! — Grito quando já estou correndo para fora da sala.

Corro direto para o hall de entrada e escancaro a porta da frente. Eu não paro. Continuo correndo. Avisto pela minha visão periférica dois homens à esquerda da porta. Foda-se. Eu prefiro morrer tentando do que simplesmente desistir. O cascalho da garagem machuca meus pés descalços, mas não me importo. *Basta continuar a correr!*

— Porra, não atirem nela! — Ouço a voz de Caleb em algum lugar atrás de mim. — Não atirem! — Ele parece em pânico e não sei se é porque Jude tem o seu traseiro na reta, ou se é porque estes dois homens têm rifles voltados para a parte de trás da minha cabeça, mas eu realmente não me importo. Tudo o que posso focar neste exato momento é dar o fora daqui.

Posso ouvir os passos se aproximando de mim. Quero gritar de frustração quando me esforço para correr um pouco mais rápido. Posso ouvi-los chegando mais perto e mais perto, até que de repente um peso se joga nas minhas costas, me levando a tropeçar para frente e cair no chão. Minha testa bate no gramado, fazendo os meus dentes rangerem juntos no momento do impacto. A próxima coisa que eu sei é que algum homem está me prendendo e puxando meus braços atrás das costas. Ele mantém ambos os meus pulsos em uma mão e me puxa para cima por eles, forçando meus ombros, até parecer que estão prestes a ser arrancados de suas juntas.

— Isso — o homem está ofegante de correr atrás de mim — foi uma coisa muito estúpida de se fazer, — ele rosna no meu ouvido. Agarrando o meu cabelo, ele sacode minha cabeça para trás. — Anda, caralho.

Ele me empurra de volta para a casa. Caleb está em pé na varanda ao lado de outro cara que está sacudindo a cabeça. O rosto de Caleb está branco, e ele está curvado. Culpa me dilacera instantaneamente.

O cara me faz a subir os degraus, e todo o tempo Caleb me olha. Eu abro a boca e peço desculpa para ele, enquanto estou sendo arrastada para a sala de estar e sendo forçada a sentar no sofá.

— Alguém me joga uma corda, — o cara me segurando late.

Poucos minutos depois, estou amarrada e amordaçada. Mais uma vez.

Caleb está passeando na minha frente, roendo as unhas enquanto agita continuamente sua cabeça. Merda. Isso, não vai ser nada bom.

Capítulo 9

Jude

Lavo o sangue das minhas mãos que escorre pelo ralo.

— Estúpido da porra — digo, quando seco minhas palmas na minha camisa. — Deveria ter escolhido melhor do que trazer uma pessoa de merda para mim como garantia.

Verifico o espelho para me certificar de que não há sangue em qualquer uma das minhas roupas. Não quero entrar no bar parecendo com um psicopata. Suavizo as rugas em minha camisa e saio do banheiro. No meu caminho para fora, encontro Richard ainda deitado no chão, gemendo, com o rosto pingando sangue. Paro perto dele e o cutuco com minha bota.

— Você não vai fazer algo estúpido como isso de novo, hein?

Um gemido baixo sai de seus lábios sangrentos.

— Responda-me!

— Não.

Concordo com a cabeça e caminho até a porta.

— Você tem sorte que é meu primo. Se não essa merda teria custado a sua vida. Quando você tirar suas bolas da garganta, vá

LP LOVELL STEVIE J. COLE
Wrong

fazer a porra do seu trabalho do jeito que deve ser feito, pelo menos uma vez na vida.

***

O barulho do bar desaparece ao fundo. Minha cabeça está nadando com o que Marney disse.

— O quê? — Faço uma pausa, deixando que suas palavras realmente penetrem. — O quê?

— Eu disse... — ele inclina-se sobre a sua cerveja, seus olhos correm para o lado como se estivesse com medo que alguém pudesse ouvir. — ...que acho que criaram uma armadilha para você.

Torço a bebida na minha mão, limpando a condensação do copo enquanto olho no vidro quase vazio.

— Esta indústria não é tão certinha quanto às pessoas gostam de fazê-la parecer. Você não pode confiar em ninguém.

Eu realmente só quero que ele se cale. Ferrei tudo. De alguma forma, eu deixei passar alguma coisa ao verificar Euan para me certificar de que ele era seguro para apostar.

— Você tem certeza que eles estão relacionados? — Pergunto.

Marney acena com a cabeça e leva o copo aos lábios. Ele pega um punhado de nozes e enche sua boca, esmagando-as por alguns segundos. Bate seu dedo sobre o papel que trouxe com ele e engole.

— Os registros não mentem.

Olho para a folha e leio os nomes. Como diabos eu não percebi que Euan é sobrinho de Joe Campbell? Dentre as pessoas que eu poderia ter deixado algo passar, tinha que ser alguém relacionado com Joe.

— Ah — Marney diz quando rouba o papel da mesa, dobrando e empurrando-o no bolso da camisa. — Imagina quanto tempo levou para eu cavar essa merda? Essa família muda de nomes e registros como uma prostituta muda de homens. O anonimato é a melhor maneira de permanecer sob o radar. Você só teria encontrado se estivesse procurando essa relação, e ainda levaria uma semana para descobrir isso.

Abaixo minha cabeça, passando os dedos sobre meu couro cabeludo enquanto olho para o balcão desgastado do bar. A percepção do que possivelmente terei que fazer com a garota, me consome. Ela cruzou uma linha que não me deixa escolha a não ser tirar sua vida.

Marney pigarreia, toma sua bebida de novo, em seguida, bate o copo em cima do balcão.

— Agora, se a menina sabe alguma coisa é outra questão. Joe é inteligente. Eu não duvido que ele tenha falado para o burro estúpido fazer uma aposta ruim com seu grupo e, em seguida, sugeriu que oferecesse a garota como garantia, prometendo arrumar o dinheiro para ele. — Ele continua, empurrando outro punhado de nozes em sua boca. — Mas você tem que ser muito cuidadoso. Você estará sendo caçado de uma forma ou de outra.

Estou tão enojado que tudo o que posso fazer é acenar com a cabeça. Fico olhando por cima da cabeça de Marney, me desligando por um segundo.

— Sim, eu sei. Eu acho que deveria ter matado Joe em vez de tentar fazê-lo sofrer.

Marney dá de ombros.

— Inferno, ninguém está dizendo que você ainda não pode matar o filho da puta.

Eu sei que posso matá-lo. Eu posso tentar, mas Joe é sorrateiro e parece que ele já tem uma vantagem sobre mim. Sei que ele está reforçando sua segurança pessoal, depois de tudo o que

aconteceu com sua esposa, então não há nenhuma maneira que eu possa chegar perto o suficiente dele sem uma bala passar por meu próprio crânio... e ele já colocou alguém dentro da porra da minha casa.

Marney suspira.

— Deixe-me só conseguir um pouco mais de informações sobre a coisa toda. Ver se consigo descobrir se a menina sabe alguma coisa, tudo bem?

Antes que eu possa responder para Marney, meu telefone vibra com um texto:

Ela saiu. Ela é um inferno de uma pequena puta mal-humorada.

— Ah, foda-se! — Gemo, revirando os olhos quando bato meus punhos no balcão.

— O quê?

— Aquela garota maldita — balanço minha cabeça.

— Até que possamos saber mais, *não* confie nela.

Pego o meu casaco no encosto da cadeira, e saio do bar.

***

Todo o caminho de volta para minha casa, eu penso sobre tudo. Chego no portão e insiro o código, olhando para a câmera de segurança enquanto verifico o jardim.

Estaciono o carro e subo as escadas, perguntando no que diabos posso confiar no meu irmão para fazer, além de costurar uma punhalada. Ele também é extremamente agradável às vezes. Quero

LP LOVELL STEVIE J. COLE
Wrong

odiá-lo por isso, mas esse lado simpático dele veio direto de nossa mãe, o que torna difícil odiar.

Entro na casa e encontro apenas um dos meus tios na sala de estar, e ao lado dele, amarrada e amordaçada, está a garota.

— Bob, que inferno aconteceu? — Pergunto, jogando as chaves na mesa de café.

Ele dá de ombros.

— Seu irmão mais novo, simples assim. Ele a deixou sair da porra do quarto, e na primeira chance que teve ela o golpeou e correu. — Ele olha para ela, depois para mim. — Ela tem uma porra de boca suja também.

— Sim, eu sei.

Ela está olhando para o chão. Seu cabelo está uma bagunça, cheio de pedaços de palha emaranhados nele. As roupas que ela está vestindo estão cobertas de terra e grama, e seu rosto está sujo com lama. Ela é uma lutadora, isso com certeza.

Ando ao redor da parte de trás do sofá e agacho na frente dela.

— Quanto estúpida você é? Hein?

Seu peito sobe e desce em respirações desiguais. Ela está tremendo, os olhos arregalados, e contorcendo-se em torno da mordaça.

— Eu juro por Deus, se descobrir que você é qualquer coisa além de apenas uma merda de garota sem sorte... — Eu não posso nem mesmo terminar a minha frase, porque a perspectiva faz-me tão irritado.

Suas sobrancelhas se unem com uma careta e ela me olha.

— Que diabos está errado com você? Por que você não pode simplesmente me ouvir e ficar parada até que o seu namorado estúpido me pague?

E depois? Soltá-la para Joe poder aparecer na minha casa? Foda-se, eu estou ferrado mesmo.

Levanto-me e passo repetidamente minhas mãos pelo meu cabelo. Eu não posso ficar e olhar para ela agora.

— Onde diabos está Caleb? — Pergunto a Bob.

— Foda-se que eu sei! Tenho lidado com essa merda pela última meia hora.

Saio, gritando por ele enquanto vagueio pelos corredores.

— Caleb! — Silêncio. — Caleb! — Aprofundo a minha voz quando viro a esquina para encontrá-lo sentado ao pé da escada.

— Você a deixou escapar, porra? — Grito. Ele é meu irmão, mas sua estupidez me irrita.

Ele arrasta a mão pelo cabelo, recusando-se a olhar para mim.

— Eu falhei. Sinto muito.

— Jesus, porra... como diabos eu posso confiar em você se não consegue nem cuidar da porra de uma garota? Uma menina, sem armas! — Grito, e lanço um vaso da mesa. O som do vidro quebrado chama a atenção de Caleb.

Agarro-o pela camisa, forçando-o aos seus pés. Posso ver o brilho de medo em seus olhos, porque ele sabe o que está vindo.

— Que merda eu te disse? — Pergunto.

Ele mantém os olhos para baixo.

— Para não deixá-la sair do quarto.

— E o que você fez, porra? — Torço o material em minha mão e puxo para o meu rosto.

— Eu deixei ela sair — diz em voz baixa.

Está impregnado em mim que quando você fica puto, você luta. Puxo meu cotovelo para trás e dou um soco na sua mandíbula.

Sua cabeça cai para o lado e ele ergue o punho para me dar um soco de volta, mas para, abaixando sua mão.

— Porra, Caleb! — Solto a sua camisa, afastando-o de mim.

Ele está segurando sua mandíbula. Eu sei que isso dói. Eu não deveria ter batido nele, mas porra, que inferno.

— Desculpa. Você fodeu tudo. — Dou de ombros.

Eu não espero ele responder. Viro-me e saio de cabeça baixa para o hall.

— Como eu disse, se ela tiver que mijar, você amarra o rabo dela e a vigia. Entendeu? Tenho uma reunião. Você pode lidar com a porra da simples tarefa de vigia-la por algumas horas até que eu volte?

Faço o meu caminho de volta para a frente da casa, irritado pra caralho e atrasado para um compromisso.

Quando eu passo por Bob e pela menina, tudo o que posso gerenciar é um grunhido.

— Provavelmente é melhor deixar a porra da mordaça em sua boca — resmungo enquanto saio pela porta.

Capítulo 10

Victoria

Assim que Jude bate à porta atrás dele, Bob me agarra pelos ombros e me empurra para frente.

— Entra de volta naquele quarto.

A cada poucos passos, ele me empurra e eu tropeço. Chegamos à porta e vejo Caleb em pé no final do corredor. Bob me empurra e caio contra a cômoda.

Caleb entra atrás de mim, e eu ouço o clique do bloqueio se fechando. Há um silêncio constrangedor entre nós, ele mal consegue olhar para mim.

Eu gostaria de poder lhe dizer que sinto muito, mas tenho essa estúpida mordaça na minha boca. Minha cabeça dói onde ela bateu no chão. Meus pés estão cortados e meus joelhos esfolados. O pior de tudo, é que foi tudo em vão. Eu mal consegui correr cinquenta metros antes deles me pegarem.

Caleb olha para mim e suspira, passando a mão sobre a parte de trás do seu pescoço, já notei que ele e seu irmão fazem isso quando estão com raiva.

Estou esperando que grite comigo, mas ele não faz.

— Foi minha culpa, — ele murmura. — Eu sabia que não podia confiar em você.

Balanço minha cabeça, tentando falar em torno da mordaça. O olhar em seu rosto quase me mata. Ele parece magoado, irritado e confuso, porque certamente sabe que não deveria sentir pena de mim.

Caleb não é nada como seu irmão. Ele é gentil, muito gentil para esta merda corrupta, e eu só chutei suas bolas. Literalmente.

Com pena de mim, ele dá um passo para frente. Seus olhos parecem olhos de cachorrinho. Ele suspira, balançando a cabeça enquanto desata a mordaça improvisada.

A culpa está me comendo viva.

— Eu sinto muito, Caleb! — digo, no segundo em que posso falar.

— Eu *confiei* em você, Ria. Eu me senti mal por você.

Oh meu Deus, ele poderia me fazer sentir pior do que isso? Seus olhos castanhos estão me matado.

Ele franze a testa, e um olhar de mágoa cruza seus olhos.

— Sinto muito! — Posso sentir meus olhos começando a formigar. Merda, isso é ridículo. Sinto-me culpada por tentar escapar. Algo está muito errado com esta imagem.

Ele esfrega o queixo, e eu noto que está vermelho e inchaço.

— O que aconteceu com seu rosto? — Pergunto rapidamente.

Ele suspira.

— O que você acha? Eu disse que ele iria chutar a minha bunda por deixar você sair deste quarto.

— Merda — Perco meu domínio sobre a fortaleza emocional que criei e as barragens desmoronam. Começo a chorar, chorar muito.

— Oh, caralho! — Seus olhos se arregalaram e ele está me olhando como se eu pudesse estar ferida, levantando meu queixo como se estivesse à procura de marcas de estrangulamento ou algo assim. — O que diabos Bob fez com você?

— Eu não posso... eu só... — Choro através de respirações ofegantes. — Sinto falta da minha irmã, do meu trabalho, e porra, da minha vida, Caleb! Eu não quero morrer aqui!

Seus ombros caem um pouco, e seus olhos suavizam ainda mais.

— Olha, eu sei que esta situação não é a ideal, mas prometo que você vai ter tudo de volta em breve. — Ele anda por um segundo. — Você não vai morrer. Quero dizer, inferno, isso não é normal. Não é normal em tudo. Jude não lida com reféns. Então você... — Seus olhos me analisam e ele balança a cabeça como se estivesse triste por alguma coisa. — Não está destinada a estar aqui. Confie em mim.

— Você não vê o jeito que ele olha para mim, Caleb. Ele vai me matar porra! — Fungo através das minhas lágrimas.

Seus olhos se fecham e ele puxa o lábio entre os dentes.

— Não, ele não vai. Eu sei que você pode não acreditar, mas ele não é uma pessoa má. Estamos todos fodidos. Nós crescemos nesta merda, então... — Ele faz uma pausa e olha para mim. — Mas ele não vai te matar.

— Jesus Cristo, Caleb, cala a boca. Ele é um assassino. É o que ele faz! Eu vou morrer nesta porra de lugar. Minha irmã nunca vai saber o que aconteceu comigo. Eu nunca vou ser médica... — Minha voz se quebra em um soluço alto.

— Ele é um apostador profissional, não um assassino. É apenas um negócio — Ele dá uma tapinha nas minhas costas, com o semblante desconfortável. — Não chore — ele diz, tentando soar reconfortante, mas posso ouvir o leve tremor em sua voz. — Eu... isso... merda. O que você quer que eu faça, Ria?

— Nada — lamento. — Não há nada que você possa fazer.

Pobre rapaz, parece que prefere se matar a ter que lidar comigo agora.

— Ria, prometo que não vou deixar nada acontecer com você, ok?

Olho em seus grandes olhos castanhos, e apesar da minha agitação interna e do meu medo de Jude, realmente acredito que ele quer dizer isso. O problema é que, se Jude quiser me machucar, nada vai impedi-lo, e certamente não o seu irmão caçula.

Capítulo 11

Jude

Quarenta minutos depois de deixar minha casa, paro no estacionamento fora do hotel. Quando ando em direção à entrada, vejo alguns homens bêbados tropeçando fora das portas e entrando em seus carros.

— Ah, inferno, Frank, — um dos caras de cabelos brancos resmunga. — Você sabe muito bem quem são os democratas do país.

O outro homem golpeia sua mão no ar, perdendo o equilíbrio e caindo de encontro ao lado do edifício.

Empurro a porta aberta, e uma neblina espessa de fumaça me dá um tapa na cara. Meus olhos giram em torno da sala mal iluminada e foco no cara caído sobre o bar.

Aceno a alguns dos outros homens enquanto faço o meu caminho através da sala. Toco levemente minha mão em seu ombro e ele geme.

— Ei, Jim. Você sabe que hoje é a última sexta-feira do mês, hein?

Ele rola a cabeça para o lado, olhando para mim com apenas um olho.

— Sim, JP, eu sei.

Ele senta-se, inclinando-se para trás na cadeira e cava no bolso de trás. Ele pega um envelope pardo e entrega-o para mim.

— Eu tenho que parar de fazer apostas com o seu chefe. Ele já me sugou bastante.

Sorrio quando pego o envelope. A maioria das pessoas pensam que eu sou apenas um cara, pensam que sou a pessoa entre eles e os agenciadores. Eles não têm ideia de que eu sou a pessoa que eles realmente não querem irritar.

— Ah, vamos lá, Jim. Você diz isso toda vez. — Balanço seu ombro e abro o envelope para espiar dentro. — É apenas para o divertimento de qualquer maneira, certo?

Ele bufa e pega o copo, agitando a cerveja no fundo antes de despejá-la em sua boca.

— Sim, muito divertido ter minha conta bancária drenada, mas um dia desses — ele diz, balançando o dedo para mim. — Eu vou ganhar muito. Então vou parar.

— Vejo você em algumas semanas, Jim. — Digo, enquanto ando para a porta.

Subo no meu carro e mal consigo manobra-lo, voltando para a estrada antes do meu telefone tocar. Respondo, e tudo que eu posso ouvir é um riso maníaco.

— Estou ocupado. O que diabos está acontecendo agora? — Pergunto, mudando de faixa.

— Oh — Bob consegue dizer através de uma tosse, — você precisa voltar para casa. Venha ver o que seu fodido irmão mais novo fez.

— O quê? Oh, pelo amor de Deus. Não me diga que ele teve sua bunda chutada por aquela menina de novo?

Escuto vaias e gritos no fundo, do resto dos caras.

— Vai, Brown. Vai! Corram com a maldita bola! — Uma erupção alta de gritos ecoa através do telefone. — Parece que você vai ter um monte de coleta quando chegar. Flórida acaba de perder.

— Bom — gemo mais preocupado com o que ela fez, do que o com dinheiro que eu acabei de ganhar. — Agora, o que diabos Caleb está fazendo?

— Você só precisa vir ver isto, Jude. É triste dizer que não sei se ele está moldado para o negócio da família. Acho que ele pode estar escondendo uma buceta entre as pernas.

Desligo e atiro o telefone no assento do passageiro.

— Droga, Caleb! — Eu bato meu punho sobre o volante e desvio no tráfego para escapar.

Assim que entro, encontro um grupo dos meus tios amontoados ao redor da mesa da cozinha, tomando cervejas e jogando pôquer.

— Sou eu que vou ter que bater em sua bunda? — Pergunto.

Bob sorri, encolhendo os ombros.

— Se você me perguntar, acho que ele já foi suficientemente traumatizado pelo som.

Balanço minha cabeça e desço o corredor. Caleb é apenas um garoto, porra. Ele tem vinte e um anos, e às vezes sinto remorso por ter permitido que ele se envolvesse com esta merda. Claro, é a nossa herança, mas em algum momento alguém tem que dizer que é muito bom para esta forma fodida de vida. Eu tentei isso. Tentei sair dessa, mas estou inegavelmente danificado por crescer no meio de ameaças, dinheiro sujo e vingança. Era meu trabalho continuar o legado da minha família, mas Caleb, ele não tem negócios aqui. Ele ainda tem moral, e, às vezes, espero que um dia isso vá ser muito e ele vá embora, esquecendo quão fodido nós somos.

Paro na porta, tocando a chave quando ouço um fungado.

Assim que abro a porta, o vejo com a cabeça em seu ombro e ele está chorando. Ela tem seu braço em volta dele, acalmando-o. Ela olha para cima quando eu entro e atira adagas em mim.

— O que... — Olho para a TV e vejo os créditos finais de um filme. — Que porra é essa? Caleb?

Ele olha para cima, enxugando o ranho com a manga.

— Cara, Jude, isso é uma merda triste. Isso é amor de verdade, porra... e as aves no final voando, — ele puxa uma respiração, — era como se suas almas voassem para longe e fossem passar a eternidade juntos. Profundo, triste, merda!

Meus olhos se abrem e minha mandíbula aperta. Estou literalmente sem palavras enquanto observo a TV e os dois aconchegados na cama.

— Diário de uma Paixão — diz Victoria. — Eu posso apostar que você ainda não viu.

— Você está brincando comigo? — Balanço a minha cabeça e passo os dedos pelo meu cabelo, tentando entender exatamente o que diabos acabou de acontecer.

Esta mulher transformou meu irmão mais novo em uma buceta. Ele observava as pessoas perderem suas vidas brutalmente, e aqui está ele, chorando por algum filme, e sendo consolado por uma menina.

— Porra, Caleb! — Piso em direção a eles para arranca-lo de lá. — Só... Levante-se daí porra. — Abro a porta, com a intenção de empurrá-lo para o corredor, mas paro.

— Você sabe, você é a própria definição de um babaca — ela estala.

Será que ela realmente falou isso para mim? Quando é que na fraca menina cresceu um par de bolas? Tenho que endireitar isto agora. O segundo em que ela já não tem medo de mim é o segundo em que minha vida se torna um inferno absoluto.

— O que diabos há de errado com você? — Giro para encará-la. — Quer morrer? Você está indo no caminho certo para isso, boneca.

— Sim, sim. — Ela abana a mão no ar. — Mais uma vez com as ameaças de morte. — *O que diabos Caleb disse a ela?* Apontando para Caleb, ela franze a testa. — Você deu um soco nele!

— Ele deixou você fugir! É claro que eu dei um soco. — Eu agarro Caleb pelos ombros e o empurro para a porta.

— Você é um pedaço de merda! — Ela grita, seu rosto ficando vermelho beterraba.

— Ria... — Caleb começa, mas se cala quando eu aperto seus ombros.

— Ria? Você sabe o nome dela porra?

Caleb ignora essa pergunta, e ela aponta para ele novamente.

— Ele é seu irmão! Você não parece nem se preocupar com a sua família.

Oh, agora ela tocou um ponto sensível. Eu sinto uma inundação de calor em minha pele, me fazendo pressionar meus dedos nos ombros do meu irmãozinho.

— Eu sei que ele é a porra do meu irmão. Eu também sei que não é da sua conta. Se estava tão preocupada com ele, talvez você não devesse ter chutado suas bolas.

Ela olha para Caleb e seus olhos se tornam carinhosos ao observá-lo. Oh, merda, parece que a cadela tem uma queda pelo meu irmão mais novo. Eu nunca deveria tê-lo deixado cuidando dela.

— Eu precisei! Sinto muito, Caleb. — Ela redireciona sua atenção para mim. — Eu fui sequestrada, é claro que tenho que tentar escapar. O que você espera que eu faça, só espere você me matar? Eu tenho um instinto de sobrevivência, sabe? Você, por outro lado, não merece um irmão como ele.

Cerro os dentes, abro a porta, e jogo Caleb para fora. Batendo a porta, eu volto para ela.

— Você não sabe nada sobre nós, então sugiro que cale a boca, se realmente tem vontade de viver.

— Eu sei que ele é bom, e você não é — diz ela, cruzando os braços sobre o peito.

— Bom? — Eu rio. — O que você acha que isso aqui é? Um acampamento de verão do caralho? Ele está vigiando você. Ele não é o seu mais novo amigo. O que mais vai acontecer? Vocês vão começar a trançar o cabelo um do outro?

Ela fecha a cara para mim, e caminho para mais perto dela, obrigando-a a ir para trás. Continuo andando até ela estar contra a parede.

— Evidentemente, de alguma forma, você tem meu irmão envolvido em torno de seu dedo mindinho, chorando por alguma porcaria de filme de mulherzinha, e ele é aparentemente muito bom para impedi-la de fugir. Assim, a partir de agora, você vai estar no meu quarto, comigo, vinte e quatro horas por dia, até que a dívida seja liquidada ou eu encontrar um lugar melhor para colocá-la. Você me ouviu?

Seus olhos bloqueiam com os meus, seus dentes rangem enquanto assume uma postura desafiadora.

— Oh, eu o ouvi, — ela rosna. — Ouvi todas as ameaças de morte de merda. Também ouvi que era suposto eu estar fora dessa merda de buraco depois de três dias. Você quer me matar, então porra comece já. Você quer passar cada minuto do dia comigo? — Ela sorri. — Com certeza vou tornar a sua vida um inferno.

Ela está chateada para caralho. Ela perdeu a porra de sua mente, ou está na porra do seu período, porque se transformou em uma enorme cadela. Aperto minha mandíbula, pego seu braço e a puxo para longe da parede, trazendo seu rosto para muito perto do meu, nossos narizes se tocando. Ela está respirando duramente, e

cada vez que ela respira, estou hiperconsciente daqueles seios pressionando contra meu peito.

— Você não vai nem mesmo mijar sem eu te observar.

— Hahaha, por que você não se joga no fogo e talvez, apenas talvez, eu vá deixar você me ver mijar!

Curvo minha cabeça, sugando uma respiração rápida para tentar esconder o leve sorriso que começa a surgir na minha boca. Eu deveria estar lívido como o inferno por ela estar sendo tão audaciosa comigo, mas essa boca espertinha é quente, e esse sotaque britânico poderia levar o Viagra à falência.

— Eu não quero nem respirar o mesmo ar que você — ela grita. — Então, você pode apenas atirar em mim agora.

— Oh, acredite em mim, eu adoraria me colocar fora desta miséria, mas não estou com vontade de limpar o sangue do tapete hoje. — Empurro seu peito para mais perto de mim, trazendo sua testa ao nível do meu queixo. Franzo meus lábios com o cheiro horroroso que exala dela. Ela cheira a merda absoluta. — Porra! — tusso com o fedor. — Não é de admirar que Caleb quisesse te levar para fora deste quarto, você cheira a esgoto! — Me afasto até alcançar a porta.

— Isso é o que acontece quando você prende uma garota em um quarto por quatro dias de merda! — Ela diz, e arranca seu braço do meu alcance.

Neste ponto, trata-la como uma criança pode ser a minha melhor aposta. Abro a porta, a puxo pelos pulsos e a arrasto pelo corredor. Ela, obviamente, já não tem nenhum filtro, sem autocontrole e absolutamente nenhum instinto de sobrevivência. Talvez ela esteja apenas perdendo sua cabeça.

— Solte-me. — Ela se contorce. — Você é um criminoso!

— Sem chance, boneca. — Rindo, acrescento: — E realmente, um criminoso? Isso é um pouco extremo, você não acha? — Não consigo evitar sorrir.

— Você tentou me matar há poucos dias, porra! Se isso não faz de você um criminoso, então o que faz? — Ela puxa uma respiração e continuo arrastando-a atrás de mim enquanto ela continua a divagar sobre quão cruel eu sou.

Dirijo-me até o final do corredor e direto para o banheiro.

— E você é absolutamente, definitivamente, um enorme — ela luta contra mim, —idiota filho da puta.

— Você terminou?

Sua resposta foi me mostrar seu dedo do meio.

— Oh, realmente? — Me abaixo, a segurando e a jogando por cima do meu ombro. Minha mão instintivamente repousa sobre sua bunda firme. Eu poderia movê-la, mas como sou um idiota, não a tiro.

Ela grita, batendo os punhos contra minhas costas.

— Que porra é essa? — Ela grita de novo, e aperto meus dedos em sua bunda, fazendo-a tensa.

— Você! — Eu sinto seus dedos arranhando a barra da minha camisa, puxando-a para cima. A próxima coisa que sei, são que meus malditos testículos estão sendo esmagado em dois por minha boxer. A cadela, na verdade, só me deu a porra de um cuecão[5]!

— Você é uma puta — rosno. Ela puxa mais forte, e tenho que engolir em seco, porque essa merda dói.

— Ponha-me no chão! — Ela grita, o guincho estridente perfurando os meus ouvidos.

— Oh, eu vou colocá-la, porra! Quando eu quiser. — Eu a ajusto no meu ombro, apertando meu braço mais forte em torno de suas coxas enquanto empurro e abro a porta do chuveiro. — De agora em diante você estará comigo, ou trancada na porra do meu

[5] Manobra de agarrar a roupa íntima de uma pessoa e puxá-la para cima.

quarto, o que significa que vamos passar muito tempo juntos. O problema é que você cheira como uma pessoa sem teto do caralho.

Me inclino e abro a água, então a coloco no chão do chuveiro.

— Que tal agora? Este é um bom momento para colocar você no chão, hein? — Assisto a água fria cair sobre ela, lutando contra um sorriso. Ela parece tão malditamente patética.

— Oh, você é um filho da puta! — Ela grita, cada músculo de seu corpo tremendo com a água fria batendo nela.

Eu sorrio, apoiando os braços contra a porta do chuveiro para bloquear sua saída. Ela pula e bate contra o meu peito. Respingos de água batem em meu rosto com cada tapa que ela me dá no peito. É ridículo que ela acha que esses empurrões fraquinhos vão conseguir me afastar dela.

Meus olhos passam pelo seu corpo. A camisa branca de grandes dimensões de Caleb está encharcada, o que torna muito visível e quase impossível de ignorar seus pequenos mamilos lutando contra o material fino. Foda-se, ela tem um corpo maravilhoso, é difícil não notar. Engulo, e, contra a minha vontade, meu pau inchado prensa contra o zíper da minha calça jeans. *Caralho!*

Ela me pega de surpresa e dá um soco no meu estômago.

— Ai, filho da puta! — Ela diz quando balança seu punho.

Rio quando ela pula, segurando sua mão ferida.

— Você terminou?

Pego minha virilha, despreocupadamente ajustando minha ereção, e ela nota, engole em seco antes de seu rosto se transformar em uma carranca. Ela provavelmente pensa que está prestes a ser estuprada. Torço o registro para a água quente, meu olhar se desvia de volta para seus seios empinados antes de olhar em seu rosto.

— Você pode lutar o quanto quiser, mas, por favor, entenda que você vai sempre perder. — Ela vai adorar está próxima ordem. — Agora, tire a porra das roupas!

Suas narinas se alargam e seus olhos flamejam.

— Vá se foder, seu Zé buceta pervertido — ela sussurra, sua expressão dura, seu rosto ainda vermelho.

Eu rio.

— Zé buceta pervertido? — Pergunto, chocado com a pequena boca imunda que ela tem. Dou de ombros, minha boca mostrando um sorriso. — Como quiser. — Agarrando a gola de sua camisa com ambas as mãos, a rasgo bem no meio, expondo seus seios volumosos.

— O que diabos há de errado com você? — Ela grita, e se atrapalha para se cobrir com os pedaços rasgados da camisa.

— Estou de saco cheio de brincar com você, tire a roupa e lave seu traseiro! — Eu digo, levantando uma sobrancelha para ela.

Ela olha para mim, com raiva e ódio.

— Faça. Agora!

— Eu vou tomar um banho... se você sair. — Ela está olhando para mim através dos fios molhados do seu cabelo que estão cobrindo seu rosto.

Balanço minha cabeça e sorrio.

— Eu não penso assim. Se saio daqui sabe Deus que tipo de problemas você vai criar. — Eu me inclino contra a parede do chuveiro, propositalmente deixando meus olhos vagarem sobre ela. Preciso que ela se sinta desconfortável e vulnerável. Eu tenho que quebrá-la.

— Não há janelas aqui. Eu não posso ir a qualquer lugar exceto para a porta, e você pode ficar do outro lado.

O vapor da água sobe em ondas em direção ao teto. Ela está tentando o seu melhor para se cobrir, mas tudo o que está conseguindo fazer é apertar aqueles malditos seios dela juntos, quase como se ela estivesse usando um espartilho. Eu assisto a água

cair entre seus seios, em seguida escorrer para o resto do seu corpo. A água quente lava a pele pálida da sua barriga exposta. Seu cabelo cor de mel emaranhado está aderindo ao seu pescoço e ombros. Ela tem a porra de um olhar sexy como o inferno. Eu não deveria estar tão excitado com isso, mas porra, meu pau não tem moral.

— Droga, basta, por uma vez, fazer o que eu digo mulher! — Estou perdido. Eu não posso deixar de pensar como seria bom encostá-la contra a parede e fodê-la. Isso precisa parar. Preciso dar o fora daqui.

Balanço minha cabeça, fechando os olhos por um segundo.

— Apenas tire suas malditas roupas e tome banho. — Agarro sua camisa esfarrapada e a destruo ainda mais, em seguida, puxo para baixo dos seus ombros. O material encharcado cai no chão do chuveiro, e agarro a cintura do short que ela está vestindo. Ela me bate e grita, mas isso não me perturba. — Não é como se eu nunca tivesse visto a merda uma de mulher nua, e não é como se eu estivesse me aproveitando. Eu não posso confiar em você, — digo. Ela me bate com os punhos e me faz perder o equilíbrio. Por instinto, eu a agarro, minhas mãos deslizam sobre suas coxas molhadas. Ela fica em silêncio, completamente congelada no lugar. Rapidamente, ela empurra os shorts o resto do caminho para baixo de suas pernas.

Seus braços tentam proteger seu corpo e sua respiração está ofegante. Ela tenta esconder seu rosto de mim, mas eu ainda posso vê-la me espreitando brevemente. No momento em que seus olhos encontram os meus, eles se fecham.

Sinto-me um pouco culpado por fazer isso com ela, mas ela realmente precisa aprender a não me provocar. Eu me inclino para dentro do chuveiro e envolvo minha mão em torno de seu pescoço. Ela recua. Colo meus lábios em seu ouvido e rosno.

— Merda. Não me faça repetir.

Sinto-a encolher-se sob o meu toque.

— Por favor — ela implora, sua voz fraquejando.

Roço meus dedos sobre sua pele antes de deixar minha mão cair, e há um silêncio ensurdecedor.

O barulho da água caindo contra os ladrilhos e o som frenético de sua respiração acelerada parece tão alto neste momento. Eu fico olhando para ela. Seus olhos ainda estão fechados, as mãos tentando desesperadamente se cobrir. Posso dizer que ela está lutando contra a vontade de chorar. Olho as gotas de água rolando pelo seu rosto, pelo seu pescoço. Seu pulso está visivelmente latejando em sua garganta.

Poderia esta mulher possivelmente estar tentando me foder? Ela passou de pavor para irritação máxima, e agora está se escondendo em um canto, com medo de novo. Ela não tem ideia do que está fazendo.

E que diabos eu estou fazendo?

Tropeço para trás alguns passos e a vejo como uma figura minúscula amontoada no canto, tentando se esconder do louco que a colocou lá. Preciso deixá-la sozinha para que eu possa ir perfurar a parede com meu punho.

— Basta tomar a porra do banho. Eu estarei ali. — Aponto para a longa bancada de granito. — Não vou olhar para você, mas não vou deixa-la sozinha.

Seus olhos permanecem fixos no chão do chuveiro enquanto eu recuo, cuidadosamente fechando a porta de vidro atrás de mim.

Pego uma toalha do armário e penduro no gancho, então me inclino contra a pia como prometi. Ela está certa, eu poderia esperar lá fora, mas agora sei que não posso subestimá-la. É a sua dignidade ou a minha.

Por que diabos isso tinha que acontecer? Pego um vislumbre do chuveiro no espelho. Eu não posso vê-la através do vidro embaçado, mas posso ver o contorno do seu corpo e me forço a desviar o olhar. Dois minutos atrás ela estava olhando para mim

como um maldito estuprador, e agora aqui estou, ficando excitado por sua silhueta. Instinto primitivo é uma merda.

Poucos minutos depois o chuveiro é desligado e a porta desliza aberta. Mantenho o meu olhar em minhas botas, usando toda a força de vontade que possuo para não olhar para ela.

— Você viu a toalha? — Pergunto.

— Sim.

Quando olho para cima, ela está enrolada na toalha de grandes dimensões, com o cabelo molhado caindo pelas costas e pingando no chão.

Passo por ela e ela pula para longe de mim. Pego outra toalha do armário, e circulo o meu dedo no ar.

— Vire de costas.

Ela faz como solicitado, seu corpo fica tenso enquanto nervosamente me olha por cima do ombro. Reúno seu cabelo grosso e coloco na toalha, esfregando-o para secar o excesso de água. Deslizo para baixo até chegar às costas, parando na curva arredondada de sua bunda.

— O que você está fazendo? — Ela sussurra.

Engulo em seco. *O que diabos estou fazendo?*

— Você está pingando por todo o meu chão — digo a ela quando torço a toalha em torno das extremidades do seu cabelo úmido e jogo por cima do ombro. — Pegue. Eu não quero poças por todo o maldito lugar. — Tento soar tão irritado quanto possível.

Ela está calma enquanto a conduzo pelo corredor até o meu quarto. Paro na porta e aponto para a cômoda.

— Encontre algo para vestir.

Começo a sair, mas paro. Esta menina vai provavelmente vasculhar a porra do meu quarto procurando algo para me matar. Rindo com o pensamento, vou até o meu armário e pego a arma

escondida na prateleira de cima, colocando-a debaixo do braço. Passo para a mesa de cabeceira e recolho minha pistola, em seguida, pego a arma escondida debaixo do colchão. Olho para ela, sorrindo enquanto caminho para a porta.

— Antes que você tenha ideias brilhantes e, acidentalmente, atire em mim — digo, enquanto fecho a porta, trancando-a com a chave.

— Babaca! — Eu mal consigo ouvir o grito dela enquanto desço as escadas.

Capítulo 12

Victoria

Ele bate a porta na minha cara, com um sorriso presunçoso nos lábios.

— Babaca! — Grito atrás dele.

Caminho pelo cômodo. O último lugar na terra que eu queria estar agora era no quarto de Jude. Eu juro por Deus, esse cara é bipolar. Um minuto ele está gritando comigo e me degradando, no próximo ele está secando meu cabelo. Fico louca só de estar ao redor dele. Francamente, prefiro que ele permaneça apenas como um idiota. Posso suportar seu mau humor mais facilmente do que sua bondade, não que tenha que lidar com isso com muita frequência.

Vasculho seu quarto, mais curiosa do que qualquer outra coisa. Vou até o armário e abro as gavetas, meio que esperando encontrar um arsenal de armas, mas, oh, não, ele limpou o lugar, porque não pode confiar em mim para não atirar nele. Babaca. Tiro uma camiseta para fora da gaveta e a visto, deixando cair à toalha. O tecido tem o cheiro dele, sem a fumaça do cigarro. Limpo e perfeito sem a mácula da corrupção que ele carrega como um mau cheiro. Eu não consigo encontrar nenhum short, então me contento com boxers, o que me faz sentir estranha, porque a única vez que eu já

usei boxers de um indivíduo foi depois que tive relações sexuais com ele.

Examino o quarto, à procura de pistas sobre o homem que vive aqui. Há muito pouco. Uma imagem de duas mulheres sentadas na mesa de cabeceira, mas tirando isso não tem mais nada, totalmente impessoal, como se ninguém vivesse aqui.

Eu me movo para a janela, puxando a cortina para permitir a entrada de alguma luz naquela sombria caverna, só para encontrar grades em todo o vidro. Você está brincando comigo? Grades, porra! Este lugar é literalmente uma prisão. De repente, me sinto claustrofóbica, presa e confinada. Estou presa no seu quarto. O que vai acontecer quando ele voltar? Estive em um mesmo cômodo com esse cara por três vezes. A primeira vez ele me estrangulou, na segunda ele me forçou a me alimentar e na terceira ele me deixou nua como a porra do pervertido que ele é. Pensei que ele ia começar a bater uma punheta bem ali na minha frente. O homem é um animal, um animal nojento e imundo. Oh, Deus, onde é que eu vou dormir? Eu não vou compartilhar a cama com ele. E se ele tentar me tocar? Eu vi o olhar em seu rosto, ele vai tentar me tocar. Meu peito se aperta com a perspectiva. Se ele me quiser, ele pode ter-me, e não há absolutamente nada que eu possa fazer sobre isso. Ele é três vezes o meu tamanho, e estou indefesa.

Meus olhos deslizam para o outro lado do quarto, procurando alguma coisa, qualquer coisa. Deve haver alguma coisa aqui. O cara tem mais armas do que um regimento militar. Começo freneticamente a abrir as gavetas. Deve haver uma arma aqui, uma faca, alguma coisa. Olho para a porta do banheiro, o espelho manchado pendurado na parede. Eu poderia quebra-lo? Usar um caco de vidro? Não, óbvio demais. Eu não quero atacá-lo, a menos que eu tenha que me defender. Armada ou não, a probabilidade é que eu vá perder.

Invado o banheiro e pesquiso os armários até que, bingo! Meus olhos caem em uma lâmina descartável. Sorrio quando a pego da prateleira, correndo meu dedo sobre ela. Não é afiada, mas vai servir. Eu uso a borda da pia para quebrar o plástico em volta, expondo a

lâmina. Não é muito, mas se ele tentar me atacar, ela pode muito bem fazer a diferença. Nesta fase, eu vou pegar toda a ajuda que puder conseguir.



Capítulo 13

Jude

Uma hora depois de eu ter deixado o meu quarto, sento no meu escritório com Marney.

Ele traga o cigarro, em seguida, o torce entre os dedos. Ele diz algo para mim, mas estou muito perdido em meus próprios pensamentos para processar o que eu acho que ele pode dizer. Marney inclina-se sobre a minha mesa, os olhos fixos nos meus com preocupação.

— Eu sei que você não quer acreditar nisso, Jude, porque sei que você não quer matar outra mulher.

— Não matei a primeira, você matou.

Ele revira os olhos.

— Está bem, mas as coisas não estão boas para ela. Você precisa descobrir o que diabos você vai fazer, filho.

Fecho minhas mãos atrás da cabeça e inclino-me para trás.

Marney bufa. Ouço sua cadeira ranger, então sinto sua mão sobre o meu ombro.

— Eu sei, Jude. Eu sei. Não é uma situação que você queria estar, mas você está. Se ela fosse um homem, você iria matá-la. Você

não iria questionar, inferno, você não se importaria se estivesse errado ou não, iria simplesmente matar o bastardo. Uma vida é uma vida, independentemente do que está entre suas pernas. — Ele me dá alguns tapinhas e começa a tossir.

Expiro e olho para ele.

— David grampeou a linha telefônica do garoto, e ele estava perguntando a Joe quando poderia lhe dar o dinheiro, Joe disse que queria dar a ela um pouco mais de tempo para gravar seu rosto em sua memória. Sabendo ou não, aquela menina vai causar a sua morte. — Ele balança os frágeis tufos cinzentos de seu cabelo no ar e ele rapidamente se torna suave outra vez. — Você tem que tirá-la daqui. E sinto muito, mas tenho que lhe dizer, se você deixá-la sair daqui viva, bem... — Ele caminha até a porta, parando para me atirar um último olhar triste. — Acho que se ela sair daqui viva, Joe vai te matar em questão de horas.

A porta se fecha atrás dele e sou deixado sozinho. Esta é a primeira vez em muito tempo que me sinto como se estivesse indo me perder completamente. Acho que isso pode ser pânico. Meu pulso está mais do que acelerado; meus pensamentos estão todos confusos, não posso nem mesmo dar sentido a eles, meu corpo inteiro está coberto por um brilho grosso de suor, e tudo que eu quero fazer é quebrar alguma coisa.

Então, Euan é sobrinho de Joe? E Marney grampeou a merda da linha e Joe mencionou Victoria para ele. Isso não significa que ela sabe porque está aqui... não é? O fato de que não quero que ela esteja envolvida é preocupante, para dizer o mínimo, mas realmente não consigo lidar com o fato de que fui enganado. Eu já não estou no controle da situação, e não gosto disso.

Salto da minha cadeira, arrastando minhas mãos pelo meu cabelo. Tudo o que posso pensar é quão fodido tudo isso é. Fui enganado pelo homem que matou a minha mãe e irmã. Eu nunca tinha sido enganado, e foi isso que Joe fez. Esse homem arruinou minha vida uma vez, e está tentando fazê-lo novamente.

Isto tem que parar agora. Preciso saber se ela está envolvida com Joe. Sei que assim que eu mencionar essa merda para os outros caras vai ser um inferno. Eu tenho que ter certeza se ela está ou não, trabalhando para Joe. Sem sombra de dúvida. Isso não vai ser fácil.

***

Fico olhando através da névoa espessa de nicotina. Cada um dos meus tios está com os olhos arregalados e fixos em mim por causa do que estou divulgando a eles.

Bob passa as mãos pelo seu rosto, seus dedos raspando ao longo de sua curta barba por fazer.

— Enganados? — Ele dispara para fora da cadeira e caminha pela sala de estar. — Pela porra de uma mulher? — Ele grita.

Balançando a cabeça, esclareço.

— Não, por Joe.

— Sim, por uma porra de mulher! — Ele aponta para o hall.

Caleb pigarreia.

— Você acha que ela sabe, Jude?

Respiro fundo e olho para ele. Que porra esse idiota está perguntando.

— Como diabos eu posso saber, hein? Não tenho ideia. — Começo a andar, e quanto mais penso sobre isso, mais irritado fico.

Bob para na minha frente, sua mandíbula cerrada.

— Cada maldita pessoa sabe que você tem um fraco por uma fêmea — Ele me cutuca no peito. — Você deixou isso ser de conhecimento geral. Que melhor maneira para Joe fazer você cair do que por causa de uma maldita mulher?

Curvo meu braço para trás para socá-lo, mas em vez disso, viro e bato na lareira de tijolos, meus dedos se chocam contra as pedras ásperas.

— Toque-me novamente e eu vou quebrar a porra do seu braço, meu velho.

Bob puxa sua arma e caminha para fora da sala, resmungando para si mesmo.

— Hey! — Grito. — Hey! — Corro atrás dele, agarrando seus ombros e empurrando-o de volta. — O que diabos você pensa que está fazendo?

— Eu vou matá-la desde que você é fraco demais para fazê-lo. Joe Campbell não vai foder com mais ninguém desta família... minha irmã e sobrinha foram suficientes!

Arrebato a arma de sua mão. O metal desliza em minha palma úmida quando coloco sua ponta contra o seu crânio.

— Eu vou lidar com a menina, entendeu? — Grito. Os olhos de Bob me lançam um olhar ameaçador. Aponto a arma e pressiono o cano com mais força contra seu crânio. — Me questione novamente e vou acabar com você, porra. Neste momento, ela pertence a mim. Você fode com algo meu, e vou explodir a porra do seu cérebro por toda aquela parede. Não duvide disso!

Percebo ele engolir antes de se endireitar e dizer.

— Vamos ter *certeza* de que ela está envolvida e, nesse meio tempo, Joe terá todos nós abatidos durante nosso sono!

— Você é estúpido? — Minhas contrações musculares fazem tremer meu dedo sobre o gatilho, e me inclino para ele.

— Jude! — Caleb parece aterrorizado. — Nós apenas estamos alarmados. Não vá matá-lo, porra.

Olho para Bob, minhas narinas dilatadas.

— Me desrespeite novamente e vai ver o que diabos acontece. — Eu o liberto, empurrando-o contra a parede, e ele tropeça. Seu olhar se detém em mim em silêncio por alguns momentos. Posso dizer que ele quer dizer alguma coisa, mas sabe que é melhor não falar.

— Não brinque comigo! Eu não tenho problema em lavar o sangue das minhas mãos, família ou não! — Grito, enquanto faço o meu caminho pelo corredor. Minha integridade está em jogo, meu sustento, minha vida.

As dobradiças da porta do quarto rangem quando empurro para abrir. Ela está sentada na cama, vestindo uma das minhas camisas e um par de boxers. Meus olhos instintivamente viajam sobre suas magras, pernas expostas, e tenho que engolir em seco. *Foda-se, ela é gostosa.* Desvio meus olhos do seu corpo e tento me concentrar em seu rosto. Aqueles olhos azuis profundos dela são tão malditamente inocentes e seus lábios carnudos, grossos, são do tipo que qualquer homem gostaria de ver envolvido em torno de seu pau. Instantaneamente imagino isso e, por uma fração de segundo, tudo o que posso fazer é imaginá-la de joelhos, aqueles malditos olhos me observando. Droga. Aperto meus olhos e tento pensar em qualquer outra coisa que não seja foder sua boca.

Redireciono a minha atenção para a tarefa em questão. Começo a chamar o nome dela, mas recuo. Não vou usar o nome dela, porque isso vai fazê-la real. Isso vai me fazer vê-la como uma pessoa, e não posso fazer isso porque há uma boa chance de que vou ter que matá-la, quer eu goste ou não. O negócio vem em primeiro lugar. Família vem em primeiro lugar. Preciso descobrir o que ela sabe. Dou um passo na sua direção, e ela foge de volta para a cama. O medo não vai funcionar nesta situação, então o que diabos eu faço? Ela precisa pensar que pode confiar em mim. Se ela trabalha para Joe, preciso que ela se sinta como se estivesse em perigo com ele, e que eu vou protegê-la. Preciso que ela o veja como o cara mau. Aceno e limpo a garganta, sem me mover da porta. *Como diabos eu faço isso?*

— Hey…

Ela ergue o olhar e uma pequena ruga aparece entre suas sobrancelhas.

— Oi — ela responde, uma ponta de apreensão em sua voz quando ela rapidamente abaixa o olhar de volta para seu colo.

— Olha — passo a minha mão sobre a parte de trás do meu pescoço e inalo para fazer o meu tom mais suave. — Talvez a coisa no chuveiro tenha sido um pouco demais...

Silêncio. Assisto sua careta, recusando-se a olhar para mim.

— Eu só espero o pior de você, Jude. Não se preocupe com isso, — ela murmura.

Tremo no uso do meu nome. Eu não gosto quando ela o diz. De jeito nenhum.

— Então não lute comigo. Não gosto desta situação mais do que você.

Erguendo a cabeça, ela bloqueia os olhos nos meus.

— O momento em que parar de lutar é o momento em que me torno uma vítima e você para de ser o inimigo.

Balanço minha cabeça. Ela é delirante. Ela já é uma vítima, pelo amor de Deus, acho que ela simplesmente se recusa a acreditar nisso.

— Ok, bem, eu não quero fazer de você uma vítima — Dou vários passos em direção à cama e paro aos pés dela.

— Isso é *exatamente* o que você quer — diz ela. — Eu conheço os homens como você. Você prospera no poder.

— Olha, você não me conhece, então pare de psicanalisar o que você já viu. Você quer que eu te deixe sair daqui? Então precisa me dizer porque seu namorado lhe deu como garantia.

Ela solta um suspiro e me lança um olhar condescendente.

— Porque ele é um maldito idiota, obviamente. — E agora ela volta a olhar furiosamente para as suas unhas.

— Sim... — Paro. Eu não posso evitar, mas acho que ela parece tão malditamente jovem. Ela é fodidamente muito jovem para ser lançada a uma matilha de lobos como esta. Ela é como Daniel na cova dos leões[6], exceto que nenhum anjo colocaria os pés nesta casa para salvá-la.

Tamborilo meus dedos sobre o edredom.

— Tudo o que eu sei sobre você é que seu nome é Victoria.

— Ria — ela me corrige.

Eu sorrio.

— Eu não estou te chamando de Ria. Isso soa como a porra de um nome que daria a um pássaro. Acho que vou chamá-la de Tor.

— Isso soa como uma maldita stripper. Apenas não me chame de qualquer coisa. — Ela estreita os olhos, desconfiada e mudando de assunto. — Nós dois sabemos que você não vai me deixar ir, a não ser que Euan pague, o que obviamente ainda não se concretizou — ela levanta a sobrancelha para mim, me desafiando a dizer o contrário.

Lentamente, sento-me na cama, mantendo distância dela, mas mesmo assim ela pressiona seu corpo com mais força contra a cabeceira da cama para manter o máximo de espaço entre nós quanto possível.

— Eu gostaria, mas tenho que ter certeza que posso confiar em você em primeiro lugar.

Porra, eu não vou deixá-la ir. Estou dizendo que preciso confiar nela, mas sei muito bem que ela não vai a lugar nenhum.

[6] Referência ao livro de Daniel no Antigo Testamento.

— Sei... você, o criminoso, precisa ser capaz de confiar em mim, a garota normal, cumpridora da lei que você sequestrou. Faz todo o sentido.

Esse comentário dela envia a minha pressão arterial através do caralho do telhado.

— Eu *não* quis sequestrar você! — Grito, minha voz aumentando ao redor do quarto. Seus olhos se arregalam com a mudança repentina no meu tom. — Eu não estou no tráfico de seres humanos, ou no negócio de sequestro e resgate. Porra, pare de *me* acusar. Seu namorado idiota lhe deu como garantia e meu empregado estúpido trouxe você. Eu não fazia ideia. Você aparecer aqui foi uma surpresa tanto para mim quanto foi para você.

Ela se levanta e se move para o outro lado do quarto, cruzando os braços sobre o peito e olhando para mim.

— Você pode não ter sido quem me trouxe, mas não me lembro de você pedir desculpas e me mandar de volta para o meu caminho feliz, não é?

— No momento, não tenho outra escolha — eu digo.

Seus olhos encaram diretamente os meus, quase implorando.

— Há sempre uma escolha — A suavidade em seu olhar se transforma e sua testa se franze quanto mais ela olha para mim. — Só um homem fraco se recusa a ver de outra forma.

Ela é corajosa por me chamar de fraco. Molho meus lábios com a ponta da minha língua, e posso sentir meus olhos endurecerem.

— Só um homem fraco empurra uma mulher inocente para a porra de um criminoso para salvar o próprio rabo. — Levanto uma sobrancelha para ela. — *Não* me insulte. Não é uma decisão sábia de sua parte, confie em mim — advirto.

— Você não precisa me alertar quando se trata de Euan e sua falta de bolas. E eu já sei bem que não devo testá-lo — ela murmura, esfregando sua garganta.

Tento empurrar para longe a memória de ter minhas mãos envolvidas em torno de sua garganta, e me encosto na cabeceira.

— Que tal me falar sobre você, então vou pensar em deixá-la ir, ou você poderia continuar com sua esperteza e apodrecer aqui. Só estou tentando conversar com você.

Ela suspira e me olha. Cautelosamente, ela se aproxima, parando na borda da cama. Seu corpo ainda está tenso, mas, pelo menos, não está pressionada contra a merda da parede mais distante de mim.

— Tudo bem, o que você quer saber?

— Qual é a sua profissão?

Suas sobrancelhas se franzem.

— Eu sou uma médica. Estou... Bem, eu *estava* fazendo o meu último ano de residência. — Sua cabeça se inclina, e lá vai ela mexendo com as mãos novamente.

— Uma médica, hein? Você é uma daquelas meninas que querem salvar o mundo? — Pergunto, em parte por interesse genuíno. Eu não preciso conhecê-la porra nenhuma, mas, novamente, estou curioso e isso não é nada bom.

Ela encolhe os ombros.

— Eu não sei. Acho que sempre quis ser uma médica. Que maior vocação pode haver do que salvar vidas?

Resposta típica. Isso é ensaiado. Um lado da minha boca se enrola e estreito meus olhos sobre ela.

— Realmente? Essa é uma resposta bastante padrão para frequentar a escola de medicina. O que realmente fez você querer ser uma médica? Você realmente se importa, ou é apenas pelo dinheiro?

Suas narinas se alargam com a minha pergunta. Isso é evidentemente um assunto delicado para ela.

— Oh, me desculpe, Sr. Terapeuta de merda. Todo mundo precisa de um emprego. Trabalhei duro e estudei sete anos miseráveis para ser uma médica, e sim, eu quero ganhar uma fodida quantia de dinheiro! Algum problema?

Pressiono o meu dedo indicador contra o meu lábio inferior, tentando cobrir um sorriso.

— Não, não é um problema — inclino-me em direção a ela, um lado da minha boca levantando em um sorriso parcial. — Ganhar fodidas quantias de dinheiro é exatamente por isso que eu faço o que faço.

— Só que eu escolhi ganhá-lo salvando vidas, enquanto você opta por obtê-lo, ameaçando-as— diz ela, com o rosto totalmente inexpressivo.

Dou de ombros.

— Cada um com seu talento. Não julgue, boneca. — Ela me encara severamente, mas o efeito da sua carranca é completamente perdido. Ela consegue fazer sua encarada ser algo angelical. Se ela está trabalhando para Joe então tenho que lhe dar o crédito, ela é perfeita, é atraente, inteligente e essa boca espertinha dela me faz realmente querer fodê-la.

— Como você e Euan se conheceram? — Ela pergunta, mudando de assunto. — Quero dizer, obviamente, ele fez uma aposta com você, mas você devia conhecê-lo.

— Querida, nunca conheci a porra do seu namorado. Eu não encontro pessoas que apostam comigo — a olho com atenção, observando todas as mudanças sutis em seu comportamento. A ligeira dilatação de sua pupila, um engate em sua respiração. — Você é uma das poucas pessoas que viram meu rosto e podem me ligar a qualquer um dos caras que fazem o trabalho sujo para mim — Estreito meu olhar. — O que eu tenho certeza que você pode imaginar que acarreta um pouco de preocupação.

Por um segundo, meu pulso acelera, porque talvez eu não devesse ter admitido a ela; mas, novamente, ela não vai a lugar nenhum tão cedo. Se ela for uma ameaça... bem, eu vou lidar com isso quando tiver certeza. Por agora, tenho que me preocupar em como eu vou descobrir isso.

Ela franze a testa.

— Mas por que você iria emprestar vinte mil em uma grande aposta para um cara que nem sequer conhece?

— Isso é apenas a maneira que esta indústria trabalha. A *maioria* das pessoas não é idiota o suficiente para foder e fazer apostas ruins. Esta não é a porra de uma loteria. Jogar dessa maneira é ilegal, e a única forma de fazer cumprir as regras de um negócio ilegal é através da brutalidade — forço um sorriso torcido sobre o meu rosto. — Assassinato. As pessoas tendem a levar isso muito a sério.

— Você diz que é negócio, mas por que você executa um negócio como esse? — Ela pergunta. — Sempre vivendo no limite. Isso deve deixar você para baixo. — Ela está me observando atentamente, com uma expressão curiosa. Se ela está com Joe, já sabe tudo isso.

— É uma coisa de família. Meu avô fez isso, meu pai fez isso e agora está em minhas mãos.

— Será que eles não iriam querer algo melhor para você? — Não havia nenhuma insinuação no tom dela, ela estava apenas perguntando.

— Eu queria algo melhor — Olho nos seus olhos. Sei que este próximo item vai foder o chão dela. — Eu terminei um doutorado em bioestatística... mas o meu pai morreu, e o que eu podia fazer? Tive que continuar com o que meu pai fazia. Além disso, ele faz uma quantidade astronômica de dinheiro.

Pego um lampejo de piedade em seus olhos.

— Dinheiro não é tudo, Jude, — ela responde. Estou tentado a pedir que ela pare de usar o meu nome. Faz-me sentir... algo que eu não gosto. Pergunto-me se seria por ela possuir essa aparência inocente. Estou endurecido pela violência que me rodeia, e para mim, não é apenas sobre o dinheiro, mas ela nunca entenderia isso. O poder é uma merda, e é viciante. Este trabalho me dá força. Essa é a única coisa que ela pode, obviamente, descobrir em mim, que eu gosto de poder.

— Há quanto tempo você está com o seu cavaleiro de armadura brilhante? — Sorrio.

— Um ano ou algo assim.

— Deve ter uma família excelente.

— Seu pai é o chefe de cirurgia no Vanderbilt. Vamos apenas dizer que a vida de Euan foi entregue a ele em uma bandeja de prata — Há uma borda amarga em seu tom de voz. — Imagine minha surpresa quando descobri que ele está jogando o dinheiro do pai fora.

— Você já esteve com eles?

Ela franze a testa.

— A família de Euan?

Concordo.

— Ele ia a um encontro com os seus pais religiosamente todos os domingos. Às vezes, eu ia com ele. Eu acho que eles são bons. Um pouco pretensiosos para o meu gosto.

— Humm. Ele é de uma família grande?

Rugas aparecem na sua testa. Tenho certeza que ela está se perguntando por que diabos me preocupo com isso.

— Na verdade, não. Por quê?

— Você conheceu qualquer outro membro de sua família? — Arqueio uma sobrancelha. — Um tio, talvez?

— Eu conheci um de seus tios uma vez.

— Qual era o nome dele?

Ela balança a cabeça como se estivesse tentando se lembrar.

— Qual era o nome dele? — Exijo.

— Humm, Joe. Eu acho. Não sei. Realmente não falei com ele. Ele meio que me ignorou e falou com Euan o tempo todo. Aparentemente, eles são próximos — Ela cruza os braços sobre o peito. — Por que você está me perguntando isso? Toda a sua família está nessa merda?

— Isso não é da sua conta — estalo, tentando não contrair meu queixo. Ela deixa cair seu olhar para seu colo novamente. Caramba. Levanto a minha voz uma vez, e ela se retrai. Preciso manter controle sobre o meu temperamento.

Desvio o meu olhar até seu pescoço, aterrissando em um colar com um pequeno pássaro de prata ligado a ele. É a porra de um beija-flor? Odeio aqueles pássaros malditos porque eles me fazem lembrar da minha mãe. Com esse pensamento, os meus olhos vão automaticamente para a foto emoldurada do lado da minha cômoda.

— Será que ele deu isso a você? — Pergunto, pegando o minúsculo pingente.

Ela endurece e sua respiração engata quando meus dedos encostam na base de sua garganta.

— Não, — ela sussurra, recusando-se a olhar para mim. — Minha irmã me deu.

Deixo o pingente cair e engulo.

— Você tem uma irmã? — *Porra! Isto está fazendo dela uma pessoa, Jude. Porra, pare de falar com ela.*

Ela olha para cima lentamente, seus grandes olhos redondos bloqueiam com os meus por um momento. Posso ver a indecisão atravessar a expressão dela antes de falar.

— Sim, Lizzy. Sinto tanta falta dela. — Ela está falando consigo mesma, não comigo.

— Essa é minha irmã, na imagem ali com minha mãe. — Aponto para o quadro. Meu pulso acelera e envia calor no meu rosto. *Por que diabos eu acabei de dizer isso?*

Ela olha para a fotografia por um segundo antes de se mover para a cômoda e pegá-la.

— Elas são lindas. Você parece tanto com sua irmã, mais do que Caleb — ela murmura.

Normalmente, eu não falo sobre elas, mas as palavras saem da minha boca antes que possa pará-las.

— Ela morreu há quinze anos, junto com a minha mãe. Caleb tinha apenas cinco anos na época. — Eu aperto meus punhos e inalo com uma sensação de desconforto que se instala em meu peito.

— Sinto muito, — ela sussurra. — Minha mãe morreu há três anos. Senti como se meu mundo inteiro implodisse. Eu não desejo isso a ninguém. — Eu não quero sentir nada, mas suas palavras têm uma sinceridade nelas que torna difícil não sentir alguma coisa. Tenho que olhar para longe, porque seus olhos são um poço sem fundo, e sinto-me despido quando ela olha para mim. É como se ela conhecesse a fraqueza que está apodrecida dentro de mim, só que ela não vê isso como uma fraqueza, porque, em seu mundo, não é. Ter a porra de um coração em seu mundo é normal, ao passo que no meu, ele vai te matar.

— Elas foram assassinadas. E isto aqui — aceno minha mão ao redor do quarto, — é tudo que me resta. Você perguntou se eu queria algo melhor para mim, eu quero. Quero ser o homem que faz sua própria justiça, o cara que quer pegar de volta tudo o que me foi tirado. Chame-me de criminoso, se quiser.

Pela primeira vez, ela não olha para mim com nojo absoluto. Ela balança a cabeça.

— Eu posso entender isso. — Sua voz é quase um sussurro. — Se houvesse alguém para culpar pela morte da minha mãe, eu iria querer vingança.

Libero uma respiração tensa. Eu não posso fazer isso. Isso é muito real. Esta não é a situação que eu preciso estar. Sinto pena dela. Porra! Esta é a última coisa que eu deveria estar fazendo, conversando com ela, nos conectando com a porra da morte de nossas mães.

Seus olhos encontram os meus. Ela parece magoada e meu instinto natural é ir consolá-la. Não é de admirar que Caleb cedesse a ela. Há algo nela que me faz instintivamente querer proteger e abrigá-la. Quanto mais tempo eu a estudo, mais ela se torna verdadeira. Sei que ela tem uma família que está preocupada com ela, que tem uma vida que trabalhou duro para conseguir. Ela tem sonhos, e estou prestes a esmagar a porra de cada um deles. Não tenho escolha. Posso fazer o meu negócio a partir de jogos de azar, mas quando se trata da minha própria vida, eu não arrisco. Meu pulso está latejando em meu pescoço e minha boca está completamente seca. Tenho que engolir, então forço meus olhos longe dela. *Merda*. Só preciso conseguir ficar bem longe antes dela me fazer sentir mais pena ainda, ou pior, ela começar a ter pena de mim.

— Ok, bem. Vou ver o que posso fazer sobre sua volta para seu namorado, assim que ele me pagar a porra do meu dinheiro.

***

Ela pressiona seus lábios, ficando calada novamente. Sem outra palavra, levanto e atravesso o quarto. Esta merda está ficando muito real.

Estou de pé na varanda, refletindo sobre tudo, quando a caminhonete de Marney estaciona na entrada. Ele abre a porta e pega um saco de papel da cabine da caminhonete assobiando, enquanto, vagarosamente, faz o seu caminho até as escadas.

— O dinheiro de Smith — diz ele, entregando-me o saco. É pesado, cerca de vinte mil. Deixo o pacote cair na varanda e me apoio na cerca. Ele olha para mim, inclinando a cabeça com curiosidade.

— O merdinha ainda não pagou, não é?

— Claro que não. — Passo minha unha ao longo de uma ranhura na cerca de madeira.

— Humm. — Ele passa os polegares sobre sua barba. — Já faz quatro dias, Jude. O que você está esperando?

Balançando a cabeça, gemo.

— Eu não sei porra! — Pensei sobre como lidar com isso por horas. Sei que quando mandar alguém para recolher a dívida de Euan, os caras de Joe provavelmente estarão lá. E sei que no momento que eu entregá-la de volta para ele, estou fodido. Se ela trabalha para ele ou não, ele irá obter informações dela, e ela já sabe demais. Ela já sabia demais no momento em que pôs os pés em minha casa.

Marney se inclina sobre as grades ao meu lado. Ele aperta os olhos contra o sol e levanta as sobrancelhas.

— Você não pode tratar isso de forma diferente do que faria com qualquer outra situação. Eu sei que você não gosta, nenhum de nós gosta, mas ela não pertence aqui e vai foder tudo, assim que voltar para Joe — Ele inspira, então se inclina para mais perto de mim. — Mesmo que ela não tenha ideia do porque está aqui, Joe vai fazer o que for preciso para descobrir o que ele quer. Só para saber como o seu rosto se parece... ele vai matá-la.

Nós ficamos em silêncio, olhando para a floresta.

LP LOVELL STEVIE J. COLE
Wrong

— Jude, ela vai morrer de qualquer maneira. Pense nisso dessa forma. Se você não matá-la, Joe vai. Pelo menos você seria mais humano sobre isso, tenho certeza.

Eu engulo, porque sei que ele está certo, mas a ideia de matá-la me enjoa. Só Deus sabe qual o motivo, mas sinto essa necessidade irracional de protegê-la. Se a intenção de Joe é usá-la e, em seguida, matá-la, eu deveria salvá-la? Isso iria estragar seus planos.

Empurro a grade e puxo meu telefone do meu bolso, buscando o número de Euan nos contatos.

Ele toca várias vezes, e só quando estou prestes a desligar, ele responde.

— Olá?

— Onde está meu dinheiro? — Rosno através dos meus dentes.

— Eu... eu tenho cerca de cinco mil, mas não posso... não tenho sido capaz de obter o resto ainda, mas eu vou. Posso arrumar em mais alguns dias, por favor, apenas...

— Não é bom o suficiente! — Faço uma pausa, minha mente obscurecida por pensamentos de Joe, minha mãe e irmã... Tor. — Você tinha três dias e, infelizmente, a coisa mais próxima de você é aquela garota que você tão estupidamente enviou para mim.

— Não a machuque, por favor! — Ele implora, mostrando o patético pedaço de merda que ele é. Pelo amor de Deus, ele realmente está *me* implorando para não machucar a garota que ele voluntariamente enviou para mim, sabendo muito bem do que sou capaz?

— Para cada dia que você não me pagar, vou mutilar uma parte desse pequeno corpo perfeito dela. Se eu não tiver tudo na íntegra, além de outros dez mil, vou matá-la em três dias. Entendeu?

Não há nenhum som além de sua fungada e um gaguejante "por favor".

LP LOVELL STEVIE J. COLE
Wrong

Agora a raiva me consome. Dei meus termos para esse fodido idiota e ele ainda pensa que vou ter pena dele. Meu queixo está travado, minha respiração ofegante. — E diga para a porra do seu tio que tomou uma decisão muito ruim ao tentar foder comigo. — Desligo o telefone, apertando-o em meu punho.

Eu posso sentir meu rosto quente quando me viro para Marney. — Olha, eu sei que fui ludibriado. Esse não é o problema agora. A questão é se ela é parte ou não desse arranjo, porque se ela não é, faz dela uma vítima inocente. E eu *não* vou matar uma garota inocente.

— Seu trabalho é proteger esta casa, — Marney balança a mão em direção a casa — não se preocupar sobre vítimas inocentes, você não é um cavaleiro de armadura brilhante. Você é um assassino profissional — Ele diz suspirando. — Você protege o número um, não importa a que custo.

Em que momento o custo tornar-se demasiado alto? Onde você desenha a linha? Mesmo um homem sem moral tem que ter uma linha que não cruzará.

Fico olhando para ele, não há um pingo de remorso em seu rosto. Se fosse por ele, ela já estaria morta. Esta vida é tudo o que ele já teve, e o deixou sem alma e amargo. É isso o que pareço para ela? Como um bastardo sanguinário sem coração?

Ele balança a cabeça como se não conseguisse entender os meus pensamentos.

— Você acha que ela é inocente, mas não pode garantir. Você está disposto a apostar sua vida? A vida de Caleb? Porque você precisa estar certo de que pode jurar com a mão em seu coração, se não, tem que fazer o que precisa.

— Foda-se! — Bato minha mão contra a cerca de madeira. Ela realmente vale esse risco? Por que diabos não posso simplesmente fazer a coisa lógica aqui?

Só há uma maneira de ter certeza que alguém está dizendo a verdade, mas não quero pensar nisso. Se fosse um cara, torturá-lo para obter informações não seria um problema. Inferno, faria isso eu mesmo. Então agora estou lidando com duas opções: matá-la, caso ela esteja trabalhando para Joe, ou fazer o que for preciso para obter a verdade, na esperança de provar a sua inocência. Foda-se, ela talvez prefira a opção de uma bala.

— Eu vou ter certeza — digo sem olhar para ele.

Ele bate a mão sobre meu ombro enquanto passa por mim.

— Eu sei que você vai fazer o que precisa ser feito. — Não há dúvida em sua voz, e ele para na escada, olhando para mim. — Você matou a porra da esposa de Joe. É a sua vida ou a dela, lembre-se disso.

Engulo, incapaz até mesmo de dizer qualquer coisa neste momento. Meu coração bate forte no meu peito, e tudo o que posso ver são imagens brutais de Tor espancada e ensanguentada, chorando e implorando para eu parar, e meu estômago dá nós.

Vejo-o subir em sua caminhonete e ir para fora da propriedade. Pego o saco.

— Caralho! — Grito quando abro a porta da casa. Entro na sala de estar e Caleb joga a cabeça para trás sobre o sofá para olhar para mim. — O que há de errado com você, inferno?

Atiro um olhar zangado para ele e jogo o saco sobre a mesa.

— Oh, eu não sei, Caleb. Talvez esteja chateado porque fui enganado e tenha um possível rato[7] trancado no meu maldito quarto?

Eu vejo seus olhos vidrados, seu rosto empalidecendo.

— Ela não é um rato... — Ele engole.

— Você não sabe disso. Nós temos que ter certeza.

[7] *Rato* nesse contexto é utilizado no sentido de informante.

Sua mandíbula aperta.

— Ela é apenas uma garota. Eu juro, ela não tem nada a ver com Joe. Você está perdendo sua cabeça? Você está paranoico?

— Você passou três dias trancado em um quarto com ela, e acha que a conhece. Você não sabe merda nenhuma sobre ela. — Gemo, frustrado com a situação. — Ela fala algumas coisas doces, bate suas pestanas, e é isso, você acredita em cada palavra que sai da sua boca. É muita coincidência. Ela é um risco.

Caleb pula do sofá e anda na minha direção. Seu rosto fodido está vermelho sangue, seus olhos se estreitam. Ele está com raiva.

— Você não vai matá-la!

Arrasto a mão pelo meu cabelo e levanto uma sobrancelha.

— Estou ficando sem opções aqui, Caleb. Se ela trabalha para Joe e eu a deixar ir, estamos fodidos. Então, ou eu a mato agora, apenas no caso, ou provo, sem sombra de dúvidas, que ela é inocente.

Caleb senta novamente no sofá, segurando a cabeça entre as mãos.

— O que você vai fazer com ela? — É evidente pelo tom, que o pensamento de machucá-la o faz doente também.

Suspiro.

— O que for preciso para descobrir se ela é inocente... ou não. É ela ou nós.

A cabeça de Caleb vira.

— Foda-se, Jude. — Ele ainda está abatido e não consegue olhar para mim.

— E você vai ter que me ajudar.

— Não.

— Não era uma pergunta. Você *vai* me ajudar. Você é a única pessoa aqui que não é a porra de um monstro.

Seus olhos sobem para encontrar os meus, e eles estão com raiva.

— Não vou machucá-la.

— Eu sei. É por isso que preciso de você. Será seu trabalho se certificar de que não vou matá-la.

Capítulo 14

Victoria

Acordo com o estalar da fechadura. Abro os olhos e vejo a porta abrindo, jogando luz no quarto.

Vejo a silhueta da enorme figura de Jude na porta, antes dela se fechar bloqueando a luz mais uma vez. O ouço chutar as botas e o farfalhar de suas roupas enquanto se despe. Então sinto o colchão afundar com o seu peso. Fico rígida quando sinto o calor do seu corpo perto do meu. Posso sentir o cheiro de uísque e cigarros que é característico de Jude. Não deveria gostar disso, mas estranhamente, eu gosto. Ele mal parece notar a minha presença enquanto rola na cama. Sua respiração nivela e dentro de alguns minutos ele está apagado. Fico ali, cada músculo do meu corpo tenso enquanto olho para o teto.

Movo minha mão embaixo do meu travesseiro, meus dedos enrolam em torno do cabo de plástico do aparelho de barbear. Olho a porta. Eu não o ouvi trancá-la. Isso deve ser fácil. Basta cortar sua garganta e correr. Porra! Só isso. Posso realmente matar um cara a sangue frio? Ele faria o mesmo por mim se tivesse a chance, mas se eu for pega? E se não matá-lo e apenas machucá-lo? Meu peito começa a apertar e meu pulso martela em minhas veias, quando a adrenalina inunda meu sistema. Se ele me pegar, vai me matar.

Honestamente, prefiro morrer lutando do que apenas passar por isso como uma vítima patética. Preciso fazer isso.

Puxo a navalha que está embaixo do travesseiro e lentamente sento-me, tentando fazer o mínimo de barulho possível. A cama range um pouco enquanto me movo. Fico olhando as costas de Jude, um braço jogado sobre sua cabeça. Só posso fazê-lo na escuridão. Seu peito está nu, os músculos largos subindo e descendo de forma constante. Meus olhos traçam as linhas de tinta que serpenteiam através de seu peito e para baixo do braço. Ele é o poder personificado, e, embora ele me assuste, estaria mentindo se dissesse que não há uma parte de mim que está admirada com esse poder. Ele o exala a cada respiração, cada pequena ação; ele vive e respira poder.

Respiro fundo e penso em passar meus joelhos por cima dele. Se conseguir fazer isso, então vou precisar usar o pouco peso do meu corpo.

Minha mão treme quando aproximo a lâmina de barbear na direção dele. Olho a linha de sua garganta, imaginando o que ele vai fazer quando eu cortar a jugular. Tenho a lâmina a milímetros de sua pele, então hesito. *Porra, tenho que fazê-lo*! Minha mente está gritando comigo para me salvar. Isso é tudo o que preciso, não posso hesitar. Estou olhando para a lâmina, desejando que a minha mão se mova, quando sinto seus dedos lentamente se envolverem em torno do meu pulso. Quero chorar. Eu não sou nem forte o suficiente para matar o cara que pode me matar. Eu nem sequer me movi ou tentei lutar contra ele. Ele vai me matar e é minha culpa, porque hesitei em matar um assassino, um criminoso, um bastardo sem coração.

Ele puxa a lâmina mais perto de sua garganta.

— O que você está esperando, Tor? Faça. — Meus olhos encontram os dele, brilhando no escuro. — Faça! — Ele repete de forma mais agressiva, pressionando a lâmina em sua pele.

— Eu...eu não posso, não consigo fazer. O que há de errado comigo?

De repente, ele se move, agarrando meus quadris e me lançando de costas. Seu corpo enorme paira sobre o meu, me pressionando contra o colchão.

— Você quer me matar? — Ele sussurra, seu rosto está tão perto que posso sentir sua respiração em meus lábios, o cheiro de uísque e cigarros me oprimindo. — Bem, aqui está sua chance, *Tor*. Corta a porra da minha garganta. — Eu ainda tenho a navalha em sua garganta. Eu posso fazer isso. Seus olhos bloqueiam com os meus, segurando meu olhar, me desafiando. Há um silêncio ensurdecedor enquanto nós dois esperamos pra ver se vou fazer isso, matar um homem.

Sua mão envolve lentamente em volta do meu pulso novamente e ele força a minha mão para trás, prendendo-a sobre o travesseiro. Seu rosto encosta no meu pescoço e ele inala ao longo da minha garganta.

— Você não pode fazer isso porque não é como eu — ele sussurra. Minha temperatura corporal sobe quando seus lábios quase roçam o meu pescoço. — Você salva vidas, eu as tiro. — Eu não quero ser afetada por ele. Eu o odeio, quero matá-lo, mas a maneira como seu corpo está pressionado contra o meu, o jeito que ele me toca como se fosse meu dono, ele faz meu coração tentar escapar do meu peito e meus pulmões lutarem por ar. Eu me odeio mais do que pensava ser possível neste momento.

— Você vai me matar? — Viro-me ofegante.

Ele afasta seu rosto do meu pescoço enquanto seus dedos liberam meu pulso e pegam o meu cabelo, puxando-o quase ao ponto da dor.

— Eu ainda não decidi — ele murmura, tão perto dos meus lábios que os sinto contra os meus. Minha respiração acelera e ele sorri. — Medo?

— Eu deveria estar? — Murmuro, minha voz tremendo. Sim, eu deveria estar, eu estou, mas não tanto quanto deveria quando um psicopata assassino está se pressionado entre minhas coxas com uma lâmina de barbear a polegadas da minha cabeça.

Ele puxa ainda mais os meus cabelos, virando minha cabeça para o lado. Seus lábios se movem para o meu ouvido, me fazendo tremer debaixo dele.

— Definitivamente — ele rosna.

Oh, Deus. Eu não posso respirar, não posso falar. Tudo o que posso fazer é sentir ele. Eu não quero senti-lo, e minha mente está gritando comigo: *o que diabos você está fazendo?* Meu corpo, no entanto... meu corpo é evidentemente um traidor.

Seus dentes beliscam suavemente a minha orelha e perco a razão. Deixo cair à lâmina de barbear e minha mão voa para o seu cabelo, puxando os fios curtos. Não sei se estou tentando puxá-lo para longe de mim ou trazê-lo para mais perto. Ele ri e seu hálito quente sopra em meu pescoço.

— Não é tão inocente agora, não é? — Ele murmura, enquanto empurra seus quadris contra os meus, provocando.

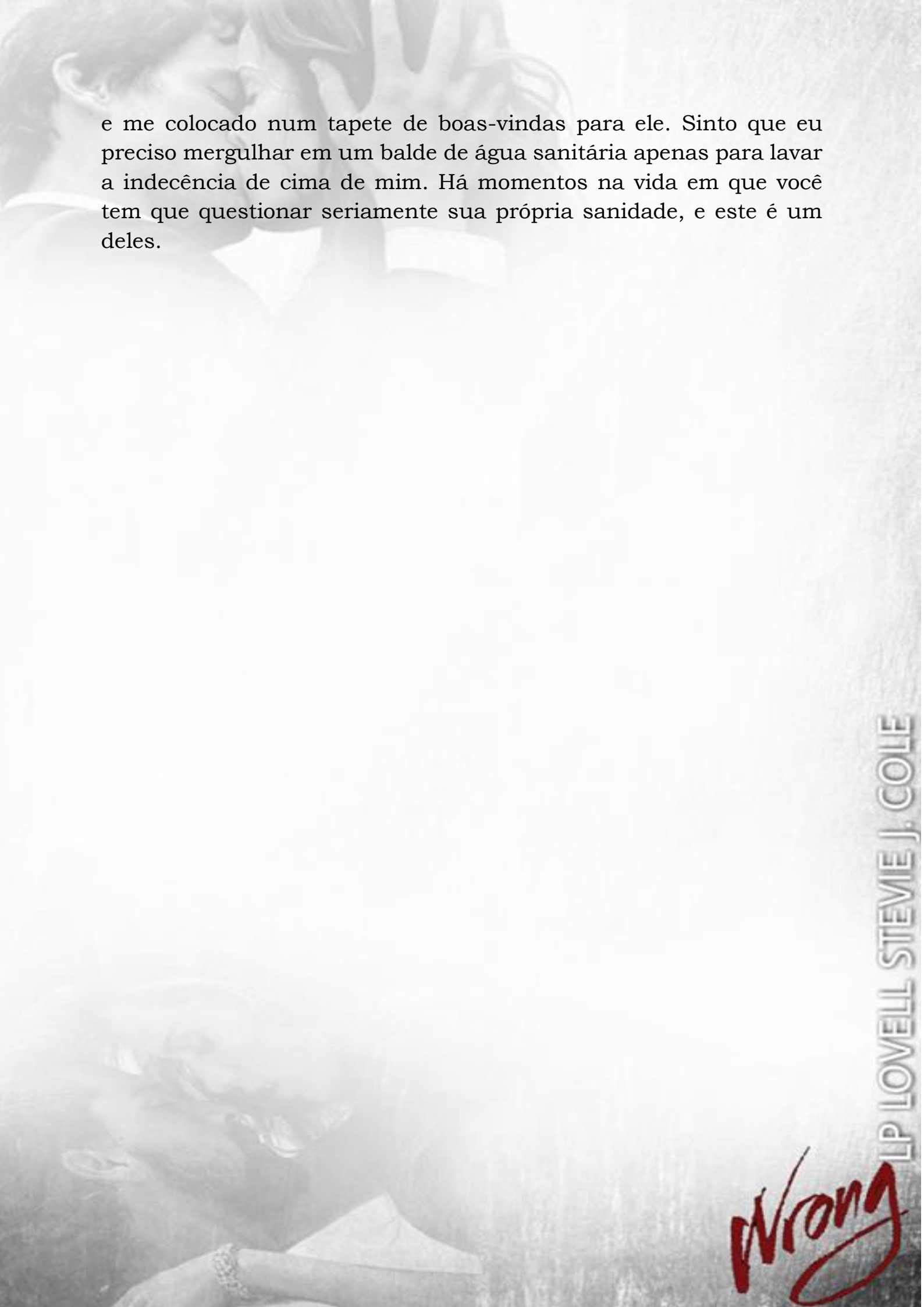
Sua mão se move do meu cabelo para meu queixo, agarrando-o com força. Seus lábios estão tão próximo, e cada hormônio em meu corpo está gritando com ele para me beijar. Estou enlouquecendo. Quando acho que ele vai, quando posso sentir o roçar de seus lábios sobre a minha boca, ele se afasta e rola para longe de mim, saindo da cama.

Ouço o farfalhar de roupas, antes dele abrir a porta.

— Você fode comigo, eu vou foder com você — diz ele, e bate à porta atrás de si.

Idiota da porra. Tudo o que eu posso ouvir é o meu pulso martelando em meus ouvidos enquanto tento entender o que aconteceu. O que diabos está errado comigo? Se ele tivesse me beijado, eu teria deixado, merda, poderia muito bem ter ficado nua

e me colocado num tapete de boas-vindas para ele. Sinto que eu preciso mergulhar em um balde de água sanitária apenas para lavar a indecência de cima de mim. Há momentos na vida em que você tem que questionar seriamente sua própria sanidade, e este é um deles.



Capítulo 15

Jude

Bato a porta atrás de mim. A porra do meu pau está latejando, minha ereção está dura e pesada. Essa cadela apenas tentou cortar minha garganta e me deixou excitado, porra. A maneira como ficou presa debaixo de mim, apertou minha perna entre suas coxas quentes, o meu peito nu contra seus seios fartos... foda-se!

Paro no topo da escada e passo as mãos pelo meu cabelo. Olho para a porta. Ela estava a fim, porra, se eu tivesse tentado transar com ela, tenho a maldita certeza de que teria me deixado. Que tipo de fodida merda é essa? *Porra!* Ela está tentando me seduzir. Fazendo-me querê-la, pensar que posso confiar nela, para que ela possa me foder e me vender para Joe...

Balanço minha cabeça e desço as escadas. Não posso pensar nisso agora. Tudo o que sei é que preciso me afastar dela. Passo pela sala de estar e Caleb está esparramado no sofá assistindo TV.

— Vou checar algumas bundas no bar.

***

Ele olha para mim, seus lábios se curvando em um sorriso enquanto pega o controle remoto e desliga a TV.

— Eu vou com você.

As portas do Elysium se abrem e o alto burburinho ressoa no meu peito. Nós costuramos nosso caminho através da multidão em direção ao bar.

O barman olha para cima, balançando a cabeça.

— Vincent ligou. Estou cansado dessa merda.

Faço o meu caminho por trás do bar, minha mão apertando seu ombro.

— Eu só possuo a porra do clube. Culpe o Chris por isso, ok?

Pego uma garrafa de Maker's Mark[8] e despejo em dois copos grandes. Entrego um para Caleb enquanto saio do bar e caminho em direção ao palco. Uma das garçonetes passa perto e bato na sua bunda. Ela não perde um passo. Tomo um gole do meu copo, apreciando a bebida gelada enquanto atravessamos a multidão espessa de homens reunidos ao redor do palco, jogando dinheiro para a dançarina. A música se desvanece à medida que caminhamos para o corredor. Paro na frente da porta que diz "**Apenas funcionários**", tomando outro grande gole antes de girar a maçaneta. Assim que a porta se abre, somos recebidos com gritos.

— JP!

— Caleb!

Crystal olha para cima de sua penteadeira, seus lábios carnudos formando um sorriso. Ela joga seu pincel de maquiagem para baixo e lentamente fica em pé e vem desfilando para mim. Ela está vestindo uma lingerie transparente preta e uma tanga de seda. Os seios dela perfeitamente redondos saltam a cada passo que ela

[8] Marca de uísque.

dá, fazendo meu pau pulsar como um filho da puta. Parando na minha frente, seus olhos trilham o meu corpo.

— Senti sua falta — ela ronrona, seus dedos roçando a minha virilha. As outras meninas saíram, me dando sorrisos sedutores em seu caminho para fora. Arqueio uma sobrancelha em diversão.

— Sentiu? — Pergunto e tomo outro grande gole de uísque.

— Parece que você sentiu também. — Ela morde o lábio, seus dedos já desfazendo minha calça. Ela puxa o meu pênis para fora. Suas unhas passam suavemente sobre a pele firme.

Com o canto dos meus olhos, vejo Tara abordando Caleb e o empurrando para baixo no sofá. Viro-me novamente, olhando para Crystal quando ela cai de joelhos. É por isso que eu gosto dela, não faz joguinhos, vai direto ao negócio. Ela arrasta lentamente a língua sobre o meu pau antes de empurrá-lo em sua boca quente. Inspiro e coloco uma mão no topo da sua cabeça, guiando-a. Seus dedos envolvem em torno de mim, torcendo-se enquanto me abriga na parte de trás de sua garganta. Acaricio seu cabelo, gemendo enquanto tomo outro gole de uísque. Ela está trabalhando árduo, mas não o bastante. Minha mão desliza para baixo, na parte de trás de sua cabeça, puxando-a para mim, tanto quanto ela pode vir. Ela engasga e tenta se afastar.

— Foda-se! — Eu rio. — Você pode fazer melhor do que isso, não pode?

Ela geme, afastando-se e, em seguida, engole mais de mim. Ela agarra a cintura da minha calça, puxando-a para baixo junto com a minha boxer enquanto me olha. Ela pega agressivamente minhas bolas, seus olhos se fechando, enquanto me engole ainda mais profundo. Sinto sua língua sob a ponta da minha cabeça, em seguida, um círculo em torno dela. Seus dentes raspam suavemente sobre mim, ela geme e rola minhas bolas na palma da mão... e... eu não consigo.

Amplio a minha postura e expiro. Eu não estou nem perto, caralho. Ela está ficando frustrada e trabalha em mim com mais

força, mais profundo, mais áspero. Sinto seus dedos sob minhas bolas deslizarem até meu ânus, colocando pressão sobre ele. Cerro os dentes enquanto puxo seu cabelo e inclino a cabeça para trás. Tara geme e o barulho de Caleb transando com ela não me excita, apenas me distrai. Fecho meus olhos e, contra a minha vontade, imagino que a sensação quente e úmida envolvendo meu pau é a boca de Tor. Meus quadris empurram para frente e gemo enquanto meus dedos apertam seu cabelo. Suas unhas cavam em minhas coxas. Quanto mais eu penso em Tor, com mais força fodo sua boca, mais me empurro, fazendo-a engasgar e tentar se afastar de mim, mas eu não vou deixá-la ir.

— Engula, Crystal. — Prendo a respiração, imaginando aqueles olhos azuis de Tor olhando para mim.

Crystal me leva profundo em sua garganta, pressionando o dedo em mim apenas no ponto certo quando o calor se espalha por todo o meu corpo. Eu a seguro no lugar. Sinto minhas bolas se apertarem, meus músculos enrijecem e eu saio de sua boca, gozando furiosamente em seu rosto.

— Merda JP! — Ela grita, limpando sua bochecha com a mão.

Caio de volta no sofá, algumas gotas de uísque respingam para fora do copo. Durante todo o sexo eu me mantive segurando-o. Bebo o último gole do meu copo. Ajeito-me, subindo minhas calças que ainda estão em torno dos meus tornozelos, e penso em quão fodido é eu ter a garganta profunda da minha stripper no meu pau, enquanto fantasiava sobre uma menina trancada no meu quarto como garantia de uma dívida.

As mulheres não fazem isso comigo. Elas não chegam até mim... mas ela fez. Não há espaço para o sentimento no meu mundo. Ela está envolvida com Joe, é claro que a quero, ele esperava que eu a quisesse, o que só me faz ficar com mais raiva. Joe é um filho da puta. É difícil matar algo que você quer, o bastardo sabe disso. Eu não posso deixar que ele me foda. Não vou deixar ele me foder, e vou acabar com qualquer intenção que ele tenha. Eu não tenho nenhuma

escolha nisso. Minhas mãos estão literalmente atadas. Vou matá-la ou salvar o que restar dela quando eu tiver acabado.



Capítulo 16

Victoria

Quando acordo na manhã seguinte e a minha visão entra em foco, encontro dois homens enormes de pé ao lado da cama, olhando para mim.

— Que diabos? — Grito. — Quem são vocês?

Eles não dizem nada e sem aviso, um dos caras agarra minha perna, me arrastando da cama. Bato no chão duro, machucando o cotovelo com a queda.

— Que porra é essa? Quem é você? Onde está Jude? — Tento me arrastar para longe dele, meu coração batendo contra minhas costelas. Eu nunca pensei que desejaria Jude, mas, de repente, gostaria que ele estivesse aqui. Ele assusta a merda fora de mim, mas confio nele para não me ferir deliberadamente. Esses caras... esses caras parecem que podem me estuprar e matar apenas por prazer e risos.

Os dois homens riem um para o outro.

— Oh, ele teve que ir cuidar de alguns negócios. — Um deles agarra meu ombro e me puxa para os meus pés. — Ele nos pediu para lidar com você enquanto está fora e que esteja pronta para quando ele voltar.

Ele me empurra para a porta.

— Agora mova-se.

Tropeço, me agarrando a qualquer coisa para ficar longe desses ogros.

— Eu preciso ir ao banheiro — digo. Ele faz uma careta para mim. — Por favor.

— Bem. Se apresse, porra.

Ele fica na porta, de costas para mim. Merda, o que vou fazer? É agora, eu sei que é. Não sei se Jude sabe sobre isso ou não. Sei que ele é um idiota, mas sempre o considerei como o tipo de cara que lida com o próprio trabalho sujo. Se ele quer me matar, o mínimo que o bastardo poderia fazer é puxar o gatilho ele mesmo.

Lavo as mãos, mantendo meus olhos para baixo, não querendo olhar para ele. Posso sentir o cheiro dele mesmo distante como estou. Ele cheira a uísque barato e suor.

— Acabou o tempo. Mova o seu rabo. — Ele agarra meu braço, me arrastando para fora do banheiro e para fora do quarto. Seu aperto no meu braço é tão forte que meus dedos estão formigando pela diminuição do fluxo sanguíneo. Ele não me larga enquanto se move através da casa. Posso ouvir o outro cara atrás de mim, mas ele não faz nada para me ajudar. Passamos no que parece ser uma sala de estar, que tem pelo menos quatro televisores diferentes passando jogos de vários esportes.

Sou conduzida a uma porta. Uma vez que se abre, estou olhando para um conjunto descendente de escadas.

— Anda — o cara sibila, me empurrando para frente.

Começo a descer a escada de madeira, meu pulso cada vez mais frenético a cada passo. Quando chego embaixo, meus pés descalços pisam num chão áspero de concreto frio.

Ouço o clique de um interruptor de luz e uma luz fluorescente pisca acesa. Eu estou parada em uma sala comum. O piso é de

LP LOVELL STIEVIE J. COLE
Wrong

concreto com paredes de azulejos. Existem vários armários nas paredes e uma maca no meio da sala. Eu acho que esta é a versão criminosa de uma sala médica.

O brutamontes continua me empurrando para o outro lado da sala, para uma porta no canto. Ele a abre. Outra luz fluorescente vibra adiante. Eu, involuntariamente, empurro para trás contra ele enquanto ele me empurra para frente. Não quero entrar nesta sala. Há armas e facas em todos os lugares. Jesus, isso parece algo saído de um filme da máfia.

Prateleiras de madeira estão empilhadas com rifles de assalto. Cordões de balas pendurados nas paredes. Há caixas marcadas com explosivos. Merda, o que eles vão fazer? Começar a porra de uma guerra?

— Mantenha-se andando — ele me ordena, empurrando a parte de trás da minha cabeça.

Passo para a porta ao lado. Tudo em mim está gritando para eu correr, mas não posso, ou pelo menos eu não iria muito longe.

Minhas mãos estão tremendo e meu coração está batendo contra minhas costelas. Meu peito se aperta e, por um momento, sinto como se não pudesse respirar. O único pensamento que posso reunir é imaginar no que diabos estou prestes a entrar? Por que estou aqui? O que eles vão fazer comigo? Eu só espero que eles façam rápido.

Ele abre a porta, empurrando-me por ela. Meu corpo inteiro congela. *Eu não posso respirar. Não posso me mover. Vou morrer.*

É tão frio aqui, posso ver minha respiração na frente do meu rosto. As paredes são cobertas de folhas de plástico e a sala está vazia, exceto por uma única cadeira de alumínio no meio e um carrinho de metal contra a parede oposta. Não posso ver o que está nele e eu tenho certeza que não quero. Bem embaixo da cadeira, encravado no concreto, existe um ralo.

Foda-se, este é o ponto onde enlouqueço. Viro-me em meus calcanhares e tento correr. Corro para a porta, mas antes que eu esteja perto ele me agarra pelos cabelos.

Eu luto.

Luto com tudo o que resta em mim. Agarro o rosto dele e mordo os braços que me imobilizam. Grito, implorando a alguém que venha me salvar, embora eu saiba que ninguém vai vir. Mordo novamente, desta vez, o gosto de sangue escorre em minha boca e o homem me segurando rosna. Ele move o braço para trás, me batendo no rosto e me arrastando pelo chão, sangue enche minha boca.

— Puta — ele ruge, sacudindo a mão sangrando.

Não tenho força para sequer me salvar. Eu nunca me senti tão impotente na minha vida. Lágrimas de frustração escorrem pelo meu rosto, enquanto meu peito arfa desolado.

— Se levanta sua puta! — Ele grita comigo.

Não me movo e ele me ataca novamente. Sinto meus lábios arrebentarem e dor explode através do meu rosto enquanto o sangue flui para baixo do meu queixo. Minha cabeça está girando a partir da força do golpe.

— Eu disse, se levante — diz ele com uma voz ameaçadora. Eu não posso me levantar, minha visão está indo e voltando. Acho que vou desmaiar. Gemo e abraço meus joelhos com minhas mãos. A próxima coisa que eu sei, é que estou sendo atingida com água gelada. Todo o ar deixa meus pulmões. Meu coração quase salta do meu peito enquanto eu grito. Porra!

— Levanta. Agora! — Ele joga o balde no chão da sala.

Não posso me mover. Minhas pernas não respondem. Eu começo a tremer e meus dentes estão batendo.

— Que porra é essa, Bob! — Um pouco de esperança enche meu peito ao ouvir o som da voz de Caleb. Ele aparece na porta, vestindo uma camisa de botão e calça de terno. Ele dá um passo

mais perto e agacha em frente a mim. Ele agarra meu queixo e seus olhos veem meu lábio inchado e sangrando.

— Ria — Ele inala profundamente. — Sinto muito.

Espio através dos fios molhados do meu cabelo pendurados na frente do meu rosto. Meus olhos bloqueiam com os seus e não posso ver nada além de lamento neles. Confiei em Caleb, mas agora, eu estou percebendo que foi um erro, nunca deveria confiar em alguém. Ele me ajuda e me diz para sentar-me na cadeira. O metal frio congela as costas das minhas pernas nuas. Está tão frio aqui que eu não consigo parar de tremer.

Caleb pega meus pulsos, puxando-os para trás do meu corpo e os fixa na parte de trás da cadeira com uma corda. Seu polegar escova sobre meu pulso delicadamente e eu o ouço soltar um suspiro suave. Não posso aguentar isso. Abaixo minha cabeça, balançando enquanto as lágrimas escorrem pelo meu rosto. Eu não quero morrer. Neste momento, tudo o que posso esperar é pena.

— Por favor, me ajude, — sussurro.

— Eu sinto muito — Caleb sussurra, passando sua mão pelas minhas costas antes de se juntar ao outro cara.

— Ele disse para não tocá-la, porra — Caleb sibila, sua voz profunda. Ele parece tão magro na frente do homem bruto, mas ele projeta algum do poder de seu irmão.

— Que diabos isso importa? Não é como se ela fosse ficar aqui — resmunga o cara, ainda inspecionando a marca de mordida em seu braço.

Caleb olha para mim, com um olhar cheio de pena e eu sei que não vou sair daqui. Ninguém pode me salvar agora. Eu nunca vou ser uma médica. Nunca vou me casar ou ter filhos. Este é o meu destino de merda, morrer em uma sala gelada, cercada por pessoas que não poderiam se importar menos comigo. Rodeada por monstros. Deixo cair o queixo no meu peito. Estou tremendo tanto que está causando espasmos em meus músculos.

Longos minutos se arrastam e ninguém diz uma palavra. Eles ficam apenas ali de pé, olhando para mim. Eles parecem estar esperando por algo. Quanto mais tempo espero, mais ansiosa eu fico e também com mais frio. O tremor se transforma em convulsões de corpo inteiro. Cerro os dentes apertados, eles parecem que vão quebrar.

Apenas quando penso que não posso suportar mais, ouço passos. Eu olho para cima quando uma figura passa pela porta. Jude.

Seus olhos se fixam instantaneamente nos meus. Eles são como pedras frias, insensíveis, sem remorso. Ele aperta a mandíbula, quando arrasta seu olhar sobre o meu corpo. Se eu pensei que ele iria me ajudar, estava errada. Ele se parece exatamente com o assassino frio que eu sei que ele é.

LP LOVELL STEVIE J. COLE
Wrong

Capítulo 17

Jude

Ela está sentada no meio da sala em uma cadeira, encharcada pra caralho, e seu lábio está machucado. Há sangue escorrendo pelo queixo. Torturar a porra de uma mulher? Isso é doente. Mas que escolha eu tenho? Que escolha de merda eu tenho quando tudo está em jogo?

— Que porra é essa? — Rosno para Caleb. — Porra, eu disse a você, ninguém toca nela até eu chegar aqui! — Grito.

— Ela estava assim quando eu cheguei aqui. Aparentemente, Bob não pode se controlar por dois malditos minutos. — Ele olha para Bob, e meu olhar o segue.

— A cadela me mordeu! — Bob fica amuado, mostrando a mão ensanguentada.

Não posso olhar para ela. Cerro os punhos com força, querendo saber se eu posso realmente passar por isso. Inalo profundamente. Quanto mais eu olho para Bob, mais superficial minha respiração se torna. Do canto do meu olho, posso vê-la tremer.

Dou vários passos pela sala, meus punhos ainda fechados.

— Eu te disse... — Nem mesmo termino a minha frase. Bato meu punho no rosto de Bob e o seguro pelos ombros, jogando-o ao chão. — Levante-se! — Grito, minha voz ecoando pela sala de concreto. Ele fica em pé.

— Você não pode seguir a merda de umas instruções. — Tomo um segundo para acalmar a minha respiração. — Você sabe o que está em jogo. Você se desvia do plano e vou matá-lo, caralho.

Olho para ela, mas só posso aguentar por um momento. Seus dentes estão batendo violentamente e ela está pálida, quase cinza, seus lábios tingidos de azul claro. Ela parece quase como se fosse um cadáver.

— Victoria — digo o nome dela em tom severo que eu posso gerenciar, mas ela não responde. — Victoria!

Puxo a arma da cintura da calça e armo o gatilho. Esse som repercute nas paredes. Engulo em seco porque, honestamente, o que eu estou a ponto de ter que fazer com ela me deixa enjoado.

Fecho meus olhos e aperto meus dedos no cabo da arma.

— Cadela! — Esse comentário faz com que seus olhos se levantem lentamente. Ela pisca, a vibração lenta de seus cílios indicando que ela está ouvindo. — Eu sei porque você está aqui e tenho que dizer-lhe, isso me irrita, realmente me irrita.

Sua testa se enruga.

— Por que estou aqui? — Diz ela através de seus dentes batendo. — Você me sequestrou. — Suas palavras são arrastadas e fracas.

— Não, você apareceu aqui, lembra? Eu não tive nada a ver com isso. — Levanto minha mão para trás como se estivesse indo golpeá-la, aperto com força a arma na minha mão. Ela se encolhe e me inclino mais perto dela. — Este foi um plano bem jogado, eu admito, mas agora o jogo acabou. Você cometeu um erro ao vir aqui, garotinha, e está prestes a aprender o quanto isso foi errado. Mulher ou não, você agiu como um homem, então vai ser tratada como um.

— Do que você está falando? — Sua voz vacila, lágrimas escorrem pelo seu rosto pálido.

— Quem te mandou aqui?

— Euan — diz ela, com a voz embargada, e seu corpo estremece violentamente. Observo seus olhos entrando e saindo de foco.

— Se você não disser, eu *posso* fazer você me dizer, prometo — levanto minha mão um pouco mais, em seguida, agarro o seu queixo, sua pele gelada através dos meus dedos. Forço seu rosto para olhar para mim. — Eu não terei escolha a não ser feri-la se não me responder. — Engulo em seco, em seguida, coloco o cano da arma debaixo de seu queixo, arrastando-o através de sua pele úmida e o que estou fazendo é mais difícil para mim do que imaginava. Minhas mãos estão tremendo. Meus nervos estão no limite. Ela não diz nada, e aperto sua mandíbula. — Eu vou te quebrar e acabar com você. Você está fodendo com as pessoas erradas.

Deixo seu queixo cair e me levanto, movendo-me para um lado da sala me encostando na parede. Meu coração está martelando no meu peito, meu estômago está em um nó. Lá no fundo, não acho que ela tem algo a ver com isso, mas para ter certeza vou ter que quebrá-la como eu faria com qualquer outro inimigo. Vou ter que destruí-la totalmente, e se ela realmente for inocente, sei que nunca vou ser capaz de me perdoar por aquilo que está prestes a acontecer.

Dou de ombros para o meu tio e irmão.

— Ela não vai cooperar, ela não entende o que diabos essa palavra significa.

Caleb olha para mim. Sua expressão é dura, suas narinas dilatadas enquanto me olha. Balanço a cabeça e ele respira profundamente, o que silenciosamente expressa "*foda-se Jude*" enquanto caminha em direção a ela. Bob a agarra pelos cabelos, puxando sua cabeça para trás, enquanto Caleb puxa suas mãos para cima.

— Ria, diga-nos. Você pode fazer isso parar se nos disser o que sabe — Caleb está conversando com ela, não exigindo, ele está implorando-lhe para que ela nos diga o que sabe para que nós possamos parar.

— Eu não sei do que você está falando. — Seu peito incha e o próximo som que vem dela é um soluço alto. — Eu não sei. Eu não sei. Por favor, Caleb, — ela implora entre as respirações afiadas. — Você não é um monstro — ela sussurra. — Você prometeu.

Assisto Caleb vacilar, como se ela apenas lhe infligisse um golpe físico. Seus olhos se movem para os meus.

— Jude...

— Faça o caralho do seu trabalho Caleb — rosno para ele. Não tenho tempo para as suas besteiras emocionais.

Caleb respira fundo e aperta seu queixo enquanto faz um gesto para Bob ir para o lado. Ele segura-a pelos ombros, inclinando a cabeça para cima, como se estivesse pedindo perdão a Deus, antes dele jogá-la no chão. A água espirra no concreto, quando seu corpo o atinge. Ele paira sobre ela, ofegante. Eu sei que ele quer me matar por obrigá-lo a fazer isso, mas você não pode fazer amizade com o inimigo, e esta é uma lição para ele. Bob segura suas pernas, prendendo-as debaixo de seus joelhos.

Caleb olha de volta para mim, mais uma vez, silenciosamente implorando que o deixe ir embora, mas eu aceno.

— Faça, porra! — rosno.

Ele agarra o colarinho da camiseta que ela está usando e a rasga dela. Eu esperava que ela lutasse, gritasse, fizesse algo... mas ela está lá deitada chorando e tremendo incontrolavelmente. Seus gritos abafados quase acabam comigo.

Ela é uma pessoa... fecho meus olhos por um segundo, tentando me separar dessa coisa toda, e quando os abro, Bob tirou a boxer dela. Ela está deitada nua sobre um piso de concreto frio com água gelada debaixo dela.

— Você trabalha para Joe ou você veio para ajudar Euan? — Bob pergunta.

Ela vira a cabeça para longe de Bob e seus olhos se fecham, enquanto ela tenta cobrir o peito com os braços. Ela está violentamente tremendo de frio, por causa da temperatura da sala, cada respiração irregular que ela consegue dar, forma uma nuvem branca de condensação.

Eu só quero que ela responda. Quero que essa porra acabe. Eu preciso empurrá-la longe o suficiente para ter certeza, mas já sinto que essa porra foi longe demais... o que não deveria me importar. Já fiz muito pior do que isso.

Bob se afasta dela e atravessa a sala, acendendo um cigarro, antes dele agarrar o carrinho de metal, as rodas enferrujadas rangem enquanto ele o empurra para o seu lado.

Engulo. Meu peito aperta, minha garganta fica seca e o meu coração bate forte, as palmas das minhas mãos ficam suadas.

Há um baque forte na porta grossa atrás de mim, e vacilo quando a porta bate na parede ao se abrir.

— Jude, temos um problema. Há dois homens escondidos em torno da floresta, na parte de trás da propriedade.

— O quê? Como conseguiram passar pela porra da segurança? —

— Porra, como se eu soubesse... Mas eles estão armados.

— Porra, Joe! — Olho para Victoria. — Se eu descobrir que você tem *alguma* coisa a ver com isso, posso prometer que não vou mostrar nenhuma piedade!

Eu me movimento com um aceno rápido do meu pescoço para Caleb.

— Vamos.

Caleb olha para ela, então para mim com um olhar preocupado.

— Vamos lá! — Rosno.

Saio, segurando a porta quando me viro e olho para Bob.

— Porra, se você tocá-la, vou estrangulá-lo com minhas próprias mãos.

Bob balança a cabeça, levantando-se e puxando outra tragada de seu cigarro enquanto se inclina contra a parede oposta.

— Você me ouviu, porra? — Balanço minha arma para ele. — Não toque nela até eu voltar!

— Sim. Ok. Eu não vou, não quero morrer.

A porta se fecha assim que ela deixa escapar outro soluço alto. Ando através dos cômodos até as escadas, agarro com força a minha arma na minha mão enquanto sigo o resto dos caras para o deck.

— Dois indivíduos na floresta, lá — Paul aponta para a parte de trás do lote.

Não espero. Sinto que tudo está desmoronando ao meu redor. Ela está lá embaixo, esses caras estão na minha propriedade. Sinto que estou sendo vigiado em todas as direções. Corro em direção à linha das árvores, Caleb seguindo de perto, atrás de mim. O resto dos meus rapazes parecem um enxame com armas em punho. Ouço um dos invasores gritar e então o vejo disparar balas através dos troncos finos dos pinheiros.

Movo-me naquela direção e puxo o gatilho. A forte explosão da arma através dos meus ouvidos, abafa momentaneamente os ruídos em torno de mim. Segundos depois, um tiro dispara na minha direção. Balas ricocheteiam nas árvores, cascas se estilhaçam e pulverizam pelo ar.

Não posso mais ver os homens e avanço pela floresta, meus olhos varrendo a área através dos grossos troncos.

LP LOVELL STEVIE J. COLE
Wrong

— Você está vendo eles? — Grito, ainda armado e pronto.

— Não — Caleb grita. — Não vejo nada. Merda! Eles devem ter fugido.

Vasculho, ainda em busca de sinais de que eles foram baleados. Dou mais alguns passos na direção que os vi fugir e encontro uma trilha de sangue vermelho brilhante sobre as folhas secas.

— Bem, há sangue — agacho, inspecionando as folhas. — Não muito — faço a varredura entre as arvores mais uma vez. Eu não vejo nada. Não ouço nada. Eu tenho mais de cinquenta hectares, esses homens podem estar em qualquer lugar.

— Encontre-os! — Ordeno, e volto para a casa.

LP LOVELL STEVIE J. COLE
Wrong

Capítulo 18

Victoria

Assisto Caleb sair da sala e qualquer esperança de que eu poderia realmente sobreviver, sai com ele. A porta se fecha com um baque e um silêncio mortal enche a sala. O único som é o constante fluxo de água que flui para o ralo.

Estou congelando e meu corpo treme violentamente. Eu não posso sentir meus membros. Não posso sentir nada, exceto medo e desespero.

Bob tem um acesso de tosse no canto da sala. Recuso-me a olhar em sua direção. Apenas fico deitada aqui, nua, em uma poça de água gelada, e olho para a bruxuleante luz fluorescente.

— Você está fodendo com a cabeça dele — Eu mal posso ouvi-lo murmurar por causa do barulho dos meus dentes. — Você sabe que ele tem um fraco por você, hein?

Mais uma vez, fico em silêncio. Seu rosto se move em minha linha de visão, um sorriso doente em seus lábios. Ele sopra um anel de fumaça na minha cara, me fazendo tossir fracamente. Seus dentes estão manchados de nicotina e as gengivas são tingidas de cinza. Tudo nele me causa repulsa e nojo.

Ele repousa o cigarro nos lábios e inala novamente.

— Você o faz fraco — O ouço se mover em torno a sala, as botas rangendo contra o concreto.

Poucos segundos depois, ele se inclina sobre mim, segurando uma lâmina. A luz incide sobre ela, cintilando a superfície do aço. Minha mente está correndo, em pânico, mas meu corpo... o meu corpo não pode reagir. Um soluço frustrado sai do meu peito. Uma coisa é morrer lutando, mas ser incapaz de lutar, isso não só vai me destruir fisicamente, mas também mentalmente. Só espero que o quer que ele for fazer, que faça rapidamente.

Ele passa seu dedo pela borda afiada da faca. Fecho meus olhos e quando os abro, ele se agachou ao meu lado. Ele agarra meu rosto. Seus dedos são ásperos e fedem a cigarros.

Ele empurra a lâmina afiada na frente do meu rosto e sussurra:

— Eu vou fazer com que você não seja mais uma fraqueza para ele. Difícil ter um fraco por uma cadela que tem suas tripas para fora dela.

Minha respiração trava. Balanço minha cabeça. Seus olhos são negros, seu rosto duro, exceto por um pequeno lampejo de emoção que o atravessa quando ele olha para aquela maldita faca.

— Maldição — Bob dá uma tragada no cigarro, segurando-o entre os lábios enquanto continua, — uma vergonha foder um corpo tão bom quanto o seu.

Ele estica a faca, mal tocando a ponta dela na pele entre os meus seios.

Quero gritar, mas o frio está me dominando. Posso sentir minha respiração ficando mais lenta e minha visão começa a nublar. Se Bob não me matar, então o frio fará.

Ele pega o cigarro e esmaga sua ponta em brasa no meu peito. O calor é escaldante e faço uma fraca tentativa de me afastar, mas ele me agarra e me mantém no lugar. Minhas costas nuas deslizam no concreto frio, molhado.

— Ele te fodeu? — Ele revira seu lábio debaixo de seus dentes, soltando risadas. Ele tateia meu seio, beliscando meu mamilo duro entre os dedos. — Ele tem te fodido como uma prostituta suja, como você merece ser fodida?

Balanço minha cabeça, um gemido patético escorregando dos meus lábios. Ele aperta a lâmina mais forte na minha pele.

— Eu vou fazer um favor a ele ao matar você. Porque não acho que ele consegue fazer isso por si mesmo.

Meu peito dói. Não posso respirar. Sinto o corte da borda afiada da lâmina através da minha pele e dor irrompe em meu peito quando ele a arrasta para baixo do meu corpo, palmo a palmo, parando pouco antes de atingir o meu umbigo. Sinto o sangue quente escorrendo pelos meus lados. Fecho meus olhos e as lágrimas escorrem em minhas bochechas.

Ele me agarra pelo pescoço e desaba seu peso em mim, seu rosto a centímetros do meu enquanto rosna.

— Eu vou cortar cada... — ele coloca a lâmina sob a minha garganta, — fodido centímetro seu, e vou desfrutar de cada segundo.

Ele afasta a faca do meu pescoço e a próxima coisa que sinto são seus dedos passando pelo interior da minha coxa. Sinto o leve arranhão da lâmina quando ele a arrasta levemente sobre a minha pele. Ele a move para mais alto, até que está quase no ápice da minha coxa. Minha visão fica turva, e luto contra a vontade de desmaiar. Eu não posso desmaiar, não posso deixar que isso aconteça, penso freneticamente comigo mesma.

— Que tal eu te foder com essa faca? — Ele arrasta a lâmina na junção da minha coxa, rindo quando choramingo.

Não posso parar o soluço que desliza dos meus lábios. Eu quero morrer. *Por favor, me mate. Por favor, me mate.* Silenciosamente imploro várias vezes.

Acaricia meu rosto com a ponta dos dedos antes de pressionar a ponta da lâmina na minha bochecha. Eu nem me importo mais.

— Mate-me — É tudo o que posso dizer, tudo o que quero. Acabou. Não sou forte o suficiente para este pesadelo. Estes são os monstros que outros monstros temem. Eles vão me quebrar e estarei além de qualquer reparação. Pontos pretos surgem na minha visão, estou tão cansada. Estou com tanto frio. Eu só quero dormir.

Seu riso se aprofunda em um sorriso maníaco quando ele coloca a lâmina contra a minha garganta.

— Ainda não, coisa doce. — Seus olhos derivam sobre meu corpo nu, e ele ri. — Não até que eu obtenha *exatamente* o que quero.

Ele coloca a mão novamente no meu peito. Seus movimentos bruscos puxam o corte no meu peito, e me encolho. Sua mão trilha ao longo do meu estômago.

— Que tal eu foder com o dedo esta sua buceta? — Seu dedo mergulha entre as minhas pernas, pressionando contra mim. Aperto minhas pernas fechadas, tentando fugir para longe dele, mas estou muito fraca. Bile sobe na minha garganta, assim como a minha consciência tenta escapar. Tudo em mim rejeita violentamente esse pensamento, lutando com minha mente nebulosa e exigente, luto contra isso. Este animal me bateu, me cortou, mas ele não vai me estuprar. Prefiro morrer mil vezes.

Torço seu pulso e uso o último resquício da minha energia para levantar meu troco do chão. A ponta afiada da faca entra no meu pescoço. Sinto instantaneamente o sangue correr quente na minha garganta e eu sorrio, caindo para trás contra o concreto. Estou tão fria. Meu corpo está quebrado e minha alma está despedaçada. Congratulo-me com a escuridão quando ela me consome.

Capítulo 19

Jude

Me aproximo da porta e ouço a voz rouca de Bob.

— Que tal eu foder com o dedo esta sua buceta?

Sinto um grunhido subir pela minha garganta enquanto abro violentamente a porta do congelador.

Raiva me consome. Ela está esparramada no chão, ainda nua, só que agora sua pele nua está revestida de sangue. Bob segura uma faca em sua garganta e sua mão imunda está afundada entre as coxas dela.

Vermelho. Isso é tudo que eu vejo, porra. Vou arrancar sua maldita cabeça de seus ombros.

Assisto os dedos dela se envolverem em torno do pulso de Bob e, naquele momento, tudo parece parar. Ela sacode violentamente os ombros do chão, forçando a lâmina da faca contra sua garganta. O sangue derramando do corte. Seus olhos se fecham e ela despenca novamente contra o chão de concreto.

— Caralho! — Grito, e agarro o ombro de Bob, empurrando-o para longe dela. — Saia de perto dela!

LP LOVELL STEVIE J. COLE
Wrong

Olho para o corte em sua garganta. Há tanto sangue. Está escorrendo de seu pescoço em um fluxo constante e contínuo para baixo dela. A adrenalina rasga através de mim fazendo minha cabeça querer explodir. Pressiono minha mão sobre a ferida em um esforço para diminuir o sangramento e poças do líquido vermelho passam através dos meus dedos.

— Tor! — Eu grito com ela, em pânico. Levanto minha mão livre e bato no seu rosto. — Victoria?

Arranco minha camisa e coloco sobre a ferida. Ela rapidamente se embebe de sangue. Meus olhos fitam o corte longo e irregular em seu estômago. Se eu soubesse que poderia retirar minha mão sem ela morrer, aproveitaria essa faca e cortaria a garganta de Bob agora. Ele está em pé atrás de mim, apenas vendo-a morrer, e isso me irrita. Ele sabe que não é assim que eu planejei isso. Isto não é o que deveria acontecer.

— Traga-me alguns cobertores porra, seu merda inútil! — Grito, e ele calmamente sai da sala.

Deslizo meus braços debaixo dela e a pego no colo e embalo seu corpo mole em meus braços.

Seus lábios estão azul profundo, sua pele um cinza apático. Ela está tão fria. *Merda.*

Culpa me consome. *Que merda que eu fiz?*

Corro para a sala médica e a deito na maca. Ouço passos escada abaixo, e Bob aparece poucos segundos depois com uma braçada de cobertores, seguido por Caleb.

— *Que merda*, — Os olhos arregalados de Caleb vêm até mim, — o que você fez com ela? — Ele já está no pé da maca, abrindo um dos kits médicos. — Você é um babaca — ele rosna, enquanto retira minhas mãos do seu pescoço. A camisa ensanguentada cai da cama, fazendo um som repugnante quando atinge o solo.

— Olhe a maneira que você fala comigo. — Enfio meu dedo no seu rosto. — Ela não está morta, porra! — Grito. — A conserte!

Ele balança a cabeça enquanto resmunga algo baixinho.

— Segure isso no pescoço dela, — ele diz, passando-me um punhado de gaze. — E coloque os cobertores sobre ela!

Pego a gaze, pressionando-a tão duro quanto posso sobre sua garganta. *Merda. Ela parece morta.* Posso sentir meu pulso na parte de trás da minha garganta e percebo que estou ofegante.

— Merda! Ela está com hipotermia! — Ele diz em um tom frenético. Seus olhos se arregalam e ele me olha. — Precisamos *aquecê-la*, agora. — Ele a segura em seus braços.

— Aquecê-la? O que você vai fazer, jogá-la em uma porra de banheira?

— Não, seu idiota! Isso iria lhe causar uma parada cardíaca. Ela precisa de mais cobertores e calor do corpo humano — ele a coloca de volta para baixo, passando as mãos sobre a cabeça. — Foda-se, Jude! Apenas foda-se! — Ele dá um soco na parede, em seguida, inclina-se sobre os joelhos balançando a cabeça. Posso dizer que ele não está exatamente certo do que fazer, o que me deixa desconfortável. Ele se endireita e inala. — OK. Temos que aquecê-la. E temos que dar pontos no corte em seu pescoço.

Meus olhos vão para as feridas em seu abdômen. O sangue está em cada fodido lugar. Isso nunca me incomodou antes, mas agora... isso faz meu estômago revirar.

— Há uma ferida em seu estômago? Você precisa costurar isso! — Grito para ele.

— Cale a boca e apenas deixe-me pensar. — Ele sacode a cabeça, andando novamente, seus olhos de volta para ela. — Isso pode esperar, porra. Não é tão ruim.

Olho para ela, e eu juro que está ficando mais pálida a cada segundo.

— Precisamos tirá-la desse maldito porão. Está frio demais.

Caleb a pega no colo, e eu a arranco imediatamente de seus braços, embrulhando-a nos cobertores. Balanço a cabeça em direção à porta.

— Vamos logo, porra! Eu não posso dar pontos.

Ando rapidamente com ela grudada no meu peito. Chuto a porta do meu quarto para abri-la. A maçaneta se solta com a força do baque.

— Isso é uma bagunça do caralho! — Caleb levanta o edredom. — Uma bagunça do caralho, Jude — ele grita.

Deito-a na cama, toco em seu rosto, esperando que algum calor já a tivesse aquecido, mas para mim ela está ainda mais fria.

— Por que ela não está se aquecendo? Por que ela ainda está tão fria? — Grito, apontando para ela. — Ela está com vários cobertores. Mas ela está mais fria do que estava sem eles. — Eu não posso olhá-la por mais tempo. Eu não quero que ela morra.

— Ela não pode gerar seu próprio calor. Alguém tem de fazer isso por ela. — Ele se acalmou um pouco e já está retirando os itens do kit que trouxe com ele. — Você vai ter que fazer isso. Preciso suturá-la.

— Fazer o que?

Ele me olha enquanto pega o fio de sutura.

— Aquecê-la... isso foi longe demais... você não acha? — Caleb enfia o fio na agulha, mas seus olhos estão fixos em mim. — Você vai dar-lhe algum calor do corpo ou o que, Jude? Não vou suturá-la se você vai deixá-la morrer de qualquer maneira.

— Merda. — Puxo o edredom e rastejo na cama ao lado dela.

— Pele com pele — diz ele. — Ela precisa do contato de pele com pele para se aquecer.

— Sério?

— Não vou vê-la morrer, Jude! Tire a porra das roupas e aqueça ela! — Ele grita. Caleb está no limite, e não posso culpá-lo. Isso é fodido, mesmo para nós.

Dispo a minha roupa ficando somente com a minha boxer e puxo o edredom sobre nós dois. Arrasto seu corpo sem vida para o meu, envolvendo meus braços em torno dela. Imediatamente me encolho com o frio de sua pele.

Caleb se ajoelha ao lado da cama. Ele puxa a gaze de seu pescoço e atira para o chão, depois balança a cabeça.

— Você vai ter que ficar de costas e puxá-la para cima de você. Eu não posso alcançar sua garganta dessa maneira.

Faço o que ele diz, rolo e ponho o corpo dela em cima do meu. Ele enfia o lençol sobre seus braços para cobrir os seios.

— Isso é tudo culpa sua!

— Cale a boca e costure.

Ele move o cabelo molhado para o lado, e ele cai no meu ombro. Sinto o gotejar da água gelada no meu bíceps.

— Eu disse que isso era besteira, Jude. Eu disse que ela não sabia de nada — ele enfia a agulha através de sua pele. Ela não vacilou. Ela não se mexeu.

Seu rosto fica mais irritado a cada segundo que passa. — Ela é inocente e você sabia, lá no fundo. — Ele trabalha o fio preto fino para dentro e para fora, rapidamente fechando a ferida. Sua testa franze com concentração, seu desgosto com a situação está por todo o seu rosto. — Passei a última semana trancado em um quarto com ela, lembra? Eu teria alguma dica! — Ele grita, com a voz um pouco trêmula.

Ajusto seu corpo em cima do meu, apertando meus braços ao redor dela para fornecer o máximo de calor possível.

— Você nunca pode estar meio certo. Você deveria saber disso.

— Bem, parece que você conseguiu o que queria.

— Eu não queria isso, Caleb. Ela está ligada a porra do Joe. *Joe!* Havia uma chance de que ela estava envolvida nisso. Eu tinha que descobrir.

Ele puxa o fio e corta. Em seguida, levanta as cobertas e costura seu estômago. Assim que termina, ele afasta-se da cama. Inclinando-se para mim, me olha fixamente.

— Havia uma chance. Uma chance muito pequena. Inferno, você é um gênio com números, quão pequena era essa chance, hein? — Ele se endireita e limpa as mãos sangrentas em sua camisa. — Você acha que todo mundo é uma ameaça, porque não faz logo uma matança em massa? Ela é apenas uma garota — ele aponta para ela. — Uma menina que foi levada contra sua vontade. E eu lhe disse isso. Agora ela é uma garota que você quase matou porque é paranoico. Ela vai estar com a cabeça fodida para o resto de sua vida, porque você tinha que ter certeza!

— Você precisa fechar a boca agora. — falo lentamente, meu tom em uma calma recolhida e profunda.

Ele se vira para sair do quarto, mas para ao pé da cama.

— Eu sei que nós temos vidas fodidas, mas todo mundo precisa de um limite. Este deveria ter sido o seu limite! — Ele não pode sequer olhar para mim agora. Seus olhos estão fixos nela. — Você está fodidamente sem alma.

Ele tem razão. Fecho meus olhos e suspiro.

— Você pode ser meu irmão, Caleb, mas, porra, vá com calma. Sou eu que mantenho esta empresa e está família viva. Todo mundo fora desta casa é uma ameaça.

— Neste momento — Ele para e olha ela. — Confio nela mais do que confio em você. É melhor segurá-la até que ela sobreviva. Eu fiz tudo que podia fazer, porra. — Ele abre a porta e sai batendo com um estrondo.

Fico olhando para a parede, segurando-a tão malditamente perto do meu corpo que o frio está passando para mim.

— Traga-me algumas roupas para colocar sobre ela, você está me ouvindo? — Grito, minha voz aumentando de volume. Quero gritar até que a porra da minha garganta sangre.

A coloco na cama deitada de lado e deslizo por trás dela. Descanso meu queixo no seu ombro e respiro sobre seu pescoço para tentar aquecê-lo. Ela não está tão fria, e sua respiração está menos superficial e irregular. Eu a puxo para mais perto, minha palma deslizando sobre a carne mutilada em seu abdômen, o grosso fio contra a palma da minha mão. Tenho que engolir o ácido subindo na minha garganta. O sangue dela está em toda a minha mão. Merda.

Cresci no meio da violência. Esta vida tem sido tudo que conheço. Eu não posso contar o número de vezes que assisti meu pai ser áspero com alguém. Violência me cercava e a única coisa pura na minha vida eram minha mãe e irmã. Na minha família as mulheres eram respeitadas, quase adoradas. Elas eram como uma luz que compensavam o inferno que nos cercava, e, em seguida, a luz foi apagada por Joe.

Essa vida vai prejudicar e arruinar qualquer um com quem eu me envolver. É um mal que escoa o seu caminho para todas as coisas, e isso aqui só prova que estou certo. Eu a assisti tentar se matar. Apesar de todas as pessoas que eu vi morrer, nunca vi alguém implorar pela morte. Eles imploravam pela vida, eles pleiteavam, eles negociavam, mas ela viu a morte como uma opção melhor. Que merda eu fiz com ela?

Ela move o braço e um gemido abafado escapa de seus lábios. Eu sei que ela está com dor. Nunca antes senti remorso por ferir alguém e estou achando essa culpa, que agora está tomando conta de mim, insuportável. Isto está me fodendo de uma maneira que nunca tinha acontecido. Ela era boa e pura. Ela é tudo o que eu não sou. Tirei essa inocência dela. Essa garota me faz desejar ter a porra de uma alma, e não posso ter isso.



***

Está tarde. E aqui estou eu, caído contra a parede, olhando para ela dormindo na minha cama. Sinto a necessidade de proteger a minha família, o meu negócio, mas por alguma razão, também sinto a necessidade de protegê-la.

Bob me desafiou, foi contra as minhas ordens e a machucou. O que ele fez com ela, estará permanentemente marcado corpo de Victoria, e o pior é não saber como isso afetará sua mente. Ele fez mais do que Joe fez para mim. Toda vez que suas mãos passarem sobre aquela cicatriz, ela vai ver o rosto de Bob, e vai me odiar por permitir que isso acontecesse.

Mordo meu lábio quando a raiva lentamente me engole em um buraco negro. Ela se vira na cama, a dor fazendo-a gemer em seu sono. Esse som aciona o interruptor em mim.

Salto em pé e saio do quarto, ando através da casa.

— Bob? — Eu grito. — Onde diabos está aquele pedaço de merda? — A cada passo que dou, sinto meu pulso acelerar. Eu não posso tirar a imagem dele em cima dela da minha cabeça e isso está me deixando furioso. — Bob! — Grito, cerrando os punhos.

Vou para a sala e ele está sentado no sofá.

— O que eu disse que faria se você me desrespeitasse? — Meus dedos fecham formando punhos e sinto meus músculos tensionarem.

Seus olhos são atraídos para mim enquanto ele toma um gole de sua cerveja.

— Se eu não te conhecesse melhor, diria que você gosta da puta.



Sinto meu olho contrair e respiro fundo. Rangendo os dentes, eu lentamente atravesso a sala. Sem pensar, levanto minha mão para trás e dou um tapa na cerveja em sua mão. Espuma branca voa pelo ar. Os olhos de Bob se arregalam e ele tenta se levantar, mas o agarro pelo pescoço, trazendo-o para seus pés.

— Você não merece viver depois do que fez — aperto minha mão ao redor de seu pescoço grosso. As veias pulsam sob o meu controle, cavo meus dedos em sua carne suada.

Seus dedos apertam meus braços, arranhando-me para deixá-lo ir. Ele estica o pescoço para o lado, tentando respirar.

— Você não é melhor do que eu.

Aperto ainda mais. Ele está se debatendo, tentando lutar contra mim. Em um momento de força, ele agarra meus ombros e consegue me forçar para trás. Minhas pernas batem na mesa de café e ambos caímos em cima dela. Ouço o vidro rachar embaixo de mim e antes que eu possa ficar de pé, o vidro se estilhaça, enviando-nos para o chão.

Perco o meu domínio sobre Bob e ele tenta rolar, rastejando em suas mãos e joelhos enquanto toma fôlego.

Vou até ele, agarrando-o pelos cabelos.

— Família ou não, vou te ensinar a não foder comigo. Sangue tem pouco significado quando você não pode confiar em uma pessoa.

Puxo-o para seus pés e o arrasto pelo corredor até a porta para o porão. Ele está gritando como uma cadela por todo o caminho.

— Caleb! Paul! Socorro! — Ele grita. — Ele vai me matar. Ajudem-me! — Ele está implorando, um tremor em sua voz se destaca.

Abro a porta para as escadas e o puxo atrás de mim. Seu corpo bate para baixo em cada degrau. Ele está arranhando minhas mãos para deixá-lo ir. Quando chego ao fundo ouço passos correndo pelas escadas.

— Que porra, Jude? — Ouço Caleb murmurar atrás de mim. — Jude! — Ele tenta chamar a minha atenção de novo, mas eu apenas continuo caminhando para a porta daquela sala.

— Jude! — Caleb se mantém gritando atrás de mim.

Abro a porta da sala onde Bob torturou Tor. O ar frio expande-se em torno de mim quando eu passo. Eu puxo a corda que paira acima da minha cabeça e a luz fraca vibra diante. O piso ainda está coberto com o sangue de Tor e uma fina camada de água.

— Mude a temperatura para quinze graus, Caleb.

Ele não diz nada, mas o ouço mudar a marcação fora do quarto.

Olho Bob, minhas narinas estão dilatadas.

— Pegue algumas correntes.

— Jude, cara, você não pode estar falando sério.

— Será que eu fodidamente estou gaguejando, Caleb? Pegue-as agora! — Rosno.

Ele se vira, e eu olho para Bob.

— Você vai se arrepender pelo que fez com ela. Você vai se arrepender por me desobedecer.

Bob tenta se livrar de mim e torço um punhado dos seus cabelos, sacudindo sua cabeça para trás.

— Não lute, porra. Eu *vencerei*. Não brinque comigo.

Seu corpo flácido cai, ele libera um longo suspiro de rendição. O chocalho de correntes quebra o silêncio quando Caleb descarta o metal no chão ao meu lado.

— Acorrente seus braços e pendure-o — aponto para o teto.

O olhar de Caleb se prende em Bob quando ele fecha a algema em torno de seus pulsos. Ele desdobra a escadinha, as pernas de

metal desgastado arranhando contra o chão enquanto sobe para prender as correntes no teto.

Meu olhar está fixo em Bob.

— Você vai ficar aqui até perceber o quão errado você estava.

Bob ri, seu corpo está ligeiramente levantado do solo.

— Você é o único que está errado. Você é o único que está fodido.

Não consigo parar, minha visão fica vermelha a partir da quantidade de sangue correndo pelo meu corpo. Bato meus punhos no seu nariz. Há respingos de sangue quente sobre meu antebraço e na frente da minha calça jeans. Quero matá-lo, mas tenho outra coisa em mente agora. Estou olhando para ele, irritado como o inferno, e tenho que me forçar a sair.

— Vamos lá — digo a Caleb

No caminho para fora da sala, vejo o brilho de alguma coisa no chão. *O colar de Tor*. Eu o pego e saio.

— Ele não deveria ter feito isso com ela — diz Caleb.

Concordo com a cabeça, empurrando o colar no meu bolso.

— Nós não deveríamos ter feito isso com ela. Eu deveria tê-la deixado ir no segundo que chegou aqui — murmuro, subindo as escadas, meu peito aperta com pesar e culpa.

Sinto-me responsável por ela e, naquele momento, minha mãe e irmã piscam na minha mente. Preciso de uma porra de linha divisória, e Tor é essa linha.

— Cada pedaço de merda que a colocou aqui vai pagar, eu vou me certificar disso acontecer.

***

LP LOVELL STEVIE J. COLE
Wrong

Piso no acelerador, o impulso força minha cabeça contra o encosto de couro do carro. Tive um dia inteiro para meditar sobre o que aconteceu e toda a raiva se transformou em ira.

Eu sei que Tor está aqui por causa de Joe. Aquele desgraçado nunca deveria ter colocado uma mulher inocente nessa situação, e não vou deixá-lo usá-la do jeito que ele planejou. Ela é minha agora, e eu vou matá-lo. Vou primeiro torturá-lo, em seguida, matá-lo da maneira mais brutal que eu possa pensar. Ele me fez escolher entre o meu negócio, a minha vida e a minha dignidade. Ele me fez perceber que tipo de pessoa que eu realmente sou, ele tornou evidente que sou igual a ele. Sou exatamente como o homem que eu odeio. E vou assassiná-lo por isso.

Estou a uns oitenta quilômetros acima do limite de velocidade no meio do tráfego. Desvio de um caminhão de dezoito rodas, os pneus perdem tração por um momento e os faróis do carro do outro lado da pista piscam para mim.

— Cai fora do meu caminho! — Grito, apertando meu maxilar e trocando de marcha.

Vou até o complexo de apartamentos e estaciono o carro alugado perto da saída. O chão está coberto por uma fina camada de neve, que tritura sob minhas botas enquanto faço o meu caminho em direção ao apartamento. Os tendões do meu pescoço estão tensos e minha respiração se aquece mais a cada passo que dou. Verifico se a minha arma está presa na cintura da calça, paro na frente do apartamento 3C. Bato meus dedos sobre a porta e espero.

Nada.

Bato o meu punho sobre a porta, mas não muito forte. Eu não quero dar a impressão que a pessoa deste lado da porta está pronta para matar alguém.

Ouço o movimento lá dentro e puxo a máscara para baixo, sobre meu rosto enquanto saio da mira do olho mágico.

Passos param à direita do outro lado da porta, e eu o ouço respirar nervosamente.

— Seu tio me enviou. Houve um problema.

Ele limpa a garganta, mas não diz nada.

— Vamos, Euan.

Silêncio.

— Eles a mataram. Ela está morta e agora estão atrás de você. Nós temos que levá-lo a um lugar seguro. Joe me enviou para te pegar.

Há um suspiro alto e, em seguida, o barulho da maçaneta. A porta mal abre quando faço meu caminho para dentro, agarrando o filho da puta idiota por sua garganta e derrubando-o no chão.

— Você é a porra de um merdinha inútil — assobio.

Seus olhos se arregalam, as pupilas dilatam e sua pele fica branca.

— Com quem diabos você pensa que está mexendo, hein? — Grito enquanto pressiono seu pescoço, apertando tão forte que posso sentir os ossos delicados debaixo dos meus dedos. Ele engasga. Seus braços chacoalham. Seus dedos escavam em minhas mãos, tentando tirá-las de sua garganta. Ele é tão pequeno comparado comigo, mal o chamaria de um homem.

— Ah, ah, ah. — Eu balanço minha cabeça. — Trate de se acalmar ou eu vou em frente e acabo com sua vida patética aqui e agora.

Seus olhos se arregalam mais e ele se contorce embaixo de mim, assentindo com a cabeça. Quando solto o meu aperto, ele puxa uma respiração desesperada.

— Você responde a cada pergunta que eu lhe fizer, ou vou te matar lentamente. Compreendido?

Ele acena, freneticamente, com a cabeça novamente.

LP LOVELL STEVIE J. COLE
Wrong

Além de todas as questões que posso perguntar a ele, de toda a informação que eu poderia realmente usar a meu favor, a única coisa que quero perguntar-lhe é por que ele a deu em garantia.

— Por quê? — Engulo em seco e tento regular minha respiração. — Por que você a entregou? — Penso nela e em tudo o que se seguiu desde que ela chegou a minha casa. A raiva me consome. Inclinando-me sobre o seu rosto, grito para ele: — Por que você fez isso com ela?

Euan fecha os olhos. Como se com isso pudesse fazer tudo ir embora.

— Eles realmente a mataram? — Ele sufoca.

Meus dedos agarram sua garganta novamente.

— O que você acha, porra! Você entregou-a para isso. Ela se foi.

Vejo lágrimas escorrendo pelo seu rosto e não posso evitar de empurrar sua cabeça para baixo, esmagando-a no chão.

— Não chore, caralho, seu merda inútil. A culpa é sua — bato sua cabeça novamente no chão e ele choraminga. — Você é um assassino, Euan — assobio.

Puxo a arma da minha calça e empurro o cano contra o seu crânio. Minha mão treme de raiva.

— Eu deveria explodir a porra do seu cérebro por todo esse lugar só por ficar chorando, como uma putinha, por algo que você fez.

Ele ainda está chorando.

— Levante-se! — Torço a ponta da arma em sua cabeça enquanto me levanto. — Obedeça— gritando uma vez mais. — De pé!

Movo a arma para a parte traseira de seu crânio e vejo o fim dela desaparecer em seu cabelo. Empurro-o em direção à cozinha.

LP LOVELL STEVIE J. COLE
Wrong

— Olhe para o canto — Usando a arma, o empurro contra a parede. — Coloque as duas mãos atrás das costas e as cruze uma sobre a outra.

Ele não se move.

— Faça isso agora! — Os ecos de comando ressoam nos armários.

Seus braços vão para trás, tremendo visivelmente, enquanto obedece as minhas instruções. Ele nem sequer está lutando contra mim. Ele é patético, não vai nem mesmo lutar por sua vida.

Coloco meu rosto perto da parte de trás do seu pescoço e rosno.

— Você se move e, eu juro por Deus, vou fazer você se arrepender — expiro e molho meus lábios com a língua. — Eu quero saber sobre cada pessoa que trabalha com seu tio.

— Uh, humm, eu... eu não os conheço.

— Ok — aceno e agarro seu bíceps magricelo, enterrando os dedos em sua carne. — Você tem certeza disso?

— Eu não conheço, — ele lamenta. O medo está realmente tomando conta dele agora.

Segurando seu braço, jogo todo o meu peso corporal em cima dele, empurrando contra seu ombro até ouvir um estalo. Euan grita quando seu ombro se desloca do seu encaixe.

Olho em torno da cozinha, meus olhos pousam na grande faca de chef. Puxo-a do balcão e a jogo no ar.

— Talvez eu devesse fazer em você o que fizeram com ela?

Ele não abre os olhos. Ele está apenas repetindo, por favor, uma e outra vez, ainda chorando como uma puta patética.

— Você quer que eu te mostre o que fizeram com sua namorada? — Coloco a faca sobre a sua camiseta, pressionando-a até que eu vejo uma mancha vermelha brilhante no tecido.

LP LOVELL STEVIE J. COLE
Wrong

Lentamente esculpo um 'G[9]' em seu peito. Ele está gritando e gritando, tentando se afastar de mim. — Cale a boca!

Em seguida eu corto um 'A'.

Entre gritos, ele fala.

— Dan-Daniel.

— Não é bom o suficiente — digo, e concentro-me nas letras que eu estou cortando sobre o peito. Sangue mancha a camisa, escorrendo nas peças esfarrapadas. Eu assisto alguns dos pingos caírem na ponta da minha bota antes de eu terminar de esculpir o 'Y'. Inclino-me e aponto a faca sob o queixo. — Isso é o que você é, uma bicha — sussurro em seu ouvido.

— Daniel. Daniel Capes, — ele grita.

— Ah, então você sabe?

— Sim. Seu homem é Daniel. E depois há Fisher, eu não sei o primeiro nome dele, mas ele é um policial, e o único que conheço é Simon De Lucas.

— Então — digo, quando travo meus olhos com o dele e sinto uma frieza rastejar através de mim — Por que você deu Tor?

Sua testa franze. Ele não sabe quem é Tor.

— Victoria, seu burro fodido. Por que você fez isso?

Seu rosto se contorce e ele balança a cabeça.

— Joe disse que ia matá-la se eu não fizesse.

Abaixo minha cabeça e murmuro:

— Ela estaria morta, não importando o que você fizesse — olho para ele. — Você nem sequer tentou salvá-la.

[9] Tomamos liberdade para adaptar esse trecho, na verdade, a palavra esculpida é *pussy* que significa buceta ou um homem afeminado em inglês.

— Será que ela sofreu? — Ele pergunta. Tenho que fechar meus olhos para essa pergunta.

— Que porra você acha? — Pergunto, enquanto limpo a faca ensanguentada sobre o meu jeans.

Ele fecha os olhos e lágrimas derramam pelo seu rosto.

— Eu a amava.

Esse comentário me enfurece. Ele a amava e mesmo assim ele lhe deu, ele curvou-se aos desejos de seu tio?!

Cerro os dentes.

— Quanto você implorou por ela?

Ele abre os olhos e estão cheios pesar quando me encaram. Ele não implorou por ela. Ele não lutou por ela. Ele é um covarde. Um buceta egoísta.

Sacudo-o.

— O quanto você implorou por ela? — Grito para ele. Estou frenético. Meu pulso está martelando através das minhas têmporas, a minha testa está pontilhada com suor. Sinto-me próximo a insanidade.

Seu olhar cai no chão e meu poder sobre ele aperta.

— Vamos ver o quão duro você pode implorar por sua vida, e você me diz se pediu por ela assim, seu merdinha!

— Por favor — ele implora pateticamente.

Sorrio, enquanto pego sua mão. Segurando um único dedo, empurro para trás, meu sorriso aprofundando com o estalo do osso e ele grita em agonia. Pego o próximo dedo e lentamente dobro, esperando que o osso quebre.

— Por favor! — Ele grita.

— Isso é o que você considera mendigar? — Rosno, forçando mais dois dedos para trás. — Patético!

LP LOVELL STEVIE J. COLE
Wrong

Paro a faca sobre sua garganta e ele soluça com os lábios trêmulos. Nunca quis fazer alguém sofrer tanto quanto quero neste exato momento. Coloco a lâmina atrás da sua orelha, pressionando-a com o meu polegar. Mordo meu lábio, em seguida, empurro a faca para frente. Euan dá uivos de dor enquanto a faca corta a orelha fora. Ele se dobra. Sangue escorre para o lado de seu rosto e sobre o seu pescoço. Dou a volta, ficando na frente dele. Ele ainda está gritando e chorando, apertando sua mão mutilada contra o toco sangrento do que foi a sua orelha. Quanto mais alto ele lamenta, mais o meu sangue ferve.

— Por favor. Eu farei qualquer coisa — ele grita, — tudo, apenas, por favor, não me mate.

— Levante-se.

Ele permanece inclinado para frente, o sangue continua a fluir.

— Levante porra!

Ele lentamente consegue ficar na posição vertical, e assim que ele faz, eu soco seu estômago tão duro quanto posso. Seu corpo bate contra a parede e ele geme quando cai no chão. Chuto mais e mais, no estômago, nas canelas, em suas bolas, seu rosto. Visões da minha mãe e irmã piscam na minha mente, a casa ardente queimada até o chão, a esposa de Joe implorando por sua vida. Eu juro, nesse momento me senti quase flutuando. É como se eu tivesse saísse do meu próprio corpo maldito. Arremesso meu punho em seu rosto, agarro sua cabeça e bato contra o chão. E tudo o que posso ver na minha mente é Tor sangrando e chorando. O pensamento torna mais difícil me controlar, tudo o que eu posso ouvir é o meu pulso em meus ouvidos, as respirações trabalhando em meus pulmões forçando o ar para fora e os gemidos fracos do Euan quando despejo toda minha agressividade em cima nele. Quando eu sei que ele deve pensar que está perto de morrer, ando para o lado da sala, cruzando os braços enquanto me encosto à parede.

— Saia! — Rosno.

Ele geme e tenta ficar sobre suas mãos e joelhos. Com cada pequeno movimento, soluços altos saem de seu corpo. Não é provável que um único osso nele não tenha sido rachado, quebrado ou destruído.

— Eu disse, saia!

Ele não pode se sustentar. Toda vez que ele tenta ficar em pé, ele cai pateticamente no chão. Vejo quando ele usa os cotovelos para arrastar seu corpo inútil pelo chão em direção à porta. Deixando um rastro vermelho de sangue no chão atrás dele. Quando ele está a cerca de meio metro da entrada, me afasto da parede e ele congela. A cada passo que dou, sua respiração se torna mais difícil. Me agacho ao seu lado e puxo seu cabelo, forçando sua cabeça para trás.

— Mudei de ideia — sussurro quando eu o viro.

Monto no seu peito, o sangue rapidamente encharca meu jeans quando fixo seus ombros para baixo com meus joelhos. Forçando sua boca aberta, consigo pegar sua língua e usar a faca afiada na sua espessura. Ele grita histericamente enquanto sacode a cabeça de um lado para o outro.

— Fique parado, porra — digo, colocando a lâmina de volta na parte mutilada da carne, para finalmente, rasgá-la. O grito que ele solta é gutural e cheio de dor, mas mesmo isso não é o suficiente para me satisfazer.

— Eu quero que você fique aqui em agonia. Quero que você sinta a fuga do sangue fora de seu corpo patético. Eu vou deixar você se afogar no seu próprio sangue e eu vou assistir você sofrer, seu merda.

Eu forço a boca aberta, o sangue derramando de seus cantos, e empurro sua língua para trás em sua garganta. Ele engasga. Sua boca abre e fecha como um peixe fora d'água e eu simplesmente encosto na porta para vê-lo lutar.

— Isto é o que você merece, seu merda — rosno. Ele luta contra o inevitável por mais alguns segundos e, em seguida, cai.

Passo por cima dele e coloco minha mão na maçaneta da porta. Ouço o borbulhar do sangue agrupado em sua garganta e viro a maçaneta.

— Você estava errado — digo, antes de bater a porta atrás de mim.

Capítulo 20

Victoria

Mesmo nas situações mais obscuras, gosto de pensar que você pode encontrar um vislumbre de luz.

Eu não posso.

Não dessa vez.

Há algumas coisas que podem quebrar uma pessoa, quebrá-las ao ponto de desejar a morte com cada fibra do seu ser.

Nunca tinha entendido como é que alguém pode chegar ao ponto de pensar em suicídio. Acontece que esse ponto chega rapidamente quando você se depara com a possibilidade de algo tão terrível acontecer que você faria qualquer coisa para escapar.

Posso sentir dor. Posso sentir medo. Posso sentir um monte de coisas. Eu não posso me permitir ser estuprada, violada, degradada. Prefiro morrer.

Toda vez que fecho meus olhos, vejo o rosto de Bob, sinto suas mãos rastejando sobre meu corpo, a faca cortando minha pele. Sempre que adormeço, acordo gritando e chorando. Cada som, cada clique da fechadura me faz pular. Nunca pensei que seria essa pessoa. Eles me fizeram essa pessoa.

Nunca na minha vida me senti tão completamente sozinha, tão traída, tão magoada. Não tenho nenhum sentido para viver, porque mesmo que eu tenha sobrevivido desta vez, ele eventualmente *vai* me matar. Ele tem que me matar. Eu sei, e ele também sabe. Ele pode ter encontrado algum traço de sua alma neste momento, mas ele é uma bomba-relógio esperando para explodir. Estou vivendo um tempo emprestado e eu nunca vou sair desta.

Deslizo para fora da cama. Minhas pernas tremem sob o meu peso, enquanto caminho para o banheiro e fecho a porta atrás de mim. Ligo o chuveiro, torcendo os botões para o mais quente possível antes de me virar para o espelho e puxar cuidadosamente a minha camiseta sobre a minha cabeça. O material se arrasta contra os pontos, fazendo-me sibilar de dor.

Leva alguns minutos para eu reunir a coragem de olhar no espelho, e quando eu o faço, desejo que não tivesse. Eu não reconheço a menina olhando de volta para mim. Tenho que fingir que o reflexo é de outra pessoa, alguma estranha que eu não conheço, porque esta menina está quebrada e irrecuperável em todos os sentidos. Ela é magra e frágil, sua pele pálida. Sua pele está coberta de contusões e cortes. Uma linha vermelha feia vai do peito até seu estômago, combinando com a longa costura de doze centímetros através de sua garganta. Seu lábio está dividido e o rosto machucado. A parte que me assusta mais, porém, são os olhos, eles estão completamente sem vida. Ela parece tão triste, tão desolada.

Victoria Devaux morreu três dias atrás, quando um homem tentou violá-la e torturá-la, e ela de bom grado cortou sua própria garganta, rezando pela morte. Ela fez isso porque era forte, porque era uma lutadora que tomou o controle de seu próprio destino.

A garota que estou olhando agora não é forte. Eu não sou mais nada.

Me afasto do espelho até sentir a fria parede de azulejos nas minhas costas. Deslizo para o chão. Abraço meus joelhos no meu

peito. As feridas secas em meu estômago repuxam, e eu tremo a partir da dor súbita, mas não choro.

Já passei desse ponto.

Aceitei o meu destino nesse inferno.

Não sei quanto tempo eu fico assim, podem ser minutos, podem ser horas. Tudo o que posso ouvir é o som do chuveiro ligado, a água que espirra contra o chão enquanto o banheiro se enche de vapor. É difícil aceitar que a minha vida tenha sido roubada de mim e que mesmo que me pudesse ser devolvida a liberdade, neste momento, eu não quero isso. Não me sobrou nada.

Eventualmente há uma leve batida na porta. Não me movo. Continuo olhando para um ponto na parede em frente a mim.

Meu estômago revira ao som de sua voz e as minhas unhas cavam em minhas canelas. Sinto o gosto da bile subir pela minha garganta.

Lembro-me tarde demais que eu não tranquei a porta. Ela se abre, e ouço suas botas pesadas se movendo pelo chão.

Ele entra e vasculha as gavetas, resmungando para si mesmo.

— Você está bem? — Ele pergunta, o ouço parar ao meu lado, olho para baixo e vejo suas botas marrons com o que eu assumo ser sangue seco por cima delas. Não respondo. Eu não quero falar com ele. Não tenho nada a dizer. Tudo foi muito bem e verdadeiramente dito e feito. Algumas coisas simplesmente estão além das palavras.

Sinto-o pairando sobre mim e, em seguida, ele se agacha na minha frente. Ele levanta suavemente meu queixo e examina a ferida no meu pescoço.

Olho diretamente para ele. Uma carranca aparece entre as suas sobrancelhas quando ele estuda meu rosto. Eu inexpressivamente sustento seu olhar durante alguns segundos antes de puxar meu queixo para fora do seu alcance.

Fico em pé lentamente e torno a encará-lo. Estou na frente dele, completamente nua, e vejo como seus olhos descem ao longo corte no centro do meu corpo. Ele fecha os olhos e inclina a cabeça para trás antes de arrastar as mãos pelos cabelos. É então que eu noto o sangue cobrindo sua camisa, evidência de sua última vítima. O monstro em toda a sua glória. Eu não encontro força dentro de mim para ter medo. Não estou com medo dele. Não me importo mais.

Seus olhos vão até as manchas de sangue, em seguida, de volta para mim.

— Você não precisa ter medo de mim. Há muita coisa que você não sabe.

— Não estou com medo — eu digo. — Você pode sair? Por favor.

Ele olha para mim novamente e acena com a cabeça. Ele se vira para sair, mas para.

— Eu não deveria ter deixado você. Sinto muito.

Eu não ligo para o que ele tem a dizer. A porta se fecha atrás dele e entro no chuveiro. Aumento ainda mais a temperatura da água e fico debaixo dela. Ela queima minha pele, e eu saboreio essa sensação.

Quando saio do chuveiro, há uma toalha limpa, bem como um jeans e uma regata à esquerda. Eu quase esqueci que roupas normais existem. Me seco e coloco as roupas.

Quando entro no quarto, encontro Jude sentado na cama. Os cotovelos descansando sobre os joelhos e sua cabeça em suas mãos.

Ele está sem camisa, com os olhos fixos na camisa ensanguentada em suas mãos. As tatuagens sinuosas ao redor de seus braços parecem emergir de sua pele bronzeada. Ele olha para cima e me observa, arrastando uma mão sobre seu cabelo escuro.

— Eu pensei que você pudesse querer roupas — ele diz em voz baixa.

Tudo o que posso fazer é olhar para ele.

— Você não vai falar?

— O que você gostaria que eu falasse?

Ele balança a cabeça e arranca um pouco do sangue seco de suas unhas.

— Qualquer coisa. — Ele se levanta da cama, colocando seu rosto perto do meu. — Você tentou se matar, Tor. Você deve ter algo a dizer, merda.

Eu o olho por alguns segundos enquanto ele aperta os punhos e um músculo de sua mandíbula se sobressai.

— Não tenho nada a dizer a você — digo em voz baixa.

— Foda-se! — Ele grita, se afastando em direção ao outro lado do quarto. Ele bate a palma da mão contra a parede, mantendo-se de costas para mim enquanto respira pesadamente. Há um longo momento de silêncio. Não me movo. Não sei o que ele vai fazer a seguir.

— O homem que matou a minha mãe e irmã — ele fala tão baixo que mal posso ouvir, — foi o tio de Euan. Ele quer me matar. — Ele se vira, inclinando-se contra a parede e levantando os olhos para mim. — Eu não acredito em coincidências. Pensei que você estava trabalhando para ele.

Franzo a testa. Eu não deveria sentir nada por ele e ainda assim, meu coração dói, por tudo o que ele perdeu. A perda de uma mãe é uma trágica e comovente história.

— Eu sinto muito — sussurro.

Ele balança a cabeça e deixa cair seu olhar para o chão.

— Ele e meu pai tiveram um... desentendimento, então ele queimou nossa casa com elas no seu interior. No aniversário de um ano de suas mortes, ele enviou para o meu pai um vídeo dele estuprando e torturando elas antes de incendiar a casa. Passei pelo

escritório do meu pai enquanto ele estava assistindo — *oh, meu Deus*. Ele está respirando pesado, com os punhos cerrados, sem conseguir olhar para mim. — Adormeci cada maldita noite ouvindo os gritos do vídeo — Ele fala como se isso fosse um segredo sujo, uma fraqueza indesejada.

Pressiono minha mão sobre a minha boca quando um soluço escapa da minha garganta. Eu devia odiar Jude. Eu devia querer nada mais do que matá-lo, mas eu não quero. Eu tento desesperadamente agarrar-me a minha raiva, meu ódio, a dor, porque de repente sinto pena dele, e eu não quero. Eu quero chorar pelas duas mulheres que são estranhas para mim. Sinto como se estivéssemos ligadas de alguma forma, vítimas desses monstros que fingem ser homens.

— Vou matar qualquer um que trabalhe com ele, prometi ao meu pai que faria, mas você... — ele engole, enquanto seus olhos encontram os meus. — Eu nunca *quis* te matar, Tor. Eu só... precisava ter certeza. — Ele puxa uma respiração pesada e se empurra da parede, fechando a distância entre nós. Dou um passo para trás, inquieta, ele levanta lentamente as mãos para fora, afastando suavemente uma mecha de cabelo do meu pescoço. Seus olhos olham para a marca feia em toda a minha garganta e ele aperta os olhos fechados. — Eu nunca deveria ter deixado você. — Sua voz pausa. Seus dedos acariciam a minha bochecha. — Joe está tentando usar você, quer você saiba disso ou não — vejo a raiva tomar seu rosto, seus olhos verdes se tornam turbulentos e voláteis. — Não vou deixá-lo fazer isso. Não com você.

Afasto o meu olhar do dele, incapaz de sustenta-lo.

— *Você* já fez isso — sussurro. Sua mão desliza do meu rosto, e sua cabeça cai para frente, seus ombros tensos.

— Eu não sou como ele — não sei quem ele está tentando convencer mais, a mim ou a si mesmo.

— O que aconteceu com sua família foi horrível, mas não justifica você fazer o mesmo com outra pessoa. Olho por olho. É

assim que funciona no seu mundo? — Minha voz treme quando tento controlar minhas emoções. Pensei que não iria mais sentir. Pensei que estava quebrada além do reparo, mas não estou. Ainda estou aqui e sua justificativa por suas ações não é suficiente.

Ele dá um passo lento para trás.

— Não ouse me comparar com a porra desse filho da puta! — Ele grita, apontando para mim. Ele aperta e libera os punhos, tentando controlar seu temperamento. — Eu não iria te tocar, porra! E nunca iria estuprar uma mulher. Nunca. — Sua respiração é audível, seu peito está arfando.

Minha dormência fria está dando lugar a uma raiva muito feroz, muito real.

— Não, você é pior, porque você mandou alguém me machucar e saiu pra não ver! — Estalo. — Se você queria me torturar, você deveria, pelo menos, ter a coragem de fazê-lo por conta própria. Você é um covarde e um fraco.

Ele dá um passo ameaçador na minha direção, olhando para mim. Ele me agarra pelos ombros e me empurra para trás contra a parede. Fico em pânico quando sinto os seus dedos rastejarem em torno de minha garganta. Estremeço quando ele passa a mão sobre os meus pontos. Sua respiração é irregular, sua mão trêmula. Ele aperta os olhos fechados, seus dedos se contorcendo contra o meu pescoço. Viro meu rosto para longe dele e fecho os olhos, esperando o inevitável. Há um intervalo de silêncio tenso antes dele se afastar para longe de mim.

— Foda-se! — Ele rosna quando agarra a coisa mais próxima a ele, que é o retrato de sua mãe e irmã, e arremessa do outro lado do quarto. Vidro se espalha pelo chão. Esticando seu braço, ele arrasta tudo sobre a cômoda, enviando-as para o chão. — Foda-se! — Ele congela e junta as mãos atrás da cabeça, respirando pesadamente. Ele abaixa a cabeça e deixa cair suas mãos, movendo-se lentamente para a imagem quebrada, e a pega, removendo o vidro restante.

Ele coloca a imagem de volta na cômoda e sai do quarto. Pela primeira vez desde que cheguei aqui, estou sozinha e há uma porta aberta na minha frente, mas não há porque correr. Ando até a porta e a fecho suavemente.

***

Algum tempo depois, há uma leve batida na porta, seguida do rangendo ao ser aberta. Estou deitada de lado, olhando para a parede.

— Ria? — Diz Caleb.

Sinto o colchão se mexer um pouco enquanto ele se senta do outro lado.

— Preciso verificar seus pontos — Esta é a terceira vez em dois dias que ele esteve aqui para checar meus pontos. Eles não precisam de verificação. Sou uma médica, porra. Não preciso de um paramédico estagiário me dizendo se estou bem ou não. Se não fosse por ele e seu irmão, ele não precisaria verificar nada.

— Eles estão bem — digo. Tenho que reconhecer, ele fez um bom trabalho de sutura em minha garganta. Porém ficará uma cicatriz, assim como no meu peito e estômago. Um lembrete permanente deste pesadelo.

Ele suspira.

— Ria...

— Eu sou uma médica. Estou bem.

— Droga, por favor, fale comigo.

Suspiro e me viro, sentando-me contra a cabeceira. Puxo meus joelhos no meu peito e meus braços em volta deles.

— Fale e, em seguida, saia, — estalo.

Ele abaixa a cabeça para frente em suas mãos.

— Eu sinto muito. Você sabe que eu não queria fazer isso. — Ele já disse isso, mas recuso-me a aceitar, e assim ele continua repetindo.

— Você fez, Caleb — digo sem expressão.

— Por favor, você sabe que eu nunca...

— Covardes se escondem atrás de desculpas. Um homem fraco culpa os outros por suas ações. Você deixou acontecer, e se você acreditava que era errado, então deveria ter lutado pelo que acreditava ser certo.

Seus olhos encontram os meus, me implorando para ouvi-lo, para entender, mas eu não entendo. *Não entendo como alguém pode amarrar uma menina e assistir a um homem rasgar sua roupa e deixá-la quase congelar até a morte, sem agir contra ele.*

— Ria — ele sussurra.

— Não! — Pulo, me levantando. — Você me enoja tanto quanto seu irmão — ele recua, como se eu tivesse lhe dado fisicamente um tapa. — Por favor, me deixe.

Ele olha para mim como um cachorro que acabou de ser expulso. O meu coração dá um pequeno aperto, porque perdi o único amigo que tinha neste lugar e sua traição dói mais do que qualquer dor física que tive de aguentar.

Ele suspira pesadamente.

— Você tem que vir comigo.

— Onde?

Seus olhos travam com os meus.

— Jude quer te ver. Ele tem algo para você. Algo que pode fazer você se sentir melhor.

Eu olho para ele.

— Diga a seu irmão de merda que isso não pode ser corrigido com presentes.

— Confie em mim, Ria, eu acho que você vai querer isso.

— Eu não confio em você, ou nele.

— Por favor — ele implora.

Chame isso de curiosidade, ou talvez eu esteja pouco ligando, apenas entediada de olhar para estas quatro paredes, então me levanto e o sigo para fora do quarto. Nós não falamos durante todo o caminho descendo as escadas. Eu acho que Caleb finalmente percebeu que nenhuma quantidade de pedidos de desculpas vai funcionar.

Capítulo 21

Jude

Eu não tenho sido capaz de dormir, inferno, mal sou capaz de fechar os olhos sem vê-la toda ensanguentada e aberta. Levei três dias para me acalmar o suficiente e racionalizar como lidar com isso, porque no começo tudo o que queria fazer era matar Bob, mas isso não me daria nada mais do que um breve momento de satisfação.

Tamborilando os dedos sobre a borda desgastada da minha mesa, eu espero. Há um cigarro aceso no cinzeiro. Eu não fumei. Estou apenas observando os redemoinhos brancos finos flutuarem na frente do meu rosto enquanto tento respirar normalmente. O que ele fez com ela é injustificado, doente, e mostra uma total falta de respeito por mim, e por ela.

Escuto os passos descendo as escadas e segundos depois há uma batida na porta. As dobradiças da cadeira rangem quando me levanto para respondê-la e a porta se abre antes que eu possa chegar lá. Vejo a figura pequena de Tor atrás de Caleb. Seus olhos travam com os meus, e mal posso olhar para ela. Eles estão vazios, ocos. Aquela centelha que eu tanto admirava desapareceu. Ela realmente se foi.

— Vamos lá — digo com voz rouca quando faço o meu caminho pelo corredor.

Ela e Caleb me seguem, e no segundo que chego na porta que leva ao porão, ouço sua respiração acelerar. Sei que ela pensa que estou trazendo-a aqui para matá-la. Abro a porta e paro, sem me preocupar em olhar para trás.

— Tor, eu não vou deixar ninguém te machucar novamente. Isto é para você.

Coloco minha mão na parte inferior das suas costas e a guio através da porta. Posso sentir seus músculos tensos quando ela entra. Ela dá uma olhada ao redor da sala e gira para me encarar.

— O que é isso? — Sua voz é calma, quase um sussurro.

Desvio brevemente meu olhar do dela. A luz da porta lança um brilho fraco sobre a sala. Bob oscila no gancho de metal no teto, gemendo, seus pés mal tocando o chão. Manchas de sangue seco no queixo e seu torso nu está coberto de hematomas grandes e pretos.

Consigo manter minha calma quando olho para ele. Tenho que me esforçar para manter o controle da minha voz.

— Você não tinha o direito de tocá-la, seu pedaço doente de merda! — Dirijo minha atenção para Tor. — Ele agiu errado, e você está indo fazer o certo. Esta é a única maneira que eu sei para ajudá-la.

Puxo o fio fino para acender a luz e as lâmpadas tremulam e zumbem até se acenderem. Posso ouvir cada respiração como um grunhido enquanto o circulo. Ando em direção ao canto da sala e abro uma gaveta no armário pequeno de metal. Olho para baixo, para a variedade de armas e pego uma faca de caça. Empurro o gabinete, que fecha com um estrondo, e tudo dentro chocalha. Em questão de segundos, eu agarro a mão de Tor e coloco a lâmina dentro de sua palma úmida. Ela está tremendo, seus olhos cobertos de confusão quando se direcionam a mim, depois para a faca e, em seguida, para Bob.

Seu olhar se fixa na faca, ela tem vincos na testa.

— Eu não sou um monstro, Jude, não como você, nem como ele. — Sua voz é suave, incerta, enquanto um olhar de desgosto rasteja sobre seu rosto.

— Talvez você não *fosse* — meus olhos se estreitam nos dela, — mas você *não* é mais a mesma pessoa que era quando foi trazida por essas portas. Quando alguém te machuca, a única maneira de afastar essa dor é com vingança. Ele não roubou apenas algo de valor monetário, Tor — posso sentir meu pulso batendo em minhas têmporas. Meus dentes rangem por causa da raiva borbulhando na superfície. — Neste mundo, quando alguém te fode, você os fode, ou você nunca vai sobreviver — dou alguns passos em direção a ela e fecho a palma da mão minha em torno da dela em um esforço para aumentar seu aperto no cabo da faca. — Faça-o *sentir* o que ele te fez sentir — rosno, meus olhos implorando aos dela.

Quero ajudá-la. Eu quero que ela se sinta vingada. Depois do que foi feito a ela, a única maneira dela se sentir melhor será com derramamento de sangue.

LP LOVELL STEVIE J. COLE
Wrong

Capítulo 22

Victoria

Meu coração martela contra minhas costelas e as palmas das minhas mãos estão úmidas quando aperto o cabo da faca. Os dedos de Jude cobrem a minha mão. Olho nos olhos dele, e ele segura meu olhar. Parte de mim o odeia, parte de mim quer mergulhar a faca em seu peito e apenas acabar com isso, mas a outra parte, também a seu modo doente e torcido, admite que ele está tentando fazer as pazes.

Em seu mundo, esta é a forma como a justiça é feita. Posso sentir o quanto ele quer isso, o quanto quer me dar de volta algo que me foi tomado, mas ele não pode. Tudo o que me resta é esta raiva e ódio que está apodrecendo dentro de mim. Eu não quero ser essa pessoa.

— Ele vai pagar pelo que fez. — Jude nivela seu rosto com o meu, seus olhos intensos, intimidantes. — Você está me ouvindo, Tor? — Eu nunca realmente fui capaz de sentir raiva de alguém antes, mas, neste exato momento, isso irradia dele como um inferno, e se eu não ficar longe dele, vou ser consumida por isso.

Ouço o chacoalhar das correntes e um gemido fraco ecoa pela sala. Eu não posso olhar para Bob.

— Eu só estava pensando em você Jude. — Bob fala. — Ela te faz fraco. Nós somos uma família!

A temperatura parece cair uns cinco graus, e isso não tem nada a ver com o termostato. Jude fica mortalmente calado, o que é muito mais assustador do que qualquer palavra que ele poderia dizer. Ele se move em direção a Bob com uma graça mortal, que me faz tremer. Ele para na frente dele e agarra sua mandíbula.

— Você me desobedeceu. — Sua voz é um estrondo baixo, cheio de ameaça. — E você me desrespeitou. Família ou não, você vai pagar.

— Ela vai arruinar você! — Bob sussurra, suas correntes batendo juntas mais uma vez.

— Cale a boca! — Jude rosna, apertando e soltando os punhos. Ele se vira e eu acho que ele vai embora, mas de repente ele gira ao redor, batendo seu punho no rosto de Bob. Eu instintivamente recuo a partir do show de violência e poder, mas eu estaria mentindo se dissesse que não quero ver Bob sofrer, eu quero.

Ele vira e se move para ficar na minha frente. Ele segura meu queixo suavemente entre os dedos, uma sensação estranha no meio de toda a sua raiva, seu toque é suave.

— Às vezes, dois erros fazem um acerto — seus olhos estão estreitos, como se ele estivesse tentando me convencer disso. — Confie em mim, nada é mais certo do que fazer alguém que te machucou sangrar. A justiça não sabe como jogar justo. — Seus olhos observam brevemente a lâmina em minha mão. — Esta é a única maneira que eu sei como ajudá-la Tor — ele sussurra, e não ouço nenhum remorso nessa declaração.

Não há a menor vulnerabilidade em seus olhos, e apesar da minha repugnância instantânea com seus métodos, eu quase compreendo. Ele quer me ajudar, só não sabe como. Não sei se eu mesma posso ser ajudada nesta fase, mas o fato de que ele quer tentar, toca em algo que realmente não deveria. Talvez a minha mente esteja tão fodida que eu não posso mais distinguir o certo do

errado, inimigos de amigos, porque agora, Jude não parece ser o inimigo, e isso é perigoso.

Um gemido baixo flutua através do ar.

— Eu estaria fazendo um favor ao matá-la — Bob fala.

Qualquer suavidade nos olhos de Jude desaparece e uma raiva gelada cobre suas feições. Ele pega a minha mão, tirando a faca de mim. Cada passo que ele dá ecoa nas paredes da sala vazia.

— Solte-o — Jude ordena, e Caleb apressa-se em atender o pedido. Eu vejo quando ele desata os grilhões e Bob cai no chão de concreto com um baque surdo.

Jude faz círculos em torno dele, literalmente, perseguindo-o como um cervo ferido. A lâmina brilha várias vezes sob a luz cintilante.

— Levante-se! — Jude grita com voz rouca.

Bob permanece lá.

— Obedeça. — Jude se abaixa e o levanta – De pé! —

Bob languidamente dá de ombros.

— O que vai fazer? Me matar? Seu pai ficaria indignado com você — ele cospe.

O cara deve ter um desejo de morte. Talvez ele já saiba que seu tempo acabou, nenhum ponto em prolongar, eu acho. Posso entender isso. Já senti isso. Ele me fez sentir isso.

Jude balança a cabeça e enfia a faca no estômago de Bob em um movimento rápido. Sangue verte da ferida e Bob grita. Eu costumo me afastar da violência, mas, de alguma forma, encontro-me fascinada pelo sangue, deleitando-me com os gritos de Bob. Eu quero que ele sofra e quero que ele morra, porque essa é a única maneira que vou ser capaz de fechar os olhos e não ver o seu doentio sorriso retorcido enquanto ele massacrava meu corpo.

— Você vai lutar comigo? — Jude pergunta. — Ou percebeu que você é apenas uma porra sem valor?

Bob não diz nada.

Jude agarra seus cabelos, sacudindo violentamente a cabeça dele para trás. Ele está trazendo ele para mim. *Oh meu Deus! O que ele está fazendo?*

— Você vai dizer a ela que está arrependido. — Jude o empurra na minha frente, e Bob cai de joelhos, a mão de Jude ainda segurando seu cabelo. — Diga-lhe que você é um inútil pedaço de merda!

Bob geme de dor. O sangue está se aglomerando bem na frente dos meus pés descalços, e eu dou um passo atrás.

— Diga a ela! — Jude grita, sua voz ecoando ao redor da sala.

— Eu... eu sinto, sinto muito. — Bob rasteja.

— Diga a ela que você é um inútil.

Bob inala várias vezes.

— Eu sou um inútil... — Jude chuta nas costas e Bob cai para frente, com o rosto batendo no concreto frio. — Faça melhor do que isso!

— Jude! — Grito. Ele olha para mim, seus lábios pressionados em uma linha dura. — Pare — digo em voz baixa. Balanço minha cabeça, mas ele não presta atenção. Isto não é sobre mim. Isto é sobre ele, e todos os demônios que ele guarda.

Ele passa a mão pelo rosto, andando para trás de Bob enquanto ele acena com a cabeça. Ele agacha ao lado de Bob e vira-o, prendendo-o ao chão por sua garganta. Seu rosto está focado e determinado enquanto ele aperta a garganta de Bob, observando quando o homem tosse e luta com ele. Nessas horas é que Jude parece mais terrível, não porque ele parece louco, muito pelo contrário, ele está tão controlado, plenamente consciente do que está fazendo.

— Tor — ele grita. Sua voz faz com que todos os cabelos na parte de trás do meu pescoço se levantem. Ele olha para mim. A menina irritada e abusada em mim quer machucar Bob. O lado racional de mim me diz que isso não vai ajudar, mas estou tão cansada de me sentir como uma vítima, de me sentir fraca neste lugar onde monstros fingem que são homens. Então, dou o primeiro passo em direção a ele.

— Ria... — Caleb começa. Olho para ele e sua expressão é cheia de pena. Eu não quero sua piedade. — Você não tem que fazer isso. Deixe-me fazer isso por você.

— Caleb, fora! — Ele grita. Concentro-me no rosto de Jude, em seus olhos verdes escuros que parecem sempre tão insondáveis. Algo se passa entre nós, a compreensão, a necessidade de vingança, uma saída para purgar a raiva e o ódio. Tento culpá-lo pelo que aconteceu, mas eu sei que não foi ele. Seu único crime foi me deixar presa. O homem, atualmente asfixiado e ofegante, ele é o animal aqui.

Fecho a distância até Jude e ajoelho ao lado do corpo golpeado de Bob. Os olhos de Jude nunca deixam os meus quando ele cuidadosamente coloca a faca na minha mão com um aceno de cabeça. Ele pode ser violento, ele pode ser um criminoso, mas ele entende o que eu preciso e está me dando os meios para ter de volta o meu próprio poder. Porém ele não pode dá-lo a mim, eu tenho que tomá-lo.

Meu pulso acelera quando, tremulamente, seguro a lâmina na direção do peito de Bob. Minha mão ainda não se move e fecho meus olhos enquanto tento controlar meus nervos. Sinto dedos quentes envolverem em torno da minha mão, me acalmando. Quando abro meus olhos, Jude está ali comigo. Ele guia a minha mão no peito de Bob, pressionando a ponta em sua pele antes de arrastar lentamente minha mão para baixo, e a lâmina com ela.

Bob grita, e sinto uma dualidade de emoções: satisfação e pavor. Sinto como se por infligir dor a ele, eu estou sendo dispensada da minha própria dor, é quase uma limpeza.

Uma poça de sangue se forma ao meu lado. Eu quero me odiar por isso, quero odiar Jude por me meter nisso, mas não posso. Eu não fiz isso, eu me tornei isso.

Quando Jude levanta a faca longe da pele de Bob, libero a respiração que não sabia que estava segurando. Ele solta minha mão e eu largo a faca, observando-a ranger no chão. De repente, Jude agarra a garganta de Bob, apertando até o ponto que literalmente parece que seus olhos vão pular de seu crânio a qualquer momento.

— Caleb! — Ele grita.

A porta é aberta e Caleb enfia a cabeça na porta.

— Leve Tor para fora, — Jude grita com os dentes cerrados.

— Jude... — Caleb começa.

— Leve-a para fora! — Ele grita. Olho entre os dois que estão tensos, o silêncio impera. Caleb é o primeiro a se movimentar, envolvendo delicadamente os dedos em volta do meu braço e me puxando para fora da sala. Olho por cima do meu ombro para Jude, enquanto seus olhos se fixam em Bob que ainda está lutando por sua vida.

A porta bate, fechando-se atrás de mim, e tudo o que posso ouvir é o eco dos meus passos. Estou a meio caminho da porta ao lado, quando ouço um estampido de bala atrás de mim, seguido por outro. Vacilo e minhas mãos começam a tremer. Eu sei que Jude acabou de matar Bob. Um olhar para o rosto dele e eu sabia que não havia nenhuma maneira de Bob sair dessa sala vivo. Jude não é alguém que admite traição. Bob me machucou e ele o matou por isso. Parte de mim sabe que ele não merece a minha gratidão, e ainda assim, não consigo evitar, me sinto um pouco grata a ele. Estou não apenas me desviando do meu caminho, estou quebrando e queimando, e como a masoquista que ele me tornou, estou me divertindo com as chamas.

Não sei mais quem eu sou ou o que estou me tornando. Eu acabei de enfiar uma faca em um homem, e eu gostei de cortá-lo.

Pareceu me limpar, e isso é depravado, de muitas formas. No momento em que chego à porta no final do corredor, estou tremendo, meus joelhos ameaçando se dobrar. Eu olho para as minhas mãos e elas estão cobertas de sangue. Pela primeira vez na minha vida, elas estão cobertas de sangue porque eu estava prejudicando alguém, não salvando.

Um pequeno soluço rasga minha garganta e lágrimas deslizam pelo meu rosto. Tornei-me aquela coisa que eu sempre temi, porque a partir deste momento... a morte já não me afeta. Não sinto nada, exceto a perda de mim mesma. Meus joelhos se dobram e caio no chão.

— Ria! — Caleb corre para o meu lado, mas eu o afasto.

— Não — sussurro. Eu não quero que Caleb veja isso. Ele ainda vê algo bom em mim e sua fé é tão equivocada. Olho para ele e encontro seus olhos preocupados. — Sinto muito. Você não é um monstro — choro. Como eu pude pensar que ele era um monstro? Ele é apenas um garoto.

Suas mãos acariciam o meu rosto.

— Eu sinto muito.

— Shh, está tudo bem. — Ele sorri. — Você não tem nada que se desculpar.

Aceno e fungo, enquanto ele enxuga as lágrimas do meu rosto.

— Caleb, saia. — A voz áspera de Jude ruge atrás de mim. Caleb se levanta, dando-me uma última olhada antes de se afastar.

— Tor, — Jude diz meu nome em voz baixa.

Encontro seus olhos e ele me estuda por um longo tempo.

— Eu sou... eu não posso... — Minha voz treme enquanto tento processar o que aconteceu.

— Tor — diz ele, mais severamente desta vez. — Olhe para mim. — Eu não posso olhar para ele. — Olhe para mim! — Ele exige.

Eu levanto os meus olhos para os dele, esperando a sua ira, mas, em vez disso, vejo compreensão.

— Está tudo bem, — ele sussurra.

Aceno e qualquer que seja a barreira emocional que eu tinha se rompe quando lágrimas escorrem pelo meu rosto. Eu não sei o que está acontecendo comigo. Não sei se estou me perdendo ou me encontrando. A antiga eu nunca teria levantado uma faca para alguém, ela teria recuado com horror. Esta versão danificada precisava cortar Bob, precisava de vingança e Jude me ajudou com isso. Fecho meus olhos e soluços trêmulos sacodem o meu corpo. Um minuto, estou caindo aos pedaços, e no próximo, braços fortes se envolvem em torno de mim, segurando meus pedaços juntos.

Eu não deveria deixá-lo me abraçar, mas eu deixo. Eu não deveria gostar da forma como sinto o seu peito quente pressionado contra minha bochecha, mas eu gosto.

Eu deveria me sentir mal, mas isso não acontece.

Talvez eu esteja mais quebrada do que pensava.

Capítulo 23

Jude

Sento-me na minha mesa fazendo apostas, mas estou distraído. Não consigo tirá-la da minha cabeça do caralho. Começo a acender um cigarro quando o telefone toca e eu respondo.

— Continue.

— O relatório sobre pessoas desaparecidas chegou. — David faz uma pausa. Posso ouvir o barulho abafado de seu rádio da polícia na outra extremidade. — Eu já o apaguei duas vezes. Não posso fazê-lo novamente. Você vai ter que fazer algo para sumir com isso de vez.

Torço o cigarro entre os meus dedos, criando uma película de nicotina a partir dele. Isso é tudo em que eu tenho sido capaz de pensar. O que eu vou fazer com ela. Não posso deixá-la ir, porque temo que Joe vá matá-la. Para mim, só há uma solução lógica. Suspiro.

— Preciso da sua ajuda.

— Sim?

Segurando o telefone com o meu queixo, enterro meu rosto em minhas mãos. Estou cansado. Cansado de lidar com essa merda, de toda a porra da culpa que eu tenho sobre ela. — Eu preciso de um corpo, — digo.

Ouço David dar um longo suspiro.

— Um corpo, hein? Quão alta ela é?

— Cerca de um metro e sessenta...

— Ela tem alguma coisa que possa identificá-la?

— Um colar — dobro um clipe de papel, em seguida, arrasto-o ao longo da borda da mesa. — Nós também temos o carro do seu namorado.

— Tudo certo. Mas você vai ter que me ajudar também. Merda, é um monte de trabalho.

— Ok.

— Vou olhar em algumas das casas abandonadas no lado norte, me dê alguns dias e, provavelmente, posso encontrar um corpo que possamos usar. — Ouço estática no rádio e, em seguida, alguém chamando por apoio, o que faz com que David gema. — Eu vou lidar com isso mais tarde. Tenho que ir, — diz rapidamente, e desliga.

Abro a gaveta da mesa e retiro seu colar. Ainda há sangue seco nas pequenas fendas da corrente. Ela nunca vai realmente apreciar isso que estou fazendo, mas isso não importa.

***

Três dias depois, David e eu conseguimos o cadáver em uma das casas abandonadas da periferia. Seguro as pernas debaixo do braço quando abro a porta da BMW de Euan e coloco o corpo atrás do volante. David encontrou-a esta manhã, quando estava em patrulha, e pelo aspecto e cheiro, ela está morta há alguns dias.

— Isso é doentio, mesmo para mim — murmuro, meus dedos tremendo, enquanto puxo o colar de Tor do meu bolso. Coloco a

corrente em volta do pescoço da mulher morta e puxo para prender a trava. Uma brisa sopra, fazendo o cheiro rançoso de carne podre flutuar até o meu nariz e eu vomito. Tenho que me afastar para respirar um pouco de ar fresco antes de finalmente fechar o colar.

David me joga um par de alicates.

— Puxe os dentes.

— Você está falando sério? — Franzo a testa, em seguida, olho para trás para o cadáver. — Eu não vou fazer isso nem fodendo!

— Os registros dentários não irão corresponder. Você quer que eles acreditem que esta é ela, a única forma de identidade que você pode deixar é o colar — David dá uma tapinha no capô quando se inclina contra o carro, — e este carro. Se você quer fazer as pessoas pensarem que ela está morta, é isso que você tem que fazer.

Respiro novamente o cheiro da decomposição e sinto meu estômago embrulhar. Engulo a bile que fez seu caminho até a minha garganta enquanto me inclino para o carro, colocando a palma da mão na testa gelada da mulher. O que há debaixo da minha palma já não parece com uma pele, em vez disso, é úmida e gelatinosa. Engasgo e começo a tossir, cuspo bocados de saliva quando aperto o alicate sobre um dos poucos dentes em sua boca. É preciso mais força do que eu pensei que fosse necessário para retirar. Cada vez que eu puxo, o barulho dele se partindo quase me faz vomitar.

Puxo o último dente e saio dessa porra de carro o mais rápido que posso. Isso é fodidamente doente! Me afasto, enquanto David encharca o corpo de gasolina. O ouço acender um fósforo. Não olho para trás. Só ando direto para o carro de patrulha do David.

Toda a viagem de volta até o meu carro luto contra a vontade de vomitar. Posso sentir o cheiro da morte em mim e não sei quantos banhos serão necessários para me livrar do mau cheiro. Olho para fora da janela e me pergunto como diabos cheguei ao ponto de profanar corpos, mas acima de qualquer outra coisa, me pergunto porque diabos ela foi colocada em minha vida.



***

Dobro o jornal e pego o telefone.

Ouço a calmaria das TVs em segundo plano antes de discar.

— Sim — Rich responde.

— Envie Caleb para baixo com a menina.

— Tudo bem.

Desligo o telefone e acendo um cigarro. Inclinando-me para trás na cadeira, aspiro uma grande tragada da fumaça e fixo meus olhos na porta.

Dentro de alguns minutos ouço passos na escada e, em seguida, Caleb entra na sala com Tor. Basta olhar para ela para que meu corpo reaja: raiva, culpa, necessidade. Eu não gosto nem um pouco do que ela me faz sentir, nada mesmo, e tento olhar para qualquer lugar, menos seu rosto. Passo meus olhos sobre o par de jeans que ela está vestindo, sobre a camisa frouxa que se pendura em um ombro. Tremo quando noto a longa ferida rosa em sua garganta.

— Sente-se — aponto para a cadeira em frente à minha mesa.

Ela silenciosamente obedece. Não há nada em seus olhos. Nenhuma luta. Nenhum medo. Há uma fragilidade sobre ela que me faz querer protegê-la, e isso é uma merda fodida.

— Eu preciso te dizer uma coisa — faço uma pausa e olho para o seu rosto. O que eu estou prestes a dizer-lhe vai levá-la ao limite. Ela parece tão frágil, e isso vai ser difícil para ela processar. Estou praticamente rasgando fora qualquer pedaço de esperança que ela possa ter ainda. Isso fará com que ela me odeie ainda mais do que já faz, porque ela não vai nunca compreender que a única razão pela

LP LOVELL STEVIE J. COLE
Wrong

qual estou fazendo isso é para protegê-la. Por que ela iria acreditar que um homem que a manteve num cativeiro iria tentar salvá-la?

— Se eu pudesse, iria protegê-la contra isso... — Paro, esperando para ver como ela responde.

Seus olhos estão em mim, frios e duros.

— Parece que as únicas pessoas que eu preciso de proteção é de você e sua família.

Tentei ajudá-la da única maneira que sei, mas acho que a vingança não funciona da mesma forma para todos. Ela ainda me culpa, ainda me odeia. Estreito meu olhar.

— Você acha? — Arqueio minha sobrancelha e balanço a cabeça. — Porque posso assegurar-lhe que Joe é uma ameaça muito maior para você do que eu.

— Tudo bem, me ilumine.

Olho para Caleb.

— Saia, — digo. Eu não quero mais ninguém aqui, porque sei que isso vai ser horrível.

Ele olha nervosamente para Tor antes de caminhar para fora da sala. A porta se fecha suavemente atrás dele e eu levanto, andando em volta da minha mesa.

— Você sabe... eu visitei Euan no outro dia.

— Oh, você se divertiu? — Um sorriso irônico aparece em seus lábios e não posso deixar de sorrir com o brilho levemente sádico em seus olhos. O inferno não compete com uma mulher que é desprezada.

— Tor — me inclino sobre a cadeira, segurando os braços, avançando meu caminho para mais perto dela até que a única coisa que eu vejo são seus olhos azuis gélidos. Movo delicadamente uma mecha de seu cabelo para trás da orelha. Paro o meu dedo em seu queixo e seus músculos enrijecem, mas ela não se afasta. Meu olhar

deriva sobre seus lábios cheios, antes de lentamente olhar de volta para seus olhos. — Confie em mim, quando alguém se mete com algo que está na minha posse. Eu sou... brutal. — Essas três últimas palavras saem tão baixo, tão roucas, que eu quase não reconheço minha própria voz.

Seus olhos seguram os meus. Eu sei que ela quer me perguntar se o matei, porque não há muito mais que o meu comentário poderia insinuar, mas ela permanece completamente silenciosa. Não há nenhuma razão para dizer a ela que Euan está morto, porque nesse momento não importa mais.

— Eu só quero que você se lembre que fiz isso para protegê-la do Joe. Ele vai matá-la se encontrar você, porque isso não saiu do jeito que ele planejou — respiro fundo, quando coloco a primeira página do jornal Vanderbilt na frente dela. — Eu fiz o que tinha que ser feito para garantir a sua proteção.

Ela me olha antes de olhar para baixo, para o artigo. Suas sobrancelhas franzem em confusão, então seu rosto fica branco.

— O que... é isso? — Sua voz é um sussurro ofegante.

— Você está morta ou, pelo menos, é o que o resto do mundo pensa.

Ela agarra o papel da mesa, os olhos freneticamente deslizando sobre a folha detalhando a sua morte trágica.

— Minha irmã — ela sussurra, e naquele momento sinto simpatia por ela.

— Sinto muito. Tinha que ser feito. Eu não tive escolha.

Ela senta lá, olhando para o papel, e espero por ela se quebrar. Quanto mais ela lê, mais pesada sua respiração se torna. Ela franze a testa, os lábios formando uma linha fina.

— Você nem sequer me disse o que ia fazer! — Ela grita comigo.

LP LOVELL STEVIE J. COLE
Wrong

— Por que eu iria te dizer? — Dou de ombros. — Você não tem uma palavra a dizer sobre o assunto.

— Você sabe o que? Foda-se, Jude! — Ela se levanta e joga o papel em cima da mesa.

Ela está com muita raiva, e tem todo o direito de estar. Molho os meus lábios com a ponta da minha língua e alcanço os cigarros na minha mesa. Assim que puxo um do maço, ela os arranca da minha mão.

— Foda-se! — Ela rosna novamente, endireitando sua postura e fechando seus punhos ao seu lado. Parece que ela está prestes a me dar um soco. — *Você* me tirou tudo e agora também tirou a minha vida.

Balanço meu dedo para ela.

— Não, eu *salvei* a porra da sua vida! — Estou ficando agitado, não necessariamente por causa dela, mas pelo fato de que tive que machucá-la ainda mais.

Seu corpo inteiro está tremendo.

— Você tirou tudo de mim, inclusive a minha liberdade.

Pego um cigarro espalhado no chão e acendo. Prendo a fumaça dentro dos meus pulmões enquanto olho para ela. Deixando a grossa nuvem sair pelos meus lábios. Meu peito aperta, sinto muito por ela, me sinto culpado, uma emoção que não estou muito acostumado a sentir. Puxo uma outra tragada do cigarro e espero por ela quebrar completamente, porque está vindo.

Sua expressão se transforma instantaneamente do desespero à raiva. Raiva eu posso lidar, desespero nem tanto.

— Por que você fez isso? Você já não tomou o suficiente de mim? Você é um bastardo egoísta! — Ela grita para mim.

Coloco o cigarro no cinzeiro. Inclino-me contra a mesa, apoiando-me nos meus braços. Ela não entende porque fiz isso.

— Eu te disse.

— Não estou interessada em suas desculpas de merda! Você arruinou a minha vida. Minha irmã acha que estou morta por sua causa! Isso tudo foi apenas para se proteger, então me faça um favor e pare com essas malditas mentiras.

— Se eu não tivesse feito isso você acabaria morta, e se pensa que eu te fodi, você não vai querer saber o que Joe faria com você! Se você quer culpar alguém, culpe primeiro essa merda de homem que entregou você a criminosos. Isso é tudo sua fodida culpa. *Ele* arruinou sua vida! — Grito. — E ele fez uma bagunça do caralho na minha.

— Vá. Se. Foder! — Ela grita, balançando o braço para trás.

Sua palma da mão bate no lado do meu rosto com um barulho alto, e minha cabeça vira para o lado. Calor inunda minha bochecha onde ela me surpreendeu com um tapa, ardendo como um filho da puta. Inspiro quando fecho meus olhos, tentando me acalmar. Vou deixar passar desta vez.

— Tor — rosno em advertência, meu queixo aperta, cerro os punhos.

— Como é que ele bagunçou a porra da *sua* vida? Você não é uma garota morta! — Ela pega o cinzeiro da mesa e o atira na parede. Estilhaços voam por toda parte. Pulamos o choro e fomos direto para o irracional, aparentemente.

Ela anda por toda a sala.

— *Você* não tem que pensar em sua irmã chorando sobre o seu maldito caixão fechado. — Ela pega um quadro da parede e esmaga a moldura sobre a mesa. Salto para o lado quando ela arremessa o quadro na minha direção. — Você não acabou de perder a carreira que você trabalhou oito malditos anos! — Ela pega a garrafa de cristal de uísque e a joga contra a parede. — Você não tem uma longa cicatriz de cima a baixo no seu corpo e uma garganta cortada! Eu

odeio você! — Ela grita como uma maníaca, jogando o telefone em mim.

Isto é como eu iria reagir e não como eu esperava que ela reagisse. Esperava que ela caísse no chão soluçando, não destruindo a porra da minha casa. Vou para o outro lado da sala, acendendo outro cigarro enquanto encosto na parede e fico observando-a. Se isto é o que ela precisa para chegar a termo com as coisas, pro caralho, que seja. Eventualmente ela acaba com as coisas de quebrar e agarra as almofadas do sofá, atirando-as com força na minha direção.

Não há mais nada para jogar. Ela está parada no meio da completa destruição, peito arfando e lágrimas escorrendo pelo seu rosto. Seus joelhos se dobram e ela cai no chão, soluçando. Ela parece tão pequena e quebrada, e traz à tona algo dentro de mim que pensei que há muito tempo tinha se perdido. *Foda-se, eu deveria fazer algo.* Vou ser honesto, eu não tenho nenhuma ideia do que fazer aqui. Não fiz nada além de foder mulheres nos últimos dez anos.

Levanto minhas mãos.

— O que você quer que eu faça?

— Deixe-me! —Ela respira com dificuldade. — Deixe-me sair. — Tor parece totalmente quebrada.

Passo minhas mãos pelo meu cabelo. Olho para ela, lágrimas estão escorrendo pelo seu rosto. Eu não preciso dela aqui, porque ela é uma fraqueza. Se Joe a encontrar, que assim seja. Ela não me pertence, mas, por alguma razão, parte de mim sente como se fosse. Suspiro, apontando para a porta.

— Vá então. Se é isso que você quer, saia. Eu não vou parar você.

Ela olha para mim, sua expressão se tornando vazia.

— Acredite em mim. Você pode ir, mas Joe vai encontrá-la. O que você vai fazer, hein? Ir até a polícia? — Rindo, dou de ombros.

— Você não tem ideia de como tudo é corrupto. Se eu tenho a polícia no bolso de trás, acredite em mim, a porra do Joe também tem. No segundo que você for até eles, ele vai encontrá-la — fico em silêncio, pensando na merda que ele fez com a minha mãe e irmã. — E as coisas que você, infelizmente, experimentou aqui serão insignificantes em comparação com a porra que ele vai fazer. Então, se é isso que você quer, vá em frente e saia. Eu não estou mantendo-a prisioneira. A porra da dívida foi paga. Vá! — Percebo que estou gritando.

Ela balança a cabeça, passando por mim com cautela, como se a qualquer minuto esperasse que eu fosse agarrá-la e forçá-la contra uma parede. Assim que chega na porta, ela corre.

Suspiro, meus olhos caindo para o chão. Se ela realmente sair, ela será morta.

Capítulo 24

Victoria

Sair. É uma palavra com tanto significado. Liberdade, soltura, liberação. Seus olhos perfuraram os meus, desafiando-me a ir.

Me viro e saio pela porta sem olhar para trás. Meu ritmo acelera enquanto subo as escadas e corro ao longo do corredor até a porta da frente. A empurro aberta, meio que esperando um pelotão de fuzilamento armado aparecer a qualquer segundo. Nada. Só vejo um punhado de folhas mortas voando por todo o chão de cascalho.

Desço a escada e começo a correr, o cascalho esmaga sob os meus pés.

Chego na linha das árvores e continuo. Corro até eu perceber que não sei para onde estou correndo. Paro em uma clareira, meu peito arfando enquanto tento recuperar o fôlego. Tenho a minha liberdade, mas para o que serve a liberdade quando você não tem para onde ir. Você pode liberar um pássaro de sua gaiola, mas se já cortou suas asas sua liberdade é apenas uma falsa bondade.

Eu não tenho nada. Acredito em Jude quando ele me diz que Joe vai me matar. Qualquer homem que foi capaz de matar a família de Jude e arriscar a enfrentar a sua ira não é um homem que eu quero correr o risco de provocar.

Eu poderia ir à polícia, dizer-lhes que não estou morta, mas no segundo que eu fizer isso, Joe vai saber que estou viva e será apenas uma questão de tempo.

Eu poderia fugir, mas não tenho dinheiro, nem tenho mais amigos para me ajudar. Estou completamente sozinha, mais sozinha do que já estive na minha vida. Uma coisa é ser solitária, mas outra bem diferente é ser uma menina morta. Não existo mais. Eu não existo fora do limite da propriedade de Jude. Jude e Caleb são tudo o que tenho, e isso não é apenas trágico?

Lágrimas escorrem pelo meu rosto quando realmente percebo que minha vida é uma bagunça total. Minha vida anterior parecia um sonho distante, um sonho que não posso lembrar, não parece haver nenhuma maneira de voltar a ela.

Se eu realmente sair agora, provavelmente vou morrer.

Inclino-me contra uma árvore próxima, por um segundo, e ouço os pássaros cantando alegremente nas árvores. Lembro-me de quando eu era pequena, sempre costumava subir na cama da minha mãe no início da manhã e ela me dizia para ouvir o canto dos pássaros. Sempre assumi que esse som era garantido, mas agora, não consigo me lembrar da última vez que parei e escutei seu canto. Às vezes são as pequenas coisas na vida que fazem valer a pena viver. Ela iria querer que eu vivesse. Ela iria querer que eu fizesse a melhor escolha possível para minha própria sobrevivência, porque quando isso acabar, e tenho que acreditar que vai acabar um dia, a vida vai continuar.

Jude é a minha única opção aqui, porque ele vai me proteger de Joe. Por alguma razão, eu confio nele, confio nele para fazer o que ele diz. Se diz que vai me proteger, então eu sei que ele vai. Ele não tem nenhum motivo para mentir para mim e tudo o que ele fez, fez por causa de Joe. Joe tirou tudo de mim e ele destruiu a família de Jude. De certa forma, estamos unidos por um inimigo em comum.

Preciso da proteção de Jude, mas isso é só por agora, não para sempre.

Viro-me e faço o meu caminho de volta para casa. Já posso imaginar a expressão de satisfação no rosto dele enquanto ando de volta na vegetação rasteira.

Quando eu rompo a linha de árvores, olho para a frente da casa. A casa que tem sido a minha prisão pelas duas últimas semanas.

Há uma figura solitária sentada na varanda e um fluxo constante de fumaça em torno do seu rosto, se dissipando com a brisa.

Ao me aproximar da varanda, Jude olha para mim, tomando outra tragada lenta do cigarro.

— Eu... eu não sei o que dizer. Não posso... não tenho nenhum lugar para... — Engasgo com um soluço enquanto as lágrimas, mais uma vez, pinicam meus olhos.

Ele dá uma última tragada no cigarro, depois o atira ao chão com um movimento do pulso.

— Humm. — Ele leva a mão até sua boca, seus dedos roçando a barba enquanto seus olhos se fixam em mim. — Você não pode o quê?

— Eu não posso sair — digo baixinho.

Ele puxa uma respiração pesada.

— Então, não saia. — Seu olhar se estreita em mim e ele fica me observando.

Abaixo meu olhar para o chão e aceno com a cabeça, mais para mim do que ele.

Ele se levanta do seu lugar no degrau e dá passos em minha direção. — Você pode me odiar, porra — ele estende a mão e coloca na minha bochecha, — mas vou protegê-la daquele bastardo. — Ele faz uma pausa, puxando uma respiração profunda. — Por quanto tempo você quiser que eu a proteja. Devo isso a você.

Começo a chorar. Deus, eu sou patética. Jude me olha por um segundo, parecendo claramente desconfortável. Então ele caminha para frente, envolvendo os braços em volta de mim. Ele endurece por um momento antes de se abaixar e me puxar para seu colo como uma criança, embalando-me contra seu peito enorme. Sua presença maciça fazendo-me sentir mais segura do que eu tenho o direito de me sentir com ele.



Capítulo 25

Jude

Sento-me com Tor, sem saber o que diabos fazer. Seus dedos torcem minha camisa, agarrando-se a mim como se eu fosse tentar deixá-la.

Eu sei como ela se sente neste momento. Tudo o que ela conhecia foi destruído, foi tomado. E isso é exatamente como me senti quando minha mãe e irmã foram assassinadas. É um sentimento de desamparo, e a única coisa que consigo pensar é o fato de que, mesmo que não fosse minha intenção, fiz isso com ela. Respiro profundamente. Não posso abandoná-la. Não vou deixar a vida fodê-la do jeito que me fodeu. Seu corpo inteiro convulsiona enquanto ela chora pelo que perdeu. E neste momento, não tenho nada a dizer. Eu sei que não há maneira de ajudá-la e isso me irrita. Eu sou a pessoa que a arruinou e me odeio por isso. Estico meus dedos, penteando-os através de seu cabelo espesso.

— Realmente sinto muito Tor, eu tive que fazer isso — sussurro em seu cabelo, os dedos varrendo os fios emaranhados.

Sem aviso, ela enterra o rosto no meu ombro. Posso sentir as lágrimas na minha pele, seu coração batendo contra o meu peito. Ela está agarrando-se à pessoa que tomou tudo dela, porque eu sou tudo o que ela tem, e isso é uma merda trágica. Seus dedos afundam

em meus ombros enquanto altos soluços miseráveis irrompem dela. Eu a agarro, enterrando meu rosto em seu cabelo enquanto minhas mãos apertam a parte de trás de sua cabeça. Eu sei que isto deve fazê-la se sentir mal, porque faz... Isso traz um novo significado para o termo fodido, mas parte de mim se sente bem. Ela fica bem comigo e eu sei que é perigoso, mas não consigo evitar. Cedo à forma como me sinto e a consolo.

— Eu vou fazer isso por você — sussurro em seu ouvido.

Que merda ela fez comigo?

Nós ficamos assim por horas, e eu sei que ela nunca vai realmente chegar a um acordo com o fato de que perdeu tudo o que já teve, mas se tivesse escolha, eu faria tudo novamente.

Capítulo 26

Victoria

Agarro Jude, porque se eu não fizer isso, sinto que vou despencar da borda do penhasco figurativo que estou desesperadamente agarrada. Nada disso é certo ou justo. Eu só quero voltar no tempo. Quero apagar o último par de semanas.

Não posso evitar pensar que a minha irmã está enterrando o corpo de uma pobre menina, cuja família nunca vai sequer saber que ela está morta. A vida é tão frágil. Tudo pode mudar num piscar de olhos.

Jude prende-me apertado, tudo sobre ele é forte e poderoso, mas a maneira como ele me toca é suave, quase reverente. Puxo o meu rosto para longe de seu pescoço, fungando a última das minhas lágrimas. Quando seus olhos fixam-se nos meus, não me lembro de nenhuma maldita razão porque eu deveria afastá-lo.

Quero odiá-lo. Este lugar me feriu, desencadeou horrores que eu só poderia sonhar em meus piores pesadelos. Mas no rescaldo desses horrores, num momento em que eu teria quebrado, quando queria desistir, ele me fez lutar. Ele me fez ter de volta o meu poder. Posso ter sido contaminada no processo, mas é melhor ser uma sobrevivente enferma do que uma vítima.

O que não nos mata nos fortalece e, às vezes, a vida não joga limpo. Você tem que evoluir para sobreviver e isso é exatamente o que estou fazendo. Eu tenho evoluído. Tornei-me o que preciso ser, a fim de sobreviver, e essa menina quer vingança, ela quer sangue, e Jude é a própria encarnação de ambos.

— Joe precisa pagar pelo que fez — me ouço dizer baixinho.

— Ele fará — Ele balança a cabeça, passando o dedo pela minha bochecha. Um pequeno sorriso aparece em seus lábios. — Eu prometo — aceno, porque se Jude faz uma promessa, especialmente quando envolve assassinar alguém, eu sei que ele vai cumprir. — Você matou Euan? — Pergunto.

— Você me prefere sendo um assassino ou um mentiroso? Ele não estava morto quando eu saí. — Ele dá de ombros casualmente, quando olha para o relógio. — Mas tenho certeza que ele está morto agora, porra. — Sua voz é totalmente fria.

— Bom — odeio Euan pelo o que ele fez comigo. Acho irônico que o homem que era para me amar me entregou para criminosos sem pensar duas vezes. É doentio porque, nesta fase, eu acho que Jude pode realmente ser a única pessoa que dá a mínima para mim.

A vida é tão torcida. Nem sempre é o que parece.

***

Meu coração está batendo contra minhas costelas enquanto rios de adrenalina passam através das minhas veias. Uma mão forte envolve em torno da minha garganta, prendendo-me a terra implacavelmente dura.

Mãos tateiam meu corpo nu, me violando em todos os sentidos. Lágrimas rolam pelas minhas bochechas quando um grito pavoroso escapa dos meus lábios.

Eu não posso ver o rosto do meu agressor. Viro a cabeça para o lado, instintivamente o procurando. Sei exatamente onde ele vai estar, porque é o mesmo lugar que sempre está. Ele está me observando, mas não faz nenhum movimento para me ajudar.

Ele parece tão bonito, como um anjo da morte, sem misericórdia ou um toque de bondade. Seus olhos verdes fixam-se nos meus.

— Jude! — Grito para ele, pedindo-lhe para me ajudar.

Seus lábios formam um sorriso cruel enquanto sinto uma dor aguda no meu peito. Grito quando a dor aumenta, espalhando do meu peito para o meu estômago. Tudo o que posso ouvir é o som profundo de sua risada, um pano de fundo para os meus gritos agonizantes.

Acordo gritando, me sento ereta e puxo o ar em meus pulmões freneticamente. Minhas mãos estão tremendo quando as passo pelo meu cabelo, elevo meus joelhos até o meu peito. Concentro-me na minha respiração. Inspiro, expiro. Inspiro, expiro.

Ouço passos fora do quarto. A porta range e uma fresta de luz do corredor quebra a escuridão. Vejo Jude em pé na porta.

Silenciosamente deslizo para fora da cama e faço o meu caminho para o banheiro. Puxo a porta e a fecho atrás de mim e corro para o vaso sanitário quando a bile sobe em minha garganta. Juro que posso sentir as mãos de Bob em mim, sua respiração rançosa no meu rosto. Lágrimas escorrem pelo meu rosto enquanto choro incontrolavelmente. Pressiono minha mão sobre minha boca e tento acalmar os meus gritos. Odeio essa pessoa patética que me tornei. Acabo de vomitar e caio de costas contra a parede do banheiro.

Vejo a porta se abrir e olho para cima para encontrar Jude parado na porta.

— Eu estou bem — aceno para ele.

Ele suspira e cruza os braços sobre o peito nu.

— Gritando em seu sono não me parece bem, — ele resmunga.

Olho para ele. Um par frouxo de jeans pendura nos seus quadris estreitos e seu cabelo é confuso como se ele apenas rolou para fora da cama. Eu nem sequer sei onde ele está dormindo. Ele só começou a dormir em outro lugar... *depois*. Ele dá um passo para dentro do banheiro e se agacha ao meu lado.

— Vamos. Levanta.

Com uma carranca em suas feições ele segura meu braço, me ajudando a levantar. Ele coloca a mão na parte inferior das minhas costas e me orienta para a cama. Puxo o edredom até o pescoço quando Jude senta-se na borda da cama.

— Você está bem? —Ele pergunta, sem olhar para mim.

Posso dizer que tudo isso o faz desconfortável. Ele não está acostumado a perguntar sobre o bem-estar de ninguém, porque ele não se importa. Ele não se importa agora, mas acho que se sente obrigado. Seu rosto se vira para mim, seus olhos me estudando sob a luz fraca do banheiro.

Rolo em minhas costas, olhando para o teto. Posso sentir seu olhar queimando na lateral do meu rosto.

— Sim — respondo. — Foi apenas um pesadelo.

Com a minha visão periférica vejo-o assentir. Ele se move para se levantar, e não sei por que, mas entro em pânico. Estendo a mão para ele, envolvendo meus dedos ao redor de seu antebraço grosso. Ele vira o pescoço, olhando-me por cima do ombro.

— Espere. Não me deixe — sussurro.

Ele passa a mão sobre seu peito, me encarando por alguns segundos. Balançando a cabeça, ele se senta na borda da cama, com os olhos fixos no chão. O pensamento de ficar aqui sozinha me faz entrar em pânico. — Só... fique aqui.

Vejo-o no escuro. Sua testa com vincos quando ele suspira, recostando-se contra a cabeceira. Ele fica lá, sem dizer uma palavra me olhando pelo que parecem horas. Sinto-me segura com ele, o

quão retorcido é isso? Ele se deita de lado, apoiando a cabeça com a mão e olhando para mim.

Fecho meus olhos, de repente exausta. Estou cansada. Estou cansada da guerra interna constante que estou travando comigo mesma, para manter mesmo que uma fração da antiga Ria, da pessoa que eu costumava ser.

Ele roça suavemente a ponta do dedo sobre a minha bochecha.

— Você *é* mais forte do que isso.

Rolo minha cabeça para o lado e olho para ele, mal capaz de ver o contorno de seu rosto.

— E se eu não for? — Minha voz falha.

Seus olhos brilham ligeiramente.

— Você é — sinto seus dedos contra o meu rosto e me aproximo dele, seja qual for a razão... eu *procuro* por ele. Ele entrelaça seus dedos nos meus. É um gesto tão inocente para ele que, por um momento, eu congelo, esperando que a ficha vá cair. Ele move o polegar em círculos em toda a palma da minha mão e, para minha surpresa, esse sentimento alivia um pouco a tensão.

— Se eu pudesse voltar atrás, eu o faria. — Sua voz é tão tranquila, que quase nem tenho certeza se ouvi corretamente.

— Eu sei — sussurro na escuridão, e ele aperta minha mão com mais força.

— Vá dormir Tor.

Adormeço com a minha mão ainda entrelaçada com a dele e pela primeira vez desde o dia em que fui arrancada da minha vida perfeita, quando fecho os olhos não vejo imagens de facas e sorrisos retorcidos.

Acordo na manhã seguinte com o meu rosto pressionado contra algo duro e quente. Ergo minha cabeça e olho para baixo, para um peito nu, muito, muito musculoso e muito masculino de

Jude. *Merda*. Tento deslizar para longe dele lentamente, mas seu braço está em volta da minha cintura. Quando tento me mover, ele geme e aumenta seu aperto possessivo, puxando-me de volta para ele.

Olho para baixo no comprimento do seu corpo e não posso perder a protuberância na frente de sua boxer. Minha coxa está a apenas alguns centímetros do seu pau. *Oh meu Deus*. Estou envolvida em torno dele como uma porra de videira. Uma videira sacana. Sinto meu rosto esquentar como uma fornalha e tento lentamente puxar a perna para trás. Seus músculos se contraem e ele geme novamente. Ele rola e dobra o joelho, pressionando sua coxa entre as minhas pernas durante o sono. Aperto meus olhos fechados enquanto tento controlar o meu pulso martelando. Ele se move novamente, pressionando seu corpo contra mim, em todos os lugares. Meu corpo se ilumina como um semáforo fodido.

Seu braço está sobre o peito e ao lado do meu rosto, seus dedos enrolados no meu cabelo. Parte de mim gravita em direção a ele de imediato, o poder estranho que ele tem sobre mim entra em ação. É uma reação primal. Meus hormônios estão substituindo o pensamento racional. Pelo menos é isso que digo a mim mesma. Sim, é isso.

Ele está segurando-me tão perto e seu corpo é como uma chama flamejante. Estou queimando. Tento me mover novamente, mas porra, ele é forte. No final, apelo em cutucá-lo nas costelas. Ele resmunga e se agita debaixo de mim. Só preciso separar meu corpo do seu o mais rapidamente possível.

Capítulo 27

Jude

Meus olhos lentamente entram em foco. Pisco contra a luz do sol brilhante derramando pela janela e percebo os meus dedos emaranhados no seu cabelo e o corpo quente de Tor pressionado contra o meu em um aperto de morte. Suas pernas estão jogadas em cima das minhas e sua vagina, coberta de renda, está encostada contra a minha coxa. Porra! Cerro os dentes e tento pensar em outra coisa, mas todo o meu sangue já disparou para meu pau, estou tão duro que dói.

Ela se mexe, tentando libertar-se de mim, e realmente isso não ajuda, porque cada movimento apenas a esfrega sobre a minha pele. Partes dela que não precisam estar me tocando estão todas em cima de mim, quentes e firmes. Meus dedos apertam contra a pele macia de seu pescoço. Libero o meu domínio sobre ela quando sua palma da mão pressiona o meu peito para empurrar-se para cima. Seu rosto está vermelho, os olhos selvagens com um olhar que eu acho difícil de resistir. Tenho que engolir um gemido.

Preciso pensar antes que eu faça uma merda fenomenal. Ela senta-se e olha para longe de mim, vergonha escrita por todo o rosto.

Pego o edredom e puxo-o sobre meu colo, em uma tentativa de esconder a ereção furiosa tentando sair das minhas boxers.

— Você dormiu bem? — Pergunto, tentando fazer isso menos estranho, mas eu diria que nada vai ajudar nisso.

Ela balança a cabeça rapidamente, mas permanece em silêncio.

— Bom— pulo da cama e vou para o banheiro. Olho o vaso sanitário. Não há nenhuma maneira no inferno que eu vá conseguir usá-lo com um pau duro como este. Tropeço para o chuveiro, empurro a porta aberta e mijo, tentando ter um segundo para acalmar a porra do meu pau. Quando volto no quarto ela está deitada na cama, olhando para o teto como se estivesse horrorizada. Olho para o seu corpo, incapaz de evitar encarar os pequenos botões perfeitos escondidos debaixo da camisa de algodão fino que ela está vestindo. *Isso é fodido*. Ela está excitada por mim, eu estou excitado por ela. Quanto mais torcida e distorcida a minha vida vai ficar? Ela percebe que estou olhando fixamente para ela e rapidamente puxa as cobertas sobre seu peito.

Ela bufa e seu rosto cora, um sexy rubor rosa pálido.

Corro minha mão sobre meu peito nu. Seus olhos seguem a minha mão e ela engole em seco antes de fechá-los. Neste ponto, não há nenhuma razão para tentar esconder o fato de que eu estava apenas olhando para ela.

— Desculpa. Mas eu tenho uma porra de um pau, você sabe? — Dou de ombros e atiro-lhe um sorriso arrogante. Suas bochechas ruborizam ainda mais quando ela enfia o queixo para baixo e olha para o edredom.

Há um silêncio constrangedor. Que porra é que vou fazer com ela? Ela não pertence a essa porra de merda que eu chamo de vida. Que diabos ela vai fazer? Ficar aqui, nesta casa para o resto de sua vida? Que diabos estou fazendo aqui? Dormir com ela e jogar conversa fora... *só me foda*. Não fui feito para lidar com uma mulher. É estranho para mim. Estou indo viver com ela junto a mim em todos os fodidos lugares? *Merda*. Essa coisa toda faz minha cabeça doer, porra.

Alguém precisa dizer algo, caralho. Estreito meu olhar sobre ela.

— Eu tenho que ir resolver algumas coisas hoje à noite e não estou te deixando aqui.

— Eu não quero ir com você para matar pessoas — ela resmunga.

— Eu não vou deixar você aqui com os outros caras, então você realmente não tem escolha.

***

Abro a porta do lado do passageiro e uma brisa fria sopra antes dela sair. Ela parece tão confusa. Esta é a primeira vez que ela está fora, e acho que de certa forma, é *realmente* sua primeira vez. Esta é a primeira vez desde que ela está fora da minha propriedade, a primeira vez que Victoria vai a qualquer lugar desde que não tem mais nada para chamar de seu.

Agarrando a mão dela, a aperto como um lembrete de que falei sério.

— Agora, como eu disse no caminho para cá, se alguém perguntar, nós estamos em um encontro.

— Sim — ela arruma sua camisa. — Ótimo!

O cascalho se amassa sob as minhas botas enquanto nós andamos pelo estacionamento escuro. A luz do sinal pisca e ela ergue os olhos enquanto afasta o cabelo do rosto.

— Um fodido clube de strip? Isto é onde você leva as meninas em seus encontros? Uau, isso é que é classe.

— Você não tem ideia de quão elegante eu sou — Envolvo meu braço na sua cintura e a puxo para mim. Ela me dá um olhar

nervoso. — Bem, vamos começar a atuar — digo com um encolher de ombros.

O brutamonte que faz a segurança na porta da frente acena quando nos vê.

— JP. Não vejo você a algum tempo. — Seus olhos se deslocam até Tor e seus lábios se abrem em um sorriso. — Como é que sempre consegue mulheres tão atraentes? — Inclina-se para ela, sua voz baixa, quando seus olhos encontram os meus e reajo como se fosse possessivo, puxando-a para mais perto de mim. — Você não sabe que ele é um pedaço de merda? — Ele ri.

Ela finge uma risada.

— Eu sempre digo que ele é um idiota.

— Também tem a voz sexy — ele geme, seus olhos parecendo reavaliá-la.

Eu a conduzo para dentro e somos varridos pelo estrondo da música dançante. Homens gritando enquanto mulheres seminuas se torcem em torno dos poles. Puxo-a através do grupo de homens gordos de meia-idade reunidos ao redor em uma das cabines, em direção ao corredor que leva aos vestiários. Abro a porta e Tor resiste a entrar.

— Vamos lá — digo e arrasto-a para o quarto, fechando a porta atrás dela.

O grupo de meninas quase nuas e que estão na frente dos espelhos olha para nós. Cada uma delas olha para Tor antes de arrastar o seu olhar para mim e sorrir.

— Eu preciso de vocês para olhá-la — digo e ando em direção à porta.

Ginger joga seus cachos loiros por trás do ombro.

— Que merda...

Ergo uma sobrancelha.

— Basta olhá-la.

Ginger encolhe os ombros, batendo o pincel contra a palma da mão enquanto ela ergue o quadril para o lado.

— Eu vou estar de volta em poucos minutos — digo, saindo. Eu entro no salão e tomo um assento na frente do palco, recostando-me enquanto olho para o meu relógio. As luzes piscam e uma das dançarinas desce da plataforma, me encara e pisca.

Continuo olhando para o meu relógio enquanto menina após menina sai do palco. O filho da puta que eu deveria encontrar está trinta minutos atrasado. A cada minuto que passa, fico mais agitado.

Assim que uma música chega ao fim, sinto um tapinha no meu ombro e levanto o olhar para encontrar um dos seguranças do clube.

— O cara está aqui. No bar — ele aponta. — Camiseta vermelha.

Olho para trás no bar e identifico o homem que eu tenho que atender. Ele está encostado no bar, balançando nervosamente a perna. Ele é magro e está vestido com uma camisa polo e calças cargo. Ele se parece com um pau-mandado. Expiro e aprumo os ombros enquanto caminho no meio da multidão.

Paro atrás dele e ele deve sentir minha presença, porque gira lentamente, sua cabeça inclinando-se para olhar para mim.

— Humm... eu sou, eu sou... — ele gagueja. — JP?

— Sim — sinto minha mandíbula se contrair.

— Sou Big Ole' Boy...

Balanço a minha cabeça e olho furiosamente para ele.

— Nunca se identifique desse jeito, seu merda.

Seus olhos se arregalaram e ele acena com a cabeça rapidamente.

— Claro, me desculpe.

Aperto minha mão sobre seu ombro, mais forte do que eu deveria.

— Você tem meu dinheiro?

Ele enfia a mão no bolso e tira um envelope. Sento-me em uma banqueta e coloco o envelope sobre o balcão. Puxo a aba aberta e despejo o dinheiro em cima da bancada. Os olhos do homem quase saltam para fora de sua cabeça enquanto ele nervosamente olha em torno do bar, como se esperasse que uma equipe da SWAT invadisse a qualquer segundo.

— Relaxe — digo, quando espalho o dinheiro e conto. Fixo meus olhos nos dele. — Você me desafia assim de novo, me fazendo esperar pelo meu dinheiro e eu vou cortar fora suas bolas do caralho. Entendido?

Ele balança a cabeça, cautelosamente se afastando do bar.

— Nunca mais chegue tarde para outro encontro comigo — continuo segurando seu olhar enquanto puxo um cigarro do bolso e o acendo. — É rude pra caralho — rosno, fumaça saindo dos meus lábios. O cara só fica de pé, congelado no lugar, olhando para mim como se eu fosse à porra do Mágico de Oz. — Se manda! — Eu o espanto com a minha mão e ele rapidamente se vira para sair.

Pressiono o cigarro entre os lábios e murmuro.

— Bundão — enquanto empilho as notas, olho para o palco e assisto a uma das meninas balançar em torno do pole enquanto pego minha carteira do bolso. Dou outro trago e guardo o dinheiro enquanto caminho de volta para o camarim.

Quando chego lá, ainda com o cigarro nos lábios, abro a porta e congelo no lugar. Tor está esparramada no sofá, com as pernas sobre o encosto, uma garrafa de tequila quase vazia em sua mão e um sorriso bêbado grudado em seu rosto. Ela olha para mim e revira os olhos enquanto acena sua mão no ar.

— Dum, dum, duuum!

Puxo uma longa tragada e arqueio uma sobrancelha para ela.

— Sério? — Pergunto andando em sua direção e arrancando a garrafa. — Quem diabos te deu bebida? — Olho acusador ao redor da sala para as meninas, todas estão rindo. Largo meu cigarro em um copo vazio e balanço a cabeça.

Uma delas dá de ombros.

— Coco pensou que seria divertido ver uma bêbada britânica.

Batendo a palma da mão sobre a minha testa, gemo.

—Fodido Cristo.

— Você precisa melhorar seu vocabulário — Tor insulta. — É sempre foda isso, foda aquilo, fodido, foda-se. Sempre tão irritado. — Ela balança a cabeça.

Coco passa por mim, balançando os quadris e sorrindo.

— Ela é engraçada. Gosto dela, ela tem coragem — diz, enquanto sai da sala.

Tor sorri. Esta vai ser uma dor na bunda da porra, com certeza.

— Tudo certo. Vamos. Hora de ir.

Ela cambaleia para seus pés e tropeça para longe de mim.

— Nãão!

Ela está tentando mandar em mim? Inferno fodido!

Respiro fundo, preparando-me para jogá-la por cima do meu ombro e levá-la para o carro, quando o som vem ao longo dos alto-falantes.

— E, por favor, recebam a bela senhorita Coco Chanel no palco.

Tor salta para cima, gritando.

— Oh, prometi a Coco que iria vê-la dançar. Eu preciso de algum dinheiro para colocar em sua calcinha. — Ela se lança para a porta, batendo seu ombro no marco da entrada enquanto corre para fora.

— O que... — ando atrás dela, balançando a cabeça.

Ela faz o caminho mais curto até ao palco e estatela-se em um assento vazio. Tor olha para mim e, em seguida, ao redor, até que seus olhos param atrás da minha cabeça. Um cara perto de nós está deslizando seus olhos sobre o corpo de Victoria antes de piscar para ela. Ele está descaradamente despindo-a com o olhar. Ela faz uma careta para ele.

— Tudo bem, vamos lá — Chego perto dela para agarrar a sua mão, mas ela a move para longe de mim.

Ela revira os olhos.

— Não posso acreditar que estou tendo que convencê-lo a beber e assistir strippers.

— Tudo bem — dou de ombros e sento na cadeira ao lado dela.

O cara fica de boca aberta e assobia.

— Ei, coisa doce, você vai rastejar até lá e mostrar as meninas como é que se faz? — Ele insulta, balançando em sua cadeira.

Tor nervosamente ri e aproxima sua cadeira de mim, e o cara se mantém olhando. Ele se levanta e ela, imediatamente, pula para cima e cai no meu colo. Franzo a testa e inclino a cabeça para olhar para ela.

— Com licença?

Ela se inclina para perto de mim, com as mãos espalmadas contra o meu peito. O cheiro de tequila quase me derruba da cadeira.

— Esse cara é assustador — ela sussurra, sua respiração soprando contra o meu pescoço. O fato de que agora sou sua segurança é além de fodido. Mudo o seu peso no meu colo.

Coloco minha mão em sua perna e olho para o cara. Seus olhos se redirecionam imediatamente para o palco. Os olhos de Tor caem na minha mão.

— Será que você pode tirar a sua mão de cima de mim?

— Relaxe, Tor — inclino-me perto da sua orelha. — Você se colocou aqui, não culpe um cara por querer tirar vantagem. Prometo que não vou morder — sussurro provocante, enquanto mantenho a minha mão sobre sua coxa. — Tente relaxar, talvez até mesmo se divertir.

Ela olha minha mão em sua perna.

— Estou bastante certa de que é algo que o diabo diz quando o recebe no inferno — Ela bufa, em seguida, olha para trás para o cara ainda olhando para ela. — É só isso, você sabe, só estou sentada no seu colo para não ser estuprada.

Sorrindo, movo seu cabelo para o lado.

— Bem, pelo menos você não pensa que vou fazer isso — prendo meu olhar com o dela, observando-a. Um guincho vertiginoso vem atrás de mim.

— JP! — Viro-me, dando de cara com um par de mamilos eriçados ao nível dos olhos.

— Você não tem vindo ao redor tanto quanto costumava fazer. Isso deixa todas nós meninas, tristes. — Tara se inclina e dá um beijo na minha bochecha enquanto seus olhos se fixam em Tor. — JP, esta é sua nova garota?

— Não exatamente. — Viro minha cabeça para olhar para Tor e a pego revirando os olhos.

— Oh, Crystal vai ficar tão brava com você! — Tara bate seus cílios falsos. — Quer alguma bebida?

Tor começa a soluçar e respiro profundamente. Ela está completamente bêbada e vou precisar de uma bebida para lidar com ela pelos próximos 30 minutos de carro de volta para casa.

— Traga-me um uísque.

Tara assente e corre para o bar. Tor olha para mim, cruzando os braços sobre o peito.

— Onde está a minha bebida?

Levanto uma sobrancelha para ela.

— Você já teve a sua garrafa. Você não precisa de outra bebida. Você só vai vomitar.

— Eu não tive o suficiente — ela resmunga. — Pelo menos não o suficiente para lidar com esse buraco do inferno.

Assim que Tor resmunga, Tara se inclina com uma bandeja de bebidas. Ela olha Tara da cabeça aos pés.

— Diga a Caleb para me chamar, ok? — Diz Tara.

— Sim, claro.

Ela olha para longe, balançando a bunda enquanto faz o seu caminho para um homem segurando um punhado de dinheiro.

— Oh, inferno maldito, não! Não Caleb — Tor balança a cabeça. — Por favor, me diga que ele não está metendo o pau dele nessa merda desagradável.

Rio e aperto sua coxa, permitindo que meus olhos derivem até a menina no palco.

— Oh, vamos lá. Todos os homens fodem strippers.

— Jogos de azar, assassinato e prostitutas. Acho que isso completa muito bem o repertório.

Olho atentamente para ela.

— Você esperaria menos de mim?

Ela encolhe os ombros, movendo lentamente minha mão de sua perna e colocando-a no braço da cadeira.

— Minhas expectativas sobre você são extremamente baixas, Jude.

Não é que é a porra da verdade?

— Então — Arqueio uma sobrancelha para ela — como o diabo está te tratando?

— O inferno tem tequila. Poderia ser pior — ela encolhe os ombros e afaga meu rosto, como um cão maldito. — Você é um idiota, mas você é um idiota realmente bonito — ela insulta, seu hálito de tequila no meu rosto.

Puta que pariu. Ela está muito bêbada.

LP LOVELL STEVIE J. COLE
Wrong

Capítulo 28

Victoria

— Você está bêbada.

Lanço minha cabeça para trás, rindo.

— Merda, eu preciso beber quando estou com você. Inferno, alguém só me traga algo para beber. E faça essa merda permanente.

Ele despenca contra a cadeira, correndo os dedos pelo cabelo curto, suspirando.

— Porra. Tenho a sensação de que você vai ser ainda mais irritante bêbada do que sóbria.

— Nãão. — Estendo a palavra, o que faz com que ele estreite os olhos em mim, quase condescendente. — Ria bêbada é muito mais tolerável.

Tento me concentrar no que eu sei ser uma carranca em seu rosto, mas a minha visão ainda está embaçada. Foda-se, estou mais irritadiça do que nunca. Não foi a ideia mais brilhante.

— Vamos ver quanto tempo leva a *Tor* bêbada para vomitar — O bastardo está sorrindo para mim sobre o copo.

Uma garçonete, se é que você pode chamá-la assim, para atrás de nós. Ela joga seu cabelo loiro atrás de seu ombro e mexe os

LP LOVELL STEVIE J. COLE
Wrong

quadris. Não dá para não olhar para os peitos dela. Eles são maiores do que a minha maldita cabeça. Coloco uma mão de cada lado da minha cabeça e tento compará-lo. Jude ergue uma sobrancelha para mim. *O quê?* Gesticulo a boca para ele.

— Você gostaria de mais algumas bebidas, JP? — Ela pergunta.

— Sim! — Grito ao mesmo tempo em que Jude rosna. Enfio meu dedo médio em seu rosto quando sorrio para a garçonete. — Tequila!

Outro rosnado irritado escapa dele, e ele está esfregando as duas mãos pelo seu rosto. Juro por Deus, ele soa como um animal, com um rosnado idêntico. A garçonete sai correndo, balançando seus peitos falsos enquanto desaparece. Não a culpo. O Sr. animado aqui não é exatamente a melhor companhia.

Ele aponta para mim.

— Você não precisa de outra porra de bebida, mulher. Os seus malditos olhos já estão se cruzando!

— Eu ainda posso ver e ouvir você, o que significa que não bebi o suficiente— sorrio, balançando meu copo vazio.

— Oh — ele sacode a cabeça, arqueando uma das sobrancelhas, e não posso dizer se está com raiva ou me desafiando. — Você quer ficar bêbada? Ok, vou deixar o seu rabo bêbado. — Ele pega uma garçonete passando. — Seis doses de tequila.

Assisto o aceno da garçonete e falo pausadamente.

— Você é tão... cheio de si o tempo todo.

Pego um leve sorriso nos lábios dele.

— Humm, — ele ri. — Realmente não sei outra maneira de ser, boneca.



***

Duas horas e... sabe-se lá quantos tiros de tequila mais tarde, estou tão entediada que mesmo o babacão aqui não está parecendo tão ruim assim. Na verdade, ele parece muito gostoso. Olho e me concentro em seu bíceps protuberante, a tinta de suas tatuagens trazendo um novo nível de sensualidade malvada para a mesa.

— Você é *realmente fortão* — pronuncio enquanto me penduro no braço de Jude. Nós podemos ir, mas tem que ser um processo lento. Eu não consigo sentir minhas pernas... ou o meu rosto... ou qualquer coisa, realmente. Estou belamente dormente e tudo parece muito melhor.

— Fortão? — Ele me olha, me arrastando em direção à porta. — Você fala Inglês, porra? Fortão.

— Musculoso. Bonito — apalpo o seu braço. — Você é muito forte.

Ele é tão bonito. Quero tocá-lo. Estendo a mão e acaricio seu rosto.

— Ok — ele sacode a cabeça. — Eu não sou um cão de merda — diz ele, e então começa a se encostar na parede.

Eu rio e aponto para ele.

— Você é definitivamente um cão... e um rato. Um rato bêbado. — *O que estou falando?*

Ele despenca contra a parede, resmungando, enquanto puxa seu telefone do bolso.

— Foda-se, eu não posso dirigir. — Ele se atrapalha com o seu telefone e ele cai no chão do lobby. — Merda.



Curvo-me e o pego, caindo de bunda. Olho para a tela brilhante, tentando fazer com que meus olhos se concentrem.

— Eu não posso ver! Porra!

Ele me olha, seu olhar se estreita.

— Essa sua voz... — ele geme, pegando o telefone da minha mão e colocando-o ao ouvido.

— Oi, eu preciso que você venha me pegar — há uma breve pausa. — Apenas venha me pegar. Estou no Titty Bar — ele geme e mete o telefone de volta no bolso. Ele balança a cabeça e olha em volta. — Você não pode ficar esparramada no chão do meu clube — curvando-se, ele me pega e me lança sobre seu ombro. — Você precisa de ar fresco de qualquer maneira. — Ele me carrega para fora das portas, no estacionamento.

— Jude — tento lutar, mas eu mal posso levantar meu próprio braço. O ar está gelado, mas não sinto frio. Estou com o meu casaco. Eu tenho que fechar um olho para ver em linha reta. O clube fica mais distante à medida que avançamos mais fundo nas sombras. Sua respiração é irregular e com cada passo seu aperto na minha coxa aumenta. Ele para sob uma árvore. Não consigo ver nada e tenho que apertar os olhos na penumbra para visualizar o clube. Estamos longe o suficiente para que ninguém possa nos ouvir. Ninguém pode nos ver.

Ele me coloca para baixo, meu corpo deslizando sobre cada centímetro do seu no caminho para baixo. Oscilo ligeiramente e ele aperta os braços em volta de mim, me puxando contra ele. Ele não diz nada pelo que parece ser uma eternidade. Seus olhos estão presos nos meus, um verde escuro nas luzes fracas do estacionamento. Os movimentos de sua mão, os dedos avançando sob a barra da minha blusa para alisar a pele na parte baixa das minhas costas. Minha pele se arrepia sob o seu toque quente. Estou atraída por ele como uma mariposa por uma chama brilhante. *Que porra é essa?* Franzo a testa, enquanto tento pensar através da minha névoa induzida por tequila. *O que estou fazendo aqui? Como*

isso aconteceu? Merda. Quanto é que eu bebi? Você sabe que está muito mal quando o psicopata assassino está começando a parecer atraente. *Bem, tecnicamente ele é meu protetor agora. Isso faz tudo ser normal?* Minha mente bêbada não pode resolver isso agora.

Ele se inclina para frente, seus lábios acariciando minha orelha enquanto fala.

— Eu posso praticamente ouvir você pensando, Tor — Ele passa o dedo indicador na minha testa, suavizando as linhas de expressão. Sua respiração sopra no meu rosto. O cheiro de tequila e tabaco invade os meus sentidos, fazendo minha cabeça girar. Me agarro a ele, não porque estou bêbada, mas porque o quero e esse desejo me assusta pra caralho.

Ele dá um passo para trás, seus olhos focando na minha boca. Ele fecha os olhos com um gemido, como se estivesse lutando contra alguma coisa.

— O que eu estou pensando? — Digo com minha voz rouca, como uma espécie de prostituta de sexo por telefone.

Seus lábios se elevam em um sorriso malicioso. Minha respiração engata em meus pulmões. Oh, Deus, aquele sorriso faz meu coração fraquejar e, em seguida, disparar.

Sua mão se move para a minha nuca, agarrando um punhado do meu cabelo.

— Vou te dizer o que eu estou pensando. — Ele me empurra contra o tronco e sinto o atrito da casca áspera contra a minha pele. Sua respiração toca meu pescoço e eu tremo violentamente. Seus dentes roçam sobre minha pulsação e ele dá uma leve mordida.

Gemo e minhas costas arqueiam para longe da árvore, lutando para chegar mais perto dele, exigindo mais.

Não consigo me controlar. Só quero ele e não me importo com as complicações ou as consequências. Suspiro enquanto seu corpo se pressiona contra o meu. Ele libera o meu cabelo e os dedos roçam no meu pescoço, apertando-o levemente, me dominando a cada

respiração. Meu pulso dispara enquanto o meu corpo se aquece em seu domínio. Eu posso sentir cada centímetro dele, o calor de seu corpo através de sua camisa, seu hálito quente soprando nos meus lábios, seus dedos cavando na pele da minha garganta. Ele está em todos os lugares. Não posso escapar dele. Eu deveria estar com medo dele, mas não estou. Eu poderia culpar a tequila, mas não posso negar que ele me afeta.

Sua mão se arrasta pelo meu peito, deslizando sobre meus seios, pelo meu estômago. Ele agarra entre as minhas pernas, acariciando através do meu jeans. Rolo meus quadris contra ele, desesperada por um pouco de pressão. *Qualquer coisa!* Sua respiração acaricia meu pescoço enquanto ele beija o lugar que estava mordiscando. Minhas unhas arranham sua pele, passando sobre sua nuca enquanto minha pele explode em arrepios.

Com um grunhido, ele pega um punhado do meu cabelo, puxando minha cabeça para trás. Ele aperta o braço em volta da minha cintura e me puxa para cima na ponta dos pés, esmagando seus lábios nos meus. Meus dedos puxam sua camisa, numa tentativa desesperada de me aproximar dele. Eu quero mais. Preciso de mais. Meu corpo parece que está pegando fogo. Não posso respirar corretamente. Sua língua provoca meus lábios e eles se abrem.

— Foda-se — ele rosna contra a minha boca, antes que eu sinta seus dentes mordendo meu lábio inferior. Ele puxa-o delicadamente e pressiona ainda mais o seu corpo contra o meu, se isso é mesmo possível.

Gemo e agarro-me a ele como uma cadela no cio. *Foda-me*. Não tenho nenhuma vergonha agora e não posso nem mesmo estar arrependida por isso.

Ele empurra seus quadris contra mim, moendo sua ereção contra a minha barriga.

— Maldição — ele sibila contra meus lábios. Ele agarra minha cintura, me levantando e prendendo-me a árvore com seus quadris.

Minhas pernas abraçam a sua cintura e seus dedos apertam minhas coxas, cravados em minha pele. Ele enterra o rosto no meu pescoço e seus lábios percorrem-me, beijando, beliscando e lambendo por onde eles passam. Minha cabeça cai para trás enquanto minhas mãos parecem encontrar seu caminho em seus cabelos, puxando-o, querendo mais. Não consigo chegar perto o suficiente dele. Seus lábios continuam sua jornada até que ele está mordendo o topo dos meus seios.

— Jude, onde diabos você está? — Ouço um grito profundo de uma voz masculina. — Jude?

Erguendo a cabeça do meu peito, ele olha para mim.

— Eu não terminei com você. Você me ouviu? — Ele sussurra, pressionando seus lábios nos meus uma última vez antes de lentamente me liberar.

Não lhe respondo. Eu não posso lhe responder. Merda, eu mal posso respirar. Meu coração parece que está tentando escapar das minhas costelas e minha calcinha está em extrema necessidade de substituição.

Ele pega a minha mão e me puxa para o estacionamento, cambaleio atrás dele com as pernas trêmulas. A combinação dos lábios de Jude e tequila têm realmente influenciado meu equilíbrio. Eu posso ver uma figura se aproximando de nós no escuro e, instintivamente, me agarro a Jude.

— O que diabos você estava fazendo? — Pergunta Rich.

— Não é da porra da sua conta — diz Jude, ainda me puxando atrás de si.

Sigo até uma caminhonete e ele abre a porta.

Rich olha para mim.

— É melhor que ela não vomite na minha caminhonete, — ele geme.

Agarro o braço de Jude, tentando não balançar como a bagunça embriagada que eu sou.

— Apenas cale a boca e dirija — Jude exige.

Assim que a caminhonete começa a se mover, sinto-me à deriva. Deito-me em todo o banco de trás e deixo meus olhos se fecharem. Posso ouvir o som baixo da voz de Jude enquanto ele fala com Rich e um pouco de música country que toca através do rádio. A última coisa que ouço antes de apagar é Jude chamando meu nome.

Capítulo 29

Jude

— Tor — sacudo, mas ela está apagada.

— Você quer que eu a leve? — Richard pergunta.

— Não! — Respondo instantaneamente, não quero que ele a toque. — Não, basta ir. Eu tenho isso — Ele é um idiota e, provavelmente, colocará a mão dentro de suas calças e com certeza esfregará seus seios por cima do ombro.

Ele dá de ombros e se vira, indo para a casa. Arrasto Tor por todo o banco de trás pelos seus tornozelos. Ela é como uma boneca de pano. Seus membros balançam quando a pego e jogo ela sobre meu ombro para carregá-la para dentro de casa.

Que diabos estou fazendo? Subo as escadas de dois em dois degraus até chegar ao meu quarto. Abro a porta e jogo seu corpo inconsciente na cama.

Ela geme enquanto sua cabeça rola para o lado.

— Jude? — Ela murmura, as sobrancelhas franzem quando aperta os olhos, tentando me focar.

Porra, eu amo o jeito que ela diz meu nome. Engulo. *Eu não deveria ter este fraco por ela. Eu não deveria estar pensando as coisas que estou.*

— Sim? — Suspiro.

— Onde estou? — Ela pressiona a palma da mão em sua testa. — Oh, Deus, o quarto está girando.

— E é claro que você vai vomitar certo? Só faz sentido. — Eu a sento, passando seu braço sobre meu ombro enquanto a ajudo a carregar o seu peso morto para o banheiro. Viro o interruptor de luz e ela resmunga. Usando sua mão, ela protege seus olhos da luz iridescente quando a coloco no chão em frente ao vaso sanitário.

— Oh, Deus — ela geme, descansando a testa contra o assento do vaso. — Por que você me deixou beber muito?

— Vamos lá, eu não deixei nada. — balanço a minha cabeça, começando a discutir com ela, mas por que me preocupar? — Porra mulher, você estava bebendo tequila como se fosse uma atividade esportiva.

— Foda-se — ela resmunga.

— Se você vomitar, vai se sentir melhor — sorrio. *Jesus, ela está uma maldita bagunça.*

— Oh, Deus. Eu me sinto tão mal — Suas mãos seguram a borda do vaso sanitário tão violentamente que ficam brancas.

Eu a ouço fungar. *O que... ela está chorando*? Inclino minha cabeça para olhar para ela. Seu rosto está amassado, olhos fechados, lábios tremendo. Ela está fodidamente chorando; ela ainda nem sequer começou a vomitar... e já está chorando.

— Por que *diabos* você está chorando? — Tento não rir, mas, honestamente, essa merda é engraçada.

— Cale a boca. Eu odeio ficar enjoada, ok? — Seu corpo inteiro treme e os ombros vão para frente quando ela começa a vomitar.

Inclino-me contra a parede e olho para ela, não sei exatamente se a deixo ou fico. Depois de alguns momentos de vômito, ela para e recomeça a chorar. Quando ela para novamente, ela se joga literalmente no vaso sanitário e seu cabelo cai em seu rosto. Reviro meus olhos, bufando quando me aproximo dela.

— Jesus — agacho enquanto tiro o cabelo pegajoso, úmido, fora de sua bochecha e enrolo o resto de seu cabelo em volta do meu pulso em uma tentativa de mantê-lo fora do caminho. — Você não faz nada fácil, não é?

— Só... — Ela recomeça a vomitar novamente. — Basta sair... — ela fala entre respirações profundas. Ela tenta me empurrar para longe, mas seus movimentos são fracos. Seu rosto ainda está praticamente no vaso.

— Se eu sair, você provavelmente vai se afogar.

— Oh, Deus. Eu acho que estou morrendo! — Ela geme, com lágrimas escorrendo pelo seu rosto.

Agacho no chão e olho para ela com diversão. *É assim que toda porra de mulher age? Meu Deus. Elas são fodidamente insanas.*

— Você não está morrendo. Respire fundo.

— Eu estou morrendo, porra!

Esfrego minhas têmporas. Ela parece estar colocando suas tripas para fora, vomitar essa quantidade de tequila ingerida a faz ter lágrimas nos olhos e a sensação de morte iminente?

— Você não está morrendo, ainda não, pelo menos — gemo. — Que tipo de médica da porra era você? Jesus. Desde quando tequila é uma sentença de morte?

Seu rosto não se move do vaso, mas ela acena seu dedo médio para mim.

— O que você sabe? — Ela cospe no vaso algumas vezes. — Você é um bucetinha! — Sua voz ecoa do vaso.

Eu rio. Essas palavras saindo dos lábios britânicos educados me deixa excitado toda maldita vez.

Ela senta-se sobre os calcanhares e arrebata o cabelo longe de mim.

— Acabou? — Levanto uma sobrancelha para ela, batendo os dedos sobre o chão. Ela parece arrasada olhando para mim com os olhos avermelhados.

— Vamos. De pé. — Eu a levanto e a aguardo se equilibrar antes de caminhar com ela até a pia. Abro a água e aponto para a bacia. Ela está cambaleando como se estivesse prestes a cair. — Você vai lavar o vômito fora do seu rosto ou o quê? — Pergunto.

Abro uma das gavetas do armário e vasculho, pegando uma escova de dentes. Coloco sob a água, aplico pasta de dente e entrego a ela.

— É isso o que acontece quando você tem um filho? — Gemo. — Droga. Aqui. Escove os dentes também.

Ela a tira de mim, balançando para frente e para trás durante a tentativa de me lançar um olhar mordaz. Parece mais com um estrabismo bêbado. Ela segura a escova de dentes em sua mão e olha para ela como se não tivesse ideia de como usá-la.

Agito as minhas mãos para ela como um maestro de orquestra de merda tentando ensinar um bando de idiotas a tocar Bach.

— Escoveeeee...

— Por que você ainda está aqui? — Ela geme. — Posso escovar os malditos dentes. Saia!

— Basta escovar os dentes, Tor — ando pelo banheiro e tiro meu pau para mijar. Assim que o mijo atinge a água, ela vira lentamente a cabeça, espuma azul sobre os lábios.

Seus olhos se arregalaram e seu queixo cai.

— O que você está fazendo?

Me afasto um pouco do vaso sanitário, ainda administrando o fluxo constante, enquanto sorrio para ela.

— Dando uma mijada. Vê? — Balanço meu pau e em seguida abaixo a tampa. — É o meu banheiro. Eu mijo quando sinto vontade. Vou para a cama — sorrio e descarto minhas roupas, fazendo meu caminho até a cama e me jogando.

— Você é repulsivo, sabe disso, certo? Eu não posso acreditar que você tem que fazer essas coisas na minha frente.

Coloco o travesseiro debaixo da minha cabeça. *Ela nunca vai calar a boca?*

— Deus! — Gemo.

Ela tropeça pelo quarto por alguns minutos com sua camisa enrolada em torno de seu pescoço e os braços no ar. Isso é sério? Eu não deveria rir, mas foda-se. Ela é como um maldito garoto quando está bêbada. Suspiro e saio da cama, puxando a camisa sobre sua cabeça.

— Eu tenho isso — ela resmunga.

— Sei... parecia que você tinha — pego uma camiseta da minha cômoda e atiro para ela antes de subir de volta na cama. — E não se preocupe. Não estou olhando — rolo de costas para ela e ouço-a tropeçar enquanto tenta se vestir. Ela está resmungando para si mesma. Só Deus sabe o que diabos ela está dizendo.

Poucos segundos depois, o outro lado da cama mergulha sob o seu peso. Inclino-me e desligo a lâmpada, mergulhando o quarto na escuridão. Em poucos minutos, sua respiração nivela e se torna pesada e eu estou... bem acordado.

Cada pequeno movimento que ela faz é ampliado. Estou hiperconsciente da sua presença, e assim também está o meu pau. O que realmente eu fiz? Devo ser um filho da puta masoquista para dormir ao lado da mulher que apenas horas atrás eu tinha segurado com força e empurrado contra uma árvore, pronto para enfiar meu pau nela, como se ela fosse uma prostituta de dois dólares. Ela é

quente, plena e simples, e meu pau parece sentir a necessidade de me lembrar desse fato... muitas vezes. Quanto mais penso sobre tê-la contra a árvore, mais difícil fica. *Isto é fodidamente ridículo.* Meus olhos correm até ela. Observo seu peito subir e descer em ondas profundas e recebo penitencia toda vez que esses filhos da puta se movimentam, os mamilos eretos marcam através da camiseta fina que ela está usando. Essa visão faz meu pau se contorcer como se fosse explodir.

Deito na escuridão, apenas olhando para o teto. Poucos minutos atrás eu estava tão cansado, mas agora... agora, o sono é a última coisa em minha mente. Abaixo minha mão e ajeito meu pau. Só que o breve toque faz meu pau implorar por mais. Foda-se isso. Saio da cama, minha boxer evidenciando uma barraca enquanto tropeço em direção ao banheiro. Deixo a porta aberta apenas o suficiente para vê-la. Foda-se se ela acordar. É culpa dela que eu tenho esse tesão.

Inclino-me com uma mão contra a parede, espreitando para fora para olhá-la quando eu enfio minha mão sob o elástico da minha boxer e pego meu pau duro. Imagino suas coxas em volta da minha cintura enquanto eu violentamente movo meu pau contra sua vagina. Eu quase posso ouvir os gemidos que ela faz, saboreando a tequila em sua língua. Corro o meu polegar sobre a cabeça do meu pau e o aperto. Porra. Só posso imaginar o quão bom seria a sensação de realmente ter meu pau nela. Aliso meu pau e imediatamente sinto tudo relaxar. Pegando o ritmo, me afasto da parede, me viro e encosto contra ela enquanto estico a outra mão para baixo e pego minhas bolas. As manipulo mais e mais rápido, massageando-as, enquanto penso sobre como malditamente maravilhoso deve ser tê-la em cima de mim.

A imagino de joelhos, com aqueles malditos lábios envolvidos em torno do meu pau, minha mão puxando seu cabelo enquanto fodo sua boca até ela engasgar. Estou frenético neste momento. Minha mão indo e vindo. O fato de que ela está completamente inconsciente e de que estou aqui batendo uma punheta, me deixa ainda mais frenético.

Eu mal a escuto falando em seu sono.

— Jude — ela sussurra, seguido por um feminino, suave, incrivelmente sexy gemido. E é isso, sinto as minhas bolas apertarem e todo o meu corpo fica tenso como uma mola em espiral. Jorro como a merda do Monte Vesúvio. Já faz tempo desde que tinha brincado assim, o que significa que tem porra voando por cada fodido lugar. *Puta merda!* Meu corpo é tomado por tremores secundários, bato minha cabeça contra a parede enquanto tento recuperar o fôlego.

— Jude... — ela murmura, o que me tira do meu torpor. — Por favor... — Sua voz falha e eu mal posso me impedir de atender a sua mendicância.

Pego uma toalha e me limpo. Ela murmura o meu nome novamente gemendo. Vou para o quarto e subo do outro lado da cama, afasto os cabelos do seu rosto quando me deito ao seu lado. Ela se acalma e abraça meu pescoço, se enroscando contra mim.

Eu não sei como cheguei aqui. Só sei que tenho essa vontade inexplicável de consertá-la, o que é irônico pra caralho, já que sou geralmente o único a foder com tudo. Para mim não é natural cuidar de alguém e não tenho ideia de como lidar com isso.

Fecho meus olhos, minha mente correndo. Olho para o relógio e os minutos parecem horas. Toda vez que fecho os meus olhos, vejo a minha mãe e irmã, ouço seus gritos, minha mãe implorando para Joe não ferir a minha irmã, para deixá-la ir. Vejo Tor chorando e sangrando. Euan implorando por sua vida.

Pela primeira vez na minha vida, me permito perceber que sou o monstro nos pesadelos de outras pessoas, assim como Joe é o monstro nos meus. Tomei brutalmente a vida das pessoas, deixando suas famílias com nada além de uma memória desvanecida. As pessoas que eu mato sabem muito bem no que estão se metendo quando decidem não pagar o meu dinheiro, mas suas famílias... mantém uma ferida aberta em suas almas pela perda... e isso me afeta. Desde quando eu ligo para essas merdas? Não quero dar à mínima, mas Tor me fez sentir. Sua presença aqui me quebrou, me

fez reavaliar tudo. Rolo para o meu lado, e em vez de um espaço vazio, lá está ela. Ela é como a porra de uma consciência física que eu não posso ignorar. Encaro a sua silhueta e minha mente chega a um impasse. Esta mulher mudou tudo na minha vida. Em questão de semanas, ela criou uma porra de guerra dentro de mim. Ela me faz questionar quem diabos eu sou.

Passo meu dedo pelo seu braço. Ela é algo que não estou acostumado, algo que quase não parece real. Ela é a luz neste poço de escuridão. Ela é um anjo entregue às chamas implacáveis do inferno, e de modo algum isso parece direito.

Ela suspira e se mexe em seu sono. Ela é muito mais do que ao que foi reduzida. Ela está na minha cama, porque tem medo de estar em outro lugar, porque realmente não tem outro lugar para ir. Foi lhe dada a liberdade, mas ela escolheu permanecer no cativeiro. Ela é que preferiu que um bastardo sem coração, como eu, parecesse um paraíso. Puxo uma respiração profunda, o cheiro dela me afogando.

Sou tudo que ela tem.

Ter uma pessoa como destino é uma merda.

Vou mantê-la segura e eu vou foder com Joe. Pela minha mãe, pela minha irmã, por Tor. Certo ou errado, eu não me importo.

Capítulo 30

Victoria

Oh meu Deus! Que diabos aconteceu ontem à noite? Minha cabeça parece como se alguém apenas a esmagou contra uma parede. Gemo quando eu viro e meu estômago segue o exemplo. Eca, minha boca parece como se um gambá cagou nela. Tento abrir meus olhos, mas não consigo. *Puta merda, acho que estou realmente cega! Talvez eu tenha tido um acidente vascular cerebral. Oh, Deus. Por que é que a cama se balança?* Espere, não é a cama. Esfrego meus olhos e pisco. Minha visão está embaçada, mas agora que consigo ter plena consciência do peito de Jude, sei exatamente o que está se movendo debaixo de mim.

Consigo me afastar sem acordá-lo. Gemo quando me levanto, oscilando ligeiramente. Sinto-me nojenta. Posso praticamente sentir o cheiro da tequila que escoa dos meus poros. Ugh, tequila. Apenas o pensamento faz meu estômago revirar.

Vou ao banheiro e me inclino sobre o vaso por alguns minutos, porque tenho certeza que vou vomitar. Eventualmente, porém, meu estômago se acalma. Uma chuveirada é o que preciso. Tudo parecerá melhor. Inferno, pelo menos eu não tenho qualquer lugar para ir.

Ligo o chuveiro e deixo a água esquentar. Olho para o espelho. Eu deveria parecer terrível esta manhã, mas não. Como sempre,

meus olhos vão para a longa cicatriz na minha garganta, só que desta vez há duas marcas roxas ao lado dela. Toco-as com cuidado e me aproximo mais do espelho para dar uma olhada melhor. Marcas de mordida, elas são marcas de mordida! Lembro-me do corpo de Jude pressionado contra o meu, seus lábios no meu pescoço, seus dentes... meus lábios estão inchados e meu lábio inferior está ferido.

Embora parte de mim esteja gritando 'que porra é essa', há uma outra parte que está agindo como uma menina romântica. Que diabos é isso? É do Jude que estou falando aqui. Romantismo não deve nem mesmo ser uma possibilidade com esse homem. Ele é um assassino, um criminoso, um homem sem moral e poucas lealdades.

O que aconteceu na noite passada nunca deveria ter acontecido, então por que razão, quando eu penso nisso, faz minha pele ruborizar e meu estômago apertar? Estou tão fodida.

Salto para o chuveiro, esperando que a água vá fortalecer minha determinação e me dar a força de vontade que preciso para enfrentar Jude esta manhã... Pensando no diabo, ele se manifesta. Ouço a porta do banheiro abrindo e ele entra. Por um terrível segundo, mas ao mesmo tempo cheio de esperança, acho que ele vai tentar entrar no chuveiro comigo, mas ele não faz. Ouço a torneiras se abrindo, e acho que ele está escovando os dentes. Depois, há o som inconfundível dele mijando. Reviro meus olhos. Sério? Por que o homem não urina em algum lugar longe de mim? Algumas coisas são apenas sagradas.

O tempo todo que ele ficou aqui não disse uma palavra. Oh meu Deus. Talvez ele esteja envergonhado também. Fico um tempão no chuveiro, tentando lavar a minha vergonha. No entanto, não há água ou sabão suficiente no mundo para isso.

Finalmente, saio e enrolo uma toalha em volta de mim. *Ok, seja corajosa, Ria.* Não é pior do que a noite passada... exceto pelo fato de que tenho que passar cada minuto de cada dia junto dele.

Abaixo a maçaneta e abro a porta, entrando no quarto, nervosa.

Agora entendo perfeitamente o significado de 'estranho'. Olho para cima para ver Jude descansando na cama. A TV está ligada e ele está encostado na cabeceira da cama, assistindo. Eu não posso, por tudo que é mais sagrado, dizer o que está passando na tela, porque ele está quase nu, com exceção de sua boxer. Suas mãos estão atrás de sua cabeça e todos os músculos do seu tronco estão em plena exibição na luz da manhã. Merda. *Olhe para cima*! Grito para mim mesma.

Seus olhos se movem para longe da televisão e pousam em mim. Ele pega o controle remoto e desliga a TV. No silêncio súbito, tudo que eu posso ouvir é a minha própria respiração pesada.

Ele limpa a garganta.

— Eu estou indo resolver algumas coisas enquanto Caleb e você tomam café da manhã. Oh, e nós precisamos pintar seu cabelo.

— Meu cabelo? — Que porra é essa?

Ele se move para fora da cama e pega uma camiseta da cômoda.

— Sim, seu cabelo. Você está morta, lembra? O que significa que seu cabelo vai ter que ser tingido ou algo assim. Desculpa.

— Pensei que era suposto eu ficar aqui só por três semanas?

Ele franze a testa.

— Isso mesmo. É apenas uma precaução.

Estreito meus olhos para ele.

— Para que? Estou morta, lembra? Estou a horas de casa. Ninguém aqui sabe quem eu sou ou liga para qual é a cor do meu cabelo.

— Joe sabe como você se parece. — Ele ergue uma sobrancelha.

Reviro meus olhos e ando até a cama. Sento-me no meio, com as pernas cruzadas, observando-o.

— Ótimo. Bem, a minha antiga vida já está arruinada. Suponho que você pode muito bem também destruir a minha identidade.

— Sério? — Ele bufa, cruzando os braços sobre o peito, seus bíceps esticam, o que faz com que suas tatuagens se destaquem. — Desça da porra da cruz — sinto meu temperamento vindo à tona imediatamente. Ele ferrou toda a minha vida.

— Foda-se, Jude! Você é um babaca! — Estalo.

Ele ri sem humor.

— Não tenho como ganhar, Victória. Tentei te matar, então sou um idiota, tentei te salvar, aí passei a ser um babaca. Você quer ir embora, eu deixei você ir e então você voltou. O que diabos você quer que eu faça?

— Nada, eu não quero que você faça nada. Basta continuar com suas apostas ilegais, ferrar mais algum pobre coitado que não desconfia de porra nenhuma, foda alguma stripper imunda, inferno, eu não dou a mínima...

Ele cruza os braços, olhando para mim com uma sobrancelha levantada.

— Não dá a mínima? Realmente?

— Por que eu tenho que ficar grudada em você? Eu quero Caleb de volta. Ele é legal. Ele é a única pessoa nesta casa que não é um psicopata total!

Ele bate seu pé no chão enquanto me encara.

— Trata-se de alguma merda hormonal? Mantenha isso sob controle, ok? — Oh, eu não acredito que ele se atreveu a dizer isso.

— Você! — Grito, indo para a beirada da cama. — Foda-se! — Com o dedo em riste, acerto seu peito nu. Meus seios roçam seu estômago e seus olhos caem imediatamente para eles. Seus lábios puxam para cima em um sorriso, o que me deixa ainda mais irada.

Ele me faz tão malditamente raivosa. Estapeio seu peito, o som ricocheteando ao redor do quarto.

Seus olhos se estreitam, o único aviso que chega antes dele agarrar meus pulsos e me empurrar para trás na cama, prendendo minhas mãos sobre minha cabeça. Ele se ajoelha em cima de mim, seu rosto a centímetros do meu.

— Você fez isso de novo? — Ele rosna. Não lhe respondo. — Eu pensei que você tinha aprendido a não me bater. — Ele chega ainda mais perto de mim. — Não faça isso novamente em hipótese alguma. — Sua voz é um estrondo profundo que faz a minha pele arrepiar, parece que eu estou sobreaquecida.

— Ou o quê? — Desafio, antes que eu possa sequer me parar.

Ele rosna e um dos dedos de sua mão livre faz movimento em torno de minha garganta. Ele olha para mim, sua respiração irregular.

— Não me teste, Tor.

Há um momento de silêncio. Um momento onde eu deveria sentir medo. Um momento onde eu deveria pedir desculpas e tentar tirá-lo de cima de mim, mas não. Eu não faço isso, porque uma parte distorcida de mim quer Jude. Um canto escuro, doentio na minha mente deleita-se com o perigo que ele representa e adora um desafio. Estou muito consciente de como isso é errado. Perdi tudo, não tenho mais nada a perder, o perigo que ele promete torna-se um tiro de adrenalina para a minha alma quebrada e moribunda.

Seu polegar parece uma pluma contra a minha pele enquanto seus olhos travam com os meus. Posso sentir sua respiração nos meus lábios, os dedos quentes apertando ao redor da minha garganta.

— Ou talvez você queira me testar? Você gosta de ser estrangulada, Tor? — Sua voz é rouca, crua, sensual, repleta de perigos e possibilidades.

Seus lábios estão tão perto dos meus. Meus olhos se fixam na sua boca enquanto minhas bochechas se tornam rosadas. Lembro-me do modo como seus lábios estavam na minha boca na última noite, seus dentes mordiscando minha garganta, sua língua roçando meus lábios. Nossos olhos travam e vejo como essa raiva volátil, já familiarizada, dá lugar ao desejo masculino. Meu pulso bate freneticamente enquanto ele solta minha garganta e agarra meu queixo, traçando o polegar sobre meu lábio inferior.

— Você não tem ideia de quantas vezes já imaginei esses lábios envolvidos em torno do meu pau — ele fala.

Eu deveria ficar irritada. Deveria ficar ofendida, mas não estou. Minha respiração engata e meus lábios se abrem enquanto tento arrastar mais oxigênio para meus pulmões em dificuldade. Um pequeno sorriso aparece em seus lábios antes dele se inclinar para frente, seus lábios tocando os meus enquanto ele fala.

— Eu quero corromper toda essa inocência.

E eu quero que ele me corrompa.

Não posso aguentar sua provocação. Movo-me, pressionando meus lábios contra os dele como a puta devassa que eu, aparentemente, me tornei. Ele libera meu queixo, seus dedos enrolam no meu cabelo e Jude puxa com força, enquanto sua língua mergulha em minha boca. Minhas costas se curvam para fora da cama, tentando me aproximar dele, enquanto minhas pernas descaradamente o convidam para ficar entre elas.

Ele libera meus pulsos, movendo as mãos pelo meu braço e sobre o meu corpo, deixando um rastro de fogo. Seus dentes apertam o meu lábio, deixando uma ardência. Gemo contra sua boca e ele solta uma risada gutural enquanto agarra meu joelho, jogando-o sobre seu quadril. Ele revira os quadris, moendo seu pênis duro contra a minha buceta, e até mesmo o par de calcinhas de renda fina que eu estou vestindo parece como uma merda de cinto de castidade agora. Seus lábios, suas mãos, seu pênis, ele usa todas as armas do seu arsenal para me segurar tão apertado que tenho certeza que vou desmaiar.

Minhas mãos percorrem seu peito, as costas, seus braços, agarrando os músculos grossos. Eu quero mais. Preciso de mais. Ele revira os quadris novamente e minhas unhas encravam em sua pele, fazendo-o silvar.

— Você me quer? — Ele rosna.

Eu mal posso formar palavras.

— Sim, — admito.

— Então, simplesmente me implore Tor — ele rosna contra a minha orelha.

— Por favor — gemo como uma puta suja.

Não posso ver seus lábios, mas posso notar que ele está sorrindo.

— Por favor o quê, boneca? — Sua voz é uma mistura de desejo e de diversão.

Dou um tapa em seu peito.

— Jude! — Seus lábios me cortam quando sua língua mergulha em minha boca.

Seus lábios mal tocaram os meus quando ele se afasta para longe de mim, erguendo-se sobre os joelhos.

— Você não está implorando Tor — Ele diz, enquanto afasta mais as minhas pernas, me arrastando para baixo na cama com ele. — Implore! — Ele exige.

— Foda-se! — Estalo. Estou tão excitada que eu mal consigo funcionar e ele quer que eu implore?! Ele é um bastardo doente.

— Oh, eu pretendo, — ele ri, enquanto rasga minha calcinha do meu corpo, o material arranhando minha pele. Seus olhos se movem entre as minhas pernas e ele morde o lábio. — Deus! — posso sentir meu rosto aquecendo enquanto a minha vagina escorre com excitação. Estou quase tão envergonhada quanto excitada. Suas mãos agarram o interior das minhas coxas, espalhando-as.

— Eu imaginei este buceta do caralho tantas vezes. — Sua expressão é de puro sexo e pecado. O próprio diabo me atraindo para o inferno. Neste momento, eu quero dançar ao redor do fogo com ele.

— Toda vez que você abre sua maldita boca inteligente, isso me faz querer te foder — ele rosna quando traça um dedo em cima de mim antes de mergulhar para dentro. Ele se inclina para frente, arrastando sua língua sobre minha garganta. — Eu vou te foder até que você esteja tão dolorida, que não será capaz de sentar-se sem me sentir — ele sussurra, empurrando outro dedo em mim.

Meus quadris balançam incontrolavelmente e um gemido sai dos meus lábios. Ele é brutal e implacável, como ele é com tudo mais. Ele puxa o dedo para fora de mim e imediatamente o coloca na boca, chupando lentamente. Ele segura meu olhar o tempo todo. Oh, meu Deus. Jogo a minha cabeça contra o colchão, meu peito arfante.

— Foda-me! — Falo. Ouço sua risada gutural antes que ele me agarre pelos quadris, seu domínio vai me deixar com hematomas. Ouço algo rasgando e, em seguida, a camisinha sendo desenrolada, e então lá está ele, a cabeça de seu pênis sondando a entrada da minha buceta, pedindo para entrar. Nunca senti essa necessidade urgente de ter um homem dentro de mim, mas agora, só quero ele, todo ele, tudo o que ele tem para dar e muito mais. Ele acende um fogo em mim que não pode ser extinto e, neste momento, estou consumida por ele.

Pressiono meus calcanhares na cama, empurrando-me contra ele. Ele assobia enquanto desliza dentro de mim. Parece tão bom, tão certo.

— Cuidado. Prometi que ia te foder duro e eu vou. — ele rosna, agarrando ambos os lados do meu quadril, empurrando dentro de mim. Grito quando atinjo o limite entra a dor e o prazer. Meu corpo aperta em torno dele, ajustando-se a intrusão. Ele paira sobre mim, ofegando com os dentes cerrados. — Porra, sua buceta é uma coisa de louco. — Ele balança a cabeça.

Ele ainda permanece parado por alguns segundos antes de se mover novamente. Não há nada lento, Jude é primal e dominador.

Ele senta-se nos calcanhares, levantando meus quadris com uma mão e me segurando pela garganta com a outra. Seu grande corpo se move sobre o meu com golpes poderosos. Ele me fode como se sua vida dependesse disso, como se estivesse fodendo para fora todas as suas frustrações.

Minha cabeça cai para trás e meus olhos se fecham enquanto ondas de prazer começam a ondular através do meu corpo. Seu aperto no meu pescoço aumenta.

— Olhe para mim — ele rosna. — Olhe-me, caralho. — Meus olhos vão para os dele e não consigo desviar o olhar mesmo se eu quisesse. Ele me fode até que estou me contorcendo debaixo dele, suando e gemendo seu nome, e quando meu corpo aperta e eu estou tão perto, ele para.

— O que... — Ele se inclina sobre mim, baixando seus lábios nos meus.

— Me implore — ele sussurra.

Estou tão excitada, de uma forma desesperada. Ele é um bastardo. Olho para ele e desafiadoramente empurro meus quadris contra ele. Ele sorri e começa a se mover novamente. Ele empurra dentro e fora até que, novamente, eu estou prestes a gozar e, mais uma vez, ele para.

— Eu juro por Deus, Jude! — Grito.

— Me implore. — Ele sorri como o diabo que é.

Foda-se, vou me sujeitar pela equipe, e quando digo equipe, digo, minha vagina e eu. Faço minha voz tão sensual quanto posso, dando-lhe um sorriso sedutor.

— Por favor, Jude. Por favor, me foda até que eu goze em você todo.

E ele faz. Seus olhos escurecem quando um grunhido gutural rasga de sua garganta e ele se empurra em mim. Puta merda, ele é como um animal raivoso. Tudo aperta e desta vez ele não para. Seus

dedos apertam ao redor do meu pescoço e prazer explode em meu corpo. Grito seu nome quando minha visão ameaça ficar preta. Sinto seus dedos fincados com força na carne do meu quadril enquanto ele solta um longo gemido e endurece entre as minhas coxas antes de cair em cima de mim.

Não posso respirar e eu mal consigo enxergar com os pontos brilhantes que aparecem na minha visão. Jude descansa sua testa entre os meus seios, ainda vestindo sua camiseta. Puta merda, ele fode como faz todo o resto, com vontade e controle brutal.

Ele se ergue e puxa para fora de mim, levantando-se. Ele não diz nada, simplesmente descarta o preservativo e puxa para cima sua cueca antes de colocar outra camiseta e um par de jeans.

— Você vai tingir o seu cabelo — ele diz, antes de sair do quarto e fechar a porta atrás de si.

Sento-me e estremeço. Como prometido, ele realmente me fodeu duro.

O que diabos aconteceu? Desde quando o homem que eu odeio se tornou o homem que eu quero? Ele é um idiota, um criminoso. Eu deveria sentir vergonha e ainda assim não sinto, não posso. Talvez porque cada pingo de decência tenha sido despojada de mim neste lugar. Ria nunca teria fodido Jude, mas Ria se foi. A pessoa que eu era foi tirada de mim. Sou agora o produto do que eles fizeram de mim, o que Jude me fez. Ria não teria fodido Jude, porque ela tinha medo dele, mas Tor o faria, eu fiz, porque sou uma mulher sem uma causa.

Capítulo 31

Jude

Assim que fecho a porta, balanço minha cabeça. *Que diabos foi isso?*

Tudo o que posso fazer é ficar no corredor. Minha cabeça está girando. Minha respiração é irregular. Nenhuma mulher jamais me fez sentir assim. Eu não poderia ir profundo o suficiente nela, tocá-la o suficiente. Parecia certo, mas não deveria. Nada sobre isso deveria minimamente parecer certo, porque ela está com a cabeça completamente fodida. Ela não tem a menor noção de nada. Ela foi arrancada de tudo o que conhecia e saiu sem nada. Sou a porra do diabo e de Deus ao mesmo tempo para ela, porque sou a única pessoa que sabe que ela ainda existe.

Quero ficar com raiva, mas não consigo. Parte de mim quer dar meia volta e transar com ela até que Tor não possa ver em linha reta. Quero transar com Victoria até que me peça para parar. Foda-se, sinto que ela está marcada em mim, e isso não é bom. A última coisa que eu quero é que ela acabe acreditando que seu lugar é aqui comigo. Nenhuma mulher pertence a mim, ou a este estilo de vida. Nenhuma. Especialmente uma como ela.

Inspiro, segurando o corrimão com força enquanto desço as escadas. Pego uma garrafa de água na geladeira e vou para o salão, estatelando-me no sofá ao lado de Caleb.

— Ganhamos da Geórgia — murmura Caleb.

Olho para a tela e aceno com a cabeça.

— Sim.

— John Douglas não pagou. Richard disse que John lhe disse para ir se foder.

— Sim. — murmuro, olhando fixamente para a tela.

— Sim? Ele disse para você ir se foder e você diz "sim"? — olho para ele e Caleb levanta uma sobrancelha, esperando que eu responda. — O que diabos está errado com você? Ela está te envolvendo tanto assim? Isso está te atingindo? — Ele ri, não tendo a menor ideia de quanto ela está me envolvendo.

Lanço a minha cabeça contra a almofada e pego um cigarro.

— Nunca conheci uma mulher com um temperamento como o dela — digo, colocando o cigarro entre os lábios para acendê-lo. Esse temperamento me faz querer transar com ela cada maldita vez.

— Então, ela realmente vai ficar aqui? — Ele olha fixamente para mim por um segundo. — É legal da sua parte protegê-la — ele salta para cima do sofá e grita com a TV. — Você está louco? Isso é um impedimento, seu merdinha. Idiota!

Puxo uma tragada de fumaça. Legal? Sim, tenho sido fodidamente encantador com ela, e Tor tem as cicatrizes físicas e psicológicas como lembrança.

Caleb cai de volta no sofá.

— Então, Ria vai apenas ficar trancada em seu quarto por quanto tempo ela quiser?

Reviro os meus olhos. Odeio esse nome maldito.

— É Tor, Caleb! O nome dela é Tor. Ria soa como uma porra de um pássaro.

— Ela gosta de ser chamada de Ria — ele começa a discutir, mas se inclina para trás na cadeira e vira a sua atenção de volta para a TV.

— Eu deixei a porra da porta aberta, mas para onde mais é que ela realmente iria?

Ele não está prestando atenção em mim. Ele está de pé, olhando para a televisão.

— Ah, foda-se isso. Não tem mais graça esses jogos, não vou mais apostar. — Ele agarra as chaves dele na mesa de centro.

— Onde você está indo?

Ele dá de ombros.

— Para o supermercado. Pegar um pouco de comida.

Aponto na direção do meu quarto.

— Leve Tor com você.

— Por quê? — Ele joga as mãos para cima.

— Porque eu disse. Deixei uma tintura de cabelo para ela, tenha certeza que ela tingiu a porra do seu cabelo antes que vá para fora. Vamos apenas dizer que ela não está fodidamente feliz em fazê-lo. — Triste que eu tenha que foder com sua aparência. Jesus, isso é tão fodido.

Sua testa se enruga.

— O quê? Por quê?

— Não seja um idiota. Não podemos dar uma chance a Joe. É para cobrir nossas próprias bundas — puxo uma longa baforada do cigarro. — Apenas certifique-se que ela faça isso e leve-a com você. Ela precisa sair.

Ele aperta os olhos.

— Quem diabos é você? Ela precisa sair? — Ele ri. — Viu, ela afeta você, não é? — Olho para ele, e ele segura as mãos para cima. — Ei, eu entendo. Você sabe que gosto dela. Ela é louca, mas eu gosto dela.

Cubro o rosto com as mãos, gemendo. Esta situação não é uma que pensei em estar. NUNCA.

LP LOVELL STEVIE J. COLE
Wrong

Capítulo 32

Victoria

Caleb mantém a porta aberta para mim, gesticulando para eu entrar no carro.

— Diga-me novamente, por que tenho que ir para o supermercado com você?

Ele me lança seu sorriso encantador.

— Aparentemente, você não é mais uma prisioneira e Jude acha que você precisa sair de casa. Eu sabia que você ia acabar conquistando-o. — Ele pisca para mim. Tapo meu rosto quando o sinto corar. *Mal sabe ele.*

Ele bate a porta e se move para o lado do motorista, deslizando por trás do volante.

— Eu gosto do seu cabelo, por sinal.

Pego um pedaço de cabelo entre os dedos, olhando para os fios cor de mogno.

— Obrigado. — Odeio isso. É apenas mais uma parte da Ria que agora está perdida, substituída por Tor, a menina danificada que Jude me transformou. No entanto, de bom grado aproveito sua

corrupção, como uma viciada desesperada abraçando minha própria destruição.

Nos dirigimos ao supermercado em silêncio. Devo admitir que, embora possa ser um passeio mundano, esta pequena fatia de liberdade me parece libertadora.

Caleb não demora, ele percorre os corredores do supermercado como se estivesse em fuga. Eu tenho que checar, para me certificar de que nós não estamos roubando o lugar.

Olho para o carrinho cheio de cerveja, pizza, cachorro-quente, batatas fritas. *Sério?* Como esses caras ainda estão vivos? Luto e pego o carrinho de Caleb e caminho na direção oposta.

— Ria! — Ele grita. — O que você está fazendo?

Olho por cima do meu ombro enquanto ele bufa atrás de mim.

— Indo comprar comida, obviamente, e antes que você diga qualquer coisa, isso não é comida.

Ele me dá um olhar enojado quando viro para a seção de vegetais.

— Está falando sério? Eu não vou comer essa merda.

— Você não tem cinco anos, Caleb — suspiro.

Movo-me em torno da loja, ignorando o ser dramático atrás de mim. Passamos por uma pequena seção de decoração de casa e detecto algumas molduras em uma prateleira. Pego algumas e coloco no carrinho.

— Por que diabos estamos comprando molduras, mulher? — Ele geme. — Você não vai redecorar!

— Talvez eu vá tirar uma foto de você, como uma lembrança — sorrio.

Ele franze a testa, mas não diz nada. Ele é tão bonitinho, às vezes.

***

— Duzentos dólares! — Caleb grita, arrebatando o recibo de mim. — Este era para ser uma viagem rápida ao supermercado. Puta que pariu.

— Bem, se você não tivesse pego quinhentos litros de cerveja, então não seriam duzentos dólares. Agora carrega essa merda — faço um gesto para o carrinho de compras e rio com a expressão em seu rosto.

Ele carrega as sacolas e entra no carro ao meu lado.

— Nunca mais — diz ele, balançando a cabeça.

Ele dirige rapidamente para fora do estacionamento. Reviro meus olhos.

— Pelo modo como você está dirigindo, alguém poderia pensar que eu esmaguei suas bolas.

Ele faz uma careta para mim.

— Você é doente — d*iz o cara que ajuda a matar pessoas.*

***

Estamos na metade do caminho para casa e os edifícios estão começando a dar lugar à floresta e terrenos agrícolas quando noto que Caleb parece agitado. Seus olhos se movem do espelho retrovisor para a estrada repetidamente. Viro-me para olhar para trás.

— Não olhe — ele diz. — Eles estão nos seguindo desde que saímos da loja.

Olho no espelho retrovisor e vejo um SUV preto atrás de nós. Não posso ver os passageiros.

— O que você vai fazer? — Pergunto baixinho.

— Não vou levá-los até a casa. — Seu rosto está muito sério, frio, assim como seu irmão.

— Pegue a arma no porta-luvas — diz ele, seus olhos treinados no espelho retrovisor.

— Eu não...

Ele me corta.

— Não estou de brincadeira, Ria. Pegue!

Abro o porta-luvas, minha mão treme quando encosto na pistola preta. Não quero tocar na maldita coisa.

— Sob o assento há uma caixa, pegue-a — ele instrui. Hesitante, alcanço sob o assento e puxo uma caixa preta. Abro e várias balas de prata caem no meu colo. Inferno maldito! Eu vejo Caleb puxando a arma da cintura da calça jeans. Seu dedo passa lentamente através do gatilho. — Você precisa carregar isso, — ele diz, com a voz muito calma.

— Eu não sei como carregar uma arma! — Grito, o pânico me dominando.

— O botão do lado... empurre-o.

Meus dedos se atrapalham e fecho meus olhos quando aperto o botão um pouco. O tambor cai e eu pulo.

— Coloque cerca de dez balas, basta empurrá-las para baixo.

Nervosamente faço como instruído.

— E agora? — Pergunto, olhando para a arma no meu colo.

— Encaixe o tambor na arma, com a palma da mão.

Tento fazê-lo, mas ele não fica.

— Não, Ria. Mais forte, assim. — Ele bate a palma da mão contra o fim de sua arma e recuo, esperando que ela caia. Você pode pensar que depois de toda a merda que eu tenho sofrido ao longo do último par de semanas, armas não mais me aterrorizam, mas elas fazem.

Viro-me para tirar o tambor do lugar, minhas mãos tremendo tão violentamente que eu tenho certeza que vou me dar um tiro.

— Puxe para trás na parte superior para colocar uma bala no gatilho.

Fico olhando para ele.

— Eu não posso atirar com uma arma!

— Bem, você vai aprender, porque eles não estão nos seguindo para nos dizer olá. Nós estamos pra lá de fodidos.

Ele me dá seu telefone.

— Ligue para Jude — ele ordena, estresse endurecendo suas feições.

Coloco a arma no meu colo, olhando para ele quando pego o telefone. Caleb puxa para fora da estrada principal e afunda o pé no acelerador, fazendo o carro desviar para o que se parece com uma estrada de terra batida. O SUV nos segue no mesmo ritmo. Ouço o para-choque dianteiro se chocar em algum buraco enquanto o carro ganha velocidade.

O telefone toca algumas vezes antes de Jude atender.

— O quê? Estou ocupado.

— Jude — não posso esconder o pânico na minha voz. — Nós estamos sendo seguidos.

— O quê? — Ele grita, a raiva aparece imediatamente em sua voz, me deixando tensa. A parte traseira do carro desliza em todo o cascalho solto, me jogando contra a porta.

— Caralho! — Assobio quando a dor ricocheteia pelo meu braço e eu largo o telefone. O carro continua a derrapar em toda a estrada até que para, a frente enterrada em uma vala. Caleb saca a arma e começa a atirar pela janela no SUV preto.

— Ria, mova-se! — Ele grita. — Saia e se abaixe! — Balanço a porta aberta e me jogo na grama. Meus olhos caem no chão do carro, onde detecto o telefone de Caleb. Subo para buscá-lo enquanto tiros soam em torno de mim.

— Jude! — Grito, quando pressiono o telefone no meu ouvido.

— Onde você está? — Sua voz é baixa e tranquila.

— Eu não sei. Estávamos a meio de caminho casa e passamos por uma fazenda, e depois, viramos à esquerda em uma estrada de cascalho — digo. O barulho de balas estourando na moldura da porta acima da minha cabeça me faz gritar.

Caleb está curvado no banco, mas assim ele vai acabar sendo morto.

— Caleb! — Grito, mas ele me ignora.

— Tor — Jude fala — Você fica abaixada, me ouviu? — Posso ouvir uma porta batendo ao fundo.

— Ok.

— Você tem uma arma?

— Sim...

— Basta apontar e disparar. Estou indo até vocês — aceno, como se ele pudesse me ver e largo o telefone.

— Porra! — Caleb xinga. Olho para cima e ele está agarrando seu braço direito. O sangue se espalha em toda a manga de sua camisa.

— Caleb — grito, lágrimas ameaçando cair.

— Eu estou bem, Ria — ele me entrega a arma e se arrasta por todo o console central. Ele encosta o braço no seu peito enquanto se abaixa para o chão, apoiando as costas contra o carro.

— Jude está vindo — digo a ele.

— Bem, pelo tempo que ele vai demorar para chegar aqui nós podemos já estar mortos. Você vai ter que atirar. Nunca consegui disparar uma merda com a mão esquerda — ele ri.

— O quê?! — Chio, enquanto balas continuam a acertar o carro. Parece uma chuva de pedras de granizo no meio de um show pirotécnico.

— Basta se manter atirando neles. Nós só temos que segurá-los até que Jude chegue aqui — aceno com a cabeça e levanto a arma que Caleb me deu, apontando na direção dos atiradores. Minha mão treme e minha respiração trava em meus pulmões.

Caleb está de alguma forma calmo.

— Respire, se mantenha respirando. Segure a alça com as duas mãos. — Eu faço o que ele diz. — Agora aperte o gatilho.

Puxo o gatilho e a arma explode na minha mão, empurrando meus cotovelos. Libero uma respiração pesada.

— Bom — Caleb sorri. — Muito bom.

Respiro fundo, enquanto o tiroteio continua a chover sobre nós. Caleb me entrega a outra arma e recarrega a antiga. Meus nervos estão disparados e no limite. Há um segundo de silêncio e Caleb me cutuca, direcionando minha atenção para a parte de trás do carro. Escuto atentamente, esforçando-me para ouvir alguma coisa sobre o caos de tiros e o martelar do meu próprio coração. De repente, um cara aparece em torno da parte de trás do carro com a arma apontada para mim. Tudo se move em câmera lenta. Ele puxa o gatilho ao mesmo tempo que eu. Ouço o estalo da bala e seu zunido quando ela quebra o ar junto ao meu ouvido. Vejo quando minha bala atinge seu peito e ele tropeça para trás antes de bater no chão.

Caminho até ele e pego sua arma antes voltar para o meu lugar atrás de Caleb mais uma vez.

Ele toca meu ombro e eu salto.

— Você foi ótima, garota. — Ele me dá um pequeno sorriso.

Acabei de atirar em alguém. Eu deveria sentir alguma coisa. Não sinto nada.

Capítulo 33

Jude

Marney desvia, virando na trilha de terra. Tiros ressoam enquanto me aproximo do carro de Caleb caído na vala. Vejo um SUV preto parado no meio da estrada, com ambas as portas completamente abertas e não localizo meu irmão nem Tor em lugar nenhum. Meu pulso dispara, adrenalina correndo pelas minhas veias. Solto o cinto de segurança, não aguardando nem o carro parar completamente antes de eu saltar para fora. Tudo o que consigo ouvir são os disparos de uma pistola. Verifico mais uma vez para ver se consigo achar Caleb e Tor, mas não tenho tempo para isso. Aponto a arma para o SUV e atiro. O cara do SUV se vira, e antes que ele tenha a chance de puxar o gatilho, coloco uma bala bem entre seus olhos. Tiros vêm da trás do carro de Caleb. Um grande estrondo ecoa nas árvores quando Marney atira no outro homem do SUV.

— Porra — diz ele, fazendo o seu caminho para os corpos, arma ainda levantada.

Corro em direção ao carro de Caleb, meu sangue pulsando em minhas veias. Assim que eu rodeio o porta-malas, vejo Caleb caído contra o carro e Tor atrapalhada tentando recarregar a arma. Tem um cara deitado no chão, gemendo e segurando seu estômago.

Meu olhar vai para Tor.

— Tor! — Grito.

Ela pula, levantando a arma na frente dela e apontando para mim. A pistola balança em suas mãos e tenho medo que ela possa estar tão nervosa que realmente vai atirar em mim.

— Hey, abaixe a arma.

Seus olhos vão para ao homem no chão, a arma ainda apontada. Eu inspiro, virando para o indivíduo e olho a sua cara.

— Porra — murmuro, e puxo o gatilho três vezes, cada vez afastando mais seu corpo.

Me viro para olhar o rosto de Tor, ela aponta para Caleb.

— Eles atiraram nele.

Olho para ele. Ele está segurando seu braço e sua roupa está embebida em sangue.

— Tudo bem?

Ele olha para mim.

— Sim, tudo fantástico — Ele se move e se encolhe de dor. — Eu não podia segurar a arma depois que eles me atingiram. Não é muito sério. Apenas uma dor na bunda.

Olho em volta para a bagunça em torno de mim. O carro virou uma peneira com tantos buracos de bala. Há dois rapazes mortos no chão e meu irmão foi baleado.

— Foda-se! — Eu passeio pela grama alta. — Eles estão com Joe, não estão? —Grito com Marney.

Ele procura em um dos casacos dos caras e tira uma identidade.

— Simon De Lucas — diz ele.

Lembro-me de imediato de Euan falando esse nome no meio de sua súplica ridícula.

LP LOVELL STEVIE J. COLE
Wrong

— Porra!

— Isso é uma confirmação que ele é um dos de Joe? — Marney olha para o cara. — Filho da puta — ele murmura e, em seguida, coloca outra bala no homem já morto antes de caminhar até a mim. — Que merda. O que vamos fazer com essa merda aqui? — Pergunta ele, acenando em volta com a mão para a cena.

Puxo o telefone do meu bolso e disco para David.

— Olá?

— Eu tenho um pequeno problema. Dois corpos e um carro.

— Merda, JP. Estou em patrulha. Posso arranjar um cara para cuidar do carro. Basta arrancar a placa fora... mas você vai ter que se virar com os corpos.

—Ok — desligo.

Arrasto minhas mãos pelo meu cabelo.

— Temos que levar os corpos de volta para a casa. David não pode pegá-los agora.

Marney encolhe os ombros e faz o seu caminho até um dos homens caído e agarra seus tornozelos, arrastando-o através das ervas daninhas altas em direção ao carro.

Olho Caleb. Ele não vai ser de qualquer porra de ajuda.

— Entra no carro — digo a ele antes de virar o meu olhar para Tor. — E eu vou precisar da sua ajuda, boneca.

Seus olhos rapidamente vão para Marney, que está puxando outro corpo ao lado da estrada e assobiando para si mesmo.

— Não, — ela balança a cabeça. — Não mesmo. Não vou lidar com esta merda — há uma beira de histeria em sua voz quando ela começa a se afastar de mim.

Puxo um cigarro do bolso e acendo-o. Envolvo meu braço em volta dos ombros dela quando lhe entrego o cigarro.

— Sempre fumo um cigarro depois que atiro em alguém. Pegue, isso ajuda — enfio o cigarro em seu rosto e ela me olha. — Não? Ok, então — dou uma longa tragada e sopro a fumaça em sua direção, o que, aparentemente, apenas a irrita.

Ela empurra o meu peito.

— Sério? Você não tem absolutamente nenhum senso de perigo, ou limite moral? Você é completamente insano!

— Acho que você sabe a resposta para isso melhor do que ninguém — lanço o cigarro para o lado da estrada. — Tudo bem — digo, limpando as palmas das mãos nas pernas da minha calça jeans. Ando até o porta-malas do carro e ajudo Marney a colocar o homem dentro.

Caminhamos até o outro cara e olho para ele. Este filho da puta deve pesar cerca de 150 quilos. Marney cruza os braços, os olhos fixos sobre o homem maciço deitado na grama. — A queridinha ali vai ter que ajudar.

Rio e olho para ela.

— Hey, queridinha — falo ironicamente. — Preciso de uma mão aqui.

Ela coloca as mãos nos quadris e ergue uma sobrancelha.

— Você quer que eu toque em um homem gordo e morto?

— Não foi pra isso que você foi estudar na faculdade? — Eu não posso deixar de rir. Ela parece tão malditamente chateada.

— Oh, sim, Jude. Fui à faculdade para que eu pudesse aprender a carregar cadáveres obesos mortos! — Sua voz fica cada vez mais histérica enquanto ela fala.

— Você está sendo uma dor na bunda. Basta vir segurar suas pernas, a menos que você queria ficar aqui para ver se Joe gosta mais de você morena.

— Você quer dizer segurar seus tornozelos — ela estreita os olhos para mim. — Você quer minha ajuda? — Ela levanta uma sobrancelha. — Me *implore*.

Ah, puta que pariu! Sinto um sorriso surgir no meu rosto quando olho para ela.

Inclino-me para baixo para pegar um dos braços do homem. — Ao contrário de você, nem fodendo eu vou mendigar — sorrio. — Agora vamos, venha logo pegar seus tornozelos, ok?

Ela pisa firme até nós como uma criança birrenta que não recebeu o seu brinquedo. Bufando, se abaixa para pegar uma das pernas do homem.

— Bem, — diz Marney, sorrindo como um bastardo comedor de merda, — parece que vocês dois estão se dando melhor do que deveriam.

— Oh, meu Deus, — ela lamenta. — Ele cheira tão mal e não é nem mesmo o cheiro da morte. — Ela parece totalmente enojada.

Nós levantamos o homem, lutando com seu peso morto até o outro lado da estrada.

— Oh meu Deus. E se alguém passa pela rua? — Tor solta suas pernas e ele cai no chão com um baque.

Reviro os meus olhos.

— Jesus, não tem ninguém dirigido por esse maldito caminho.

— E os que fizeram, nós acabamos de atirar neles— diz Marney com um encolher de ombros.

Ela segura as mãos na frente dela e balança a cabeça.

— Vocês dois são loucos. Fodidos!

— Porra, agora que você percebeu isso? — Eu rosno. — Pegue a porra da perna e pare de putaria, mulher.

Nós nos esforçamos para atravessar com o homem para o outro lado da estrada. O suor está escorrendo pelas minhas têmporas e Marney está com um acesso de tosse. Tor, ela ainda está segurando suas pernas, seus pés se arrastando ao longo da estrada de terra.

Subo no porta-malas e tento levantar o homem, mas ele mal se move. Marney usa o seu peso para tentar içar o homem, mas mesmo isso não é suficiente.

— Tor!

Ela bufa e se move, empurrando contra o corpo. Ela é tão pequena que está em real perigo de ser completamente esmagada por este filho da puta gordo.

— Oh Deus, eu vou vomitar. — Ela reclama, quando coloca seu rosto contra seu estômago.

— Espere, espere, espere! — Pulo para baixo e puxo-a para longe dele — Chega... — Balanço minha cabeça. Ela não pode ajudar e acho que só lhe pedi fazê-lo apenas para ver se ela ajudaria. — Basta ir sentar no carro com meu irmão.

***

— Merda — ela resmunga se afastando.

Pego um vislumbre de meu reflexo enquanto abro a porta para o porão. Minha camiseta está encharcada, agarrando-se ao meu corpo com sangue espalhado por toda ela.

— Eu não posso acreditar que você me fez fazer isso! — Grita Tor, bem atrás de mim. Levanto uma sobrancelha, virando-me para olhar para ela. A frente de sua camiseta também está toda manchada de sangue.

— Nunca antes ninguém como você foi tão corajosa. Pode comemorar — limpo uma mancha de sangue seco de sua bochecha, antes de me virar para ir ao meu escritório.

Suas narinas se alargam.

— Você acha que isso é engraçado? — Ela grita. — Isso não é engraçado merda nenhuma, Jude! Porra, dei um tiro em um homem! — Ela levanta as mãos. — Eu tenho sangue de um cara em cima de mim!

— Bem, foi meio engraçado ver você pegar um cara morto.

Ela rosna e levanta a mão para me bater, mas a pego no ar e aperto-lhe o pulso. Olho para ela. Porra, ela tem um pavio curto.

— O que foi que eu te disse sobre me bater? — Puxo seu corpo para junto do meu. — Você precisa controlar esse temperamento maldito — eu aviso, meu rosto avançando em direção ao dela. Deveria refrear esse temperamento, se não me excitasse tanto.

Sinto sua respiração em minha boca e perco o controle. Rosno quando esmago meus lábios nos dela em um beijo brutal. *O que diabos estou fazendo?* Ela agarra minha cabeça, os dedos puxando meu cabelo. Aperto a parte de trás de sua cabeça, forçando sua boca contra a minha, tornando o beijo mais profundo. Um pequeno gemido escapa de seus lábios e eu perco todo o controle do caralho.

Uso uma mão para fechar a porta com um golpe, então a direciono para a minha mesa. Ela está agarrando minha camisa freneticamente e consigo afastar a minha boca da dela por tempo suficiente para arrancar a camiseta ensanguentada sobre a minha cabeça. Pego a bainha de sua camiseta e a rasgo de seu corpo. A longa cicatriz arroxeada serpenteando todo caminho até seu estômago faz meu pulso vacilar. Engulo em seco e levo meus lábios aos dela de novo. As pernas dela batem na mesa e ela cai para trás. Eu não deveria fazer isso, mas não posso evitar. Esta mulher é como heroína: pode te matar, mas é tão bom que vale a pena o risco. Suas mãos abrem desajeitadamente meu zíper e ela segura a cintura da minha calça, empurrando-a para baixo dos meus quadris.

— Isto é errado pra caralho — rosno contra seus lábios, enquanto arranco seu moletom.

— Tudo com você é errado. — diz ela, suas unhas arranhando do meu pescoço até meus ombros. *Porra!*

Arrasto minha boca para o lado de seu pescoço, me embebedando com seu perfume. Ela empurra minha boxer para baixo e agarra meu pau duro. Ela me acaricia como se me possuísse. Espalho suas coxas, papéis e telefone caem da minha mesa no processo.

— Vou te foder até que você se sinta tão errada quanto eu — rosno.

Ela empurra seus quadris para frente e meu pau fica a poucos centímetros dela. Eu inspiro e a empurro sobre a mesa, prendendo suas mãos acima de sua cabeça. Eu esfrego sobre seus seios enquanto passo minhas mãos por todo o corpo dela. Eu não posso esperar os três segundos que iriam demorar para rasgar a porra da sua calcinha do corpo dela. A empurro para o lado e enfio meu pau dentro de sua buceta apertada e molhada, gemendo quando ela se agarra em mim. Lanço minha cabeça para trás, cravando meus dedos em suas coxas firmes.

— Porra, mulher — gemo, enquanto empurro mais profundo, apenas mantendo o meu pau lá. Quente. Molhada. Apertada pra caralho. Se eu me mover agora vou perder o controle.

Ela se mexe debaixo de mim, elevando suas costas enquanto segura a borda da mesa. Toda vez que eu empurro para dentro dela, ela se move.

— Foda-se — praguejo, envolvendo meus braços em suas costas e puxando-a para cima.

Ela está respirando pesadamente. — O que você está... — ela suspira.

Olho para sua calcinha antes de agarrar seus lados e rasgá-la. Nunca estive tão desesperado por uma mulher. Todas as inibições desaparecem. Isso não é nada além de uma necessidade primitiva.

— Eu não posso te foder profundo o suficiente com isto — digo, enquanto a levanto da mesa. Suas pernas se envolvem em torno da minha cintura enquanto empurro duro e profundo dentro dela. Ela geme e joga a cabeça para trás, suas unhas cravam-se em meus ombros. Ela libera um pesado gemido bêbado de sexo, seus olhos vibrando. Beijo seu pescoço, mordendo a cada poucos segundos, e a cada mordida sua buceta me aperta e me faz mais rijo.

— Me fale que você quer ser fodida, Tor — exijo, enquanto empurro violentamente nela.

Tudo o que ela faz é gemer e eu paro, segurando-me dentro dela e pressionando tão duro quanto eu posso. Ela mói em cima de mim, tentando encontrar a libertação. Eu dou alguns passos até prendê-la contra a parede, para que ela não consiga se mover. Serei amaldiçoado se não conseguir o que eu quero, porra.

Arqueio uma sobrancelha e olho para ela.

— Porra, me diga. — Ela olha para mim. É uma tortura maldita me segurar dentro nela, sentindo-a ritmicamente contrair em torno de mim e não ser capaz de me mover, merda. — Porra, diz logo! — Rosno.

Ela luta contra mim, seus quadris balançam em cima de mim, e eu a pressiono mais forte contra a parede.

— Me fale.

Ela bloqueia os olhos com os meus, suas mãos segurando a parte de trás da minha cabeça e puxando meu rosto para o dela.

— Eu quero que você me foda como nunca fez.

Volto a me mover, brutalmente transando com ela contra a parede. Em poucos segundos ela está gritando, arranhando-me como se eu estivesse tirando sua vida. Sua vagina aperta em volta

do meu pau e sinto cada músculo do meu corpo apertar. Gotas de suor brotam na minha testa. Meus dedos agarram em qualquer parte de seu corpo que posso encontrar, enterro meu rosto em seu pescoço, gemendo quando gozo dentro dela.

Suas pernas lentamente caem no chão e nós estamos cobertos com o sangue do homem que tentou matá-la, suados e ofegantes, pressionados um contra o outro. Eu levanto seu queixo e forço-a a olhar para mim.

— A próxima vez que você me bater, eu vou bater em você de volta. Não me teste, porra.

Ela puxa o queixo fora do meu controle e me empurra para longe dela.

— Eu posso deixar você me sufocar, mas me bater jamais, é melhor você dormir com um olho aberto — Ela apanha seu moletom, colocando-o, sem sua roupa de baixo.

Olho para ela enquanto puxo minha calça para cima.

— Não me bata, caralho, e você não terá nada para se preocupar.

— Não seja idiota e não vou golpeá-lo — ela bufa, enquanto coloca sua camiseta ensanguentada. Sem sutiã, seus mamilos estão claramente visíveis através do material fino. Ela sai do escritório como uma tempestade, balançando seu cabelo cor de chocolate.

Dou alguns passos duros para o corredor.

— Porra, perdeu sua vergonha, hein? Talvez você ache que mostrando seus peitos para o meu irmão ele também vai te foder? — Grito, enquanto ela se afasta. Ela não diz nada, simplesmente me mostra o dedo médio sobre o seu ombro, seus quadris balançando desafiadoramente enquanto desaparece ao virar a esquina.

Suspiro, cerrando os punhos em meus lados. Tenho que forçar minha respiração. Essa porra de mulher fica sob minha pele como uma ferida, maldição. Viro-me e bato a porta atrás de mim com tanta

força que os quadros chacoalham. Ela faz coisas para mim que nenhuma mulher jamais fez e eu quase a odeio por isso.



Capítulo 34

Victoria

Eu mal falei com Jude nos últimos dois dias. Acordei esta manhã com ele enrolado em mim como uma videira. Minhas emoções estão confusas. Eu o odeio, mas estou atraída por ele. Ele tentou falar comigo, mas estou tão brava com ele, e estou com raiva de mim mesma. Jude nunca poderia ser acusado de ser do tipo compreensivo, portanto, ao modo Jude de ser, depois de tentar duas vezes, ele desistiu.

Quando isso se tornou normal? Quando parei de achar tudo abominável?

Estou sentada na cama assistindo a um jogo com Caleb. Eu ainda não tenho ideia do que diabos está acontecendo, não importa quantas vezes Caleb tente explicar as regras para mim.

— Porra, pela milionésima vez, mulher, é penalidade se você pisar fora dos limites! É para isso que a bandeira serve. — Ele joga as mãos para cima em exasperação.

A porta se abre e Jude entra.

— Nós vamos sair. Mexa-se — ele ordena, antes de sair do quarto.

— Tão simpático! — Murmuro para Caleb.

LP LOVELL STEVIE J. COLE
Wrong

Ele dá de ombros.

— É Jude, o que você esperava?

Verdade, pura verdade.

Poucos minutos depois estou seguindo Caleb descendo as escadas. Ainda não gosto de caminhar através desta casa, ou de estar perto de seus tios. Eu posso sentir seus olhos em mim, me observando. Não me sinto segura, a menos que eu esteja com Caleb ou Jude.

Jude lança um olhar para cima. — Estão prontos?

— Sim, acalme-se — Caleb resmunga, agarrando um conjunto de chaves da mesa que estamos passando.

Penso em perguntar para onde estamos indo, mas decido que prefiro não saber, não é como se eu tivesse uma escolha de qualquer maneira. Andamos até o carro e subo no banco do passageiro.

Estamos rodando há pelo menos trinta minutos e Jude se mantém silencioso, como de costume, enquanto Caleb e eu brigamos sobre a estação de rádio.

— Eu não estou ouvindo essa merda suja! — Grito para Caleb, acotovelando-o enquanto ele se inclina entre os bancos da frente.

Ele ri e agarra meu braço, prendendo-o ao meu lado.

— Deixe-me adivinhar, você quer alguma porcaria inglesa fofa?

— Porcaria inglesa? Porque, é claro, que eu sendo britânica, devo só ouvir músicas do meu país. Idiota.

— Parem de flertar um com o outro! — Jude se estica e muda a estação. Ele para em algum metal pesado. — Calem a boca vocês dois. — Ele aumenta o volume até o ponto que posso sentir meus tímpanos chacoalhando na minha cabeça. Jude está tamborilando as mãos sobre o volante, mexendo com a cabeça na batida da música.

— Bandidos degenerados do caralho, vocês dois! — Grito através da música, cruzando os braços sobre o peito.

Ele não olha para mim. Ele só aumenta ainda mais o volume. Eu viro meu rosto para a janela, ignorando-o. O mundo lá fora está escuro como breu, não há luar, não há luzes na rua. *Onde diabos estamos?*

Jude dá uma guinada acentuada à direita e eu bato contra a porta com a movimentação brusca. O carro dá solavancos ao longo de uma estrada irregular e espio pelo para-brisa, tentando ver onde diabos estamos indo.

— Será que estamos em uma estrada de terra? — Oh, meu Deus, ele está me levando para a floresta para me enterrar. Viro-me para Caleb. — Se você deixar ele me matar, eu vou voltar para assombrá-lo, filho da puta.

Ele revira os olhos e sorri.

Jude me ignora, ainda batendo as mãos sobre o volante junto com a música.

Dentro de minutos nós estamos parando em um chão de cascalho. O edifício em frente não é nada mais do que blocos de concreto pintados com uma bandeira confederada[10] pregada na porta de metal amassada. O lote inteiro está cheio de motos e algumas pick-ups. Existem vários homens rechonchudos em coletes de couro e bandanas, em pé ao lado da porta, fumando cigarros.

Este não é um lugar que eu quero estar.

Jude para o carro e se volta para Caleb.

— Não a deixe sair. Não deixe ninguém vir até o carro.

Colocando a mão sob o assento, ele saca uma arma e entrega para Caleb. Ele se estica para trás, puxando sua própria arma da cintura e coloca uma bala na câmara.

[10] Bandeira criada durante a Guerra Civil. Depois da guerra, a bandeira é usada em comemorações e reuniões de soldados.

— Se eu não sair em quinze minutos, você vai, entendeu Caleb? — Ele não espera por uma resposta, simplesmente abre a porta e o vejo caminhar até a entrada e desaparecer lá dentro.

Me viro para enfrentar Caleb.

— O que ele quis dizer com, se não sair em quinze minutos? Que diabos ele está fazendo? Por que você tem uma arma? Quem ele pensa que está vindo até o carro?

Caleb suspira e suas sobrancelhas se franzem em uma carranca.

— Você só sabe fazer perguntas, Ria.

— Ele é seu irmão Caleb, vá buscá-lo, seu estúpido!

— Você quer que eu vá buscá-lo, sério? Você conhece meu irmão, certo?

Suspiro e caio de volta no assento de couro, cruzando os braços sobre o peito.

Os minutos parecem se arrastar enquanto espero que algo aconteça. Não sei o que estou esperando, algum tipo de tiroteio talvez. Eu olho nervosamente para Caleb, que tem o seu dedo no gatilho, ele parece estar muito nervoso, inquieto, enquanto olha para a frente da porta.

— Vamos lá, Jude — murmura Caleb. Olho para o relógio e meu estômago agita quando percebo que já se passaram dez minutos.

Quando já estou prestes a implorar a Caleb para ir lá, a porta se abre e Jude sai. Ele vem em torno da frente do carro e parece irritado. Ele puxa a porta aberta e sobe no banco enquanto liga o carro. Ele põe o carro em marcha ré, as rodas espalhando poeira enquanto recua para a estrada de terra.

— Chame Marney e diga a ele para ter John Douglas morto. O fodido não pagou e agora está me enchendo o saco — Jude rosna e afunda o pé no acelerador.

LP LOVELL STEVIE J. COLE
Wrong

Ele cerra o maxilar e faz uma careta enquanto pressiona ainda mais o pedal. Olho para baixo e sob a luz fraca do painel posso ver uma mancha escura se espalhando sobre sua coxa direita. Bato no botão para acender a luz interna e passo meus dedos sobre a mancha escura. Meus dedos ficam pegajosos e vermelhos.

— Encoste! — Grito para ele. Caleb se inclina para frente entre os dois bancos, olhando para a crescente mancha de sangue na coxa de Jude.

Jude me lança um olhar de desafio absoluto, então muda a marcha do carro.

— Encoste, louco idiota! — Rosno. Juro por Deus, ele tem uma porra de um parafuso solto.

— Você quer morrer? Porque se eu parar é o que pode acontecer. Se você não percebeu, há alguns caras muito chateados comigo lá atrás, — diz ele, seus olhos fitando a sua perna. — Sabe como é, facada e tudo isso.

Olho para o velocímetro. Estamos indo a mais de cento e sessenta quilômetros por hora nesta pista de terra do caralho. Balanço a minha cabeça, toda sua coxa está agora coberta de sangue.

— Você continua dirigindo e vai desmaiar e bater com essa porra de carro. Estaciona. Caleb, você dirige!

Ele estremece, então geme.

— Estou bem.

— Jude — Caleb começa.

— Juro por Deus, Jude, não me teste agora, porra! — Eu sei que minha voz soa histérica, porque estou malditamente histérica.

Ele pega uma curva à esquerda e o carro derrapa, todo o meu corpo bate contra a porta, quase tirando todo meu ar. Os pneus derrapam quando eles batem no acostamento e ele acelera na estrada, indo a bem mais de cento e oitenta agora. As luzes da rua

LP LOVELL STEVIE J. COLE
Wrong

refletem na pintura metálica do capô do carro e posso ver a dor agravar no seu rosto.

— É só um corte. Não estou sangrando pelo amor de Deus, por favor, cale-se para que eu possa pensar — ele grita, e assisto os nós dos dedos ficarem brancos enquanto Jude agarra o volante.

Fodido teimoso. Foda-se isso. Desfaço o cinto de segurança e viro para trás, pegando a arma de Caleb do banco, onde ele deixou. Ele se move para me parar, mas eu aponto para ele.

— Senta nessa porra, Caleb — estalo.

Ele ergue uma sobrancelha, um sorriso nervoso surgindo em seus lábios enquanto levanta as mãos. Viro-me e aponto a arma para Jude. Eu não coloquei meu dedo sobre o gatilho, porque, francamente, sou mais propensa a atirar em mim do que nele.

— Pare. Essa. Porra. Agora.

Vejo as contrações musculares em sua mandíbula e ele olha para mim pelo canto do olho.

— Você vai atirar em mim se eu não parar? Você é uma porra de uma lunática. Coloque a arma maldita para baixo agora, ou... — Ele estremece com a dor que deve estar irradiando de sua perna.

— Eu não estou de brincadeira agora. Não dou à mínima se você sangra. Só não quero você nos matando com sua burrice. Agora encosta o carro, fodido egoísta.

Com um movimento brusco, ele agarra o cano da arma e tira-o das minhas mãos, virando-o de modo que agora está apontado para mim enquanto ele dirige.

— Não brinque comigo. Eu vou parar apenas quando encontrar um lugar que não vamos levar um tiro no rabo, ok?

Olho para ele. Seu rosto está ficando pálido e uma carranca profunda está impressa em suas feições. Jude está perdendo sangue e embora ele goste de pensar que é invencível, ele está claramente sentindo dor.

— Você não está sendo razoável. — Eu bufo.

O carro desvia para um estacionamento no posto de gasolina e ele para.

— Caleb, apresse sua bunda atrás do volante e vamos — Jude geme, agarrando sua perna quando se levanta fora do assento do motorista com uma careta. Ele abre a porta de trás e deita em todo o assento de couro. Ele dá um soco nas costas do assento e grita. Caleb coloca o carro em marcha e se afasta.

Viro-me e me espremo entre os bancos dianteiros, empoleirando-me na borda do banco de trás ao lado de Jude. Ligo a luz interna e encontro rapidamente o corte em seu jeans onde a lâmina entrou. Rasgo o material aberto para revelar a confusão sangrenta que é a perna dele. Ele range os dentes, seus músculos da perna se contraindo.

— Fique quieto — digo a ele.

— Não toque, porra, e eu vou ficar quieto, — ele diz, e empurra a perna para longe de mim

— Francamente, Jude. É apenas um arranhão. Jesus! — olho mais de perto a ferida, que ainda está sangrando, mas não muito.

Seus olhos me olham furiosos quando ele morde o lábio inferior. Eu sei que ele quer me xingar, mas tudo que faz é respirar pesadamente e gemer.

— Caleb, você tem um pano ou qualquer coisa assim? — Pergunto.

Ele dá de ombros.

— Acho que não.

Reviro os meus olhos. Muito útil. Arranco a minha blusa sobre minha cabeça e a pressiono contra sua perna. Ele solta uma torrente de palavrões quando eu a empurro sobre a ferida.

Agarrando o meu rabo de cavalo, ele puxa meu rosto para baixo em direção ao seu. — Isso não é porra de um arranhão, e dói porra!

— Você está sendo um bebê — digo lentamente, e ele puxa o meu cabelo mais forte. — Cinco minutos e estaremos em casa. Vou suturar e te dar alguns analgésicos, ok? — Espero que sejam apenas cinco minutos, porque ele ainda está perdendo sangue e devido ao fato dele ter demorado a paralisar a perna mais cedo, isso significa que ele já perdeu muito.

— O que diabos aconteceu, Jude? — Caleb pergunta da frente.

Jude suga uma respiração.

— Ele não tem o dinheiro. Novamente. — Nós batemos em um buraco e a pressão súbita na perna o faz gemer. — Eu o ameacei e ele não gostou. Acho que ele imaginou que me esfaquear iria me mostrar que estava falando sério. Bem... — sua respiração está irregular — ele fodeu com a pessoa errada.

No momento em que chegamos em casa, o assento traseiro está encharcado de sangue e Jude está entrando e saindo da consciência. Caleb consegue pegá-lo, mas mesmo assim tenho que ajudá-lo com o enorme peso de Jude. *Jesus, o que diabos ele faz para pesar tanto assim?*

Assim que passamos através da porta, a casa fica em polvorosa com rostos sérios ao redor. Acho que Jude não é esfaqueado muitas vezes.

Depois que ele está no quarto/enfermaria, estou gritando com Caleb por vários equipamentos. Para minha surpresa, eles têm um estoque de medicamentos. Injeto morfina antes de olhar para a perna. A ferida é profunda, mas sem complicações, um simples trabalho de limpeza e pronto. Os analgésicos o nocautearam rapidamente, deixando-me suturar sua perna com facilidade.

***

Depois de ter limpado sua ferida, um par dos caras levaram Jude para o andar de cima e o colocaram em sua cama. Eles me observam com olhares cautelosos, mas saem do quarto quando Caleb os coloca para fora. Eles ainda não confiam em mim, e eu não confio neles. Talvez eles pensem que eu vá matar Jude. Um par de semanas atrás, eu poderia, mas agora... agora as coisas são diferentes. Deformadas, distorcidas, erradas, talvez, mas eu não vou matá-lo.

Caleb aperta meu ombro antes de sair do quarto. Pelo menos ele confia em mim. Jesus, se eu fosse matar Jude já teria feito isso. Ok, teve o momento que eu tinha uma navalha na sua garganta enquanto ele dormia, mas, bem, nós sabemos como isso terminou.

Cubro-o com o edredom antes de ir ao banheiro.

— Tor.

Giro ao redor. Seus olhos estão semiabertos e sua cabeça está virada sobre o travesseiro.

— Você está bem? — Pergunto rapidamente, temendo que ele esteja com dor.

Ele sorri e dá um tapinha na cama ao lado dele.

— Vamos dormir. — Sua voz é arrastada, e ele parece bêbado.

— Só preciso urinar e então eu vou para a cama.

— Urinar. — Ele ri, imitando um sotaque britânico, que ele ainda sacaneia. — Você parece tão feminina... e britânica — Jude não é assim, os medicamentos devem estar fazendo seu trabalho.

Balanço a minha cabeça e vou para o banheiro, deixando-o rindo de si mesmo.

Quando eu volto, seus olhos estão fechados e acho que ele dormiu, até que chego na cama.

— Você está de volta — ele sorri e faz uma careta irônica para mim.

Sento-me na cama, com minhas costas nos travesseiros.

— Estou de volta — Tento esconder o riso.

Ele torce a cabeça para o lado e olha para mim, afasta um pouco de cabelo que está caído sobre o meu ombro.

— Tão bonita Tor. Bonita, inocente e britânica — tento muito não sorrir, porque nunca nos meus sonhos mais loucos pensei que Jude pudesse ser gentil, mas ele é tão malditamente gentil quando está drogado. — Você tem uma voz sexy — ele sorri para mim.

Olho para longe dele e cubro minha boca com a mão, tentando não rir.

— É mesmo?

Ele fecha os olhos e cai de volta contra os travesseiros.

— Sim. E você tem uma boca suja — Ele trilha um dedo ao longo do meus lábios, seus olhos intensamente focados neles. — Eu gosto de você. — Seus olhos se fecham em seguida, e ele limpa a garganta. — Gosto da sua boca, eu quero dizer. Gosto tanto que acho que você deve ter meu pau nela. — Ele ri novamente e sua mão cai na cama ao lado dele, como um peso morto.

— Uau, que encantador você é. — *Gentil e com tesão aparentemente.*

Seus olhos estreitam e os lábios sorriem.

— Estou apenas brincando. Meio que...

É errado que eu queira acariciá-lo agora? Gosto dele assim, talvez eu deva começar a colocar drogas em seu uísque ou algo assim.

— Foda-se — ele geme. — Você me fodeu, boneca. Estou tão alto agora. — E então ele ri. Mais uma vez.

— Bem, isso é o que acontece quando você sai por aí e acaba sendo esfaqueado — digo a ele.

Dando de ombros, ele olha para mim.

— A, era um arranhão, e B, eu vou enfiar uma coisa em você e veja se vai gostar, — ele insulta.

Oh, meu Deus, será que eu lhe dei uma overdose ou algo assim? Merda. Eu não deveria rir dele, porque se ele se lembrar de alguma coisa na parte da manhã, ele vai ficar chateado, mas estou meio tentada a filmá-lo. Caleb adoraria isso.

— Ah merda — ele murmura, suspirando pesadamente. — Você me fodeu tanto que meu pau não quer nem mesmo trabalhar. — Sua mão esfrega sobre sua virilha em desespero. — Por que não funciona?

Suspiro e reviro os olhos.

— Jude, realmente? Você acabou de ser esfaqueado. Seu pau está bem. Você não precisa verificar se ele ainda está aí — tiro sua mão da virilha. — Pare de brincar com ele.

— Tudo bem. — Ele bufa de novo e se ajusta na cama. Seus olhos passam sobre o quarto, parando sobre a imagem de sua mãe e irmã. Ele estuda essa imagem por alguns instantes e seus olhos languidamente vêm até mim. Outra pequena bufada. — Você acha que eu sou a porra de uma pessoa horrível, não é?

Pressiono meus lábios. Que pergunta pesada.

— Eu acho que você é uma pessoa que faz coisas horríveis — digo baixinho.

As narinas de Jude se alargam e ele balança a cabeça, em seguida, olha de novo para aquela foto.

Posso sentir sua angústia, e há essa parte de mim que não pode ajudar, mas quero amenizar isso. Chame-me de estúpida. — Eu me recuso a acreditar que você é o monstro que uma vez pensei que fosse.

— Você é muito esperta para acreditar nisso. Você sabe quem eu sou. — De repente, ele pega a minha mão. — Mas eu juro que nunca teria te trazido aqui. Sinto muito.

Mordo o interior da minha bochecha, enquanto olho em seus olhos verdes escuros. Eu não posso discutir com ele, porque é verdade, nunca deveria ter sido trazida aqui, mas acho que o pedido de desculpas significa algo. Este é Jude. Ele nunca pede desculpas por nada.

— Você não me queria aqui tanto quanto eu não queria ter vindo, Jude — digo, tentando aliviar sua consciência. *Por que eu estou tentando aliviar a sua consciência? Por que ainda me importo? Merda.*

— Porém eu quero você aqui agora — ele sussurra. — Porra, eu acabei de dizer isso em voz alta? — Seus olhos estão tremendo. Ele mal consegue mantê-los abertos. — Eu não quero que você me deixe.

Meu coração aperta no meu peito. Deus, o que ele está fazendo comigo? Não sei se posso fazer isso. Eu gosto que ele me queira aqui, o que é além fodido. Sento-me na cama e ponho as pernas para fora, mantendo-me de costas para ele.

Sua mão agarra meu pulso e os dedos cravam em minha pele.

— Sei que fiz uma merda muito ruim, mas eu nunca iria machucá-la. — Ele puxa um grande fôlego, possivelmente, bocejando, então diz: — Eu mataria qualquer um que até pensasse em ferir a minha menina.

Minha respiração prende em meus pulmões.

— Jude, eu... — Merda, o que eu vou falar sobre isso?

— Venha aqui. — Ele agarra meu pulso, puxando-me para ele, e o olho por cima do meu ombro.

Seu olhar parece de um cachorrinho pedinte.

— Por favor — diz ele. — Essa não é uma palavra que eu digo muitas vezes, você sabe.

— Realmente, eu não tinha notado — mais dois segundos olhando em seus olhos e desisto, deito de volta sobre os travesseiros, próximo a ele.

Olho de frente para ele e Jude me lança um sorriso bonito. Meu coração aperta no peito. *Quando ele se tornou alguém que tem a capacidade de fazer o meu coração apertar?* Era mais fácil quando ele era apenas um idiota, e desde quando esses pequenos atos de bondade entre a torrente de coisas más estão começando a se destacar. Jude tem muita coisa ruim em seu registro, não devia haver nada que pudesse apagá-lo, mas lentamente, minha mente está começando a esquecer isso. Ele é o homem mais perigoso que eu já conheci e, ainda assim, me sinto segura com ele. Sinto-me protegida e, em sua própria maneira distorcida, me sinto amada. Minha mente e meu coração estão em guerra um com os outro e sinto que estou prestes a enlouquecer com toda essa pressão.

Ele torce uma mecha do meu cabelo em torno de seu dedo.

— Minha irmã teria gostado de você.

Viro meu corpo para encará-lo e seus olhos se fixam no meu rosto.

— Você sente muita falta delas? — Sussurro. Eu assisti Jude bater a merda fora de pessoas sem pensar duas vezes, até mesmo no seu próprio irmão, e minha mente não consegue processar a possibilidade de que ele poderia não só se preocupar, como realmente cuidar de alguém.

Ele permanece em silêncio por um tempo, olhando para o teto.

— Eu quase não me lembro delas. Não tenho certeza do que imaginei e do que é real, sabe?

Concordo.

— Sim — me sinto da mesma maneira sobre a minha mãe. Às vezes, eu simplesmente não consigo mais lembrar do seu rosto.

— Eu só quero dormir. — Ele fecha os olhos e aumenta seu aperto em torno da minha cintura. — Não me deixe — diz ele em voz baixa, e eu não tenho certeza se ele quis dizer como uma ordem ou uma súplica.

— Eu não vou — digo olhando para o teto. Que diabos estou fazendo?

***

Perdi a noção de quanto tempo já estou aqui. As coisas tornaram-se tão distorcidas que eu não sei mais qual é o caminho a seguir. Eu diria que sinto como se minha vida estivesse em uma pausa, mas é claro que não está, porque quando pressiono o botão jogar, não existe nenhum jogo em andamento. Minha antiga vida se foi, e quanto mais chego a termo com isso, mais me aceito nesta vida estranha que estou vivendo.

Depois, há Jude. Eu deveria odiá-lo, mas não consigo. Sinto-me segura em torno dele. Ele tirou tudo de mim, e isso dói, mas fez isso para me proteger. Neste mundo fodido onde os inimigos estão à espreita em cada esquina, sacrifícios devem ser feitos. Euan e Joe armaram para mim, tentaram me usar como um peão. Eu acho que você poderia dizer que tenho um gosto horrível para homens, ou talvez o destino só tivesse uma merda gigante guardada para mim.

De qualquer maneira, é o que é, e por agora, estou presa neste estranho limbo.

Puxo a foto do porta-retratos com vidro quebrado, olhando para a imagem. Parte do meu coração pensa sobre o que aconteceu com elas. Ninguém deve suportar isso. Jude não deveria ter passado por isso. Perder a sua mãe e irmã é terrível, mas perdê-las por causa de seu pai e os inimigos que ele fez... isso destrói uma pessoa. Jude é forte, de muitas formas, mas ele também está quebrado.

Deslizo a imagem para o novo porta-retratos fechando a parte de trás. A porta se abre na hora que estou colocando novamente a foto na mesa de cabeceira.

Olho para cima e bloqueio os olhos com Jude. Ele tem essa intensidade selvagem sobre ele que sempre faz meu coração acelerar.

Ele para com uma carranca em suas feições quando ele olha do porta-retratos para mim.

— O que você está fazendo?

Dou de ombros.

— Eu comprei um novo porta-retratos para você — digo em voz baixa.

— Por quê?

— Porque você se tornou todo Hulk e quebrou o antigo — levanto uma sobrancelha para ele. — E eu sei que é importante para você, então comprei um novo. Bem, na verdade, acho que tecnicamente você comprou um novo.

Ele esfrega a mão na parte de trás do seu pescoço.

— Bem, quebro um monte de merda, por isso não vá tentar substituir tudo que eu venha a quebrar. — Ele suspira. — Se sentindo em casa agora, hein? — Seus olhos lentamente levantam.

Eu rio.

— Não tenho mais nada a fazer por aqui, além de foder o chefe ou brincar com seu irmão.

Ele ri.

— Você está fodida da cabeça, você sabe disso, certo?

— Só sei que eu não era assim antes de vir para cá — faço uma piada.

— Sim... — A expressão dele se abate e ele atravessa a sala para pegar o porta-retratos. Ele olha para ele, roçando a ponta do dedo sobre a imagem. — Isso me incomoda — diz ele em voz baixa.

— Por quê? — Sussurro. Meu estado mental não deve incomodá-lo. Ele é um criminoso, um assassino. Nenhum homem que pode olhar alguém nos olhos e puxar o gatilho, deve ser capaz de sentir remorso ou empatia, e ainda assim, aqui está ele.

Sinto seu remorso em cada olhar sutil, cada toque suave. Esta situação está além de fodida, não tem nem paralelo. Tudo o que sei neste momento é que as coisas não são preto e branco. Bem ou mal, Jude não é o monstro que eu achava que ele era. Ou talvez, apenas digo isso a mim mesma para justificar minhas próprias ações. Vamos ser honestos, elas dificilmente são as ações de uma menina saudável. Inferno, estou meio que começando a me perguntar se eu realmente tenho Síndrome de Estocolmo[11]. *Jesus.*

— Eu não sei. — Seus olhos ainda estão fixos na foto. — Só faz. — Ele suspira quando coloca a imagem sobre a cômoda. — Talvez por causa delas... — Ele se vira e caminha na minha direção. Ele para na minha frente, estreitando os olhos enquanto passa o dedo sobre a cicatriz na minha garganta. — Talvez porque você mereça coisa melhor — ele se inclina, seu olhar caindo para meus lábios antes de gentilmente me beijar. — Mas eu não quero que você perceba isso.

[11] Síndrome em que uma pessoa, submetida há um tempo prolongado de intimidação, passa a ter simpatia e até mesmo amor ou amizade pelo seu agressor.

Capítulo 35

Jude

Acordo, me espreguiço, e meus olhos caem em sua forma adormecida. Esfrego minha mão sobre meu peito enquanto olho para ela. Ela está aqui há meses. Eu realmente perdi a conta. Embora meu destino seja fodido, por causa dela... eu sou grato. Pressiono um beijo no seu pescoço e rolo para fora da cama, meus olhos se deslocam para a foto da minha mãe e irmã.

Eu gostaria de esquecer que Tor está comigo apenas porque ela não tem mais nada, gostaria de achar que isso foi o que ela escolheu — livre de toda a merda fodida que realmente a fez ficar.

***

Ela me faz rir, ela me irrita, ela me faz sentir culpado. Ela. Faz. Eu. Sentir. Importar-me com ela. Mas amor é uma emoção que jurei não sentir a quinze anos atrás, o que significa que nunca poderei dar a ela o que ela merece, seja eu ou não tudo que ela tem, nunca poderei oferecer coisas que à maioria das pessoas deseja na vida.

Faço meu caminho através do estádio lotado, arrastando Tor atrás de mim. Olhando por cima do meu ombro, vejo o seu sorriso. Esta situação só se torna mais complicada a cada dia, porque estou começando a temer o pensamento de sua partida, mas mais do que isso, temo que ela não vá. Ela não pertence a mim. Ela é muito boa para esta vida.

Caminhamos passando vários irmãos da fraternidade bêbados e chegamos ao camarote. As portas se abrem e o calor do aquecedor nos atinge. Nós mal entramos na sala quando ouço o meu nome.

— JP — Rodney grita, empurrando vários homens para fora do seu caminho.

— Bom te ver.

Concordo com a cabeça e estendo minha mão.

— É bom ver você, parceiro.

Seu olhar desliza sobre o corpo de Tor, parando em seu peito.

— Esta é sua garota?

Hesito, minha respiração acelera.

— Sim. — Isso soa tão fodidamente estranho para mim, mas ela é.

— Qual é o seu nome, querida? — Ele pergunta.

Ela olha nervosamente para mim. Talvez já esteja presa comigo por tanto tempo que se esqueceu de como conviver com qualquer outra pessoa.

Ela limpa a garganta e sorri calorosamente.

— Tor.

— Bem. — Os olhos dele deslizam sobre ela. — JP tem bom gosto para mulheres, Tor. — Rodney sorri e orienta-nos para o bar. — Sirva-se de algumas bebidas. Os Saints[12] me deixaram bem este

[12] New Orleans Saints – time de futebol americano

ano. — Ele dá um tapa nas costas com mais força do que eu gostaria. — Graças a JP aqui, eles me deixaram muito bem.

Ele nos entrega uma cerveja, em seguida, levanta ambas as sobrancelhas.

— Um dia vou conhecer o seu chefe, certo? Só tenho que entrar em suas boas graças, suponho?

Eu rio.

— Sim, ele não é muito de uma pessoa do povo. Curte o anonimato.

Rodney balança a cabeça, colocando a cerveja nos lábios e tomando vários goles.

— Ahh, — ele diz depois de engolir. — Posso entender o porquê. Claro que ele tem um monte de gente que gostaria de matá-lo. — Ele ri, em seguida caminha através da sala lotada para cumprimentar alguém que acabou de entrar.

Tor se inclina para mim.

— Ele não sabe quem você é?

Dou de ombros.

— Ninguém realmente sabe.

Ela me estuda, bebe sua cerveja, então lentamente olha para o camarote antes de seu olhar me fitar em tom de acusação.

— Por que estamos aqui de novo?

— Negócios — dou de ombros e levo a cerveja a minha boca.

— Negócios? — Ela ergue um quadril para o lado e revira os olhos. — Por favor, não mate ninguém.

Enfio a mão no bolso e dou uma risada.

— Vou tentar.

Inclino-me contra a parede, olhando quando um dos homens em uniforme se aproxima de nós.

— JP? — Ele pergunta.

Concordo com a cabeça, tomando um gole da cerveja.

— Phil Crocker — diz ele. Ele desajeitadamente estende a mão para apertar a minha, liberando um maço enrolado de dinheiro em minha palma.

Pego o dinheiro e discretamente o deslizo em meu bolso. Eu lhe dou um sorriso e arqueio uma sobrancelha.

— Está tudo certo, Phil? Não vou ao banheiro contá-lo e encontrar faltando algo, certo?

— Não — Seus olhos giram ao redor da sala como se estivéssemos fazendo uma transação de drogas. Jesus Cristo.

Concordo com a cabeça e tomo minha cerveja.

— Bom.

Phil sai e Tor estreita os olhos para mim, se aproximando até que seu peito está pressionado contra meu estômago. Ela desliza a mão no meu bolso e seus olhos se arregalam.

— Realmente? Bem desse jeito?

Sorrio, uma risada curta escapa dos meus lábios.

— Assim mesmo, boneca. Poder — levanto uma sobrancelha. — O medo é poder.

***

O jogo está no quarto tempo e estou mais do que pronto para sair. Cada pessoa nesta sala está bêbada, gritando e é chato pra caralho. Odeio ter que fazer esse negócio de social.

Rodney fodido mantém o olhar em Tor, e não gosto disso. Assisto a partir do bar quando Tor sorri educadamente para várias pessoas, enquanto faz o seu caminho de volta para mim. Eu não posso deixar de olhar para ela. Ela ri de algo que alguém diz, seu cabelo escuro caindo sobre seu ombro enquanto joga a cabeça para trás. *Porra, ela é linda.* Meus olhos deslizam para baixo de seu corpo lentamente. Esse vestido está abraçando cada curva, e tudo o que posso pensar é em transar com ela.

Estou apenas metade prestando atenção aos caras ao meu lado enquanto tentam discutir sobre o jogo comigo. Tor tenta se espremer através de um grupo e Rodney está bem atrás dela. Vejo quando ele coloca a mão na parte inferior das costas dela, um pouco baixo demais. Posso ver os músculos em seus ombros tensos quando eles param ao meu lado e sua mão se move para longe dela. Quero dar um soco no cara por tocá-la assim, mas este não é o lugar para fazer isso.

A multidão explode em gritos enquanto o relógio corre contra o tempo. Rodney me sacode animadamente.

— A única coisa que poderia fazer isso melhor seria se eu pudesse levar aquela sua garota para casa comigo — ele sorri.

Meus dedos apertam dentro de minhas mãos e tento rir.

— Estou falando sério — ele diz convicto. Ele se aproxima de Tor e eu cerro os dentes. Vejo como ele afasta uma mecha do seu cabelo do rosto. É preciso cada pedaço de contenção para me controlar. — Quanto você quer por ela?

Tor estrita os olhos para mim como se isso fosse de alguma forma minha culpa.

Rodney sorri, seus olhos fixos nos meus.

— Vamos lá, tudo que você sempre tem em torno de você são putas. Não pode compartilhar?

Pego sua mão e puxo-a para mim, envolvendo um braço em volta de sua cintura. Olho para Rodney, meu pulso latejando nas

têmporas, meu peito arfando da raiva súbita se construindo dentro de mim.

— Porra, peça desculpas a ela — rosno, minha mandíbula cerrada. Parece que meu coração está batendo na parte de trás da minha maldita garganta.

Ele revira os olhos e levanta a cerveja de volta a sua boca.

— Eu estava apenas me divertindo, JP. Acalme-se — posso sentir as veias em meu pescoço pulsando. Ele toma um gole curto, lambendo a espuma de sua boca. Seu olhar se desvia de volta para Tor e um canto de seus lábios se levanta em um sorriso espertinho.

Tudo dentro de mim se inflama. Agarro-o pela parte de trás de sua cabeça e esmago seu rosto no bar. Arrasto-o para longe do bar e empurro-o contra a parede, batendo seu crânio várias vezes contra ela. Sua mão agarra em meus braços e ele tenta se livrar do meu agarre, mas não há nenhuma maneira no inferno que estou deixando-o ir.

— Aprenda alguma porra de respeito — grito, enquanto continuo a bater violentamente sua cabeça contra a parede. A parte de trás de sua cabeça está sangrando e quanto mais a mancha vermelha cresce, mais quero continuar.

Ouço os outros homens na sala. Tor está gritando, gritando para eu parar. É tudo um ruído de fundo abafado pelo martelar alto do meu próprio pulso. Quero matar esse filho da puta.

— Deixe ele ir!

— Solte dele!

Os caras estão gritando, e eu sei que é apenas uma questão de tempo antes que tentem me afastar dele. Algo esbarra contra a parte de trás do meu joelho. Tor se pendura no meu braço.

Ela agarra meu queixo, virando o meu rosto para ela. Seus olhos bloqueiam com os meus, arregalados, azuis e suplicantes.

— Jude — ela balança a cabeça. — Pare.

Libero Rodney e ele despenca para baixo na parede, inconsciente.

— Você está bem? — Ela pergunta, suas mãos suaves ainda agarradas ao meu rosto.

Estou respirando pesadamente e tudo o que posso fazer é balançar a minha cabeça. Mas depois de várias respirações profundas, eu grito.

— Porra nenhuma! Eu quero matá-lo.

— Olhe para mim — olho para ela, só para ela. — Apenas respire. Calma. Pensamentos não assassinos — ela sorri, e a raiva começa a se dissipar. Ela é como uma porra de luz brilhante, me puxando para trás a partir da escuridão.

Meu pulso está desacelerando, minha respiração se normalizando e, por um segundo, me pego pensando que ela pode ser a única coisa que pode me salvar de mim mesmo. Mesmo com tudo o que passou, ela ainda tem essa inocência que fodidamente me consome e quero protegê-la. Recuso-me a deixá-la ser contaminada com a sujeira que me rodeia.

— Ninguém vai falar com você desse jeito! — Respiro com calma.

Há entendimento em seus olhos enquanto ela acena com a cabeça.

— Está tudo bem — ela olha por cima do ombro para as pessoas que estão observando. — Olha, vamos sair daqui.

Eu me viro. Todos os olhos estão fixos em nós. Aparentemente, nenhum desses homens de negócio bundões sabe como deter um cara puto de mais de cem quilos. Dou um passo e meu pé bate em algo. Há um gemido do chão. Olho para baixo para ver um cara deitado no chão, os joelhos dobrados contra o peito, as mãos enfiadas entre suas coxas que agarram suas bolas e seus olhos bem fechados.

— Bem, ele estava prestes a bater com a garrafa na sua cabeça — Tor explica, encolhendo os ombros. Olho para ela e um sorriso satisfeito surge em meus lábios. *Porra, me condene, isso não deveria ser quente, mas é.*

Assim que saímos, me viro e a fixo contra a parede ao lado da porta. As pessoas passam por nós, a maioria bêbada, cantando e comemorando.

— Jude? — Ela olha para mim com aqueles olhos inocentes e isso me toca em um lugar que não tenho certeza se deveria ter tocado.

— Você não deveria se meter no meio de uma briga — sussurro em seus lábios. Ouço-a inspirar profundamente enquanto seus dedos se agarram aos meus ombros. — Se alguém te machucar, vou matá-los. Você é minha garota — há muito mais a dizer do que isso, mas não posso e não vou dizer. Seja o que for, precisa permanecer sem ser dito, porque é errado em vários níveis.

— Não queria que ele arruinasse seu rosto bonito. — Ela sorri. — É a única característica que te redime. — Sua voz é baixa e rouca enquanto seus olhos caem para meus lábios. *Porra, gostaria que ela não olhasse para mim assim.*

— Meu rosto não é o meu melhor atributo — meus lábios mal encostam nos dela. — E você sabe muito bem disso — sorrio.

Ela morde o lábio inferior enquanto seus dedos deslizam pelos meus ombros para envolver a parte de trás do meu pescoço.

— Eu gosto bastante do seu rosto, apesar de tudo. — Ela fica nas pontas dos pés e fecha o espaço entre nós, colocando um beijo carinhoso nos meus lábios. Eu desejo isso. Eu a desejo. Mesmo o diabo às vezes, precisa de algo para romper sua escuridão. E é isso que Tor faz... ela me liberta das minhas trevas. Envolvo meus braços em torno de sua cintura pequena, puxando seu corpo perto do meu para beijá-la mais profundamente. Quando a libero ela está ofegante, as faces coradas. Porra, eu amo ser capaz de fazer isso com ela todas às vezes.

— Vamos antes de sermos presos, — diz ela.

Rio, enquanto caminhamos através das massas.

— Eu não vou ser preso. Policiais e políticos me devem, boneca. Sou intocável.

Intocável, exceto por ela. Ela atinge lugares dentro de mim que não deveriam estar vivos. Ela me faz fraco, e a coisa fodida é que eu gosto. Ela desafia o meu controle e isso me deixa louco, mas também me excita. Ela me obriga a sentir. Honestamente, obsessão não é suficiente para explicar essa atração entre nós, porque é mais como um vício. Eu sei que vai matar um de nós, mas nesse momento isso parece fodidamente valer a pena.

Ela olha para mim, sorrindo como se não pudesse ser mais feliz, como se tivesse esquecido porque está mesmo comigo. Ela parou de pensar em mim como a pessoa mantendo-a cativa... porque realmente não estou. Ela não pertence a mim, muito menos a esta vida, é por isso que me sinto culpado, porque estou longe de estar disposto a deixá-la ir.

Capítulo 36

Victoria

Fico olhando para meu reflexo no espelho, tentando desesperadamente descobrir quem diabos é esta menina que está olhando de volta para mim. Disse a mim mesma há meses que ela é apenas temporária, que deixará de existir assim que estiver segura, mas quando será isso? Quanto mais tempo eu fico aqui, menos razões posso ver para sair. Não sei o que estou fazendo mais. Eu não sei o que quero.

A vida sórdida e corrupta de Jude tem se infiltrado na minha. Eu já não acho nada de mais o fato dele carregar uma arma ou ser esfaqueado na perna. Pensei que nada me faria atirar em um homem, mas não senti nada. É tudo apenas o dia a dia. Lentamente, isso está se tornando meu normal. O que me assusta mais, porém, é que estou bem com isso. Por que estou bem com isso?

Jude conseguiu se inserir no meu mundo sem esforço. Ele me causou dor e me assistiu quebrar, só para me colocar inteira novamente, e de uma maneira estranha, ele me fez mais forte. Sinto-me intocável quando estou com ele, porque ele é intocável. Ele me protege e luta por mim de uma maneira que ninguém mais fez e me sinto instintivamente protetora com ele em troca.

Cada dia fica mais difícil lembrar porque isso é errado. Não posso negar o que sinto por Jude, mesmo que me odeie por isso.

Eu acho que posso estar me apaixonando por ele, e de todas as coisas que pensei que ele poderia fazer para mim, amá-lo não foi uma delas.

Sei que não sou nada mais do que alguém para aquecer a sua cama, uma refém que ele foi forçado a abrigar. Homens como Jude não são capazes de amar e eu sei disso. Questiono a minha própria sanidade em uma base diária. Como diabos você se apaixona por um cara como Jude?

Sempre disse a mim mesma que a paixão e o amor não importavam, mas isso foi dito por uma menina que nunca tinha sentido esses sentimentos. Eles importam, e perdê-los vai doer mais do que qualquer uma das minhas feridas físicas.

Sei que preciso sair antes de me apaixonar ainda mais, antes das cicatrizes ficarem tão profundas que nunca poderão ser curadas, mas caminhar para longe dele pode muito bem ser a minha destruição.

Capítulo 37

Jude

— Ele vai encontrá-lo. — Marney acena com a cabeça. — Ele quer você, Jude. A garota já está morta para ele no que lhe concerne, e você sabe disso.

Inclinando-me nos cotovelos sobre a minha mesa, passo meus dedos sobre a ponta do meu nariz.

Marney vai até o bar e abre o armário. Ouço-o abrir uma garrafa. Há um constante som de líquido sendo derramado, em seguida ele para e começa de novo enquanto enche mais um copo. Entregando a bebida para mim, um lado de seus lábios se contorce.

— Não há melhor momento para beber isso do que agora.

Olho para trás no bar para encontrar a minha garrafa vintage de Maker's Mark, o rótulo já desgastado pelos anos que meu pai o usou. Não toquei nele desde o dia em que ele morreu.

— Você tem que fazer alguma coisa, Jude. Você não tem escolha — uma tosse rouca desprende do seu peito e ele toma sua dose em gole só.

— Eu sei que não tenho — suspiro, enquanto passo meu dedo sobre a borda do copo e me pergunto se é assim que meu pai se

sentia. Era assim que ele queria se sentir no final da sua vida? Nada mais parece lógico.

— O que você vai fazer com a garota? Hein? — Ele balança a cabeça e mantém os lábios no copo, mas não bebe. — Quem teria pensado que uma mulher podia espalhar tanta merda?

Marney não tem uma ideia precisa de quão fodido tudo isso é. É mais do que fodido, é uma porra do caralho. Importo-me com ela, e não me importo com mais ninguém. Preocupar-se com alguém do jeito que faço com ela, faz com que você tome decisões estúpidas e burras, faz toda a sua vida irracional e ilógica.

— Jude, você tem que fazer alguma coisa — Marney dá de ombros. — Temos que fazer alguma coisa, ou estaremos todos mortos, porra, e nós não precisamos de uma garota para nos preocupar no decorrer do processo. Joe é um tubarão.

Tomo um gole do bourbon envelhecido e o cheiro dele me faz pensar em meu pai. Ele nem terminou de descer totalmente na minha garganta e já estou enchendo minha boca novamente com o licor de malte. Pego um cigarro do maço em minha mesa, posicionando-o entre meus dedos.

— Eu não sei o que diabos fazer — murmuro.

Os olhos de Marney estreitam e ele inclina a cabeça para o lado como se só agora percebesse tudo.

— Ela está realmente chegando a você.

— Não.

Acendo o cigarro e dou uma longa tragada fitando Marney.

Ele balança a cabeça e gira o botão do abajur, a luz amarela da lâmpada velha sombreando seu rosto.

— As mulheres fodem tudo. Seu pai era igual a você antes de conhecer sua mãe. Pode acontecer até com os melhores. É difícil ser um criminoso quando você está apaixonado, basta lembrar-se disso.

Sobre que diabos esse velho decrépito estava divagando? Não estou apaixonado por ela. Eu *não* estou apaixonado por ela...

— Jude, Joe e seu pai nem sempre foram inimigos. Eles brigaram por causa de uma mulher.

Fico olhando para ele do outro lado da sala, observando-o nervosamente deslocar seu peso de um pé para o outro.

— Inferno — ele suspira, e apoia sua bebida. — Sua mãe era a esposa de Joe.

Sinto a minha mandíbula afrouxar e minha testa formar um vinco.

— Que diabos você está falando?

— Eu sei que isso vai ser difícil de engolir e sua mãe era uma pessoa maravilhosa, portanto, não deixe que isso perturbe a sua mente, mas ela e seu pai não foram sempre casados.

Ele deve ter visto minha mandíbula endurecer, porque levanta suas mãos como se estivesse se rendendo antes de limpar a garganta.

— Jude, sua mãe deixou Joe quando ela descobriu que estava grávida de você. Ela e seu pai tiveram um caso.

Balanço a minha cabeça, não querendo sequer contemplar o que ele está dizendo, porque sempre vi minha mãe como uma santa e isso mancha essa imagem.

Marney engole mais um gole e assente.

— Ela simplesmente desapareceu e Joe não tinha ideia de onde ela tinha ido. Nada. Imagine que façanha de merda isso foi? — Uma máscara nostálgica aparece no seu rosto momentaneamente, e então seu sorriso desaparece.

— E o que, meu pai continuou trabalhando com ele, embora tivesse sumido com a sua mulher?

Ele dá de ombros.

— Sim, por que não? Joe não tinha ideia. Não havia razão para tornar-se suspeito.

Meu estômago se agita um pouco com esse pensamento.

— Mas, ele acabou descobrindo. Levou dez anos, mas ele descobriu, e ele fez com que ela e seu pai pagassem.

Pego a bebida e esvazio todo o seu conteúdo em minha boca, olhando para o teto, enquanto engulo.

— Jude, seu pai a amava e ela o amava. Agora, não estou dizendo que o que eles fizeram foi certo, mas... — Ele caminha até mim e põe a mão no meu ombro. — Acho que o que estou tentando dizer é que o seu pai foi protetor quando ele conheceu sua mãe. Joe era um bastardo. Ele batia nela, a traía e tudo o que seu pai queria fazer era salvá-la, protegê-la. — Ele aperta meu ombro suavemente. — Você quer proteger as coisas que você ama, as coisas que você pensa que não podem ser substituídas. Basta ter cuidado.

Estou segurando a borda da minha mesa e deixando tudo afundar. Há uma razão mais profunda para Joe querer me matar, mais do que jamais poderia ter imaginado. Eu sou o resumo de tudo o que ele odeia, porra. Sou um lembrete físico, um pedaço sobrevivente das duas pessoas que o traíram.

Eu olho para o corredor e vejo Tor em pé do lado de fora da porta, olhando para dentro, mas não acho que ela percebeu que a vi. Honestamente, não dou a mínima se ela faz.

— Ela não me pertence.

Marney acena com a cabeça.

— Se você vê isso, então você a ama.

Ouço o barulho do telefone, mas ignoro. Eu ainda posso vê-la com o canto do meu olho.

— O amor é um luxo que não podemos pagar e você sabe disso — digo.

Os lábios de Marney pressionam juntos antes de levar o copo aos lábios.

A secretária eletrônica finalmente atende.

— Eles dizem que você tem os olhos de sua mãe — uma voz profunda e rouca ecoa da linha e sei que deve ser Joe. — E eu juro por Deus que vou ter prazer em cortar essas malditas coisas de sua cara, seu bastardo. Eu sei onde você está agora e vou te matar.

A linha fica muda. Pego o telefone e atiro pela sala. Marney se levanta e sacode a cabeça.

— Agora o que você vai fazer?

LP LOVELL STEVIE J. COLE
Wrong

Capítulo 38

Victoria

Marney passa por mim, deixando a sala de Jude. Seus olhos bloqueiam com os meus e estreitam enquanto ele balança a cabeça. Ele não me quer aqui.

Minha mente rebobina o que acabei de ouvir. Tudo está se tornando tão caótico, parece que as chances estão permanentemente contra nós, e estou apenas esperando mais alguma coisa acontecer e tudo desabar violentamente ao nosso redor.

O que nós estamos vivendo, é uma mentira, e isso vai acabar de uma forma ou de outra. Só preciso sair antes que ele me quebre, porque amá-lo vai me quebrar.

Respiro fundo e bato na porta do escritório.

— Entre! — ele responde com a voz rouca.

Passo pela porta a fechando atrás de mim. Jude olha para cima enquanto ando em sua direção, seus olhos verdes escuros bloqueiam com os meus. Algo se passa entre nós, essa familiaridade tão corriqueira quanto respirar. Ele tem esse poder sobre mim que não consigo lutar contra. Ele ainda é o cara assustador que conheci quando fui arrastada para cá meses atrás, mas há uma borda mais

suave nele, uma vulnerabilidade, que eu posso ver agora, e isso me assusta ainda mais.

— Eu quero ir embora — digo.

Seus olhos estreitam em mim, antes dele puxar um maço de cigarros do seu bolso. Ele coloca um contra seus lábios e acende, dando uma tragada lenta.

— Não. — diz ele, exalando uma nuvem de fumaça.

Inclino minha cabeça para frente, tentando escapar de seu olhar intenso.

— Jude...

— Eu disse que não, Tor. Não! — Ele rosna. Seu tom não deixa espaço para discussão, mas não posso voltar atrás.

— Eu preciso ir, Jude. Não posso ficar aqui para sempre — meu tom é frenético, mesmo para os meus próprios ouvidos.

Ele se levanta e passa ao redor da mesa em minha direção.

— Precisa ou quer? — Sua voz num timbre baixo que abala meus sentidos.

— Preciso — sussurro quando ele chega a centímetros de distância de mim. Sua proximidade me faz tremer e meu coração bate descontroladamente. Cada fibra de mim o quer e odeio isso.

Sua mão se estende, acariciando meu queixo e a minha garganta. Minha respiração engata e aperto minhas coxas juntas, tentando lutar contra minha reação natural a ele. Ele se inclina até que seus lábios estão quase tocando meu pescoço.

— Eu sei o que você precisa Tor.

— Você não me conhece, Jude — sussurro.

Seus lábios levantam em um sorriso, seu polegar passando embaixo do meu queixo.

— Oh, eu sei quem você é, porra — preciso me afastar dele, a sua proximidade confunde meu julgamento. Dou um passo instável para trás e ele ergue uma sobrancelha em resposta.

— Jude... — Tento avisá-lo.

Ele ri quando puxa outra tragada do cigarro.

— Isto não está em discussão — diz ele, exalando uma longa corrente de fumaça.

— Esta é a porra da minha vida, Jude, e *isso* não é uma vida! — Grito para ele. Eu sei que é estúpido, e sei que vai irritá-lo, mas só preciso sair daqui.

Ouço seus dentes moerem uns contra os outros.

— Mas você não está a sete palmos abaixo da terra.

— A única razão que estou sob ameaça é porque estou associada a você! — Assisto a raiva transformar seu rosto. Eu deveria recuar neste ponto, mas meu temperamento não deixa, tenho que fazê-lo ver, seja lá o que for preciso. Ficar aqui só vai acabar me destruindo. Ele vai me destruir.

Ele deixa cair o cigarro no chão e o amassa antes de fechar o espaço entre nós, colocando o peito contra o meu. Seus olhos se estreitam enquanto sua respiração torna-se irregular. Instintivamente, ando para trás longe dele, e ele me segue. Passo a passo, ele me persegue, me pressionando até que meus ombros tocam a parede fria. Ele empurra o seu corpo contra o meu e todo o oxigênio parece ser sugado para fora da sala. Ele simplesmente me oprime com sua presença.

— Você sempre estará em perigo, comigo ou não. A única maneira que você vai me deixar será num saco de cadáver, merda! — Ele bate a palma da mão contra a parede ao lado da minha cabeça. Seu rosto está a centímetros do meu, sua respiração tocando meus lábios. — Você me ouviu? Eu não vou deixar você ir!

— Então, eu sou uma refém agora?

Sua cabeça balança violentamente de lado a lado.

— Você não vai me deixar.

— Eu não posso mais fazer isso. Por favor, Jude — imploro.

— O que você não pode mais fazer, hein? O que há de tão horrível sobre tudo isso?

— Tudo! Isso, nós, você... — Respiro fundo e forço as palavras que sei que vão magoá-lo. Jogando com sua culpa, grito: — *Odeio* você. Você é um monstro e tanto quanto tento fingir o contrário, você vai sempre ser um monstro. Eu nunca vou perdoá-lo pelo o que você fez comigo.

Ele rosna, estreitando os olhos para mim.

— O que eu fiz com você? Que merda eu fiz com você? — Seus olhos travam com os meus, exigindo, comandando.

— Prefiro me arriscar lá fora, com Joe, do que ficar e ser sua própria prostituta pessoal — bufo.

— Você não é uma puta! — Jude grita. Ele coloca a mão ao redor do meu pescoço e os dedos apertam. Ele está tão perto, seus lábios estão quase tocando os meus. — Você preferia estar morta a ficar comigo? — Sua mão aperta mais um pouco e os meus dedos agarram seus braços.

As palavras são simples o suficiente, mas posso ouvir a vulnerabilidade nelas. Conheço Jude, e ele não é tão sem emoção como gosta de fingir. Em algum nível, acredito que ele precisa ou me quer, mas isso não está certo. Sinto que estou perdendo minha mente, enquanto o meu coração parece que está quebrando no meu peito. Fecho meus olhos quando várias lágrimas deslizam livres pelo meu rosto. Não posso responder-lhe. Não posso dizer que sim. Simplesmente não posso, mas se eu disser que não, então ele nunca vai me deixar ir. *Preciso* que ele me deixe ir.

Seus dedos permanecem presos em volta do meu pescoço, seu aperto é firme, mas não o suficiente para me sufocar. Eu escuto ele

inalar bruscamente antes de sua testa tocar a minha, seu hálito quente no meu rosto.

— Por favor, deixe-me ir, Jude — estou implorando. — Você não quer isso e nem eu.

— Você não tem ideia do que eu quero. — Sua voz é baixa, suave e controlada, e isso me apavora. Posso lidar com seu temperamento, posso lidar com sua brutalidade, mas são os momentos em que ele é gentil e amável que mais me assustam, porque é quando sinto alguma coisa por ele, algo tangível, algo real, algo que não consigo lidar.

— Você sabe o que eu quero Tor? Hein? — A expressão em seus olhos quase me mata. Ele parece magoado. Ele me machucou tantas vezes e, ainda assim, a sua dor me quebra de uma forma que nunca pensei ser possível. Sua mão se move para longe da minha garganta, agarrando meu queixo. Ele me obriga a olhar para ele. — Eu quero que o destino pare de me foder — sinto a ponta áspera do seu dedo no meu rosto, enxugando uma lágrima perdida. Sem aviso, seus lábios batem sobre a minha boca. Ele me beija duro, sem piedade. Ele me beija como se fosse meu dono e ele sabe muito bem disso. — Você não quer me deixar — diz suavemente contra os meus lábios, a ligeira barba em seu rosto me arranhando. — Você só acha que é errado querer ficar. Pare de foder comigo.

Meu pulso bate descontroladamente enquanto seus lábios esmagam os meus. Deus, eu não posso fazer isso.

Abro os olhos e encontro seu olhar intenso.

— Jude, eu acho que estou apaixonada por você — deixo escapar antes de perceber o que eu disse. Nunca tive a intenção de dizer, mas ele não está me deixando ir. Preciso que ele reconheça quão distorcido isso realmente é, como é tóxico este caminho que estamos indo.

Ele libera meu queixo e dá um pequeno passo para trás, colocando algum espaço, muito necessário, entre nós. Seus olhos se tornam frios e ilegíveis. Este é o homem que vi no primeiro dia que

entrei neste escritório. Este é o homem que me assusta, e este é o homem que preciso enxergar para que consiga sair daqui sem olhar para trás.

Ele caminha na minha frente, arrastando as mãos pelos cabelos. O silêncio parece ensurdecedor a luz da minha confissão. Finalmente ele olha para mim.

— Você está certa. Você deve ir.

Concordo com a cabeça enquanto sinto meu peito se esfacelando. Isto é o que eu queria, que ele me deixasse ir. Então, por que dói tanto?

Concordo com a cabeça mais uma vez, mantendo os olhos no chão.

— Ok, então — sussurro, minha garganta apertada. Eu não espero por sua resposta. Ando para fora do escritório. Assim que eu viro no corredor, corro para o quarto de Caleb. Eu nem sequer bato, só giro a maçaneta e entro rapidamente, fechando a porta atrás de mim.

O quarto está vazio, o que sou grata. Caleb, naturalmente, vai saber sobre isso. Ele vai ter que saber, porque vou ficar aqui esta noite. Cambaleio para trás e deslizo pela parede, enquanto as lágrimas escorrem pelo meu rosto. Merda. Deveria ter mantido minha boca fechada. Por que eu disse a ele? Porque sou uma idiota, é por isso. Disse a ele porque meu instinto sabia que isso iria assustá-lo, sabia que iria forçá-lo a me deixar ir. Acho que a menina estúpida que existe em mim está se sentindo rejeitada.

Limpo furiosamente as lágrimas. Estou com raiva de mim mesma, de verdade. Isso não é culpa dele, e eu realmente quero dizer isso, que tipo de pessoa é sequestrada e depois se apaixona pelo cara que a mantém cativa? O tipo de garota que foi torturada e quebrada. Uma garota que evoluiu para sobreviver, mesmo que isso significasse se transformar em uma pessoa que não se reconhece mais.

Fico no quarto de Caleb até que começa a escurecer. Estou deitada em sua cama em posição fetal quando ele finalmente entra.

— Eu achei que você poderia estar aqui — diz em voz baixa. — Jude esteve procurando por você. Me pediu para vir checar aqui.

Mas não quis vir pessoalmente verificar, é claro.

— Aqui estou eu. — Minha voz soa rouca e oca.

Ele se senta na cama ao meu lado.

— O que está acontecendo, Ria? — Ele afasta uma mecha do cabelo do meu rosto, colocando-o atrás da minha orelha.

— Pedi ao seu irmão para me deixar ir — sussurro.

Seus olhos se estreitam.

— Uau, ele não mencionou isso. Como foi?

— Foi como sempre acontece quando Jude não obtém o que quer. Ele me agarra pelo pescoço e me dá ordens. — Faço uma pausa. — Só que desta vez não acabou assim — brinco com um fiapo solto sobre o cobertor que tenho ao meu redor.

Seus olhos se estreitam e vejo preocupação estampada na sua face.

— O que você quer dizer?

Olho para cima e encontro seus olhos, escuros, tão cheios de compaixão, tão diferentes de seu irmão.

— Eu disse a ele que o amo, Caleb. — Mesmo para os meus próprios ouvidos, soa pequeno, quebrado. Patético.

Ele inala pesadamente antes de soltar um longo suspiro.

— E o que foi que ele disse? — Ele não está nem um pouco surpreso. Como ele poderia ter notado e eu não?

— Ele me disse que eu estava certa, que deveria ir embora.

— Maldição — ele murmura, quando se afasta de mim. — Você, no entanto, não vai, certo? Não é seguro.

— Caleb, estou apaixonada por Jude, um homem que iria me matar sem pensar duas vezes se eu o contrariar. — Não tenho mais certeza do que realmente acredito, mas sou a única apaixonada pelo seu provável assassino, claramente minha mente não é exatamente o melhor lugar para fazer um bom julgamento.

— Ele nunca iria matá-la, Ria. Confie em mim.

— Eu não confio em mais nada — sussurro.

***

Caleb fica comigo. Não é bonito. Não acho que já tinha verdadeiramente experimentado uma desilusão amorosa. Meu coração não está quebrado, está como se estivesse sangrando, martelando dentro do meu peito.

Pressiono minha mão no meu peito enquanto meu corpo se sacode pelos soluços. Caleb me segura contra ele, deixando minhas lágrimas penetrarem através de sua camisa. Ele não diz nada, não há nada a dizer. Minha própria estupidez me trouxe a este ponto. Pensei que Jude era a minha absolvição nesse inferno. Estou dolorosamente ciente do quão irônico isso é. Nós ficamos em silêncio, meus soluços são os únicos sons no quarto.

Choro até que estou sem lágrimas. Logo estarei fora daqui e todo esse pesadelo vai estar acabado. Minha vida nunca mais será a mesma, mas pelo menos estarei viva. Eu sobreviverei. O que não te mata te fortalece e eu, de todas as pessoas, sei disso.

***

Meus olhos ficam pesados e adormeço com os braços de Caleb em volta de mim. Ele pode muito bem ser o meu único amigo no mundo e o pensamento de deixá-lo dói tanto quanto deixar Jude.

Acordo com o som de uma voz baixa.

— Basta deixá-la sozinha — Caleb sussurra.

— Ela é minha, Caleb. Lembre-se — Jude ameaça com um rosnado baixo.

Braços fortes estão me segurando contra um peito muito sólido. Entreabro um olho e noto que estou sendo carregada por Jude enquanto ele caminha pelo corredor.

— O que você está fazendo? — Minha voz é rouca de tanto chorar.

Ele abre a porta e entra, fechando-a atrás dele.

— Você não vai dormir com a porra do meu irmão. — Eu o conheço bem o suficiente para ouvir a raiva mal contida por trás de suas palavras calmas.

Ele me coloca na cama, puxando o edredom em cima de mim. Seu cheiro me envolve, uma combinação sutil de cigarros e colônia. O cheiro me faz sentir segura, protegida.

— Eu não quero ficar com você — sussurro grogue, sentando-me. Vejo quando ele puxa a camisa sobre a cabeça, a luz fraca da lâmpada incide sobre suas tatuagens.

Ele se inclina sobre mim, seus dedos enrolados no meu cabelo enquanto aproxima seu rosto do meu.

— Você não vai ficar com o meu irmão. Você superestima o meu autocontrole.

— É Caleb! — *O que há de errado com ele?*

— Você é minha, Tor. Você me ouviu? Caralho! — Ele rosna.

Franzo a testa.

— Estou indo embora. Eu não sou sua, nunca fui.

Um pequeno sorriso aparece no canto dos lábios.

— Eu posso deixar você ir, mas você será sempre minha. — Seus olhos procuram os meus desesperadamente. Eu não sei o que ele está procurando, mas eles parecem atormentados. Pela primeira vez desde que eu o conheci, ele parece abalado. Essa vulnerabilidade desperta algo dentro de mim, algo que anseia por ele, por essa estranha conexão que temos, não importando quão distorcida ela pode ser.

— Eu não posso fazer isso com você — falo e tento me afastar dele.

Seus dedos agarram meu cabelo, me segurando no lugar.

— Não há "posso ou não posso" sobre isso, boneca. Apenas é o que é. — Seus lábios deslizam sobre a minha boca, com ternura, com reverência. Meu corpo responde instantaneamente a ele e meu coração maltratado se sente inteiro novamente no segundo que seus lábios me tocam. Seus lábios se movem sobre os meus e ele me segura como se nunca fosse me deixar ir. É a forma mais doce de tortura. Aperto meus olhos fechados enquanto as lágrimas escorrem livres, deslizando pela minha bochecha.

Ele me empurra de volta na cama, pairando sobre mim. Seus olhos fixos no meu rosto, uma pequena ruga vincando as sobrancelhas. Ele roça suavemente minhas lágrimas.

— Sinto muito.

Balanço a minha cabeça, porque não quero ouvir isso. Há muito para se desculpar e ainda assim ele não me deve nenhuma desculpa. Eu tolamente fiz isso a mim mesma, mas mesmo no meio do meu desespero, eu ainda o quero. Apesar de tudo, ainda preciso dele.

Seus lábios se movem outra vez sobre os meus e minha mão desliza pelo seu peito definido, envolvendo em torno de seu pescoço,

tentando segurá-lo contra mim. Eu queria que nada fora daqui existisse, porque aqui isso é simples e fácil. Isso é certo.

Sua mão solta o meu cabelo e ele segura meu rosto. Seus olhos travam com os meus e algo se passa entre nós, algo tão puro e bonito que não deveria existir nesta escuridão. O que temos é como uma papoula florescendo em um solo encharcado de sangue da guerra. Uma tragédia bonita.

Seu polegar passa sobre o meu lábio inferior.

— Não posso mudar quem eu sou. — Ele me beija suavemente, seus lábios mal roçando os meus. — Eu gostaria de poder — ouço tudo o que ele não diz. Ele não pode mudar quem ele é. Nossos mundos são tão diferentes e em um tempo diferente, um lugar diferente, talvez ele me amasse, mas isso é o inferno e no inferno não há finais felizes.

Sua mão acaricia meu pescoço e ele deixa cair seu rosto na sua dobra, inalando profundamente.

— Eu queria poder... — ele sussurra.

Capítulo 39

Jude

— Eu queria poder... — O perfume dela me faz fraco. Puxo outra respiração profunda, saboreando a maneira como ela cheira bem, a maneira como ela se encaixa embaixo de mim, porque esta será a última vez que vou tê-la assim, e essa merda praticamente me mata.

— Eu também, — ela sussurra.

Quando eu me tornei este homem? Quando diabos comecei a me preocupar com alguém? Meu peito aperta. Isso é demais; de repente, percebo que não sou o homem que pensei que era, pelo menos não com ela. Não posso evitar que eu fique fodido, que a minha vida vá acabar em nada, somente ruína. Eu não posso ser o homem que ela merece. Não posso mudar o meu destino, mas posso mudar o dela.

Sinto seus dedos se arrastarem para baixo nos meus braços enquanto delicadamente beijo seu pescoço. Minha garganta aperta e tudo o que posso fazer é manter meus lábios contra sua pele enquanto meus dedos deslizam em seus cabelos emaranhados. Tudo que eu quero fazer é dizer que sinto muito, realmente, quero implorar-lhe para não ir, mas como um homem egoísta que sou, não vou fazer isso. Eu a amo e queria dizer a ela, mas não posso, e é

malditamente difícil, porque eu faria qualquer coisa por ela, mesmo que isso signifique perdê-la.

Inclino seu queixo para trás e dou beijos ao longo de sua clavícula, pescoço, queixo. Descanso meus lábios contra os dela e fecho os olhos. Fechando a lacuna entre nossas bocas, sinto seus lábios tremerem quando eles tocam os meus. Inspiro e a beijo duro, profundo, tão impiedosamente quanto posso. A minha boca não sai da dela enquanto alcanço a bainha de sua camiseta. Seus dedos se agarram às minhas costas e suas pernas se envolvem em torno dos meus quadris. Afasto meus lábios dos dela e puxo a camiseta sobre sua cabeça, imediatamente voltando minha boca para a dela, porque não posso ter o suficiente. Não posso beijá-la com força suficiente. Só preciso dela. Agora.

Me atrapalho com o zíper da calça jeans e ela empurra a cintura para baixo. Seguro-a, apertando sua pele em minhas mãos enquanto alcanço sua roupa de baixo e a rasgo fora dela. Deslizo minhas mãos sobre ela, tentando gravar cada detalhe do seu corpo em minha mente, porque isso é tudo o que sempre vou ter. Esta porra de momento agora é o meu último com ela. Continuo correndo meus dedos sobre ela, suas pernas lisas sob minhas palmas enquanto afundo minha mão entre suas coxas quentes.

— Porra — rosno, quando o meu dedo desliza sobre ela. Provoco-a na sua entrada, gemendo contra seu pescoço enquanto deslizo um dedo. *Ela é fodidamente minha. Toda minha.*

Rolo meu lábio inferior ao longo de sua boca, respirando pesadamente enquanto beijo o seu pescoço, no meio de seus seios, minhas mãos passeiam sobre seu corpo. Minha língua circunda o mamilo ereto e mordo levemente antes de fazer o meu caminho para baixo, para a curva dos seus seios. Ela segura a parte de trás da minha cabeça enquanto seus dedos torcem meu cabelo e suas costas se curvam na cama. Viro a cabeça e beijo seu braço para baixo até o seu pulso, a minha mão acariciando sobre os seios. Passo a minha língua sobre seu estômago, quadris, abrindo suas pernas quando me deito entre elas. Aperto suas coxas enquanto libero uma respiração

na sua buceta e ela puxa meu cabelo, seus quadris levantando-se da cama.

— Não se mova — rosno contra ela, fixando meus olhos nos dela.

Rolo lentamente a ponta da minha língua sobre ela. O sabor dela faz com que cada pedaço de homem em mim queira foder duro sua buceta agora, mas eu quero dar-lhe algo mais do que apenas o desejo primitivo. Gemo novamente, meus dedos cravados nos seus quadris. Beijo suavemente seu clitóris, beliscando antes de sacudir a minha língua ao longo de sua fenda molhada. Ela geme, sacudindo a cabeça para o lado enquanto se mexe debaixo de mim. Tudo o que posso fazer é olhar para ela. Porra, quero tanto ela. Quero foder a sua alma maldita para que ela saiba que pertence a mim. Pressiono minha boca sobre a sua buceta, rosnando enquanto circundo a minha língua sobre seu clitóris inchado, a minha língua se arremessa profundamente dentro dela. Seus quadris balançam e fixo-os para baixo. Ela está ofegante, seu peito subindo e descendo em respirações profundas, desesperadas. Pressiono mais profundo dentro dela, tão profundo que meus dentes raspam contra ela quando a fodo com a minha boca. Ela geme enquanto suas mãos voam para a cabeceira da cama, seus calcanhares cavando na cama enquanto mexe seus quadris, estou moendo sua buceta contra a minha boca. Arrasto meus dentes sobre seu clitóris e o mordo. Ouço suas unhas arranhando contra a cabeceira enquanto seus quadris rebolam descontroladamente e ela grita meu nome como se fosse uma maldita oração.

Sento-me, agarrando bruscamente seus tornozelos e puxando-a para baixo na cama posicionando-a diante de mim. Apoio-me em cima dela, cobrindo seus lábios com os meus, em um beijo desesperado. Não posso chegar perto o suficiente dessa mulher. Minha mão aperta a parte de trás de sua cabeça e afasto minha boca da dela, os nossos olhos se encontram. Meu peito está palpitando, meu coração batendo contra minhas costelas, e tudo o que posso fazer é olhar para aqueles olhos azuis de aço, perdendo um pedaço de mim para ela. Ela envolve as pernas ao redor da minha cintura e

empurro para dentro dela, lento e constante, centímetro por centímetro de mim sendo coberto por seu calor. Puxo-a para cima, colocando-a no meu colo enquanto empurro profundamente dentro dela. Meus braços se fecham em torno dela, trazendo seu peito alinhado ao meu, as pontas de seus mamilos roçando minha pele lisa com cada impulso profundo. Seus calcanhares cravados em minha bunda enquanto ela geme e suas mãos encontram seu caminho na parte de trás da minha cabeça. Puxo seu cabelo e a trago para mim, descansando minha testa contra a dela enquanto eu me fodo dentro dela. Nossos olhares estão bloqueados, os nossos corpos emaranhados e a porra do meu coração está rasgando no meu peito enquanto lágrimas escorrem por suas bochechas. Aperto a parte de trás de sua cabeça.

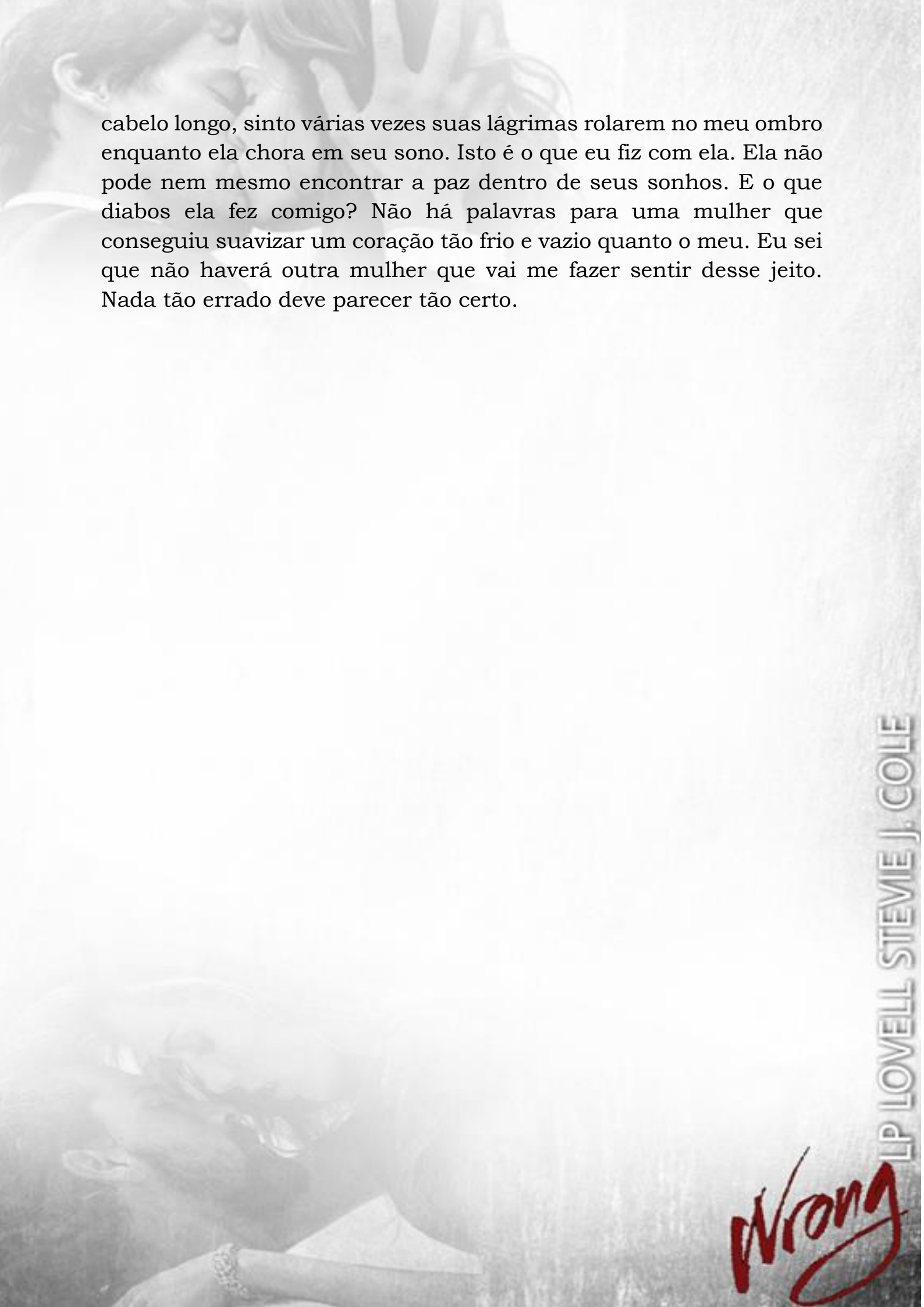
— Eu sinto muito, Tor. Sinto muito.

Ela balança a cabeça, chorando quando puxa uma respiração difícil. Eu a beijo e o gosto salgado das lágrimas tocam meus lábios. *Isso não é justo, porra.* Movo-me dentro dela ainda mais duro. Estou fodendo com raiva. Estou fodendo para machucar. Não quero deixá-la ir. Quero fazê-la sentir o que ela faz comigo, quero fazê-la sentir fisicamente o quanto preciso dela, como fodidamente apaixonado por ela eu sou.

— Me desculpe — repito novamente. Isso é tudo que posso dizer. Isso é tudo o que vou dizer. Suas unhas afundam em meus ombros e ela enterra o rosto no meu pescoço. Sinto todo o seu corpo tremer, seus músculos tensos, e sua buceta aperta em torno de mim. Pressiono mais forte, agarrando-me a ela como se fosse a minha própria vida, cada pedaço do meu ser. Levanto meu corpo da cama enquanto me viro e caio para trás sobre o colchão, puxando-a para cima de mim.

Ficamos assim, seu rosto enterrado no meu pescoço, meus braços, segurando-a firmemente. Nós não dizemos uma palavra. Neste ponto, acho que nós não podemos, porque o que existe realmente a dizer? Estou perdendo tudo para lhe dar nada... mas realmente, nada é melhor do que qualquer coisa que possa dar a ela. Ela adormece nos meus braços e passo minhas mãos através de seu

cabelo longo, sinto várias vezes suas lágrimas rolarem no meu ombro enquanto ela chora em seu sono. Isto é o que eu fiz com ela. Ela não pode nem mesmo encontrar a paz dentro de seus sonhos. E o que diabos ela fez comigo? Não há palavras para uma mulher que conseguiu suavizar um coração tão frio e vazio quanto o meu. Eu sei que não haverá outra mulher que vai me fazer sentir desse jeito. Nada tão errado deve parecer tão certo.



Capítulo 40

Victoria

Acordei com a luz solar brilhante que fluía através da cortina aberta. Rolo na cama para encontrar o lado de Jude vazio. Meu peito dói com a decepção, mas sei que é provavelmente o melhor. Eu só preciso ir sem vê-lo. Ontem à noite foi demais. Vi um lado dele que eu nunca tinha visto e isso só me fez amá-lo mais. Cada fibra do meu ser quer acreditar que ele sente algo por mim, mas ele não falou nada. Dizem que as ações falam mais alto do que as palavras, mas, às vezes, você precisa ouvir as palavras.

Sento-me na cama e me inclino, pegando minha camiseta do chão. Estou acostumada à sensação dolorida e gasta depois de uma noite com Jude. Esta manhã não sinto nada.

Foda-se, preciso colocar a minha cabeça no lugar. Ele fode comigo. Não queria vê-lo na noite passada porque machuca, mas Jude, sendo Jude, não deu a mínima. Ele toma o que quer, sem desculpas. Ele me quer, quer me possuir e não quer me compartilhar, mesmo que isso signifique me deixar e ao meu coração sangrando nas mãos de seu irmão, meu amigo. Queria poder odiá-lo, tornaria isso mais fácil.

Há uma batida suave na porta, tão suave que quase não tenho certeza se ouvi. A porta se abre lentamente e Jude entra. O meu

coração aperta, vacilando no meu peito. Olho para ele lentamente. Seu cabelo está bagunçado, como se estivesse arrastando suas mãos por ele, e seus olhos estão distantes.

Meus pulmões se enchem de ar sob aquele olhar escrutinador. Afasto meu olhar para longe, incapaz de olhar para ele.

Cada passo que ele dá em minha direção me faz sentir mais fraca. Odeio me sentir assim por ele, a vergonha e o ressentimento estão me comendo viva.

— Você está indo embora em uma hora. — A cama mergulha quando ele se senta ao meu lado, mas ainda não consigo olhar para cima. — Você me ouviu, Tor?

Concordo. Isso é tudo que posso fazer.

Ele levanta meu queixo, seus dedos o levantando com ternura enquanto traz meus olhos até os seus.

— Quero que você faça exatamente o que eu digo. Você tem que me prometer que vai ficar segura.

Respiro fundo antes de encontrar seus olhos. Má ideia.

— Segura? Qual é o ponto em estar segura quando você não tem nada? — Sussurro. Pelo menos aqui eu não tenho nada, mas tenho ele. Lá fora, vou estar completamente sozinha, uma garota morta andando entre os vivos. Ele dá vida a minha existência, mas por quanto tempo? Ele é o que é, nunca vai ser o cara com quem você se casa, com quem você tem filhos. Ele escolheu esta vida e ao fazê-lo seu futuro será sempre precário. Amá-lo só me coloca em perigo e põe em risco a pequena chance que tenho de um futuro. Poderia sacrificar o meu futuro por amor. O amor é aquilo que mais prezamos, a causa de inúmeras guerras travadas e homens morreriam de boa vontade na sua defesa. Sacrificaria tudo por amor, por ele, mas quando esse amor não é correspondido... torna-se nada mais do que uma fantasia trágica, um sonho fugaz.

Ele parece sentir remorso e dói ver. Seus olhos caem no chão enquanto respira pesadamente.

— Você vai fazer o que eu digo para ficar segura. Vou ter olhos em você, onde quer que vá. — Ele diz com firmeza. — Prometi que iria protegê-la e eu vou, mesmo que não possa fazê-lo pessoalmente.

Ele realmente vai enviar pessoas para me vigiar? Eu sei que isso é loucura e quero dizer alguma coisa, mas, nesta fase, só preciso sair. Uma vez que eu estiver fora daqui, posso avaliar as minhas opções.

Ele me entrega um maço de papéis amarrados com um elástico.

— Essa é quem você vai ser a partir de agora — ele desfaz o elástico e separa os itens. — Você está indo para Londres. Seu passaporte e identidade — ele diz, enquanto me entrega os papéis.

Olho para os documentos na minha frente. Documentos para Tor Pearson. Meus olhos lentamente movem-se para os seus e procuro em seu rosto por alguma coisa... qualquer coisa. Por que ele iria me dar seu sobrenome?

— Caleb irá levá-la ao aeroporto. — Ele se move, sua perna encosta na minha. — Fiz arranjos para você ter um apartamento, ou casa, qualquer merda que queira, e você terá dinheiro suficiente em uma conta para sobreviver — seus olhos de súbito vão até a minha boca e noto ele engolir em seco — por um tempo muito longo.

Começo a dizer algo, mas ele continua falando como se eu não estivesse ali, sem qualquer emoção.

— Você não deve entrar em contato com sua irmã. Sinto muito. Você está morta, lembre-se disso, porque no momento em que Victoria Devaux for encontrada viva, você vai ser assassinada. — Ele engole pesadamente. — E o pensamento disso me mata.

Engulo minhas lágrimas, calando a pequena voz na minha cabeça que está me implorando para ficar aqui, nunca deixá-lo.

— Obrigada — não consigo externar a minha emoção sobre isso. Eu me sinto... insensível, fria.

LP LOVELL STEVIE J. COLE
Wrong

Jude afasta meu cabelo longe do meu pescoço e o sinto colocar algo em torno dele. Olho para baixo para encontrar um colar com um beija-flor, muito parecido com o que eu tinha quando cheguei aqui, mas é muito mais elegante, com esmeraldas incrustadas nas asas.

— Foi da minha mãe — ele diz, ajustando-o.

Engulo o caroço na minha garganta enquanto lágrimas borram minha visão. É uma pequena atitude, uma que diz mais que mil palavras.

Jude levanta-se da cama e eu acho que ele vai embora, mas apenas vem para a minha frente e se ajoelha. Apoiando suas mãos nos meus joelhos, ele olha para mim, segurando meu olhar.

— Desculpe.

E com isso ele me deixa.

Capítulo 41

Jude

Estou em pé na porta, meus dentes cerrados, minhas mãos fechadas em meus bolsos. Escuto Caleb e ela vindo pelo corredor e respiro fundo, fechando os olhos momentaneamente.

Quando os abro, a vejo andando em minha direção com uma mochila pendurada no ombro. Tudo o que ela tem agora cabe em uma bolsa pequena. Ela não tem nada, não tem ninguém. Ela está deixando a única coisa que tinha, deixando a vida fodida com o homem que a destruiu. Seus olhos vermelhos tornam evidente que ela está chorando e isso me faz sentir ainda pior, merda. Ela me avista, mas desvia o rosto rapidamente, incapaz de sustentar meu olhar. Ela nem me reconhece quando passa por mim para a varanda.

Caleb passa pela porta e o agarro.

— Certifique-se que ela entrou no avião, está me ouvindo? Você tem que a ver decolar, porra.

Ele concorda, mas parece totalmente chateado comigo.

— Você não devia deixá-la ir, Jude.

— Ela quer. Eu não a possuo.

— Ela não vai estar segura.

LP LOVELL STEVIE J. COLE
Wrong

Balanço a minha cabeça.

— Ela estará mais segura longe de mim do que comigo.

Ele balança a cabeça novamente, com o rosto vermelho de raiva.

— Você está fodendo com tudo.

Olho para longe, porque sei que ele está certo, mas não vou admitir isso.

Ele me lança um olhar furioso enquanto caminha para a varanda, a porta se fecha atrás dele. Vejo quando ele passa seu braço em volta de Tor e a ajuda a descer as escadas.

Inclino meu braço contra a porta e respiro pesadamente quando vejo Tor subir no carro. Pressiono meus lábios, minhas narinas dilatadas. *Por que diabos eu não posso fazer isso? Por que estou deixando-a sair?* Caleb balança a cabeça enquanto abre a porta do lado do motorista. A pressão no meu peito aumenta. *Apenas os detenha. Vá buscá-la.* Minha respiração se torna irregular, meus dedos apertam em meus punhos. *Seria egoísta detê-la. Ela não pertence a mim.*

Caleb olha para mim enquanto recua para fora da unidade. Ele está chateado, mas não há nenhuma maneira que ele possa entender nada disso. Não vou mentir, observá-la sair e saber que ela não vai voltar, dói pra caralho. Meu coração bate forte no meu peito, o calor se espalha por todo meu corpo. Eu acabei de deixá-la sair, ferida e destruída. Cada músculo aperta e meu queixo treme. O carro desaparece.

— Porra! — Grito, batendo com a palma da mão contra a porta de vidro.

Lentamente caminho pelo corredor, socando levemente ao longo da parede. Sei que se ela tivesse ficado aqui, acabaria me odiando. Prefiro deixá-la ir agora a mantê-la e um dia ela perceber que eu encarno tudo o que odeia. Não posso processar essa merda agora, não gosto dessa sensação me consumindo. Preciso de uma

distração. Qualquer coisa. Vou para o meu escritório e sento-me em uma cadeira.

Inclinando-me sobre a minha mesa, olho para a parede. Meu olhar vagueia ao redor da sala e cada maldita coisa me faz lembrar dela. Esfrego a mão na parte de trás do meu pescoço. Percebo que nunca vou tirá-la da minha cabeça. Elevo meu braço e jogo tudo para fora da mesa, meu peito arfando. Não há uma maldita coisa que eu possa fazer para mudar isso e não posso suportar. Pego a cadeira e arremesso contra a parede. *Eu fodi tudo.*

Foi errado o que fiz anteriormente com ela e temo que esteja errando agora por permitir que ela me deixe assim, mas a coisa é, nunca soube agir da forma correta. Isso é tudo que eu sei, e sei que ela não pertence aqui.

Algumas horas se passam e ainda estou tão irritado como estava quando ela saiu, talvez mais ainda, porque percebo o quão fodido tudo isso é agora. Caleb entra no escritório e senta-se no sofá. Ele parece que levou um soco no estômago.

Ele balança a cabeça e suspira.

— Eu não posso acreditar que você a deixou ir.

— Ela não pertence aqui — cerro a minha mandíbula, sentindo a inquietante sensação de aperto no peito.

Caleb bufa e joga a cabeça para trás na almofada, esfregando as mãos pelo rosto.

— Fodido. É apenas fodido, Jude.

O telefone toca e o ignoro. Não há nenhuma porra de maneira que eu posso responder agora sem explodir a cabeça de quem está do outro lado. A secretaria eletrônica atende e meu estômago cai no momento em que escuto a voz de Tor.

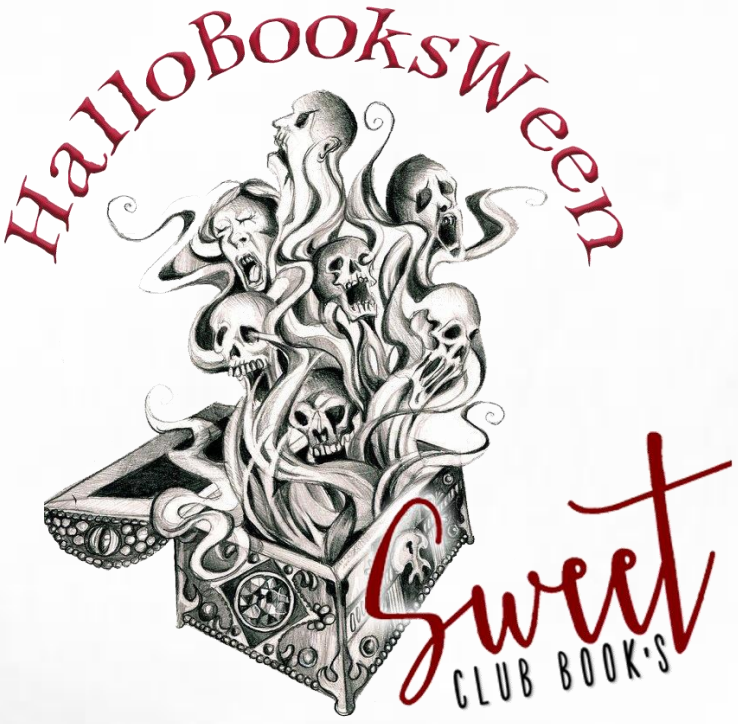
— Jude! — Ela grita, e, em seguida, nada. Silêncio. Pego o telefone.

— Tor!

Uma risada sinistra profunda soa através do receptor.

— Você está fodido, Jude, e agora... agora vou foder ela, assim como eu fodi a puta da sua mãe.

Continua...



Wrong